

*Cypriano Roque d'Aguiair de  
25 annos de idade coizado portuguez  
residente a Rua Nova de São Leopoldo  
Numero 65, declara para todos os efeitos  
legaes que toma o compromisso solene de  
prover a subsistencia de sua mulher  
Fernanda e de sua filha natural  
do Concelho de Sembrucelhe Districto de  
Vizeu e de sua filha natural de esta Moreira Roque  
brasileira desta cidade (Rio de Janeiro) Aquella  
com 24 annos de idade e esta com 2 e meio  
annos, bem como a sua patriacao em caso  
de necessidade.*

# CARTAS DE CHAMADA



BRASILINA PEREIRA DA SILVA



*Cypriano Roque d'Aguiair de  
Aguiair vis 4/12/22*



CEPSE

AUTOR

Brasilina Pereira da Silva

TÍTULO

Cartas de Chamada

A dimensão familiar da emigração

Sernancelhe no Início do séc. XX

EDITOR

CEPESE – Centro de Estudos da População,

Economia e Sociedade

Rua do Campo Alegre,

1021-1055 Edifício CEPESE

4169-004 Porto

DESIGN EDITORIAL

Diana Vila Pouca

ISBN

978-989-8434-29-6

PORTO, 2014

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
INSTITUTO DE CIÊNCIA E INOVAÇÃO

  
COMPETE

 **QRN**  
QUADRO  
DE REFERÊNCIA  
ESTRATÉGICO  
NACIONAL

 **UNIÃO EUROPEIA**  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional

---

# CARTAS DE CHAMADA



BRASILINA PEREIRA DA SILVA



CEPESE



## Agradecimentos

---

Este é um trabalho de demorada entrega pessoal que obriga a silêncios e a distanciamento dos outros. Mas é, simultaneamente, empresa que, em seus avanços se socorre das ajudas que se procuram durante os múltiplos contactos que se fazem no terreno, das que concorrem para a reunião dos indispensáveis materiais e necessários testemunhos, e daquelas que, mais específicas, permitem construir hipóteses e definir as formulações que conduzem a investigação. E de tudo eu me sinto devedora e agradecida a muita gente.

Em primeiro lugar à Prof<sup>a</sup> Doutora Fernanda Paula Sousa Maia, profissional na área do conhecimento e investigação e que foi uma mais valia para a realização de algo que se tornou mais que um projecto. Foi um desafio pessoal.

À dr.<sup>a</sup> Maria das Dores Almeida Henriques que me serviu de guia no Arquivo Distrital de Viseu do qual exerce a competente direcção e que tão generosamente, com seu pessoal, me trouxe a ajuda de muitas horas de busca.

A todas as pessoas que, como minha mãe, evocaram, de memória ou trouxeram a recordação de idas e regresso de brasileiros de família de quem, às vezes, guardam os retratos de cor sépia.

Ao dr. Alberto Correia, leitor atento dos meus textos, seu revisor algumas vezes e conselheiro, particularmente no que respeita aos testemunhos de Aquilino.

Aos amigos que se prestaram à busca de uma informação necessária num Arquivo ou Biblioteca mais distante.

Ao CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, na pessoa do seu Presidente, Prof. Doutor Fernando de Sousa bem como a todos os que com ele fizeram com que se concretizasse esta edição.

Por fim, à família mais chegada, ao meu marido João e aos meus filhos Pedro, e Marisa, de quem fiquei algumas vezes mais ausente.



# Índice

---

## 11 INTRODUÇÃO

### PARTE I TERRITÓRIO E EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

#### 15 1. A TERRA E OS HOMENS

15 1.1. A construção de um território

20 1.2. Uma estrutura económico-social

26 1.3. A aldeia. Casa e família como microcosmo

29 1.4. A transparência da religiosidade

31 1.5. Um lugar na ficção de Aquilino Ribeiro

#### 33 2. A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

33 2.1. Mobilidade. Contextos.

38 2.2. As freguesias como território de partida

39 2.3. Emigração por estado civil, sexo e idade

42 2.4. A profissão dos emigrantes

47 2.5. A alfabetização dos emigrantes

49 2.6. O destino particular dos emigrantes

### PARTE II CARTAS DE CHAMADA. A DIMENSÃO FAMILIAR DA EMIGRAÇÃO

#### 53 1. CARTAS DE CHAMADA – UMA TEORIA DE COMUNICAÇÃO

53 1.1. Cartas de chamada – A singularidade de uma fonte

56 1.2. Da carta privada ao documento oficial

60 1.2.1. A estrutura das cartas de chamada

60 1.2.1.1. Invocação

61 1.2.1.2. Pórtico ou abertura

62 1.2.1.3. Conteúdo

62 1.2.1.4. Formulário de saudação

64 1.2.2. Carta de chamada – Documento oficial

67 1.3. Os escreventes

72	1.4. A relação homem – Mulher
79	1.5. A relação pais – Filhos
84	1.6. Relações de compadrio
88	1.7. Cartas de chamada – Expressão de religiosidade
90	1.8. Testemunho de intervenção cívica
94	1.9. Uma evidência de conflito
98	1.10. A doença e a morte – Um problema
101	1.11. O retorno como intenção
106	<b>2. CARTAS DE CHAMADA – O DISCURSO SOBRE A VIAGEM</b>
106	2.1. Uma decisão: ir ou ficar
109	2.2. Os “papéis”. Agentes e abonadores
117	2.3. A “mala” de viagem
122	2.4. A viagem
127	2.5. Desembarque. Acordar no outro lado
131	<b>CONCLUSÃO</b>
137	<b>ANEXOS</b>
376	<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>







## Introdução

---

É reconhecido o impacto que a emigração para o Brasil teve na Beira Alta a partir dos finais do séc. XIX definindo um ciclo de forte intensidade que vai encerrar-se apenas nos finais da década de cinquenta do séc. XX.

A sensibilização para esta problemática da emigração para o Brasil, no universo físico e cultural do Concelho de Sernancelhe e alguns estudos académicos anteriormente feitos no âmbito da Histórica Ibérico-Americana tornaram oportuno ampliar a investigação no referido Concelho desenvolvendo tal assunto e referenciando-o com o tema assinalado.

Havia ainda a intenção de identificar a intensidade dessa onda migratória que corra nos dois sentidos, de compreender as razões que motivaram a ida de tantos e o regresso de alguns, de conhecer melhor quem eram os actores desta autêntica epopeia, de encontrar finalmente um sentido para a envolvimento de um imaginário moldado pela ideia de que o Brasil era uma espécie de Terra Prometida, a terra da “Árvore das Patacas” da linguagem mais comum, de onde chegavam cartas e dinheiro, baús que adivinhavam riqueza, fotografias de gente que parecia feliz.

A leitura de alguns livros de Aquilino Ribeiro, um fecundo escritor oriundo do Concelho de Sernancelhe que oferecia inúmeros e intensos registos de teor regionalista acerca dos “brasileiros” que partiam com esperança e que às vezes regressavam, nem sempre afortunados, acrescentou uma sólida mais-valia a esse interesse.

Acrescia o facto de não ter sido ainda levado a cabo qualquer estudo sobre esta problemática no Concelho de Sernancelhe, município beiraltino possuidor de credenciais históricas de forte expressividade, caracterizado, no entanto, por uma economia de teor agro-pastoril sem grande capacidade de transfiguração devido à interioridade a que ficara sujeito. E como razão última estava o facto de ser natural de uma freguesia do referido Concelho, de aí ter estado responsável por actividades culturais e nele exercer a actividade docente.

Construído um modelo teórico e definido ainda um arco temporal de análise que iria de 1901 a 1930, período suficientemente longo para garantir a eficácia de qualquer metodologia e que fora atravessado por circunstâncias históricas de relevo, tal a Revolução Republicana de 1910, na conjuntura nacional e o eclodir da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra onde Portugal se veria também envolvido nos últimos dois anos.

Este período, mediando entre a realização dos Censos da População realizados em 1900 e 1930 e que incluía a data da realização dos Censos de 1911 e 1920, permitiria ainda cruzar os dados fornecidos pelos mesmos, particularmente os de matriz sociocultural, com outros elementos da investigação.

Deu-se então início à investigação que levou de imediato ao Arquivo Distrital de Viseu onde, nos Fundos do Governo Civil, haveria de achar matéria de substância para o específico retrato que propusera realizar, particularmente nos registos de pedidos de passaporte e nos mapas que os confirmariam.

Quis a sorte que tivessem aparecido algumas “cartas de chamada”, diplomas agora oficiais, mas que não haviam perdido a fecundidade das cartas privadas que começaram por ser, e a atenção que logo mereceram fazia antever um enriquecimento qualitativo deste estudo que não mudara ainda de linha.

Aquí, alguma perspicácia fez inflectir a linha de orientação antes traçada.

As cartas de chamada ocupariam agora a centralidade das preocupações. e o significativo número das noventa cartas encontradas, não desprezível em quantidade, mas valiosíssimo enquanto factor qualitativo, permitiria conhecer por dentro os núcleos familiares a que as mesmas se prendiam, permitiria identificar melhor o quadro de recíprocas relações que se estabeleceriam no seu seio e simultaneamente permitiria situar indivíduos e famílias dentro dos contornos de uma comunidade em turbulência, dividida entre cânones de viver ancestral, de limitados horizontes e a aventura da emigração para o Brasil que todos viviam mesmo que alguns nunca chegassem a partir.

Todavia, a compreensão inteira das mesmas cartas, da razão que as ditara e da resposta que tivessem obtido assentava, em boa parte, na natureza física e humana de um território dado, o Concelho de Sernancelhe.

E assim se divide este trabalho em duas partes.

Na Parte I, intitulada Território e emigração para o Brasil, procuraria em primeiro lugar identificar a construção histórica do município enquanto espaço habitado, obediente a determinadas coordenadas socioeconómicas sustentadas no quadro de um típico modo de viver aldeão fortemente impregnado por uma catequese cristã.

Em segundo lugar, como resultado da intensiva pesquisa feita no Arquivo Distrital de Viseu, já cruzada com outras fontes, procuraria traçar o retrato global da emigração para o Brasil identificando a raiz paroquial da mesma, o sexo e a idade de quem partia, os atributos profissionais, o estatuto cultural, os lugares escolhidos do destino.

Na Parte II, intitulada Cartas de chamada. A dimensão familiar da emigração, tentaria empreender uma mais objectiva análise das cartas de chamada enquanto instrumentos que permitissem aferir a dimensão familiar da emigração, isto é, que permitissem compreender a problemática interna gerada no seio da família a partir da deslocação para o Brasil de um dos seus membros.

Na perspectiva de uma teoria da comunicação determinaria a função da carta como privilegiado veículo para as necessárias mensagens enquanto procuraria compreender a sua estrutura interna e a particular natureza dos seus conteúdos onde se haveria de definir o grau de cultura de emissores e receptores e onde se revelaria a textura desse espaço em que se movimenta a família e onde interage com a comunidade.

Enquanto discurso sobre a viagem procuraria analisar esse lado mais pragmático das cartas que se constituem como estímulo para destinatários indecisos e que tentam estabelecer o *modus faciendi* que vai da forma de obter créditos à negociação dos “papéis”, do conteúdo da mala às formalidades do desembarque.

Complementaria o texto com um corpo de “Anexos” onde o Índice das cartas de chamada, o Sumário das mesmas e a selecção antológica de um pequeno corpus que se transcreve, se constitui como mero auxiliar para a interpretação do texto que se ilustra com um quadro exemplificativo de documentos que suportaram a investigação, a que se acrescenta a Relação de emigrantes que seguiram para o Brasil entre 1901 e 1930 conforme aos incompletos registos de pedido de passaporte guardados no Arquivo Distrital de Viseu.

Ainda que me tivesse apoiado numa bibliografia teórico-científica globalmente perspectivadora deste trabalho e fecundamente testada noutros espaços nacionais da emigração, julgo ter feito um caminho pessoal na exploração dos conteúdos das cartas de chamada que constituí como fundamental objecto metodológico e como fonte primeira para a identificação de uma faceta qualitativa da emigração de padrão familiar que também se governa por afectos.

Ainda que o trabalho reste incompleto fica-me o grato prazer de no mesmo me ter envolvido e a certeza também, humildemente confessada, de ter contribuído para dar a conhecer a justa valia de uma documentação tão intimista como são as cartas de chamada apenas aos processos de requisição de passaporte dos emigrantes que escolheram o Brasil como destino.



## PARTE I Território e Emigração para o Brasil

---

### 1. A TERRA E OS HOMENS

#### 1.1. A construção de um território

Quando o nome de Sernancelhe surge pela primeira vez escrito na doação que Dona Flâmula faz, em 960, do seu Castelo ao Mosteiro de Guimarães juntamente com outros castelos sitos nesta extrema da Beira e do Douro, já há muito que populações agro-pastoras se haviam fixado na região<sup>1</sup>.

Os testemunhos arqueológicos que nunca foram objecto de pesquisa sistemática rareiam. Todavia os machados neolíticos recolhidos, mercê do achado ocasional, na freguesia de Escurquela e a presença nos concelhos vizinhos de Penedono, Moimenta da Beira e Vila Nova de Paiva de um considerável número de monumentos neolíticos, particularmente de antas, são suficiente razão para acreditar na presença de fortes colónias de povoadores sobretudo nos territórios mais elevados que melhor responderiam a uma precária economia de agricultura, de caça e pastorícia<sup>2</sup>.

O desenvolvimento orgânico dos povoados que podemos situar ao longo do primeiro milénio antes de Cristo mal se documenta também através de achados indiciadores de um castro nos termos das Arnas e de outro no Monte do Castelo que fica sobranceiro a Sernancelhe<sup>3</sup>.

A romanização, pelo menos no séc. I depois de Cristo atingiu com profundidade o território do concelho ainda que, outra vez, uma sólida documentação arqueológica não esteja disponível para o confirmar.

---

1 FERNANDES, 1978: 439. Este autor cita excertos do documento que A. Herculano inseriu nos *Diplomata et Charta*, n.º 81 do *Portugaliae Monumenta Historica*.

2 CORREIA, 1998: 60-61.

3 Descoberto um Castro na Freguesia das Arnas, Concelho de Sernancelhe (Nota de Redacção). Ver *Boletim da Casa Regional da Beira Douro*, Porto, ano XVII, n.º 10, 1968, pp. 279-282.

Ainda assim vale aduzir, como já se fez para idades mais antigas, a presença de vestígios romanos de grande solidez na vizinha povoação de Vila de Rua, do concelho de Moimenta da Beira e de outros, provavelmente mais significativos, na freguesia de Caria, do mesmo concelho.

Dentro dos limites do concelho há a registar a presença de uma escultura de mármore que representa um homem envergando uma toga e que será obra do séc. I quando o Império já havia apaziguado as gentes destes limites. Foi em tempo cristão aproveitada como tampa de sepultura e assim foi identificada em Quintela, freguesia do concelho cujo topónimo remete para a origem latina dos seus fundadores. Recolhida em Viseu por ocasião das Comemorações Centenárias de 1940, integra hoje a colecção arqueológica da Assembleia Distrital de Viseu <sup>4</sup>.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidário* dá conta de um marco miliário do séc. I que teria visto, como esteio, na Quinta da Alagoa, na povoação da Faia, deste concelho <sup>5</sup>.

Pinho Leal refere a existência deste marco no seu *Portugal Antigo e Moderno* <sup>6</sup> e o monógrafo do concelho, o Abade Vasco Moreira que fizera em Tarouca escavações arqueológicas sob orientação de Leite de Vasconcelos e como tal parece ser idónea testemunha, garante ter visto objectos diversos de proveniência romana em diversos lugares da vila, particularmente no sítio do Barreiro, a Norte <sup>7</sup>.

Não oferece dúvida a passagem, atravessando a vila, de uma via romana secundária que seguiria, por termos da Veiga e da Sarzeda, até aos limites de Trancoso.

O abade Vasco Moreira refere ainda o aparecimento de um vaso cheio de moedas romanas, de cobre, que se sumiram tal qual como o tesouro de denários que mais recentemente foi encontrado na freguesia de Arnas.

Do tempo visigodo ficaram nomes e, provavelmente, a organização religiosa das duas paróquias mais antigas, Sernancelhe e Vila da Ponte e do tempo árabe nenhum outro resto ficou senão as lendas e esse imaginário que faz recuar ao seu tempo, o dos mouros, quanto há de antigo e as palavras daquela origem que são vulgares no território nacional.

---

4 FIGUEIREDO, 1953: 27-63.

5 VAZ, 1962: 71.

6 LEAL, 1873: 250.

7 MOREIRA, 1929: 88-89.



Definitivamente apaziguadas em 1054 quando Fernando Magno expulsou desta região e de vez os muçulmanos, estas terras entram mais tarde na posse do aio de Afonso Henriques, Egas Moniz, mas vai ser Egas Gozendes, um rico-homem que, com seus filhos, dará o primeiro foral a Sernancelhe, em 1124, definindo-lhe os limites de então e estabelecendo as cláusulas do governo da comunidade que deste modo oficializava a organização que se aperfeiçoara no tempo.

Será neste período de Alta Idade Média que irá configurar-se a organização paroquial e se definirão os contornos de uma economia assente fundamentalmente na agricultura e na pastorícia que se fixa nas regiões mais altas apoiada por actividades oficinais e outras, mais circunstanciais, como a caça e a criação de abelhas, algumas delas mencionadas no foral.

A igreja matriz de Sernancelhe cuja fundação se estabeleceu em 1172, cronologia dada por tabela inscrita numa pedra de cunhal da cabeceira da mesma, obedece a um estilo genuinamente românico com profundas marcas a assinalá-lo e o mesmo se passa com a igreja matriz de Fonte Arcada que ao tempo era cabeça de um município vizinho.

Ambas assentam seus alicerces sobre uma mais antiga necrópole de sepulturas antropomórficas cavadas na rocha que serviu de alicerce aos muros dos templos posteriores, sepulturas que podem relacionar-se com uma teoria de cerca de setenta sepulturas do género, cavadas em rocha, mas estas distribuídas pelas diferentes freguesias do concelho e atribuíveis a um período que pode ir do séc. VII ao séc. XIII<sup>8</sup>.

O Cadastro da População do Reino estabelecido em 1527 identifica quase todos os núcleos residenciais hoje existentes cuja população, fortemente estratificada, seria constituída por uma pequena nobreza de que não ficaram testemunhos materiais de residências, o clero ligado à Colegiada de Sernancelhe ou obediente à Comenda de Malta entretanto estabelecida e uma população activa de lavradores com juntas de bois que lavravam terras alodiais, rendeiros, jornaleiros, criados e artífices vários<sup>9</sup>.

A partir do séc. XV estabelecem-se nos termos do concelho comunidades religiosas como o pequeno Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira nas vizinhanças da vila e o Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção na Tabosa do

---

8 CORREIA, 1976: 93-135.

9 COLAÇO, 1931: 114.

Carregal que irão deter, com a Comenda da Malta, as igrejas paroquiais e a nobreza que constituiu solares de província em quase todas as freguesias, a maior parte da propriedade que a legislação liberal e republicana mais tarde fizeram redistribuir de outro modo alterando apenas os estatutos sociais. A Universidade de Coimbra no reinado de D. Sebastião tomou posse de amplos senhorios na parte ocidental do actual território do concelho garantindo assim a posse dos territórios de Quintela e Lapa que ficaram a dever aos padres jesuitas do Colégio de Coimbra o seu desenvolvimento que se centrou à volta do culto de Nossa Senhora da Lapa<sup>10</sup>.

Vai ser a legislação liberal a estabelecer as fronteiras administrativas do concelho que integrou em 1855 todas as freguesias do antigo concelho de Fonte Arcada, algumas freguesias do antigo concelho de Caria tendo já recebido em 1836 as vilas da Lapa, com Quintela e Vila da Ponte desapossadas entretanto da sua autonomia.

Em 1875 o concelho fica entretanto constituído por 21 freguesias que compõem os 11 julgados de paz que Sernancelhe integra. São elas: Arnas, Caria, Carregal, Chosendo, Cunha, Escurquela, Faia, Ferreirim, Fonte Arcada, Freixinho, Granjal, Lamosa, Macieira, Penso, Quintela, Rua, Sarzeda, Seixo, Sernancelhe, Tabosa e Vila da Ponte. Registam-se nesta data 2.910 fogos e 11.620 habitantes<sup>11</sup>.

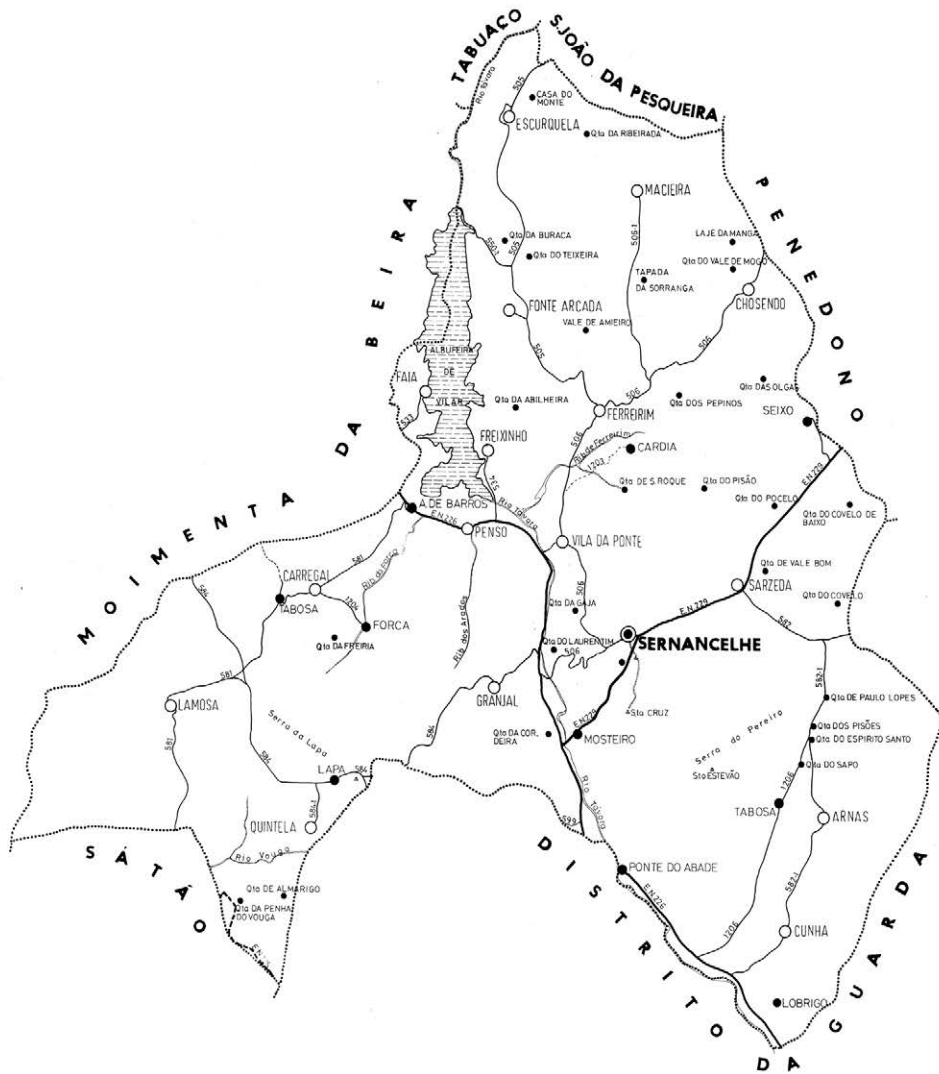
Todavia só em 1898 adquire os contornos que hoje possui integrando então 18 freguesias.

Em 1910 a freguesia do Seixo constitui-se como anexo da freguesia de Sarzeda ainda que mantendo a autonomia de paróquia, ficando desde então estabelecido o número de 17 freguesias que hoje se mantém e que são as seguintes: Arnas, Carregal, Chosendo, Cunha, Escurquela, Faia, Ferreirim, Fonte Arcada, Freixinho, Granjal, Lamosa, Macieira, Penso, Quintela, Sarzeda, Sernancelhe e Vila da Ponte (conferir mapa, p.19)

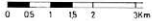
---

10 COSTA, 1982: 599-600.

11 *Anuário Estatístico do Reino de Portugal...*, 1877.



ESCALA GRÁFICA



**LEGENDA:**

- SEDE DO CONCELHO
- SEDE DE FREGUESIA
- POVOAÇÕES
- QUINTAS
- RIO OU RIBEIRA

## 1.2. Uma estrutura económico-social

O território do concelho com pouco mais do que 222 km<sup>2</sup> de superfície compreende sob o ponto de vista geográfico uma área que Orlando Ribeiro situa na sua quase totalidade na Beira Transmontana, essa peneplanície pliocénica que, segundo ele “termina a oeste no alinhamento montanhoso Pisco – Serra de Leomil, que acompanha exactamente o eixo da Culminação Principal, formando um conjunto de montes graníticos residuais, que chega quase a 1100m”. “No sopé ocidental deste alinhamento montanhoso, encontra-se outra peneplanície com características muito particulares”<sup>12</sup>.

Este território interior de montanha é cortado a meio pelo curso médio do Rio Távora que corre na direcção Sul-Norte nele indo desaguar alguns pequenos cursos de água sendo mais significativos a Ribeira de Ferreirim na margem direita e os ribeiros de Guimar e Aviasca na margem esquerda. O Rio Vouga que nasce na Serra da Lapa corre na direcção Este-Oeste atravessando terras do concelho apenas na parte mais superior do seu curso em que é designado por “Vouguinha”.

Este território que Aquilino Ribeiro designou como Terras do Demo<sup>13</sup>, particularmente a área a oeste do Rio Távora, devido aos duros condicionamentos colocados ao habitat humano foi, desde tempos medievais, como indicam os forais de Sernancelhe e Fonte Arcada terra de centeio, de trigo, de milho miúdo, de algum vinho, de criação de gado lanígero, de bois, jumentos e de pesca no rio e ribeiros. Os forais não referem os pequenos produtos hortícolas. Referem o linho. E entre as indústrias referem-se a ferreiros, oleiros, sapateiros e curtidores de peles<sup>14</sup>.

Os textos das Memórias Paroquiais, em 1758, referem para cada uma das paróquias os frutos de maior abundância e logo aí é possível distinguir as especificidades do vale e da montanha.

Fonte Arcada, por exemplo, com vasta área ribeirinha, tal como Freixinho, Penso ou Ferreirim é assim referida sob o ponto de vista agrícola:

Produz esta vila e seus limites vários frutos mas os que recolhem os moradores dela com mais abundância são centeio, milho grosso, trigo, vinho, azeite, feijões, castanhas e linho<sup>15</sup>.

---

12 RIBEIRO, LAUTENSACH, 1987: 148.

13 RIBEIRO, 1963.

14 O abade Vasco Moreira, monógrafo de Sernancelhe, transcreve os forais de Sernancelhe e Vila da Ponte no Apêndice do seu livro. Ver MOREIRA, 1929: 331-338.

15 *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 16, n.º 102, fl. 635-642.

Quintela, na encosta da Serra da Lapa, a Sul e Ocidente mereceu ao informador o seguinte comentário:

Os frutos desta terra são centeio, trigo e milho, não em grande abundância, por razão dos muitos frios, neves e gelos, e ventos, que só destes é bem provida. O maior fruto é centeio<sup>16</sup>.

Nos meados do séc. XVIII a propriedade estaria fortemente concentrada em diversas casas senhoriais de fidalgos de província<sup>17</sup>, era propriedade de mosteiros<sup>18</sup>, da Comenda de Malta<sup>19</sup>, da Universidade de Coimbra<sup>20</sup>. Aforadas ou confiadas a rendeiros contrapunham-se à propriedade livre dos lavradores, no geral de medianas posses que recorriam muitas vezes como os outros ao trabalho braçal daqueles que não possuíam terra ou a possuíam em reduzida quantidade.

A extinção das Ordens Religiosas em 1834 e a extinção dos Morgadios que fica completa em 1863 alteram substancialmente a situação.

Ao findar o séc. XIX e no começo do séc. XX muitas destas terras acrescentarão a riqueza de proprietários livres cujo número aumentará.

É também o tempo em que, mercê de uma significativa pressão demográfica toda a terra passível de ser cultivada terá sido aproveitada.

A batata ganha então a função de principal alimento e a castanha que no concelho foi sempre abundante constitui-se também como importante suplemento alimentar entre Outubro e Janeiro, particularmente para as famílias de lavradores proprietárias dos soutos.

A memória pessoal permitiu que se auscultasse a voz de pessoas mais velhas que lembravam um tempo em que todo o terreno de montanha que podia dar pão (centeio) era cultivado, muitas vezes por assalariados permanentes a quem o proprietário cedia essas terras como pagamento do trabalho.

O texto que se cita de seguida remete para este quadro vivencial:

<sup>16</sup> *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 30, n.º 23, fl. 125-127.

<sup>17</sup> Podem ver-se diversos pequenos solares, geralmente em ruínas, dispersos pelo concelho, particularmente em Sernancelhe, Fonte Arcada, Vila da Ponte, Adebarros.

<sup>18</sup> Nos termos do concelho existia o Mosteiro da Ribeira (Sernancelhe), o Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção (Tabosa-Carregal) e o Recolhimento de N.ª Sr.ª do Carmo (Freixinho).

<sup>19</sup> Diversas igrejas eram administradas pela Comenda de Malta com sede em Sernancelhe.

<sup>20</sup> A Universidade de Coimbra possui diversos bens rústicos e urbanos. Os diversos marcos de pedra que assinalavam tal posse podem ser vistos ainda em mais de uma dezena de lugares. O Santuário e o Colégio da Lapa pertenciam-lhe.

“A Beira Alta, ainda que com diferenças concelhias significativas, está entre as regiões do país que mais sentiram a pressão demográfica sobre a terra. Não tanto pela densidade excessiva da sua população, mas especialmente por não existirem alternativas ao sector agrícola, em termos de rendimento e ocupação. A terra era, assim, tanto mais importante quanto exígua; nunca deixando, por isso, de representar o capital regional mais desejado e precioso. Não temos dúvidas a esse respeito, possuir e conseguir, manter um pouco de terra própria, foi sempre o sonho de qualquer beirão”<sup>21</sup>.

O Boletim Mensal Agrícola que a Administração do Concelho de Sernancelhe enviava mensalmente para o Governo Civil para efeito de organização do Boletim da Delegação do Mercado Central de Produtos Agrícolas, constituído por folhas pautadas, avulsas, assinadas pelo Administrador do Concelho, refere para o ano de 1903 como principais géneros os seguintes: trigo rijo, milho branco e amarelo, centeio, feijão e grão-de-bico.

No geral afirma-se que a existência e venda de cada género é normal ou regular em cada mês e o estado das culturas nesse ano foi sempre, para cada género e época indicado como regular. O estado da cultura do centeio, em Dezembro, é indicado como “Bom” e a do feijão, em Junho é dito “abrasada”, neste caso provavelmente por geadas tardias<sup>22</sup>.

Traz-se ainda um quadro de produção agrícola referente ao ano de 1916 cuja análise remete de imediato para as produções tipificantes que anteriormente foram nomeadas a partir de documentação coeva.

Esta informação colhida da Estatística Agrícola de 1916 publicada pela Repartição de Estatística Agrícola<sup>23</sup> é traduzida no quadro a seguir construído.

---

21 AMARO, 2003: 125.

22 *Boletim Mensal Agrícola*, 1903 – Fundo do Governo Civil, Arquivo Distrital de Viseu, Caixa 151, n.º 9.

23 *Estatística Agrícola de 1916...*, 1917: 22-170.

QUADRO N.º 1  
Produções Agrícolas (1916)

Produção	Quantidade
Centeio	263.502 L.
Trigo	37.902 L.
Milho	160.440 L.
Cevada	304 L.
Batata/Sequeiro	33.300 KG
Batata/Regadio	233.315 KG
Feijão	9.549 L.
Vinho	88.003 L.
Azeite	7.906 L.
Lã	8.321 KG

A mesma fonte refere nesse ano a existência de 9 lagares de azeite, também designados como moinhos, 8 constituídos por prensa de vara e 1 de parafuso; 6 são movidos pela força animal e 3 a água.

Olhando o quadro atrás transcrito e sabendo que a população do concelho nesta data deve rondar os 10.000 habitantes é fácil acreditar que os géneros mencionados e que na altura constituirão elementos básicos da alimentação são manifestamente insuficientes.

No caso específico do azeite o quadro regista uma produção de 7.906 litros enquanto a mesma fonte refere que os fabricantes declararam 21.654 litros.

Todavia, mesmo sabendo que terão fabricado azeite para produtores de fora do concelho, o desajuste parece grande. O que leva a crer que os produtores não “manifestam” toda a sua produção. E ainda que os pequenos produtores, isto é, ainda que alguns rendeiros e assalariados que cultivam pequenas parcelas de terra produzam pequenas quantidades para consumo próprio, ainda assim se manterá o desajuste.

Ora a provar esta hipótese de os produtores não manifestarem a totalidade dos géneros vem um elucidativo documento de que se transcrevem alguns excertos.

Trata-se de uma comunicação feita por Afonso Augusto Leitão, um atento funcionário do posto de Registo Civil de Fonte Arcada, freguesia do concelho ao Governador Civil do Distrito de Viseu, datada precisamente de 20 de Outubro de 1916. Diz assim:

Comunico a V.<sup>a</sup> Exa. que existem nesta freguesia de Fonte Arcada, concelho de Sernancelhe quantidades de trigo e centeio em grão e que os seus possuidores não deram ao arrolamento pois, havendo aqui mais de trinta possuidores, só 12 fizeram as declarações exigidas por lei. Creio que V.<sup>a</sup> Exa. sabedor deste facto mandará averiguar e sujeitará os infractores às penalidades da Lei<sup>24</sup>.

No ano seguinte, em 15 de Fevereiro, o mesmo empenhado funcionário requer do Governador Civil providências a fim de atenuar quanto possível a grave crise de subsistência que esta freguesia e o nosso concelho atravessam nesta ocasião com o elevado preço dos géneros de primeira necessidade, que é trigo e centeio, principalmente este último, por ser a principal alimentação das classes pobres (...) pois a classe pobre vive na maior das misérias.

Ele próprio desenha depois algumas medidas que o Governador Civil poderá de imediato tomar castigando aqueles que a pretendem [à classe pobre] reduzir à fome; e prestando V. Ex.<sup>a</sup> assim um óptimo serviço a estas populações livrando-as das mãos dos açambarcadores que pretendem reduzir o povo pela fome<sup>25</sup>.

O zeloso funcionário, à sua maneira, não deixava de ter razão. Os factos que ele censurava eram de sempre e decerto se agravaram no período da I Grande Guerra em que Portugal brevemente entraria.

O Arrolamento de Gados realizado em 1920 pela Divisão da Estatística Pecuária do Ministério da Agricultura<sup>26</sup> que fazemos seguir, até porque não muito distanciado no tempo, vem de encontro à compreensão de um modo de vida de feição agro-pastoril que revela também a articulação entre a serra e o vale.

Acredita-se que estes números possam não corresponder inteiramente à verdade embora aqui seja mais difícil escapar ao registo das cabeças de gado.

O censo realizado em 1920 oferece para o concelho de Sernancelhe o número de 2.640 famílias compostas<sup>27</sup> revelando-se exígua a quantidade de cabeças de gado quer se destinem essencialmente a abate, como é o caso do gado suíno, quer se destine ao trabalho, como é o caso do gado bovino. Menos

24 ADV – Fundo do Governo Civil, Caixa n.º 2805, n.º 129.

25 ADV – Fundo do Governo Civil, Caixa n.º 2805, n.º 129.

26 *Arrolamento de Gados, Direcção...*, 1920.

27 *Censo da População de Portugal*, 1923: 257.



de uma quinta parte das famílias não matava porco, faltando-lhes assim um útil complemento alimentar suprido de algum modo por galináceos e caça e seriam poucas as juntas de bois prontas para o trabalho que se substituiria pelo trabalho de machos, jumentos e em boa parte com trabalho de homens e mulheres no transporte de lenhas e frutos, por exemplo.

QUADRO N.º 2  
Arrolamento de gados (1920)

Designação	Possuidores número	Total
Gado suíno	755	
Porcos e varrascos	304	964
Porcas	429	
Bácoros e leitões	231	
Gado ovino	732	
Carneiros	4.928	13.153
Ovelhas	5.277	
Cordeiros e malatos	2.948	
Gado caprino	879	
Bodes e chibatos	74	3.254
Cabras	2.640	
Cabritos	540	
Gado bovino	427	
Bois	388	835
Vacas	218	
Bezerros e vitelos	229	

Estão genericamente enunciados os termos de uma estrutura económica de base fundamentalmente agrícola em que a terra e outros meios de produção como os moinhos, os lagares, as eiras, os fornos, as juntas de bois e os apetrechos da lavoura, os rebanhos, estão na posse de lavradores abonados e de alguns proprietários absentistas, geralmente possuidores de quintas, fornos ou moinhos que arrendam por elevado preço pago geralmente em medidas de centeio<sup>28</sup> que serão entregues ao findar as colheitas, e cedem o trabalho da junta de bois geralmente em troca de trabalho.

Existe também um mais avantajado número de pequenos lavradores que conseguem manter uma junta de bois ou um bezerro e um macho ou burro que utilizam para serviço próprio em terras vindas das heranças do casal ou posteriormente e que são adquiridas, capazes ainda, como os outros, de dar trabalho a assalariados na cava das regadas ou das vinhas, na ceifa do pão, no colher das lenhas e dos matos para estrume.

Outros trabalhos como a malha, a escanada do milho<sup>29</sup>, a vindima, fazem-se num quadro de reciprocidade.

No âmbito de um regime que se classifica já de semi-autárquico, dada uma certa circulação de bens e serviços, existem nas diversas freguesias artesãos de ofícios que respondem às necessidades comuns – pedreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, latoeiros, ferreiros, tecedeiras. Todos associam o cultivo de hortas.

De fora surgem vendedores ambulantes, amoladores de tesouras, mendigos.

Criados e criadas de servir partem muitas vezes para grandes distâncias mal feitos os 12 ou 13 anos.

Neste cenário emergem os emigrantes do Brasil, mais dentre os lavradores de medianas posses, de artesãos com diminuta clientela, de assalariados da lavoura que partirão como jornaleiros.

### **1.3. A Aldeia. Casa e família como microcosmo**

Quando, em 1918, Aquilino Ribeiro dedica o seu livro “Terras do Demo”, a Carlos Malheiro Dias, diz-lhe que a acção do mesmo decorre nas aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Caramulo, a cernelha do Douro e, a norte, lhes parece gamela emborcada o Monte Marão<sup>30</sup>.

---

28 Medidas – o mesmo que alqueires.

29 Escanada – o mesmo que desfolhada.

30 RIBEIRO, [1983]?: 7.

Demarca assim um território de indecisas fronteiras que se constitui simultaneamente como um universo mítico e real construído de aldeias em que cada uma é uma dupla aldeia no dizer de Eduardo Lourenço, uma aldeia mítica onde são tão presentes os homens e a vida ancestral do nosso povo como os seres de fábula ou memória, faunos ou santos da sua particular legenda que Aquilino lhes dá por companhia<sup>31</sup>.

Povoado desde o neolítico, o território do concelho de Sernancelhe modela-se física e culturalmente ao longo de séculos e fica organizado administrativamente nos finais do séc. XIX.

As aldeias do território montanhoso, decerto as de mais antiga fundação, terão sua origem num povoamento castrejo iniciado nos cerros e depois levantado em lugar mais aplanado enquanto as aldeias ribeirinhas remetem para um crescimento a partir de vilas romanas para se organizarem definitivamente a partir de uma Baixa Idade Média contribuindo para isso a organização paroquial que dá um sentido de corpo aos *fili ecclesiae*, aos fregueses ou habitantes do que mais tarde se chamou a freguesia.

Talvez por isso se compreenda o seu envelhecimento à volta da igreja e do seu adro que também foi cemitério, donde irradiam em leque os aruamentos geralmente estreitos e sinuosos, depois se constituindo outros pólos à volta de capelas ou fontes cujos espaços fronteiros ficavam sendo lugares de sociabilidade.

No adro e nestes outros lugares acontecia a festa e a feira, se a havia, os leilões, o deambular de mascarados no Carnaval, o baile de domingo, o início e o fim das procissões e para eles se abriam tabernas e mercearias que também eram lugares de convivialidade.

A presença imperante do granito tornou-o elemento primordial de construção e só nas divisórias interiores das habitações se utilizaram frontais de madeira e a taipa.

Das mais antigas construções nada resta, substituídas por outras ao longo do tempo. Apenas a igreja matriz de Sernancelhe e a de Fonte Arcada mantêm seguros elementos dos séculos XII e XIII enquanto que em Fonte Arcada permanece a mais antiga residência senhorial que aponta para o séc. XIV.

---

31 LOURENÇO, 1985: 15-21.

Os finais do séc. XVII e o séc. XVIII trouxeram o renovo das igrejas e o renovo ou construção de raiz de alguns solares de província enquanto se alteravam também casas de lavradores com suas dependências no campo, cortes de gado, eiras e as pequenas casas da gente que vivia de pequenos rendimentos de terras arrendadas ou do aluguer dos seus braços.

As casas de lavoura apresentavam dois pisos. Morava no andar nobre a família que ocupava cozinha funda, uma grande sala para refeições de festa, recebimento de visitas raras e da Cruz em dia de Páscoa e onde se velava alguém quando morria. E havia alguns quartos de dormir onde entrava raramente o médico quando alguém estava doente, onde entrava a parteira e o padre para a Extrema-Unção, colocando-se então uma colcha de lã para enfeitar.

Nas lojas guardava-se o “vivo”, o gado, os bois, o porco, as galinhas, guardavam-se arcas de centeio, batatas, vinho na adega, fenos. As lenhas guardavam-se em fundos telheiros com travejamento de castanho, nos cabanais e no pátio ou quintã curtiavam-se estrumes de Inverno.

Nos casebres pobres, às vezes em terra batida, havia uma porta e uma pequena janela com porta de madeira para dar luz. A cozinha era sempre de telha vã, enegrecida, aqui como nas outras casas e acanhado o espaço para as camas montadas sobre bancos de madeira onde mal cabia a família toda de muitos filhos que muitas vezes iam largando como criados e criadas de servir.

À beira da aldeia ficavam as terras mais fecundas, com mais água e mais estrume. Eram as hortas. Depois eram as terras de milho, de batatas, de feijão, dos nabos e das ervas cujas culturas se intercalavam.

Havia algumas vinhas nas encostas soalheiras, quase só na margem direita do Rio Távora. Mais longe eram as terras do centeio que às vezes ficavam em pousio. Depois terra de pinhal e maninho e havia também terras baldias onde todos procuravam estrumes, lenhas de fornos e de lareira e pasto de rebanhos.

No cultivo das terras os lavradores bastavam-se. Mas chamavam gente na época dos grandes trabalhos – cavas, malhas, vindimas, apanha da azeitona onde a havia. Recorriam também aos trabalhos de entreajuda como se disse.

Havia abundância de linho que exigia um ciclo intenso de trabalho, particularmente de mulheres, onde a convivialidade se acentuava, maçando, tascano ou fazendo serões no Inverno.

Os casamentos marcavam-se por uma forte endogamia. As famílias mais abastadas procuravam reunir deste modo as heranças e facilitar, com a união, o trabalho. O namoro ocorria durante o trabalho do campo, ao domingo, nas romarias para onde os rapazes e as raparigas partiam e voltavam juntos.

Na altura das ceifas, das vindimas, da azeitona havia gente que partia em ranchos para o Douro onde se demorava longas temporadas. Alguns homens permaneciam depois nas grandes quintas muito mais tempo, cuidando das vasilhas ou da poda das videiras.

O tempo de lazer era curto na aldeia.

As mulheres mal descansam aos domingos, tendo aí de cuidar da roupa lavada dos filhos e do marido, da comida, da ida à missa.

Os homens ao domingo gastam o tempo na taberna onde vão também muitas vezes ao findar do dia de trabalho.

De resto vão às feiras comprar e vender, vão às romarias para cumprir as promessas geralmente feitas pela mulher. Uma vez na vida iam, ao casar, à Senhora dos Remédios, a Lamego, a pé. Também iam à Senhora da Lapa, à Senhora da Saúde, dentro do concelho e iam às romarias dos concelhos mais vizinhos.

De resto mal saíam da sua terra.

Saíram muito para o Brasil. Mas esta saída foi sempre olhada com espanto, como aventura.

#### **1.4. A Transparência da Religiosidade**

A população que tradicionalmente habita o concelho de Sernancelhe que, na globalidade, ocupa uma boa parte da área geográfica que Aquilino Ribeiro designou com Terras do Demo, é naturalmente crente.

Aquilino, no prefácio da obra com aquele título caracteriza de uma forma singular esta religiosidade:

Ainda ali há Abraão e os Santos vêm à fala com os zagais nos silenciosos montes; (...). É pagã, e crê em sua religiosidade toda exterior adorar o Deus de S. Tomás<sup>32</sup>.

Poderemos dizer que há uma crença presa por estreitos laços a superstições que poderiam fazer-se recuar aos tempos neolíticos profundamente marcados na região pela presença de dólmenes ou orcas como localmente as designam.

Os rituais mágico-religiosos ordenados a determinados fins terapêuticos como seja a cura da peçonha, do quebranto, do mau-olhado, da espinhela caída, etc., requerem a utilização de produtos da terra, o azeite, o sal, o ramo de funcho ou de oliveira, mas é a performance mágica dos gestos e a palavra invocadora da ajuda divina que tornarão operativos, eficazes, os primeiros elementos.

---

32 RIBEIRO, [1983]?: 10.

A cruz de madeira que no dia de Santa Cruz, a três de Maio, o lavrador coloca no campo de centeio e o ramo verde de uma árvore de fruto que se enterra numa horta em dia de S. João valem, como exorcismo, contra pragas e animais daninhos, apenas porque além dos símbolos ou da data do calendário estão os nomes de Cristo e do seu Precursor.

Verifica-se no entanto uma convivência facilmente sustentada entre estes actos e as práticas ortodoxas que obedecem a uma catequese longa que a hierarquia da igreja realiza na missa do domingo, no sermão mais solene em dia de festa de orago, em lições de doutrina dirigida às crianças em vésperas de comunhão, na continuada presença junto dos fregueses aquando desses significativos actos de passagem como são o baptizado, o casamento, a morte. Não menos importante é essa teoria de festas cíclicas, Natal, Páscoa, S. João, cuja ritualidade pagã a igreja soube adaptar à sua mística. E não pode esquecer-se esse espaço libertador das romarias, algumas delas cumpridas junto de importantes santuários do território do concelho como o da Lapa que ganhou importância supra-regional enquanto pólo de romagem. Mais modestos, os santuários de Nossa Senhora das Necessidades, na Vila da Ponte ou o da Senhora da Saúde, em Fonte Arcada, atraíam romeiros das freguesias mais próximas dos concelhos vizinhos. Caracterizavam-se todos pela amplitude das promessas que aí tinham lugar, algumas das quais, materializadas em objectos de vária ordem como as figurinhas de cera, os quadros pintados, vulgarmente ditos milagres, animal exótico embalsamado como o dito lagarto da Lapa, remetiam para um quadro de emigração<sup>33</sup>.

O santuário da Lapa possui um significativo número de quadros pintados, ex-votos ou milagres alguns dos quais foram entregues ali por emigrantes.

Salienta-se o quadrinho ali oferecido em 1894 por Bernardino José, da Faia, provavelmente em viagem de regresso do Rio de Janeiro, mediante o qual agradece a intervenção da Senhora da Lapa na cura da febre amarela<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> A presença, no Santuário da Lapa, de um grande sáurio embalsamado, proveniente provavelmente do continente asiático, crê-se ter sido promessa de alguém que ao regressar dessa região o terá oferecido como ex-voto.

<sup>34</sup> ARAÚJO, 2000: 144-165.

FIGURA N.º 1



Fonte: CORREIA, 1992: 89–117. O quadro, de pintor desconhecido, pintado a óleo sobre madeira de castanho e com as dimensões de 41x32 cm representa um homem no leito junto do qual se encontram, ajoelhados, uma mulher e duas crianças que olham, sobre a direita, a figura tutelar da Senhora da Lapa. A legenda inscrita no terço inferior da tábua diz o seguinte: Bernardino José da Faia, achando-se no Rio / de Janeiro, foi combatido por a febre amarela, / fazendo votos com sua família à Sen(ho)ra da Lapa logo / recuperou melhoras de pronto. Em 1894.

A actuação sincrética de todos estes elementos informava de tal maneira a personalidade da gente que difícil era escapar a esta influência mesmo quando os condicionalismos da vida os levavam para outro continente.

### 1.5. Um lugar na ficção de Aquilino Ribeiro

Os veros habitantes da aldeia figuram nas páginas dos meus romances, retocados ou em carne viva, descritos parcialmente ou na íntegra, debaixo de uma leve mascarilha<sup>35</sup>.

Aquilino Ribeiro nasceu na freguesia do Carregal em 1885 e foi nos dias da sua infância que a gente da sua aldeia e das outras aldeias do concelho começou a partir mais frequentemente para o Brasil.

35 RIBEIRO, 1972: 151.

Aquilino viu decerto partir familiares, companheiros da sua idade, conterrâneos seus da aldeia e das vizinhanças. Assistiu ao retorno de alguns quando isso acontecia.

Viu chegar o correio com cartas do Brasil, leu provavelmente algumas a pedido, terá escrito outras, a rogo. Das notícias sabia sempre, que elas corriam pelo povo, pelos serões que ele frequentara também, por feiras e romarias onde era assíduo quando nos primeiros anos da idade adulta se demorara na aldeia da sua serra tão identificado com ela e os serranos que pode escrever assim no seu livro de memórias:

Quando me vim embora, trazia a aldeia nos poros, no sangue, no cérebro<sup>36</sup>.

Não admira que nos seus textos de ficção, os retratos que constrói da paisagem, de um habitat, dos personagens, pareçam tão reais.

Nos seus romances o Brasil passa a cada passo como Terra de Promissão, mas também como terra de desgraça. E as histórias que nos conta todas podiam ter acontecido, tal é o grau de verosimilhança com as histórias que de facto aconteceram.

Levanta, no romance, as causas que levavam a gente – a falta de horizontes e de estímulos na aldeia, o desejo de romper com a mediania, o desejo de aventura que tomou outros, a fuga da vida militar, o exemplo de conterrâneos que pareciam afortunados, a sedução de engajadores.

A sua narração acompanha-os junto de credores pouco escrupulosos que emprestam dinheiro sobre letras caucionadas por bens de raiz que tantas vezes foram parar à mão dos onzeneiros. Viu-os partir com um baú como o seu “baú de emigrante”.

Fala dos que voltaram por esse tempo que vai até aos anos 20, em que os carros de bois conduziam as malas deles até à aldeia onde depois se abriam sobre uma riqueza efêmera que raras vezes dava para levantar casa que se visse.

Esta aldeia de ficção de casario ao redor da igreja de lavradores, de pastores, de mulheres de serão, de bruxas, fracamente aberta ao mundo tem por contraponto a aldeia real de onde saíram os emigrantes verdadeiros que depois por lá ficavam, sem notícias, ou iam e vinham se a sorte lhes sorria, ou então escreviam às mulheres pedindo-lhes que fossem reunir-se-lhes com os filhos se pudessem, ou sozinhas, deixando aqueles à guarda de um parente esperando melhores dias. Ou pediam só a ida dos filhos, na esperança que tinham de voltar.

---

36 RIBEIRO, 1972: 151.



Este lugar que o emigrante tem, poderoso, na ficção de Aquilino Ribeiro surgirá, como lugar real nos textos convincentes das cartas de chamada como se verá adiante.

## 2. A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

### 2.1. Mobilidade. Contextos

Tornou-se recorrente dizer que a emigração foi uma constante da sociedade portuguesa pelo menos desde o século de Quinhentos, motivada que sempre foi por múltiplas razões. E não é excepção o território do Concelho de Sernancelhe, feito objecto deste estudo, pois que logo no séc. XVI ali se encontra o paradigmático exemplo do jesuíta Padre João Rodrigues que, nascido em Sernancelhe à volta de 1561, cedo parte para Lisboa e daí, ainda moço, para a Índia e logo depois para o Japão seduzido, não se sabe, se por desejo de aventura ou de riqueza ou já cativado por uma vocação que vem a fazer dele sacerdote e missionário, desenvolvendo posteriormente no Japão e na China singular missão no domínio da evangelização e da cultura<sup>37</sup>.

Interessando particularmente o período de 1901 a 1930, importa identificar aí o contexto onde assentam os eventuais factores de mobilidade que actuam sobre homens e mulheres, particularmente de determinadas idades, que os levam a sair do seu território de origem em busca de outro, quer o façam dentro de um quadro de sazonalidade para território nacional, quer procurem um destino intercontinental que há-de ser, por certo, demorado.

Os autores que têm estudado esta problemática noutras regiões têm-se referido às motivações de diversa ordem que, em seu entender, explicam as partidas de gente que com mais ou menos posses, letrada ou não sabendo ler, mais homens que mulheres, mais gente da terra que de outros ofícios, procura destinos vários à busca de vida melhor.

Fernanda Paula Sousa Maia refere-se num dos seus textos à emigração para o Brasil como “expressão sintomática de uma vivência patológica da sociedade portuguesa, a que o sentimento de decadência nacional, prevalecente nos finais da centúria, viria a emprestar ainda maior consistência”<sup>38</sup>.

---

37 COOPER, 2003.

38 MAIA, 2000: 185.

Este modo de sentir que não deixa de ser uma visão de algum modo sebastianista parece-nos configurar, de facto, uma matriz real e estruturante da sociedade portuguesa no seu todo.

Pina Cabral que estuda a emigração em duas aldeias do Alto Minho justifica o predomínio da emigração masculina devido à divisão sexual do trabalho. Sobre a mulher ligada à terra como símbolo de uma economia de subsistência prevalece a atitude masculina de envolvimento em sectores capitalistas da economia voltados para actividades não agrícolas<sup>39</sup>. Mas esta explicação parcelar, válida também para a região da Beira, não explica as razões de fundo do fenómeno migratório, apenas esclarece que é o homem quem deve partir, ou partir primeiro.

Jorge Fernandes Alves reparou na precaução que havia em salvar guardar intacto, quase à maneira dos morgadios, o património familiar, através desse instrumento jurídico que era a doação, uma espécie de antecipação de herança feita a favor de um herdeiro que deste modo se privilegiava. Mas é de crer que este fenómeno dado como tipicamente minhoto ou antes do Noroeste português, não sendo estranho às regiões da Beira Transmontana, não teve ali idêntico significado porque o valor intrínseco da terra não ganhara o mesmo peso que a terra adquirira no Noroeste de Portugal<sup>40</sup>.

Costa Leite a este propósito refere que os emigrantes usavam as relações sociais de parentesco, vizinhança e amizade para obterem informação sobre oportunidades no exterior e que, assim, as relações colectivas que se desenvolviam serviriam de base à decisão de ir ou de ficar<sup>41</sup>.

Miguel Monteiro ao estudar o problema de Fafe refere também o modo de ver de Jorge Fernandes Alves e de outros autores e aponta como razões determinantes para a emigração masculina factores de natureza económico-social, como os projectos de constituir uma família, de reproduzir um estatuto sócio-familiar, de conseguir emprego para um filho.

Para a emigração feminina evoca essa tradicional dependência do homem mercê da especificidade do trabalho que a cada sexo tradicionalmente incumbe e discrimina como principais motivos para a emigração da mulher o facto de ser menor, de ser casada e ter de reunir-se ao marido ou de ser viúva e ter de reconstruir um lar<sup>42</sup>.

---

39 PINA-CABRAL, 1989: 112.

40 ALVES, 1994: 82-83.

41 LEITE, 1999: 182.

42 MONTEIRO, 2000: 158-159.

É esta uma visão sincrética que parece passível de ser adoptada no que toca ao Concelho de Sernancelhe onde os recursos fundamentais derivavam da terra partilhada de modo desigual e do exercício de alguns ofícios que raramente se desempenhavam em permanência. E a grande mobilidade que se gerara já na última década do séc. XIX e particularmente se ampliara no início do séc. XX, exprime-se pela escolha privilegiada do Brasil, em termos externos, para onde partem essencialmente filhos-família com algumas posses mas também outros mais carenciados e pela migração interna que se constitui como um movimento de indivíduos sem capital, como diz Jorge Alves, que leva os rapazes para o comércio da cidade, as raparigas para criadas de servir em qualquer lado, os homens para as fainas sazonais em específicos lugares de trabalho<sup>43</sup>.

Das freguesias do concelho de Sernancelhe partem moços novos para caixeiros nas cidades do Porto e de Lisboa, raparigas que se colocam, às vezes longe, como criadas de servir, partem homens, geralmente já casados, para as ceifas nas extremas da Beira Transmontana, algumas vezes em Espanha, partem homens e mulheres para as fainas sazonais da vindima e da apanha da azeitona para o Além Doiro onde alguns homens permanecem vários meses entregues a cuidados com adegas e o podar das vinhas.

Os conteúdos a seguir expressos caracterizarão melhor o perfil dos emigrantes saídos para o Brasil no que respeita aos lugares de partida, natureza de sexo e idade, estatuto socioprofissional, níveis de alfabetização e sítio de destino conforme se estabelece na tabela que se constitui como Anexo n.º 1.

O Quadro n.º 3 que a seguir se inscreve regista o número de emigrantes saídos do Concelho de Sernancelhe entre 1901 e 1930, por sexos. Utiliza, na sua construção, como fontes, os processos de pedido de passaporte, muitos dos quais desapareceram (colunas da esquerda), os dados das Estatísticas oficiais publicadas pela Direcção Geral de Estatística para os anos de 1913 a 1921 e os Mapas mensais enviados pelo Governo Civil para a Direcção Geral de Estatística para os anos de 1922 a 1930 (colunas da direita).

O Gráfico n.º 1 traduz, de outro modo, a mesma realidade e o Gráfico n.º 2 ao revelar a distribuição dos emigrantes por década mostra o substancial aumento de emigrantes que aconteceu na década de 1921 a 1930, entre os anos que se seguiram à Primeira Grande Guerra e o eclodir de uma crise que irá levar a uma recessão.

---

43 ALVES, 1994: 91.

## QUADRO N.º 3

Emigração anual por sexo, de acordo com os processos de pedido de passaporte (Proc. ped. pass.) e as Estatísticas oficiais (Est. oficiais)

ANO	Proc. Ped. Passaporte			Estatísticas Oficiais		
	F	M	Total	F	M	Total
1901	9	16	25	21	46	67
1902		1	1	53	75	128
1903		8	8	39	61	100
1904	43	62	105	72	115	187
1905	12	54	66	37	94	131
1906	25	51	76	38	91	129
1907	13	33	46	51	115	166
1908	3	7	10	121	209	330
1909			*	104	167	271
1910			*	111	138	249
1911	32	35	67	105	156	261
1912	25	41	66	180	218	398
1913	25	37	62	202	235	437
1914	54	46	100	68	46	114
1915	76	50	126	85	37	122
1916	59	19	78	74	25	99
1917	28	6	34	55	27	82
1918	11	1	12	23	11	34
1919	2	3	5	43	40	83
1920	51	32	83	114	108	222
1921	12	18	30	43	53	96
1922	62	118	180	55	111	166
1923	80	147	227	61	142	203
1924	54	51	105	* 7	8	15
1925	37	42	79	* 16	30	46
1926	92	176	268	76	128	204
1927	52	57	109	56	66	122
1928	26	24	50	*		
1929	24	52	76	* 17	15	32
1930	8	18	26	* 25	35	60
<b>Total</b>	<b>915</b>	<b>1205</b>	<b>2120</b>	<b>1952</b>	<b>2602</b>	<b>4554</b>

GRÁFICO N.º 1  
Emigração anual de acordo com dados fornecidos pelos processos de pedido de passaporte ou estatísticas oficiais

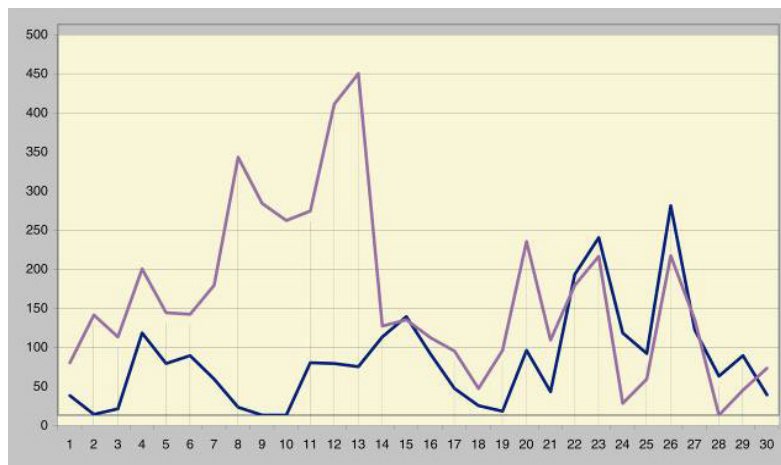
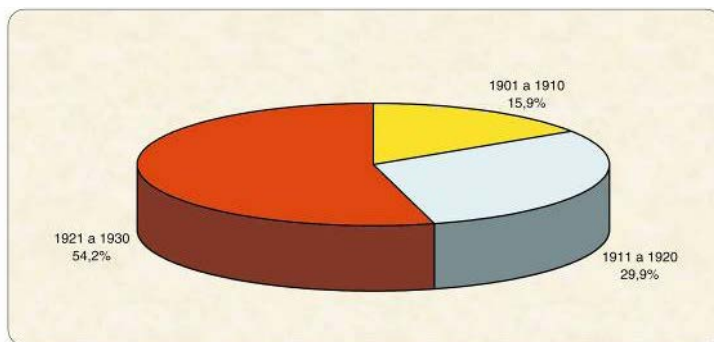


GRÁFICO N.º 2  
Distribuição de emigrantes por décadas



Década	Emigrantes
1901 a 1910	337
1911 a 1920	633
1921 a 1930	1150

Data Pass	Data Pass
>=1/1/1901	<=31/12/1910

Data Pass	Data Pass
>=1/1/1911	<=31/12/1920

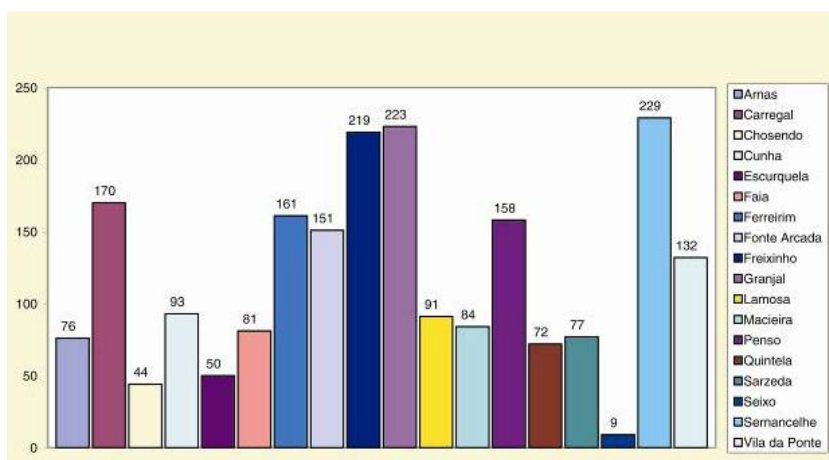
Data Pass	Data Pass
>=1/1/1921	<=31/12/1930

## 2. 2. As Freguesias como território de partida

Os únicos dados possuídos para relacionar os emigrantes com o seu território de partida a nível da freguesia que, no geral, é o território da sua naturalidade, (razões de casamento e outras podem explicar uma alteração de residência que, no caso presente foi registada como o lugar da naturalidade), são aqueles que se colheram na análise dos pedidos de passaporte junto do Governo Civil do Distrito de Viseu que puderam conservar-se e que entretanto foram confiados à guarda do Arquivo Distrital de Viseu, amostra apesar de tudo significativa, mesmo que considere o número bem mais elevado de emigrantes do Concelho de Sernancelhe que foi possível inventariar noutras fontes, tais como as fornecidas pela Direcção Geral de Estatística ou os Mapas mensais preenchidos pelo Governo Civil (conferir Quadro n.º 3 e Gráfico n.º 1).

GRÁFICO N.º 3

Distribuição dos emigrantes por freguesia de naturalidade\*



Nota: Seixo é freguesia autónoma até 1911, ano em que é integrada na freguesia da Sarzeda.

Em termos absolutos não se observa uma relação directa entre o quadro populacional que se verifica nos registos dos Censos oficiais realizados no período que este estudo contempla e a distribuição quantitativa de emigrantes que abandonam o lugar.

Foram no entanto as freguesias mais populosas aquelas que mais emigrantes forneceram, com uma curiosa excepção que se verifica para a freguesia da Sarzeda onde o número de emigrantes fica bastante abaixo da média. As freguesias menos populosas que, no geral, são as que se situam em território menos propício às práticas agrícolas, essas forneceram um número mais reduzido de emigrantes. Mas quer num caso quer noutra a compreensão inteira do fenómeno carece de uma explicação mais global cujos termos terão de olhar sempre razões históricas, económicas, razões de ordem social e familiar como também refere Miguel Monteiro ao tentar explicar a mobilidade verificada em Fafe<sup>44</sup>.

### 2. 3. Emigração por estado civil, sexo e idade

Ao longo dos 30 anos que são objecto deste estudo embarcaram para o Brasil homens e mulheres cujo estado civil haveria de introduzir no fenómeno migratório, como diz Jorge Alves, “significados e consequências diferentes segundo a distribuição dos fluxos pelas categorias do estado civil, dada a diversa funcionalidade que é atribuída socialmente a cada um”<sup>45</sup>.

Quaisquer que sejam as causas que movam uns e outros a partir as consequências são diversas.

A ida dos solteiros do sexo masculino, como diz aquele autor, provocará sempre alterações no mercado matrimonial elevando o celibato feminino sem que as remessas venham compensar a ausência em termos económicos. A emigração dos casados afectará sempre a natalidade e as remessas apenas trarão compensações se se tornarem regulares e se não houver o reagrupamento familiar, quase sempre definitivo, no lugar de destino. Quanto às viúvas, o mesmo autor refere como insignificante o seu peso no total da emigração<sup>46</sup>.

---

44 MONTEIRO, 2000: 188.

45 ALVES, 1994: 184.

46 ALVES, 1994: 184-185.

## QUADRO N.º 4

Emigração da população masculina e feminina por estado civil e sexo segundo a freguesia de origem

Freguesia	Casado		Divorciado		Solteiro		Viúvo		Não Refere		Total
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	
Arnas	11	25			16	22	1	1			76
Carregal	18	41			45	59	5		1	1	170
Chosendo	4	17			10	13					44
Cunha	14	22			29	25	3				93
Escurquela	8	7			16	17	2				50
Faia	3	8			33	30	3	2	1	1	81
Ferreirim	12	38			63	41	5		1	1	161
Fonte Arcada	14	40			48	46		3			151
Freixinho	32	51			65	65	2	2		2	219
Granjal	35	59	1		66	49	10	2		1	223
Lamosa	11	30			21	27	2				91
Macieira	6	37			10	27	3	1			84
Penso	20	41			49	45	2	1			158
Quintela	8	19			13	27	3	2			72
Sarzedá	8	16			26	26				1	77
Seixo	1	3			2	2	1				9
Semancelhe	31	67			57	67	2	3		2	229
Vila da Ponte	18	32			42	35	2	3			132
Total	254	553	1		611	623	46	20	3	9	2120

O Quadro mostra uma elevada taxa de emigração de solteiros notando-se no entanto um certo equilíbrio entre os sexos masculino e feminino, o que condiz, em termos absolutos, com o que se passa na generalidade pois apenas 7 pontos percentuais separam homens e mulheres quer se tome como base de análise os 2.120 pedidos de passaporte, quer os 4554 registos de partida das estatísticas oficiais, como se pode observar no Quadro n.º 3.

Se retirarmos a este número os 290 emigrantes com menos de 13 anos, como tal sem peso enquanto força de trabalho, vê-se que existe um equilíbrio entre o peso da força de trabalho de casados e de solteiros se acaso considerarmos apenas a relatividade dos números.

O número de viúvos, mais mulheres do que homens, que provavelmente se irão acolher junto de familiar, não terá decerto manifesto peso no âmbito da emigração.

A distribuição feita no Quadro em relação às freguesias de partida não permite só por si e em termos absolutos estabelecer uma relação directa entre quadros demográficos e abandono qualitativo, nem entre os teóricos quadros de riqueza ou pobreza de qualquer freguesia e o mesmo abandono.



QUADRO N.º 5  
Emigração por níveis de idade

Ano	Idade				Total
	<= 13	de 14 a 25	>= 26	Não Refere	
1901	7	6	11	1	25
1902			1		1
1903		3	5		8
1904	15	36	51	3	105
1905	13	22	27	4	66
1906	6	28	42		76
1907	4	23	19		46
1908	3	3	4		10
1911	12	21	33	1	67
1912	5	24	36	1	66
1913	13	22	27		62
1914	26	39	34	1	100
1915	30	40	49	7	126
1916	18	26	34		78
1917	11	14	9		34
1918	2	7	3		12
1919		1	4		5
1920	17	34	32		83
1921	1	20	9		30
1922	8	95	73	4	180
1923	23	113	80	11	227
1924	15	30	47	13	105
1925	15	35	29		79
1926	18	117	118	15	268
1927	6	41	57	5	109
1928	5	19	26		50
1929	15	27	34		76
1930	2	8	16		26
Total	290	854	910	66	2120

Jorge Fernandes Alves traça no seu livro, várias vezes citado, uma excelente síntese acerca do tempo, quer dizer, da idade de emigrar. Diz ele que “na emigração a idade é um factor decisivo que, conjugado com outras variáveis tais como o ensino e/ou a aprendizagem profissional, pode determinar os níveis de sucesso, ser preponderante no mercado de trabalho e na inserção social do país de acolhimento. Os trajectos migratórios a desenvolver, as expectativas a perseguir, estão muito condicionados pela idade, sendo muito diferente a emigração de um jovem solteiro da de um adulto casado, aquele mais decidido a correr riscos, a suportar a aprendizagem, este, em geral,

mais cauteloso porque cheio de obrigações, com família a sustentar e necessidade premente de ganhar dinheiro”<sup>47</sup>.

O Quadro revela que, mercê de específicas razões, como a de estar ainda solteiro e sem precisos horizontes na terra de origem, leva um significativo número a partir entre os 14 e 25 anos. Antes dessa data a partida é no geral condicionada no quadro do reagrupamento familiar ou para se escapar a serviço militar. Os que partem com mais de 26 anos estarão no geral casados e porque sofrendo circunstâncias de endividamentos, ou querendo suprir carências no âmbito familiar onde se multiplicaram os filhos, ou por outra qualquer razão partem também em número significativo.

Parte-se menos já depois dos 40 anos.

Verifica-se que entre os 40 e 49 anos partiram 190 pessoas, entre os 50 e 59, 84 e entre os 60 e 69 apenas 11.

As cartas de chamada que se tornaram razão fundamental destas reflexões irão traduzir todas estas situações.

#### **2. 4. A profissão dos emigrantes**

Na esteira do que afirma Jorge Fernandes Alves que, fundado nos dados constantes dos registos de passaportes encontra dificuldades para sistematizar as informações referentes às “ocupações” ou profissões dos emigrantes<sup>48</sup> e aceitando o ponto de vista de Miguel Monteiro que de algum modo se refere à ambiguidade dos conceitos de profissão/ocupação quando se trata de sociedades camponesas<sup>49</sup>, é reconhecida também a dificuldade de estabelecer critérios fortemente objectivos para a caracterização socioprofissional dos emigrantes.

Acresce que muitas vezes falta a própria referência à ocupação, o que acontece, e aí é compreensível quando se trata de menores de 14 anos, quando se trata de acompanhantes e, quase sempre, quando se trata de mulheres.

A análise do quadro 6 e do gráfico 4 revela que aqueles de quem se não refere a profissão porque são menores de 14 anos ou por ser desconhecida, acrescentando-lhes o número das mulheres referidas com o estatuto de “doméstica”, constituem uma percentagem assaz significativa de 45% do total.

---

47 ALVES, 1994: 188-189.

48 ALVES, 1994: 184-185.

49 MONTEIRO, 2000: 208.

A breve caracterização do território do Concelho de Sernancelhe inicialmente feita revelava uma sociedade de características eminentemente agro-pastoris a que se acrescentava a complementaridade do saber-fazer artesanal e ainda, com modéstia, alguma actividade de miúdo comércio.

Ora este olhar é de todo coincidente com os dados que são fornecidos pelo Censo da População realizado em Dezembro de 1900 que, ao fazer menção das “grandes divisões profissionais” refere que dentre as “pessoas exercendo uma profissão” os “trabalhadores agrícolas” constituem um numeroso grupo de 8.032 pessoas, ou seja, 75% da população na altura residente, os trabalhadores na “indústria”, num total de 1.494, definem uma percentagem de 14%, o pessoal do “comércio”, num total de 697, constitui a percentagem de 6%<sup>50</sup>.

Em 1930 a situação havia-se já alterado e o Censo da População de Portugal no seu Relatório refere um total de 4.059 residentes entregues a “trabalhos agrícolas”, uma percentagem de apenas 52%<sup>51</sup>.

No tocante à classificação das actividades por sectores utilizar-se-á a clássica partição de que Jorge Alves e Miguel Monteiro fazem uso nas obras atrás citadas, com as devidas ressalvas que Jorge Alves faz ao referir-se à difícil correlação entre “profissão” e “ocupação” e ao risco de anacronismo que pode acontecer no agrupar de actividades<sup>52</sup>.

O Quadro n.º 6 e o Gráfico n.º 4 que a seguir se inscrevem permitem identificar qualitativa e quantitativamente os quadros socioprofissionais dos emigrantes.

No que diz respeito ao sector primário e atendendo ao registo das profissões declaradas nos Termos de Abonação de Identidade dos emigrantes cuja relação consta do Anexo n.º 1 verifica-se que a maior percentagem se refere a ocupações ligadas à terra, embora as expressões empregues não permitam identificar a natureza do vínculo à mesma.

Surgem aqui sete categorias, algumas das quais poderiam reunir-se numa mesma designação. É o caso de agricultor, lavrador e proprietário que traduzirão a posse plena da terra que cultivam por suas mãos e com a ajuda de assalariados, ainda que o estatuto de proprietário, de acordo com uma leitura ainda hoje vigente na região, se possa associar, sob o ponto de vista quantitativo, à posse de áreas mais extensas de cultivo a que poderá associar rendeiros.

---

50 *Censo da População do Reino de Portugal, 1906*: 154.

51 *Censo da População de Portugal, 1934*: 678.

52 ALVES, 1994: 198.

Os trabalhadores, jornaleiros, operários agrícolas (expressão que remete para um conceito moderno de proletarização), seareiro (expressão utilizada uma única vez talvez por alguém que tenha migrado para o Alentejo como ratinho), compõem um grupo a que não pode associar-se verdadeiramente à posse de terras próprias, embora possam cultivar pequenas parcelas de propriedade plena ou arrendadas, que oferece, mediante salário ou outra qualquer retribuição, o trabalho dos seus braços, particularmente nas épocas de maior trabalho, como seja na altura das cavas, sementeiras, ceifa e malha de cereais e recolha de frutos.

O jardineiro a que se faz referência deverá ser integrado neste sector.

O sector secundário tem diminuta expressão. Os ofícios são todos do domínio do “artesanato”, podendo talvez excluir-se desse padrão os ofícios de electricista e de serralheiro.

Incluir-se-ão aqui os alfaiates, caiadores, os caldeireiros, os carpinteiros, os ferradores e ferreiros, os funileiros, marceneiros, modistas, moleiros, pa-deiros, pedreiros, sapateiros, tamanqueiros.

Muitos deles exercerão o seu ofício em complementaridade com a actividade agrícola, ou apenas em certas épocas do ano, como os tamanqueiros que trabalharão no ofício apenas no inverno.

O sector terciário inclui profissões ligadas, no nosso caso, ao comércio, aos transportes, às artes.

São exemplos, o caixeiro, alguém que pode ter tido um tirocínio no Porto ou Lisboa, o comerciante, que teria sido detentor de pequeno negócio, o empregado comercial, que exerceria essas funções por conta de outrem e poderia ser assimilado ao caixeiro, o negociante cujo estatuto permanece com alguma ambiguidade porque tanto pode expressar o vulgar comerciante como um agente de outro tipo de negócios, fossem eles comprar e vender lãs ou produtos da terra, e o motorista que parte já em 1929 quando o automóvel era ainda ali recente e raro. O pintor, assim designado, poderia corresponder ao exercício de uma actividade específica, de matriz popular. Temos pelo menos um exemplo em Sernancelhe que é o de Carlos Massa e também o de seu irmão Pedro, o primeiro ligado à pintura de tabuinhas de ex-votos ou milagres, o segundo à pintura de altares e tectos de igreja, ambos sem preparação académica<sup>53</sup>.

---

53 CORREIA, 1976: 151-162.

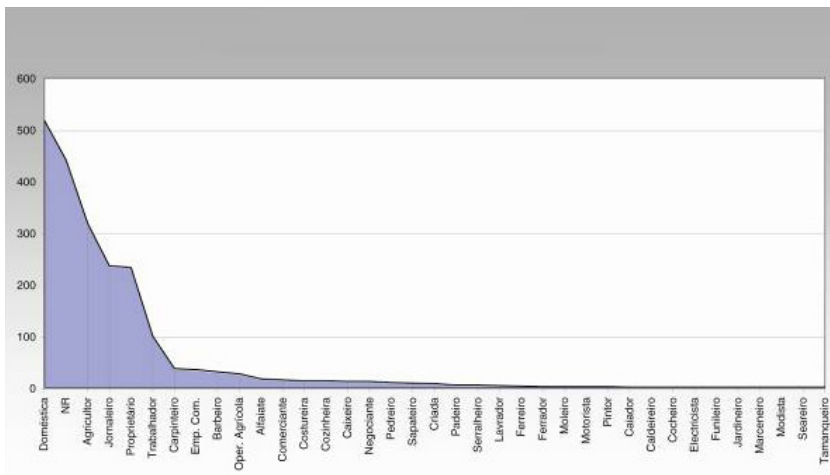
Quase todas as profissões indicadas se referem a homens. As mulheres, às vezes designadas como “proprietárias” desempenham ainda funções de cozinheira, costureira, modista, actividades exercidas no interior do lar onde cumprem as clássicas funções domésticas de donas de casa. Ou então são criadas. Ou simplesmente domésticas, designação que nem sempre aparece nos Termos de Abonação de Identidade, mas pode aparecer na documentação junta, expressamente referida ou indirectamente traduzida através de expressões como “vive de sua agência”.

O Quadro n.º 6 traduz ainda a distribuição dos emigrantes pelos lugares de destino, os cinco destinos que são também os únicos referidos nas cartas de chamada.

Voltar-se-á a referir este assunto ao tratar em lugar próprio do destino particular dos emigrantes.

A indicação da profissão exercida no quadro das condições já referidas não é sinal de que venha a ser exercida no lugar de destino embora isso venha a acontecer com as pessoas mais velhas que teriam muita dificuldade em alterar os antigos modos de fazer. E isto que será válido tendo por base um critério de idade, será válido também para certas profissões que, exigindo determinados níveis de especialização, como a de alfaiate, barbeiro ou carpinteiro, ali terão fácil acolhimento.

GRÁFICO N.º 4  
Distribuição quantitativa dos emigrantes pelas diversas profissões



QUADRO N.º 6

Profissão dos emigrantes por destino migratório

Profissão	Destino					Total
	Manaus	Pará	R. Janeiro	S. Paulo	Santos	
Agricultor	9		152	118	39	318
Alfaiate		1	15	1		17
Barbeiro	10		10	9	2	31
Caiador			1			1
Caixeiro		1	9	2		12
Caldeireiro	1					1
Carpinteiro	2		19	10	6	37
Cocheiro					1	1
Comerciante		1	12	2		15
Costureira			4	7	2	13
Cozinheira			3	7	3	13
Criada	4	1	2	1		8
Doméstica	69	2	226	151	70	518
Electricista			1			1
Emp. Com.	5	1	18	9	2	35
Ferrador	1		1			2
Ferreiro			3			3
Funileiro			1			1
Jardineiro			1			1
Jornaleiro	43	3	113	47	30	236
Lavrador			3	1		4
Marceneiro			1			1
Modista				1		1
Moleiro				2		2
Motorista			1	1		2
Negociante	3	1	8			12
Oper. Agrícola			9	11	7	27
Padeiro			3	2		5
Pedreiro	1		6	2	1	10
Pintor		1	1			2
Proprietário	29	5	122	53	24	233
Sapateiro			3	5	1	9
Seareiro		1				1
Serralheiro			4	1		5
Tamanqueiro				1		1
Trabalhador	10	3	58	18	11	100
NR	65	5	185	145	41	441
Total	252	26	995	607	240	2120

## 2. 5. A Alfabetização dos emigrantes

O *Censo da População do Reino de Portugal* no 1.º de Dezembro de 1900 referia para o Concelho de Sernancelhe uma população residente de 10.665 habitantes.

Destes sabiam ler 947 homens (9%) e 335 mulheres (3%) e eram analfabetos 4.128 homens (39%) e 5.255 mulheres (49%).

A mesma fonte referia nesta data a existência de 21 escolas no Concelho, 20 oficiais, sendo 16 para o sexo masculino, 2 para o sexo feminino e 2 mistas, no total frequentadas por 519 alunos, 232 do sexo feminino e 287 do sexo masculino, numa média por escola de 25,4 e numa média de 50,2 por 1.000 habitantes.

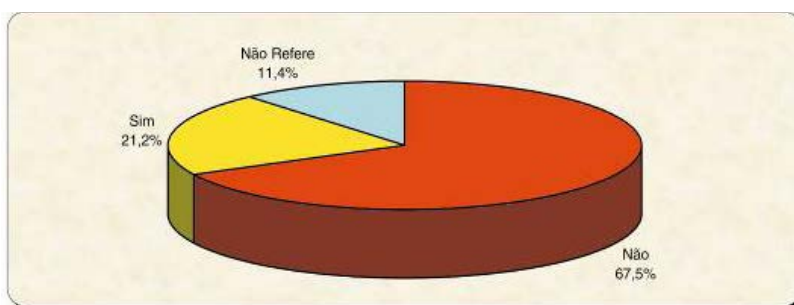
A escola particular acrescentava a estes mais 16 alunos do sexo masculino<sup>54</sup>.

O *Censo da População de Portugal* de 1930 mostrava percentagens relativamente diferentes.

Numa população residente de 9.521 habitantes sabiam ler 1.426 homens (15%) e 1.077 mulheres (11%) e eram analfabetos 3.014 homens (32%) e 4.005 mulheres (42%).

De acordo com a mesma fonte havia à data da realização do Censo 11 professores exercendo por conta do Estado ou do município, 9 homens e 11 mulheres, mais um exercendo por conta própria, 1 por conta de empresa ou particular e 15 definidos como membros da família auxiliando os respectivos chefes<sup>55</sup>.

GRÁFICO N.º 5  
Alfabetização dos emigrantes



L/E	Ler e Escrever	Emigrantes
N	Não	1430
S	Sim	449
NR	Não Refere	241

<sup>54</sup> *Censo da População do Reino de Portugal*, 1906: 308.

<sup>55</sup> *Censo da População de Portugal*, 1934: 297.

QUADRO N.º 7  
Alfabetização dos emigrantes

Contar de Nome	L/E		Sx		Não Refere		Total
	Sim		Não		F	M	
Freguesia	F	M	F	M	F	M	
Arnas		4 10	23 31		1 7		76
Carregal		5 13	54 70		10 18		170
Chosendo		4 6	9 22		1 2		44
Cunha		9 19	34 26		3 2		93
Escurquela		5 5	16 13		5 6		50
Faia		9 12	29 23		2 6		81
Ferreirim		19 31	58 38		4 11		161
Fonte Arcada		8 19	48 55		6 15		151
Freixinho		11 29	77 67		11 24		219
Granjal		9 24	94 81		9 6		223
Lamosa		2 29	28 21		4 7		91
Macieira		3 13	13 44		3 8		84
Penso		5 23	55 58		11 6		158
Quintela		4 13	18 32		2 3		72
Sarzedá		3 10	29 31		2 2		77
Seixo			3 5		1		9
Sernancelhe		18 52	64 68		8 19		229
Vila da Ponte		9 14	48 45		5 11		132
Total		127 322	700 730		88 153		2120

O critério utilizado para determinar o grupo dos alfabetizados e o grupo daqueles que o não eram assentou unicamente nos dados recolhidos junto dos Termos de Abonação de Identidade onde se afirmava que o próprio sabia escrever ou que outros assinavam, por ele, a rogo.

Fica de fora um enorme grupo de 241 pessoas onde se incluem no geral os menores de 8 anos, isto apesar de os Censos indicarem algumas vezes que crianças com 6 anos já são alfabetizadas e ficam de fora os acompanhantes uma vez que não inscrevem, quando isso poderia acontecer, a sua assinatura nos Termos de Abonação de Identidade.

Reconhece-se que no grupo dos alfabetizados se incluem aqueles que apenas aprenderam a desenhar o seu nome, normalmente os mais velhos.

Henrique Rodrigues no seu importante trabalho sobre emigração e alfabetização situa este grupo nos “alfabetizados” de Tipo 3, isto é, que são capazes de “assinatura cacográfica reveladora de dificuldades ao desenhar o próprio nome (semi-analfabetos)”<sup>56</sup>.

<sup>56</sup> RODRIGUES, 1995: 106.



O Quadro que se traçou não reflecte uma distinção particular entre os níveis de alfabetização dos que partiram e dos que permaneceram. Reflecte-se antes, aqui, o peso de uma economia de base agrária onde teve origem o leque dos emigrantes que não encontrou contraponto na existência de grupos mais vastos ligados ao comércio ou às profissões liberais, essas sim, necessariamente apetrechadas com conhecimentos mínimos de escrita e de leitura.

Um curioso facto para o qual não se encontra explicação é o facto de se registar no grupo dos não alfabetizados uma percentagem maior de homens que de mulheres.

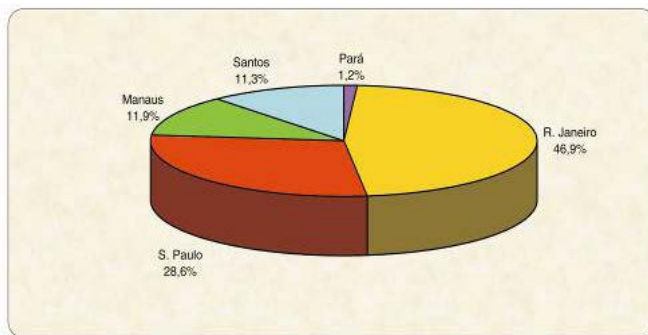
### 2.6. O destino particular dos emigrantes

Conhece-se o destino particular dos emigrantes a partir da informação que eles fizeram inscrever nos Termos de Abonação de Identidade com que requeriam o passaporte.

A escolha do destino teria como principal explicação as redes de solidariedade que se iam estabelecendo e alargando.

Familiares e amigos convocavam e seduziam outros a que se respondia do lado de cá, muitas vezes em grupo, pois que algumas vezes vemos que, na mesma data, diversas pessoas solicitam passaporte para idêntico destino.

GRÁFICO N.º 6  
Distribuição dos emigrantes por lugar de destino



Destino	Emigrantes
Pará	26
R. Janeiro	995
S. Paulo	607
Manaus	252
Santos	240

QUADRO N.º 8

Distribuição dos emigrantes por freguesia de origem e lugar de destino

Freguesia	Destino					Total
	Manaus	Pará	R. Janeiro	S. Paulo	Santos	
Arnas			19	28	29	76
Carregal	24		105	37	4	170
Chosendo	1	5	24	7	7	44
Cunha	2	1	15	46	29	93
Escurquela	7	6	31	6		50
Faia	34	1	39		7	81
Ferreirim	27		96	28	10	161
Fonte Arcada	16	3	72	54	6	151
Freixinho	106		50	60	3	219
Granjal	6		49	126	42	223
Lamosa	1		60	25	5	91
Macieira		5	74	3	2	84
Penso	7		50	77	24	158
Quintela	3		47	14	8	72
Sarzeda	2		42	24	9	77
Seixo			3	4	2	9
Sernancelhe	10	2	129	50	38	229
Vila da Ponte	6	3	90	18	15	132
<b>Total</b>	<b>252</b>	<b>26</b>	<b>995</b>	<b>607</b>	<b>240</b>	<b>2120</b>

Quadro e o Gráfico conexo revelam que os emigrantes cujo processo de pedido de passaporte se conhece escolheram um dos 5 referidos destinos, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Manaus e Pará.

O registo dos emigrantes feito pelas estatísticas oficiais mantém estes mesmos destinos, o que prova uma insistente e interessante fixação nos mesmos ao longo de 30 anos.

Dois deles oferecem acolhimento a mais de três quartos dos emigrantes, o Rio de Janeiro absorvendo 47% e S. Paulo 29%. Manaus e Santos mantêm uma percentagem próxima, respectivamente 12% e 11% enquanto o Pará se fica com a modesta percentagem de 1%.

Não espanta que o Rio de Janeiro e S. Paulo, cidades a ganhar foros de metrópole já nos finais do séc. XIX, se tenham constituído como privilegiado destino dos emigrantes do Concelho de Sernancelhe como o haviam sido para a emigração portuguesa em geral.

Boris Fausto refere que em 1920, em S. Paulo, 11% da população era portuguesa, percentagem que no Rio de Janeiro subia a 15 % nessa mesma data.

Refere também que muitos destes portugueses se terão ocupado com a lavoura do café e a agricultura em geral, e isto terá acontecido também com muitos dos homens do campo idos de Sernancelhe, mas salienta que “eles ficaram mais conhecidos por seu papel no pequeno e grande comércio, assim como na indústria, sobretudo no Rio de Janeiro”<sup>57</sup>.

Manaus e Santos ocupam também lugar destacado na procura talvez por ~~que se tenham tornado pólos de ligação com um poderoso hinterland que, no caso de Santos se estabelece em relação a S. Paulo, com a fortíssima lavoura do café que, no entanto, proporciona o desenvolvimento de outras actividades. No caso de Manaus, também por ser cidade portuária e mercantil, entreposto de importância no que toca à exploração da borracha que encontrou um particular desenvolvimento durante a primeira década do século e depois se apagou face à concorrência que no Oriente se lhe moveu, episódio que já não fez regredir um determinado tipo de ocupações que aí se desenvolvera.~~

O Pará que nos finais do séc. XIX atraía muita gente, perde posteriormente a importância a favor de outros pólos, entre os quais os mencionados.

O Quadro junto permite ver com clareza como determinadas freguesias se tornam fornecedoras de emigrantes com determinados destinos muito precisos como é o caso paradigmático de Freixinho que envia 106 emigrantes para Manaus, para onde parte também um significativo número de emigrantes do Carregal, Faia e Ferreirim, provavelmente obedecendo àquela influência, dada a proximidade dos territórios de origem.

---

57 FAUSTO, 1994: 280.



## **PARTE II Cartas de Chamada: A Dimensão Familiar da Emigração**

---

### **1. CARTAS DE CHAMADA - UMA TEORIA DE COMUNICAÇÃO**

#### **1.1. Cartas de chamada - a singularidade de uma fonte**

Uma expressiva síntese colhida no *Diccionario de Fuentes para la historia de la familia*, abaixo referido, acerca da natureza das “cartas privadas” e que se transcreve quase na íntegra, situa-se no âmago da questão aqui tratada.

Cita-se:

“Las cartas privadas son una de las fuentes cualitativas más importantes en los estudios sobre historia de la familia. Ellas nos permiten recrear la compleja trama de las motivaciones personales, nos informan sobre los impulsos que determinan la conducta, nos explican las antipatías y simpatías que desencadenan las personas y sus acciones (...) y nos enseñan los sentimientos y pasiones de los sujetos. Estamos en presencia, por lo tanto, de una fuente que nos permite indagar, de manera rigurosa, en los universos mentales de las sociedades pasadas”<sup>58</sup>.

Sustenta-se idêntico testemunho para as cartas de chamada que, na sua génese, se oferecem como simples cartas particulares destinadas a cumprir um determinado objectivo – reunir a família ou sua parte em território de emigração. E assim se propõe, em primeiro lugar, determinar a estrutura interna da carta antes de vê-la presa do complexo de documentos necessários para partir. E aí é proposto ainda analisar o próprio acto de escrita, a teia de relações onde a família se desenha através de laços de sangue, o significado do compadrio e da vizinhança e a interacção que se desenvolve entre os membros de uma

---

58 SALINAS MEZA, GOICOVIC DONOSO, 2000: 53-56.

comunidade onde a solidariedade e o conflito determinam, com a religião, um modo de ser e estar na vida, uma cultura.

Em segundo lugar as cartas de chamada são aqui olhadas como um comentário prévio sobre a viagem uma vez tomada a decisão de fazê-la.

Nelas se conta essa roda-viva atrás dos “papéis”, metáfora do vasto leque de documentos que se traduzirão numa licença de partida que supõe ajustados meios financeiros. Conselhos sobre a mala de viagem, a travessia e o desembarque onde os braços abertos de pais e maridos recebem filhos ou mulheres constituem-se como sólido corolário desta lição sobre a dimensão familiar da emigração num território dado.

A importância da carta de chamada enquanto instrumento unificador de uma família é sublinhada de forma exemplar nos textos de Jorge Fernandes Alves.

As cartas de ordem por ele referidas que, depois do visto consular se constituíam como base legal do chamamento de um cônjuge, serviam também para convocar filhos menores que se reuniam a seu pai ou a demais parentes no Brasil<sup>59</sup>.

Provavelmente derivou desta característica de apelo o designativo das cartas que se vulgarizaram como “cartas de chamada”, expressão que ganhou foros de linguagem corrente até ganhar a figura institucionalizada que veio a tomar com o Decreto n.º 7.427, de 30 de Março de 1921, que estabelece também um diferente normativo de chamada, de imediato transferido para o formato do papel pronto a preencher – o impresso que os Consulados forneciam.

Da importância da correspondência privada dos emigrantes, que não propriamente das cartas de chamada, as quais são sempre cartas privadas, dera-se conta Paulo Monteiro o qual, seduzido pela leitura de um maço de velhas cartas trocadas entre emigrantes idos para a América e os familiares que ficaram, nelas vai encontrar, como diz, “a primeira e riquíssima imagem que tive do processo de emigração e abandono que os lugares daquela serra [a Lousã] conheceram”<sup>60</sup>.

Fernanda Paula Sousa Maia salienta também a importância das cartas de chamada enquanto suporte de uma estratégia de emigração para o Brasil ancorada numa “teia de solidariedades”, como afirma e reconhece o pragmatismo das mesmas enquanto fornecedoras de conselhos vários e das orientações muito concretas particularmente respeitantes à viagem<sup>61</sup>.

---

59 ALVES, 1994: 180-183.

60 MONTEIRO, 1985: 9.

61 MAIA, 2000: 185-191.

O conjunto das noventa cartas de chamada que aleatoriamente se foram encontrando como documentação apensa aos processos de pedido de passaporte que se constituíram como base primeira de análise enquadraram-se no período cronológico antes definido – 1901-1930. No entanto a sua distribuição epocal neste mais largo espaço vai apenas de 1901 a 1920 uma vez que o diploma governamental atrás citado estabeleceu a obrigatoriedade do preenchimento burocrático de um instrumento impresso, ainda que designado “carta de chamada”, que de vez substituía a carta familiar tantas vezes encomendada a um escrevente.

O número assaz singular que reunira, a natureza da informação nelas contida e cedo entrevista, permitiam ajuizar da importância desta fonte como elemento caracterizador não só dos grupos familiares a que respeitavam, como dos registos do viver paroquial que comentavam, para além da corrente informação trazida acerca do pragmatismo do percurso migratório.

O Quadro seguinte traz apenas a expedita informação da distribuição das cartas de chamada encontradas nos processos de pedido de passaporte referindo o ano e o número de cartas a ele concernente.

QUADRO N.º 9

Cartas de chamada – Distribuição de acordo com os anos

Ano	Número	Ano	Número
1901	2	1911	9
1902	0	1912	3
1903	2	1913	12
1904	5	1914	9
1905	4	1915	15
1906	0	1916	9
1907	1	1917	4
1908	2	1918	1
1909	0	1919	1
1910	2	1920	9

Não parece poder estabelecer-se qualquer proporcionalidade entre o número de cartas existente e a quantidade dos processos de pedido de passaporte que foram objecto do levantamento no Arquivo Distrital de Viseu a qual apenas seria válida para o ano de 1915 que regista o maior número dos processos referidos e o maior número também de cartas recebidas. Não fica provado, no entanto, no âmbito desta incompleta investigação, que não possa estabelecer-

-se uma possível relação entre o número de cartas recebidas e os passaportes pedidos, desde que o registo de uma emigração de mulheres, crianças ou de grupos familiares, permita aferir essa possível relação.

Em Anexo apresenta-se o Índice das noventa cartas de chamada de acordo com sua data, origem, emissor, destinatário/grau de parentesco, a que se acrescenta a data do pedido de passaporte (Anexo n.º 2).

Apresentam-se também os Sumários de todas as Cartas (Anexo n.º 3) e uma Antologia que transcreve com ortografia actualizada o texto de dez cartas (Anexo n.º 4).

As Estampas 1, 2, 3, 4 e 4 a) constantes do Anexo n.º 5 constituem-se como registo fotográfico de algumas cartas de chamada.

## **1.2. Da carta privada ao documento oficial**

A carta de chamada antes de poder ser reconhecida como tal, isto é, como documento oficial capaz de produzir determinado efeito, é uma carta privada e, como tal, um instrumento de comunicação entre um emissor e seu destinatário.

Acontece, no entanto, que esta carta ganha, de princípio, alguma singularidade porque o emissor da mesma será sempre um marido ausente em território de emigração que a dirige, enquanto tal, a sua mulher ou um pai ou mãe de família que a endereçou a determinada pessoa de família, pai, irmão, compadre ou amigo a quem tenham deixado o cuidado dos filhos menores.

Num caso e noutra destinar-se-á sempre, como intenção, a convocar os verdadeiros destinatários para se lhe reunirem.

Pode afirmar-se que as cartas, neste período em análise, se constituem como privilegiado instrumento de comunicação, não só entre o grupo familiar dividido, como entre os membros de uma comunidade de origem e os que se possam considerar como tal no território de destino, alargando-se por vezes o círculo de informação a aldeias de uma vizinhança larga. É que toda a informação veiculada que não mantivesse um estrito carácter de intimidade tornava-se apropriação da comunidade, nisso havendo, muitas vezes, franca vantagem para todos.

O conhecimento de que alguém embarcaria em breve significava a possibilidade de uma companhia para mulher ou filho que também preparassem a viagem. E com frequência isso acontecia como se pode ver nos seguintes exemplos.



Manuel de Lemos dirigindo-se simultaneamente à mãe e sogra diz assim:

Mandei-lhe dizer que se tivesse portador para me mandar os meus três filhos, António, o Vasco, o José. Agora consta-me que vem daí brevemente o Adelino do Granjal. Se vier mande-mos por ele<sup>62</sup>.

António Gomes do Amaral escreve assim à mulher:

Constou-me que vinha a Isabel de Freixinho e se ela vier manda [a filha Maria] com ela. E talvez venha o Senhor André. Quando daqui saiu disse que talvez viesse por todo o mês de Janeiro<sup>63</sup>.

Soube aqui que vem a mulher do Eduardo Rodrigues, da Cardia. Vê se podes vir com ela<sup>64</sup>.

Já cá soube que daí vem agora muita gente e se vier aproveita a ocasião em mandá-lo [ao filho]. (...) Diz-me quanto rendeu o lameiro pois aqui soube que o centeio estava a bom preço<sup>65</sup>.

António Lucas enfatiza em carta para a mulher este corropio de notícias:

Pois eu sei mais das novidades aqui do que tu aí<sup>66</sup>.

Com a notícia das viagens, do preço dos géneros, de situações de doença corriam notícias, às vezes, sobre a vida íntima das pessoas e às informações dadas em cartas acrescentavam-se as que se transmitiam boca a boca quando alguém regressava de viagem ou vinha de novo e se recebia em casa de parente ou amigo, de passagem.

É isto que se passa com António Paulino da Costa que faz uma terceira tentativa para chamar a mulher:

A mim disseram-me essas que vieram da terra que já tinhas os papéis prontos para vir e nunca vieste<sup>67</sup>.

Os encontros no lugar de trabalho, fábrica ou armazém, ou em raras folgas de domingo garantiam sociabilidades e propiciavam numa ampla troca de notícias que chegavam, é de crer, na sua maior parte por carta.

---

62 A referência ao texto citado da “carta de chamada” far-se-á em rodapé da seguinte maneira: – Indicação do documento [carta] com referência à origem e data, ao local de recolha – Arquivo Distrital de Viseu, (ADV), e à procedência do documento – Fundo do Governo Civil relativo a Passaportes (GC/P), indicação de Caixa e n.º do respectivo documento a que acrescenta a data de inserção no processo de pedido de passaporte. Carta de S. Paulo, de 8 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 103, de 21/08/1915.

63 Carta de Manaus, de 5 de Outubro de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1969, n.º 17, de 8/12/1915.

64 Carta de Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2483, n.º 15, de 09/02/1914.

65 Carta de 20 de Agosto de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1837, n.º 53, de 09/10/1920.

66 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

67 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2491, n.º 141, de 30/01/1917.

Todos os dias vão cartas para o Rio. Assim diz Águeda, uma das personagens que Aquilino desenha em “O Manto de Nossa Senhora”, quando Narciso, o marido, ainda duvida que a traição de Zefa, sua irmã, tenha chegado aos ouvidos do cunhado que vinha de regresso<sup>68</sup>.

As notícias ruins correm como galgas, diz Águeda.

Narciso responde: Ninguém gosta de ser correio de más notícias.

E neste caso tinha razão. Mais por pudor do que por desconhecimento ninguém no Rio contara a Alonso o mau passo da mulher<sup>69</sup>.



Não foi possível determinar, através deste conjunto de cartas, a periodicidade das mesmas que, aliás, se inscreveria num ritmo criado dentro da própria família. E só quando o mesmo se alterava é que surgiam queixas de atrasos que essas poderam ser detectadas.

José Lopes Caixa queixa-se da falta de notícias de seu pai:

Meu pai, tenho-lhe escrito uma porção de vezes e afinal é a mesma coisa que não escrever<sup>70</sup>.

Maria dos Prazeres queixa-se da mãe:

Minha mãe, eu vivo muito triste por não ter carta sua, porque já vai em quatro meses<sup>71</sup>.

Luís Alonso, o herói da ficção aquiliniana estranha também a ausência das cartas da mulher.

Já para quatro meses que não sabia dela<sup>72</sup>.

José Borges queixa-se da ausência de cartas da mulher que parece ter proibido a filha de escrever ao pai:

Carolina, não sei qual a razão que me não tens escrevido (sic) que já há seis meses que não recebo carta tua. (...) nunca tiveste a coragem de escrever ao teu marido (...) e até tirares a filha de me escrever<sup>73</sup>.

---

68 RIBEIRO, 1963: 274.

69 RIBEIRO, 1963: 274.

70 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, Caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

71 Carta de Manaus, de 5 de Outubro de 1907 – ADV, GC/P, Caixa 2016, n.º 91, de 05/12/1907.

72 RIBEIRO, [1983?]: 180.

73 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2441, n.º 05, de 28/11/1916.

António Paulino da Costa censura deste modo a mulher:

Também tens medo de gastar as estampilhas pois só me mandas bilhetes dentro das cartas dos vizinhos<sup>74</sup>.

Mais vezes se queixavam as mulheres da falta de notícias do marido, situação de que eles procuravam dar plausível explicação.

José da Mota Aparício respondia deste modo à mulher que não se mostrava satisfeita por não ter recebido algumas cartas:

Pois eu tenho-te escrito sempre e se tu não recebes as cartas a culpa não é minha<sup>75</sup>.

Situações de extravio eram decerto comuns como prova também uma carta que António Agosto da Silva escreve a seu irmão Albano estranhando que não haja resposta às cartas que ele escreve para ele, para o irmão Manuel e para o pai.

Suspeitando de algo incorrecto envia novo endereço para eles:

Mas eu quero mudar de endereço. De hoje em diante mande carta conforme este endereço (...) é o negócio onde estamos fazendo compra (...) Quem sabe se não extravía carta<sup>76</sup>.

Mas outras razões se alegam como justificada desculpa:

Desculpa em te não ter escrito há mais tempo porque não tenho tido vagar porque estou empregado num armazém onde passo muito trabalho. Entro e saio de noite e por isso não tenho vagar de escrever<sup>77</sup>.

Minha saudosa mulher, tenho-te a participar que estou de posse de duas cartas tuas. Não tenho escrito há mais tempo porque não tenho tido lugar, que o serviço tem sido muito e ao mesmo tempo sabes que eu não sei escrever tenho que pedir aos outros<sup>78</sup>.

Outros a quem a sorte menos tocou não escrevem, envergonhados, porque não puderam reunir dinheiro para enviar para a família.

Pois eu para te escrever e não te mandar dinheiro é o que me faz demorar mais pois que as coisas aqui estão muito ruins<sup>79</sup>.

74 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2491, n.º 141, de 30/01/1917.

75 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Maio de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1798, n.º 216, de 13/07/1911.

76 Carta de Barra Bonita, de 20 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2435, n.º 121, de 19/03/1914.

77 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 15, de 07/08/1915.

78 Carta de S. Paulo, de 26 de Março de 1917 – ADV, GC/P, Caixa 2523, n.º 86, de 18/08/1917.

79 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Janeiro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2535, n.º 20, de 17/03/1916.

Um tal Manuel não escreve também a sua mulher que disso se terá queixado numa carta de sua irmã para seu cunhado que assim lhe explica:

Trindade, enquanto ao Manuel não vos escrever, não leveis a mal. Há um ano que ele anda sem trabalho (...) ele nem tem coraige (sic) de vos escrever mais porque ele vos queria mandar alguma coisa e não tem podido<sup>80</sup>.

As cartas são geralmente escritas em papel de carta adquirido no mercado. Há no entanto quem aproveite um qualquer papel de ocasião e quem utilize o papel timbrado da oficina ou do armazém em que trabalha. Mais singular o caso de Manuel Bernardo que utiliza uma folha com o timbre do “Gabinete do Ministro da Viação e Obras Públicas” em Maio de 1916.

A extensão das mesmas decorre do modo de ser do seu autor, da natureza do destinatário, dos assuntos a tratar na ocasião e até da disponibilidade do momento.

As cartas dirigidas pelos maridos a suas mulheres apresentam-se relativamente longas, havendo excepções às vezes justificadas com o facto da falta de tempo.

As cartas dirigidas a irmãos, compadres ou apenas pessoas de relação, sem grau de parentesco, são por natureza curtas, mais não se pedindo muitas vezes que o envio de um filho que será entregue a pessoa de confiança.

### **1.2.1. A estrutura das cartas de chamada**

Pode afirmar-se, sem erro, que as cartas de chamada possuem uma estrutura interna, que obedecem a um formulário que, na origem, terá sido recuperado da correspondência erudita por escreventes arregimentados entrando facilmente no uso comum adaptado ao modo de dizer popular.

Distinguir-se-ão assim, neste formulário, elementos permanentes como sejam a invocação, a abertura, o conteúdo e o formulário de saudação e elementos transitórios como o clássico post-scriptum enunciado como N.B. ou simplesmente aposto ao seguimento do formulário de saudação. Surgem ainda, raras vezes, discretas notas à margem do texto.

#### 1.2.1.1. Invocação

Designa-se invocação o nome ou expressão que nomeia o destinatário da carta a que se associam ou não designativos de respeito, familiaridade ou ternura conforme à específica relação existente.

---

<sup>80</sup> Carta de S. Paulo, de 5 de Setembro de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 2402, n.º 140, de 15/10/1915.

O distante e respeitoso tratamento de senhor/senhora, como em “Sr. David”, “Senhora Maria Angélica”, surge quando a carta se endereça a alguém com o qual se não mantém habitual relação. Compreende-se a associação de amigo nas expressões amigo e senhor cunhado, compadre e amigo, quando ao distanciamento respeitoso se associa uma certa relação de parentesco.

Os irmãos utilizam entre eles expressões de carinho como em meu bom irmão / minha boa irmã embora às vezes se enunciem simplesmente como neste caso em que uma carta é também dirigida a uma sobrinha – sobrinha e irmão.

Expressões de maior afectividade vêm das cartas escritas aos filhos – minhas queridas filhas, das cartas escritas por filhos a seus pais – meu querido pai do coração ou das cartas escritas pelos maridos a suas mulheres. Neste caso a expressão recorrente é – minha querida esposa embora sejam comuns outras como – prezada mulher / minha querida e prezada mulher / querida mulher do coração ou simplesmente a enunciação do nome – Maria / Carolina – sem que isso signifique menos carinho.

#### 1.2.1.2. Pórtico ou abertura

É constituído, no geral, por um longo parágrafo em que se formulam votos de saúde respeitando em primeiro lugar ao destinatário, sobretudo quando este é a esposa ou parente chegado, nomeando depois outros parentes a quem se estendem os votos. Simultaneamente o autor da carta refere-se ao seu estado de saúde invocando frequentes vezes o nome de Deus como agente do seu bem-estar.

Não existe matriz única na redacção deste pequeno texto, todavia a mensagem que o mesmo expressa apresenta sempre o sentido atrás exposto como pode ver-se nos três exemplos colhidos:

Muito estimo que estas duas linhas te vão encontrar de perfeita saúde, a ti e aos meus queridos filhos que a minha é boa, graças a Deus<sup>81</sup>.

Com muito gosto e prazer lanço mão à pena somente para saber da tua importante e feliz saúde, igualmente a de nossos queridos filhinhos, que a minha, na hora presente é boa, graças a Deus<sup>82</sup>.

Mesmo agora acabo de receber a tua estimada carta, o qual estimo a continuação da tua saúde e filhos e mais família. Eu estou bom felizmente<sup>83</sup>.

81 Carta de S. Paulo, de 15 de Dezembro de 1910 – ADV, GC/P, Caixa 2017, n.º 125, de 11/03/1911.

82 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1979, n.º 85, de 02/12/1911.

83 Carta do Rio de Janeiro, de 17 de Setembro de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 2412, n.º 141, de 19/10/1915.

### 1.2.1.3. Conteúdo

O tema fundamental das cartas de chamada é o apelo feito para que um ou mais membros da família se vão reunir ao destinatário. E quando a carta é dirigida a pessoa estranha, à família ou até a compadre ou cunhado de menos íntima relação, o conteúdo da carta fica-se por aí, ou pouco se acrescenta com alguma informação respeitante ao modo de pagamento dos custos da viagem.

As cartas dirigidas pelos maridos a suas mulheres com a finalidade de as chamarem para junto de si, sozinhas ou com seus filhos, justificam ou explicam demoradamente tal apelo e prestam no geral vasta informação acerca da obtenção dos meios financeiros para a viagem para cuja preparação e posterior decurso dão minuciosos esclarecimentos.

As cartas abordam também relações afectivas, gestão de vida doméstica em território de origem e destino, dão preciosa informação acerca dessa inter-acção entre o viver individual e familiar e a comunidade como se verá mais tarde.

### 1.2.1.4. Formulário de saudação

O formulário de saudação ou de despedida constitui elemento integrante da carta e nunca foi esquecido ao longo das noventa cartas em análise.

Ocupa a parte final da carta para a qual se transita através de locuções sem grande variação sendo mais frequentes estas que supõem a leitura cansativa de um texto extenso – E com isto não te enfado mais... – ou que registam o término de quanto se desejava comunicar – E com isto nada mais...

Tal formulário, se no essencial revela o peso de um sentimento de ausência e se constitui, como tal, como manifestação de saudade, reflecte também, de uma forma poderosa, a rede de afectos que prende os membros da família, as relações de vizinhança e os laços de solidariedade que unem a comunidade.

É aqui que se nomeia a pessoa ou pessoas através do nome ou apelido, do designativo de parentesco ou do simples pronome pessoal referenciador para quem se particulariza a palavra ou expressão que traduza a maior ou menor proximidade no quadro dos afectos.

É nas cartas que os maridos dirigem às mulheres, afinal a maior parte são-lhes dirigidas, que mais nomeações se fazem, o que se torna facilmente compreensível porque elas são as naturais mediadoras entre seus maridos e os outros, quaisquer que sejam.

Entre os nomeados estão, normalmente em primeiro lugar os pais de um e de outro, quando ainda são vivos, vindo depois os padrinhos, os tios, sobrinhos, primos. Os compadres, quer sejam os padrinhos dos filhos, quer sejam os sogros

de um filho, são lembrados também com muita frequência. Mas acontece serem referidas ainda determinadas pessoas estranhas à família o que é suposto dever-se a fortes relações de amizade que podem ter explicação diferente.

Nestes casos as palavras de afecto mais vezes repetidas são “lembranças”, “recomendações” ou “visitas” incluídas em expressões como “dá lembranças a...”, “faz recomendações a...”, “faz visitas a ...”.

Às vezes a saudação assume uma fórmula generalizante como esta – “faz lembranças a toda a nossa família”, que, neste caso, seria dirigida ao conjunto de pessoas a quem seria obrigatório nomear se o fizesse individualmente.

De notar ainda esta curiosa expressão – “e a quem por mim perguntar” – a qual testemunha a singularidade do viver no seio de pequenas comunidades onde todos se conhecem e onde se aproveitam os habituais lugares de encontro, a rua, a praça, a fonte, o lavadouro, a feira, a romaria, a missa de domingo para indagar junto de familiar da saúde ou da sorte do conterrâneo, do amigo, do conhecido.

Os filhos, referidos muitas vezes como “os nossos filhos”, “os nossos queridos filhos”, “os pequenos” são referidos depois de se fazer menção de todos os outros nomeados e eles merecem extremosas manifestações de carinho traduzidas por “beijos” e “abraços” como esta que se transcreve a título de exemplo: um apertado abraço e um beijo aos nossos queridos filhinhos. Que Deus os abençoe <sup>84</sup>.

A mulher ou esposa, como muitas vezes é chamada, é no geral convocada no formulário de saudação através do pronome pessoal “tu” e é ela a última pessoa a ser nomeada, sempre com particulares mostras de carinho como testemunham os exemplos que abaixo se transcrevem:

- Sou este teu homem que te abraça.
- Aceita saudades deste que é teu marido.
- E tu aceita um saudoso abraço deste teu marido que a vida te deseja por muitos anos.

Mas são ainda mais aconchegantes as palavras de carinho de alguns maridos, como estas que a seguir se transcrevem:

- e deste teu nunca esquecido marido aceita também muitas saudades e um estremecido abraço do íntimo do coração <sup>85</sup>.

84 Carta de Niterói, de 10-10-1911 – ADV, GC/P, Caixa 1978, n.º 85, de 02/12/1911.

85 Carta de S. Paulo, de 2-9-1904 – ADV, GC/P, Caixa 2062, n.º 59, de 018/10/1904.

– e tu, minha querida esposa, recebe um saudoso, apertado abraço e um beijo deste teu querido esposo que a vida dá por ti! Brevemente te cairei nos braços<sup>86</sup>.

Resta ainda acrescentar que muitas das cartas são expressão de um núcleo familiar ali reunido, pai e filho ou filhos ou a própria família nuclear reunida que endereça em conjunto saudações diversas.

Dá-se também o caso de as cartas referirem as saudações de conterrâneos e conhecidos como as que se seguem:

- aceita recomendações de toda a gente conhecida.
- e tu aceita as mesmas [lembranças] a quem as tu mandaste.

Deste modo se reforça a ideia dessa noção de comunidade que jamais se perde mesmo quando a distância física e temporal se tornam profundas.

### 1.2.2. Carta de chamada - documento oficial

A carta de chamada, desde o momento da sua escrita ao momento da sua leitura pelo destinatário é uma carta privada, como já foi afirmado diferindo do mais habitual conteúdo desta pelo facto de o seu objectivo principal constituir um apelo à ida do destinatário para junto do autor da mesma.

Mas nem sempre acontecia que um primeiro apelo resultasse. As mulheres por vezes permaneciam indecisas, medrosas do mar, incertas do resultado da aventura, presas dos cuidados de filhos pequenos e pais idosos e as cartas dos maridos juntavam-se ao molho de outras cartas na gaveta de uma mesa. E eram eles que tinham que insistir como faz Francisco dos Santos Ferreira, em Manaus, ao ver que sua mulher não dera seguimento ao seu apelo.

Serafina, tenho estado à espera da tua resposta. Já da outra carta que te escrevi pedia muito que viesses para a minha companhia<sup>87</sup>.

Quando a resposta se tornava positiva, o destinatário da carta ou alguém que o substituísse, sobretudo quando se tratava de criança, teria de dirigir-se ao cartório de um qualquer notário a fim de cumprir as formalidades exigidas pela lei que consistiam na apresentação da carta para efeito do reconhecimento da autenticidade da assinatura do seu emissor.

86 Carta de Niterói, de 10-10-1911 – ADV, GC/P, Caixa 1978, n.º 85, de 02/12/1911.

87 Carta de Manaus, de 14 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 75, de 16/08/1915.



Uma vez feito o reconhecimento por parte do notário a carta de chamada assumia características de documento oficial, o primeiro de uma longa série de “papéis” necessários para que a viagem pudesse acontecer.

Tal reconhecimento poderia ser feito de imediato pelo notário o que acontecia, ainda que raras vezes, quando ele podia estabelecer a comparação entre a assinatura da carta e outra que eventualmente existisse no arquivo do Cartório.

Neste caso o notário limitava-se a inscrever em espaço livre do papel um formulário como este que recuperámos de uma carta escrita por Joaquim Exposto, em S. Paulo, a 21 de Dezembro de 1903:

Reconheço, por comparação, a assinatura infra. Sernancelhe, 17 de Março de 1904<sup>88</sup>.

Antecedendo a assinatura do notário sobre as estampilhas fiscais inutilizadas com a aposição da data inscreve-se a expressão *tabeleónica* – *in fide veritatis*<sup>89</sup>.

Lateralmente aparece a expressão recorrente que se refere aos emolumentos que, nesta data, eram de quarenta reis: – D’este quarenta reis.

Quando o notário não podia reconhecer a assinatura do autor da carta por desconhecê-la, deveria haver um prévio reconhecimento por parte de duas idóneas testemunhas que o notário identificava e que subscreviam breve declaração justificativa, datada e assinada.

O notário assinava então sobre estampilhas fiscais que também inutilizava com a aposição da data e que haviam sido coladas logo abaixo da chancela – Em testemunho da verdade.

Logo após inscrevia o valor dos emolumentos.

As duas testemunhas que abonavam em favor da autenticidade da assinatura do autor da carta poderiam ser, algumas vezes, figuras escolhidas pelos destinatários das cartas, quem sabe se escreventes das cartas de resposta, que podiam garantidamente certificar a autenticidade da assinatura.

Mais vezes eram figuras que vegetavam à volta do cartório, sempre homens, todos com um certo grau de alfabetização e que se prontificavam a autenticar letra e assinatura de quem quer que fosse, como se tal fosse mero pro-forma, em troca, muitas vezes, de uma gratificação.

Provavelmente na maior parte dos casos não conheceriam sequer os autores das cartas que lhes eram presentes e não raro garantiam a autenticidade da

88 Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

89 A expressão latina significa “Em testemunho da verdade”.

letra e assinatura de alguém que recorrera a escrevente para o fazer. É o caso de António Augusto de Seixas Machado e Adelino Manuel que, a 13 de Janeiro de 1906, no cartório do notário Avelar, em Moimenta da Beira, declaravam que a letra e assinatura da carta de Francisco dos Santos Ferreira, escrita de Manaus, a 22 de Setembro de 1905, eram do próprio [erradamente identificado como Francisco António Ferreira] quando ele havia requerido o serviço do escrevente Manuel Dias por nem sequer saber assinar o seu nome<sup>90</sup>.

Mas este era o procedimento corrente nos cartórios notariais de Sernancelhe e de Moimenta da Beira, os mais largamente utilizados, como nos de Viseu, Vila Nova de Paiva ou Castendo, actual vila de Penalva do Castelo onde uma das cartas foi presente.

Manteve-se este *modus faciendi* até 1921, quando o Decreto n.º 7.427, de 30 de Março de 1921 veio trazer uma profunda alteração ao anterior sistema.

A partir da entrada em vigor deste Decreto a “Carta de Chamada” ou “Carta de chamada e autorização” como também é dita, será passada nas Chancelarias dos Consulados ou Vice-Consulados existentes nas áreas de residência dos “chamantes”, designação dada aos emigrantes que convocam algum familiar para junto de si e assinada pelo respectivo cônsul depois de ter sido apresentado pelo “chamante” uma declaração em que assume o compromisso de prover à subsistência de quem chama e de poder garantir-lhes a repatriação em caso de necessidade.

A partir daqui desapareceu todo e qualquer conteúdo íntimo de um instrumento que era também carta privada para dar lugar à linguagem fria do papel selado:

... o qual declarou, por esta bastante Carta de Chamada, autoriza a vir para a sua companhia as seguintes pessoas de sua família (...) e que o mesmo “chamante” possui meios de fortuna para os sustentar (...) e tendo assinado um termo de compromisso de sustento e repatriação das referidas pessoas<sup>91</sup>.

---

90 Carta de Manaus de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

91 Transcrição de texto de formulário de carta de chamada já impresso.

### 1.3. Os Escreventes

No quadro da emigração para o Brasil neste primeiro terço do século XX, o escrevente aparece como singular figura, quer seja ele próprio emigrante nessa terra de destino, quer permaneça na retaguarda da mesma, no país de origem.

Figura geralmente apagada, mas nem por isso menos relevante neste teatro de muitos actores, o seu papel é o de escrever cartas. Não que isso seja encarado como ofício, mas apenas ocupação de horas vagas, mais jeito de solidariedade que responde a uma necessidade precisa de alguém que aleatoriamente remunera ou antes compensa o esforço com lembrança de ocasião.

A urgência de comunicação entre quem parte e quem fica, quer ela respeite ao expressar de afectividades entre os membros de uma família, quer responda a necessidades mais pragmáticas como sejam as de regular pagamentos, determinar o uso de bens deixados ou simplesmente pedir a vinda da mulher, apoiava-se ao tempo num quase único instrumento, a carta, cuja eficácia era bem mais segura que a mediação estabelecida por qualquer emigrante em retorno ou por natural com embarque marcado.

Acontecia, no entanto, que a carta exigia a prévia aprendizagem da escrita e o seu uso continuado, circunstância rara no período considerado.

Atendendo aos dados fornecidos pelos Censos da População, no que toca ao concelho de Sernancelhe verifica-se o enorme peso da massa de analfabetos cuja percentagem é, em 1900, de 81,3% para os homens e de 94% para as mulheres<sup>92</sup>, situação que não sofre alteração substancial até 1930, baliza final deste estudo, quando a percentagem de analfabetos permanece nos 67,9% para os homens e nos 78,8% para as mulheres<sup>93</sup>.

Uma vez chegados ao lugar de destino havia que dar novas da viagem, fornecer os dados da nova residência. As cartas que seguiam depois, com ritmos diferentes, dariam conta do bom ou do mau andamento da vida.

Quem não sabia escrever requeria o favor de um amigo, não raro um conterrâneo que lhe lia depois as cartas de resposta. E deste modo se estabelecia entre ambos um clima de mútua confiança e à confidência de um correspondia o recato do outro.

---

92 *Censo da População do Reino de Portugal, 1906*: 308.

93 *Censo da População de Portugal, 1934*: 297.

Na literatura sobre emigração para o Brasil este fenómeno é referido com alguma frequência. Tal se passa com um dos personagens do romance *Emigrantes*, de Ferreira de Castro, ele próprio emigrante, que foi escrevente, a rogo, de outros emigrantes.

Manuel da Bouça, um dos seus heróis, mal chega ao lugar de destino depois de longos dias de viagem e antes mesmo de encontrar trabalho certo quer enviar notícias para a família. Não sabe ler nem escrever e é junto de um compatriota encontrado na ocasião e logo tornado amigo que faz o pedido:

– Vocemecê é que me podia fazer um favorzinho. Era escrever uma carta para a terra.

– Ora essa.

E Rufino Macieira, outro personagem do romance, escreve a carta do amigo<sup>94</sup>.

O mesmo acontecia na terra de origem. Mães e mulheres, quase sempre analfabetas, lá demandavam a casa de alguém, de confiança, que soubesse ler e escrever, mais vezes numa tarde de domingo, solicitando o grande favor de lhes escrever “duas letras” ou “duas regrinhas”, como era hábito dizer, no papel que levavam, meio amarrotado, debaixo do avental.

Mais vezes, neste período que se abrange, cá e lá, é a um homem que se recorre para tal efeito e isso é compreensível porque era bem mais raro o número de mulheres que sabiam ler.

Serve de exemplo a “carta de chamada” que Francisco dos Santos Ferreira envia de Manaus com data de 22 de Setembro de 1905 a sua mulher que reside em Freixinho.

Na referida carta, escrita a rogo, porque o próprio não aprendera a escrever, Manuel Dias, o conterrâneo que chamara para a escrita, como habitualmente devia fazer, assume-se como escriba oficioso, ele próprio se auto-designando como “escrevente”, tarefa que, decerto, cumpria com alguma frequência. Aproveitando a carta do amigo, encerradas as saudações finais como era hábito fazer, recomenda à esposa do companheiro que transmita um recado pessoal:

Dê lembranças a meu pai, do escrevente Manuel Dias<sup>95</sup>.

O termo era usual na época, em Portugal e no Brasil.

Neste quase cento de cartas que analisadas não aparecem, directamente identificados, outros escreventes. Todavia as soltas referências contidas nas cartas que

---

94 CASTRO, 1987: 149.

95 Carta de Manaus de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

remetem para uma escrita feita a rogo equacionadas com a elevada taxa de analfabetismo conhecida permitem ajuizar do frequente recurso aos ditos escreventes.

José Joaquim Mendes serve-se de uma curiosa forma de dizer para enviar novas à mulher:

Mulher, hoje mesmo mandei lançar mão à pena somente para saber...<sup>96</sup>

Igual registo se oferece em outras ocasiões e lugares:

Minha saudosa mulher, hoje mesmo mandei lançar mão à pena para saber da tua saúde...<sup>97</sup>

António Carvalho que assim “escreve”, como ele diz, justifica da seguinte maneira o não ter respondido ainda às duas cartas da mulher:

Não tenho escrito há mais tempo porque não tenho tido lugar, que o serviço tem sido muito e ao mesmo tempo sabes que eu não sei escrever, tenho que pedir aos outros. (idem)<sup>98</sup>.

Há também aqueles que, conhecedores da escrita, utilizam uma expressão próxima para declarar esse acto de vontade de comunicar:

Minha querida e adorada esposa do meu coração, com muito gosto e prazer lanço mão à pena somente para saber da tua importante e feliz saúde<sup>99</sup>.

Joaquim Caetano emprega em 1915 uma expressão idêntica quando escreve à mulher – lancei mão à pena – e ele próprio indirectamente se afirma como escrevente a rogo:

Até fui eu que lhe escrevi [à Madrinha] para [a] Senhora Piedade, para ela mandar isso [coberta branca e uns lenços] por ti<sup>100</sup>.

A situação que se vivia no país de origem era semelhante e só não seria mais gravosa porque sempre se tornaria mais fácil encontrar “escrevente” na aldeia do que na grande cidade para onde fora o destinatário e onde os compatriotas ficavam longe uns dos outros.

Com frequência é no círculo alargado da família que uma mulher encontra quem lhe leia as cartas do marido e lhes responda na volta do correio, como às vezes ele requer, ou em ajustado momento. É o que se passa com a família de António Aires que requer da mulher maior brevidade numa resposta a que deverá obrigar seu compadre:

96 Carta de Rio de Janeiro, de 24 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1979, n.º 87, de 02/12/1911.

97 Carta de S. Paulo, de 26 de Março de 1917 – ADV, GC/P, Caixa 2523, n.º 86, de 18/08/1917.

98 Carta de S. Paulo, de 26 de Março de 1917 – ADV, GC/P, Caixa 2523, n.º 86, de 18/08/1917.

99 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

100 Carta de Rio de Janeiro, de 30 de Setembro de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 2412, n.º 191, de 25/10/1915.

Diz ao compadre que me não demore muito as cartas<sup>101</sup>.

Manuel do Nascimento quando escreve de S. Paulo sabe que é seu compadre Sebastião quem lê as cartas que envia a sua mulher e será decerto ele quem lhes responde:

Eu vou mandar dizer uma coisa porque sei que é o meu bom amigo que lê esta carta...<sup>102</sup>

Manuel da Costa Dias deve ter em seu pai o escrevente das cartas da mulher porque na carta enviada à mulher dirige-se, em claro discurso directo, a seu pai que haverá de ajudar a preparar a viagem de sua nora:

Meu pai, no vapor com quem tratar, mande-me dizer...<sup>103</sup>

Ora, o termo “escrevente” que se oferece como referente de um “ofício” exercido com alguma regularidade e susceptível decerto de uma determinada compensação económica, qualquer que ela seja, surge com alguma frequência em Portugal e no Brasil. Utiliza-se não só para designar aquele que escreve cartas a rogo, mas também para designar uma espécie de amanuenses que, nos corredores de Repartições públicas, Câmaras ou Cartórios Notariais, oferecem, a rogo, os seus préstimos, frequentemente solicitados para redigir requerimentos e certidões ou officiar como testemunhas de actos burocráticos<sup>104</sup>.

Na primeira acepção vamos encontrá-lo, ou o termo paralelo “escrivão”, como referente etnográfico de forte expressão na obra ficcional de Aquilino Ribeiro.

Assim acontece nas “Terras do Demo”, romance publicado em 1919, onde o autor carrega essa experiência trazida do viver local.

Um dos seus personagens, Luis Alonso, que regressa do Rio depois de alguns anos de ausência lamenta deste modo para o pequeno adjunto que o recebeu na aldeia ao anoitecer, a falta de notícias da mulher.

– Ia para quatro meses que não sabia dela... é verdade. Por modos já não havia escrivães no povo! Terra de maldição! Os que aprenderam a rabiscar o nome navegavam, e o padre – esse sujaria as mãos se lhe pedissem duas regrinhas de graça. Ah! Deus tivesse na santa glória o tio Manuel Abade que não precisava que o rogassem duas vezes para escrever a um vagamundo<sup>105</sup>.

101 Carta de Santos, de 7 de Dezembro de 1912 – ADV, GC/P, Caixa 2531, n.º 176, de 20/02/1913.

102 Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 78, de 27/03/1912.

103 Carta de Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

104 SALINAS MEZA, GOICOVIC DONOSO, 2000: 53-56.

105 RIBEIRO, [1983?]: 180.

Mais tarde Aquilino retoma este episódio e constrói a obra dramática, “drama serrano” diz ele e que designa por “O Manto de Nossa Senhora”, situando a acção numa aldeia da Beira Alta, na primeira década da República.

O seu herói é novamente Luis Alonso que regressa depois de quatro anos passados na “outra banda”.

Mal chegado à aldeia na companhia do lavrador que lhe transportara a mala desde a vila onde a diligência o deixara, entra na casa do cunhado que ficava à boca da rua. E logo depois das efusivas saudações iniciais Luis Alonso quer saber novas da mulher:

– E como vai lá a minha Zefa? Há mais de seis meses que não vejo letrinha dela... (...) Onde se perdiam as cartas...?<sup>106</sup>

Responde-lhe o cunhado que estava presente:

– Isto são Terras do Demo, cunhado, não há que estranhar. Os carteiros vêm quando vêm e os escreventes são ralos...<sup>107</sup>

Luis Alonso evoca agora um antigo escrevente já falecido também:

Deus tenha na sua Santa Glória ao António Prudêncio que não precisava que o rogassem duas vezes para escrever a um vagabundo<sup>108</sup>.

Na segunda acepção o “escrevente” surge associado a actos que se desenrolam em Repartições Públicas e se orientam a ser sancionados como oficiais, desempenhando eles aí o mero papel de escreventes a rogo ou o de testemunhas abonatórias do mesmo.

As duas situações que se apresentam constituem-se como exemplos abertos do que é afirmado.

A primeira diz respeito a uma declaração feita por Maria de Jesus, natural de Tabosa do Carregal, no Cartório do Notário Avelar, de Moimenta da Beira, em 17 de Novembro de 1904, referente ao consentimento que dá a sua filha Guilhermina de Jesus, ainda menor, de embarcar para o Brasil.

No teor da declaração consta que “para que este produza os efeitos legais pedi a José Coutinho de Lencastre, solteiro, maior, escrevente, desta vila, que este ma fizesse a meu rogo e assinasse”.

Diogo de Vasconcelos, “viúvo e escrevente” subscreve, como testemunha, o presente documento<sup>109</sup>.

---

106 RIBEIRO, 1962: 297-298.

107 RIBEIRO, 1962: 298.

108 RIBEIRO, 1962: 298.

109 Declaração de autorização para embarcar – ADV, GC/P, Caixa 2021, n.º 124, de 02/12/1904.

A segunda diz respeito a uma procuração passada no Cartório do 4.º Tabelião de Notas do Rio de Janeiro, em 18 de Abril de 1923, ao cidadão brasileiro Augusto Ferreira da Rocha a favor de sua mulher, residente então em Quintela da Lapa, no concelho de Sernancelhe. E certamente porque o outorgante, operário, não sabe escrever ou não se sente à vontade para o efeito, socorre-se do escrevente que no documento certifica o seu duplo papel:

Eu, Ariosto Guarinello, escrevente juramentado, a escrevi.

Eu, Ariosto Guarinello, escrevente juramentado, a trasladei<sup>110</sup>.

Num caso e noutro os títulos que se reconhecem são da mesma natureza e o escrevente ajuramentado do Brasil não difere da testemunha que em Portugal testifica a verdade.

Acresce ainda dizer que os Mapas de Emigração que os Presidentes das Comissões Distritais de Estatística enviavam mensalmente para a Direcção Geral da Estatística, em Lisboa entre 1900 e 1915, reservavam um amplo espaço para a indicação das profissões dos emigrantes, um total de quarenta e sete itens, um dos quais era o de “escrevente”<sup>111</sup>.

Mas, quer se considerem como uma espécie de amanuenses com um desempenho burocrático oficial ou officioso, quer se veja neles os actores de um trabalho não braçal reclamado ciclicamente por quem não sabe ler nem escrever, a importância dos escreventes fica testemunhada bem como o perfil cultural dos emigrantes e do seu círculo familiar e ainda o quadro sociocultural da aldeia serrana.

#### 1.4. A Relação Homem-Mulher

Das noventa cartas de chamada que foram escritas entre 1901 e 1920 e que constituem a base fundamental desta investigação, sessenta e três (70%) são dirigidas pelo marido à esposa. E ainda que elas se assumam como documento burocrático necessário para justificar uma partida, o multifacetado conteúdo das mesmas é susceptível de olhares diversos e, provavelmente, um dos mais expressivos é aquele que permite desenhar esse essencial quadro de relações que ficam estabelecidas entre homem e mulher enquanto elementos basilares da família nuclear.

110 Procuração de 18 de Abril de 1923 – ADV, GC/P, Caixa 1769, n.º 06, de 25/05/1923.

111 *Emigração Portuguesa*. Direcção Geral de Estatística. Repartição Central. Mapa de emigração, modelo da Imprensa Nacional.



O exercício da autoridade ou do mando e o seu grau de partilha no interior do lar no âmbito das decisões que cumprem à família, a revelação da afectividade mútua e a sua transversalidade enquanto dirigida aos filhos e a outros membros da família, as relações mantidas no seio da comunidade, tudo isso oferece o conteúdo das cartas de chamada.

Enquanto escritas pelo marido ou a seu rogo com a intenção primeira de chamar a esposa, a esposa e os filhos, ou tão só algum dos filhos que aquela deveria então orientar, as cartas revelam, no geral, a capacidade decisória de que o mesmo se arroga e declaradamente assume não só no que toca àquela decisão, mas também a essas decisões laterais, quer respeitem ao destino dos filhos crianças, quer aos bens fundiários, os dois fundamentais vectores daquilo que podemos chamar o governo da casa.

O homem transportava para o lugar de destino esse estigma de poder que incarnava no seio da família que era, no nosso entender, um dos elementos caracterizadores dessa sociedade de matriz agrícola profundamente presa de um pensamento judaico-cristão. E ele exercia, convicto, esse poder ainda que muitas vezes de forma tão atenuada que mais parecia delegá-lo na companheira.

O próprio facto de ter partido em primeiro lugar, qualquer que tivesse sido a razão motivadora, derivava do enunciado atrás exposto.

E tornam-se deste modo fáceis de compreender as expressões utilizadas nas cartas de chamada quando convocam a mulher, às vezes a família, de que referem alguns exemplos.

É assim que Manuel do Nascimento escreve de S. Paulo, dirigindo-se à mulher:

Maria, tu estás morta por amargares o mimo que tu tens. Pois agora dou-te parte e ordem para tu determinares a tua vida do melhor modo que tu possas (...) podes vir<sup>112</sup>.

Diz outro:

Saberás que eu que estou resolvido a mandar-te vir para a minha companhia<sup>113</sup>.

E continua assim:

Mas quero que os meus filhos mais novos fiquem com a avó e a mais velha, se a quiser a madrinha; se ela a não quiser, a avó que fique com ela<sup>114</sup>.

Cita-se outro exemplo que testemunha idêntica atitude:

112 Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 78, de 27/03/1912.

113 Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

114 Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

Deixa lá os pequenos. O Augusto deixa-o com a tia Ana. O António deixa-o a criar. E deixa as terras ao padrinho por causa dos pequenos. Isto se tu quiseses cumprir as minhas ordens<sup>115</sup>.

Autoritária é ainda a palavra deste pai extremo que exige que a esposa se faça acompanhar pela filha:

Traz a nossa menina. Não ma deixes lá por modo nenhum. Que se me vieses cá sem ela tornas pelo mesmo caminho. (...) Nem à tua mãe a deixes<sup>116</sup>.

Este tom imperativo continua sendo utilizado quando determina à mulher o que deve fazer no que respeita a propriedades rústicas e urbanas antes de partir para se lhe reunir:

É que deixes o linhar e a corga e o lavadouro e as casas de baixo e o palhal junto das duas casas de baixo. O resto vende tudo. Estes seis prédios ficam para a mãe enquanto for viva<sup>117</sup>.

Alexandrina, vende tudo quanto é nosso<sup>118</sup>.

Peço-te que não arrendes a casa para arrumação. Que seja para lá viverem<sup>119</sup>.

Todavia a recorrência destas atitudes não permite concluir que o exercício desta supremacia masculina se deva entender como comportamento despótico do marido face à mulher. Esse, a existir, deve ser considerado como excepção susceptível, aliás, do repúdio da própria comunidade.

Exemplo disso dá-no-lo a carta de Manuel da Costa Dias que requer a vinda rápida da mulher para calar as bocas do mundo, como se costumava dizer na aldeia, suspeitosas da má relação do casal.

Assim que esta recebas [quero] que venhas porque aqui é tudo cheio que eu que me não dava contigo. Pois eu nunca te tratei mal. Pois é bem que tu venhas e faças tudo quanto te eu dizia aí. Tu ainda bem estás lembrada como eu te dizia<sup>120</sup>?

Atitudes que denotam alguma severidade são detectáveis numa ou noutra carta justificadas decerto por determinado comportamento da mulher face aos padrões exigidos pelo marido.

115 Carta do Rio de Janeiro, de 15 de Outubro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2490, n.º 122, de 22/11/1913.

116 Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

117 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

118 Carta de S. Paulo, de 25 de Novembro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2080, n.º 59, de 02/02/1915.

119 Carta de S. Paulo, de 20 de Fevereiro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2442, n.º 04, de 24/04/1916.

120 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

Há, para exemplo, as palavras de Manuel Bernardo:

Porque eu quero que tu aqui estejas, ao menos até ao fim do mês de Setembro. Dou-te bastante prazo para dispores a tua vida. (...)

(...) Se quiseres fazer isto que eu te estou dizendo, faz; se não quiseres, governa a tua vida que eu governarei a minha<sup>121</sup>.

Atitude semelhante toma António Paulino da Costa desesperado com os sucessivos adiamentos da viagem por parte da esposa que entretanto gasta de uma maneira suspeita o dinheiro que lhe vai enviando e que, irónico, lhe diz quanto lhe custa a ganhar.

Queixa-se ainda da falta de cartas que ela substitui por bilhetes enviados em cartas de vizinhos e à conta de desprezo censura-lhe o facto de não lhe ter comunicado o resultado das colheitas.

Agora, num grau último de tolerância, envia-lhe ainda certa quantia para preparos da viagem dela mesmo e da filha, esclarecendo todavia:

E [se] não vens, pois será a última vez que te escrevo<sup>122</sup>.

A mesma atitude toma Manuel dos Santos cansado de esperar a ida da mulher que sempre arranja uma desculpa para o adiamento da viagem:

Não vindo até ao fim de Fevereiro manda dizer ao meu irmão que me devolva o dinheiro e não quero saber mais de ti<sup>123</sup>.

Face ao que foi dito, pode parecer que o chefe de família desempenha o seu papel de acordo com usuais códigos que se destinam a conter a mulher em perene atitude de submissão. O que não corresponde inteiramente à verdade.

É que a essa teórica assunção do mando corresponde muitas vezes o voluntarismo da mulher aceite pelo marido num claro testemunho de partilha das decisões de que é prova, por exemplo, o texto que segue, referente a um episódio de compra e venda de propriedades rústicas:

Tu podes fazer tudo o que quiseres, que eu te dou ordem para fazeres o que melhor for para os nossos filhos e para nós<sup>124</sup>.

Por outro lado o marido reconhece a efectiva capacidade que a mulher tem para interferir nas decisões que ele agora não quer assumir sozinho.

121 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

122 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2491, n.º 141, de 30/01/1917.

123 Carta de Santos, de 24 de Novembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2481, n.º 23, de 02/12/1914.

124 Carta de S. Paulo, de 15 de Dezembro de 1910 – ADV, GC/P, Caixa 2017, n.º 125, de 11/03/1911.

Assim pensa António Teodoro que deixa à mulher uma determinada decisão quanto a certa aplicação de dinheiro:

Tudo isto fica ao teu alvedrio (sic)<sup>125</sup>, que não quero que te atornes (sic) comigo<sup>126</sup>.

Quer dizer que a um estatuto de subalternidade e de silêncio que parece pender sobre a mulher, ela reage capciosamente como que obrigando o companheiro a reagir positivamente aceitando, na prática, a paridade.

É o que faz Francisco da Silva Castro quando a mulher insiste na sua vontade de ir para junto dele:

Eu pensei que devias estar aí mais um ano, mas visto ao que tu me dizias na tua carta que queres vir e que queres vir, pois vem<sup>127</sup>.

O respeito pela vontade da mulher fica também claro nas palavras de um tal António Lucas quando lhe refere a intenção de adquirir um determinado espaço agrícola com habitação e terreno de cultivo nas imediações do Rio:

Maria, mas não compro sem que tu venhas para veres isto e para depois não me amoures que é bom ou ruim<sup>128</sup>.

O que mais revelam estas cartas de chamada dirigidas à esposa é um sentido de unidade do casal e também de coesão familiar, constituindo-se o episódio de separação justificado por circunstâncias várias apenas como um período transitório mesmo que não seja previamente calendarizado.

O apelo à reunião surge regulado por certas condições que tanto podem ser as de uma afectividade que requer a presença física da pessoa amada, como a necessidade absoluta da entreajuda nessa empresa que pode ser definida como a construção de uma vida melhor, qualquer que seja aí o papel da mulher.

É assim que António Lucas define de uma forma pragmática a unidade do casal:

Um, em uma parte, um em outra, isto não dá certo<sup>129</sup>.

As cartas de chamada não fornecem indicação clara acerca do mester que as mulheres irão desempenhar, mesmo quando o marido requer a sua presença com brevidade ou até com alguma urgência.

125 Alvedrio: o mesmo que livre vontade, arbítrio. (Etimologia latina-arbitrium). (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo de Leitores). Termo utilizado com características de regionalismo.

126 Carta de Manaus, de 23 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, Caixa 2063, n.º 151, de 24/10/1904.

127 Carta de S. Paulo, de 22 de Julho de 1901 – ADV, GC/P, Caixa 2065, n.º 139, de 18/10/1901.

128 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

129 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

É de crer, no entanto, que dado o normal regime da não alfabetização, a não especialização em qualquer tarefa para além do virtuosismo eventualmente conseguido nas tarefas domésticas que vão dos cuidados da casa, da educação dos filhos, aos cuidados com os animais domésticos (porco, galinhas) e certos trabalhos de lavoura, fossem exactamente as práticas domésticas aquilo que lhes ía ser exigido.

É este exactamente o domínio que António Lucas confia a sua mulher que entretanto regressara a Portugal e de novo quer voltar:

Pois eu tenho aqui um lugar que nos serve e tem negócio e tem terreno bom para criação de tudo (...). Se este te não servir tenho mais 2 lugares bons em ponto de criares criação sem incomodares ninguém<sup>130</sup>.

No mesmo ano Joaquim Exposto chama a mulher Maria:

Vem com o primeiro portador e não tenhas receio de vir que eu muito te cá preciso<sup>131</sup>.

Alguns há que requerem a vinda das esposas para realizarem os habituais serviços domésticos que sempre cumpriam na aldeia como seja a preparação da alimentação ou a lavagem da roupa:

Já tenho casa arranjada para nós morarmos. Peço-te que venhas o mais depressa possível para me fazeres a comida. Muitos dias passo sem almoço por não ter quem mo faça<sup>132</sup>.

De novo repito que venhas o mais depressa que possas pois que não estou a lucrar. Conforme o ganho assim o gasto em comer e para a lavadeira. Em primeiro lavava-me a cunhada, mas agora, há muito tempo que me não lava. Antes quero pagar. Eu cá te contarei<sup>133</sup>.

Movido mais pela ganância, há certo marido que tendo deixado a esposa aleitando ainda uma criança lhe pede para vir como ama-de-leite porque esse é mester altamente rendoso. E nem tem pejo de pedir à mulher que deixe o próprio filho a criar a sua mãe que deverá substituir-lhe o leite materno pelo leite de uma cabra que comprará para aquele efeito.

---

130 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

131 Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

132 Carta de S. Paulo, de 14 de Julho de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 1900, n.º 45, de 02/09/1913.

133 Carta de Manaus, de 14 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 75, de 16/08/1915.

Maria faz por ver se podes chegar com o leite. Puxa-o bem com a bomba. Faz por chegar com o leite, que se arranja um bom emprego a ganhar 120 porque é ama<sup>134</sup>.

Ora, apesar da frequência das expressões que denunciam o autoritarismo assumido do marido, decerto mais formal do que real, e apesar dessa directa convocação para um trabalho, parece que a verdadeira razão que subjaz a este chamamento é a de uma afectividade que raramente se dá a conhecer de forma explícita. Mas este é o normal comportamento na aldeia no tempo que a nossa investigação cobre. O quotidiano da vida corre, ali, sem aparentes manifestações de carinho que traduzam o amor dos esposos e o seu alargamento aos filhos, excepto nesses momentos extraordinários da partida para longe, Lisboa ou o Brasil, da partida de um filho para a guerra, de quem quer que seja para a morte. Mas ainda aqui só à mulher compete chorar.

Contrafazendo o ditado “longe da vista, longe do coração”, chega o imperioso testemunho das cartas de chamada que reclamam a presença da esposa pela simples razão de tornar-se insuportável a sua ausência.

Às vezes esta voz é a resposta às solicitações da mulher para quem se tornou penoso ficar.

De lá, cada um responde de seu jeito, às vezes de forma inocente:

Saberás que eu ando muito constipado. Vem depressa para ma tirar<sup>135</sup>.

Outros ficam ansiosos respondendo às cartas:

Agora a resposta desta carta havias de ser tu mesma<sup>136</sup>.

Adeus, adeus, querida Belmira do coração, até brevemente que nos vejamos<sup>137</sup>.

Agora estou morto por nós estarmos juntos. Arranja [a viagem] o mais breve possível<sup>138</sup>.

É de lembrar ainda aquele que, de tão feliz, prepara as coisas para receber em festa a mulher quando desembarcar:

Eu alugo um barco para te ir buscar ao vapor e o sinal que eu levo no barco é um chapéu de sol e um lenço em cima do chapéu<sup>139</sup>.

134 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

135 Carta 5 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1807, n.º 99, de 02/10/1911.

136 Carta do Rio de Janeiro, de 24 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1979, n.º 87, de 02/12/1911.

137 Carta de Santos de 25 de Dezembro de 1910 – ADV, GC/P, Caixa 1978, n.º 166, de 06/02/1912.

138 Carta do Rio de Janeiro, de 28 de Setembro de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1922, n.º 76, de 20/11/1920.

139 Carta do Rio de Janeiro de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, Caixa 2062, n.º 81, de 14/10/1904.

Acontece também que a afetividade pode ser unilateralmente traída, qualquer que seja a razão que isso motive e as cartas sustentam esta tese como é o caso de José Borges que escreve, amargurado, do Rio:

Carolina, não sei qual é a razão, que me não tens escrito (sic). Já há seis meses que não recebo carta tua. (...) tu nunca tiveste a coragem de escrever ao teu marido. Por isso vejo a amizade. Tu só tens amizade ao dinheiro<sup>140</sup>.

Aquilino Ribeiro, no Manto de Nossa Senhora cuja trama ele desenhara já em 1916, conta um episódio semelhante, decerto recuperado de situações reais, como esta, por ele testemunhadas.

É o caso de Luís Alonso que aparece de repente na aldeia, vindo do Rio e justifica a vinda apressada com as saudades da terra e da mulher, que há seis meses não lhe escrevia também e, sem outra suspeição, imaginava que a razão era apenas a falta de escreventes<sup>141</sup>.

São situações exemplares, estas citadas, capazes de, só por si, reproduzirem a complexidade da vida do casal enquanto mútua relação onde a afetividade que lhe subjaz não se exterioriza e apenas se revela num quadro íntimo que pode ser o de uma carta.

### 1. 5. Relação Pais-Filhos

Foi já dito em 1.4. que das 90 cartas em análise 63, isto é, uma percentagem de 70% são escritas pelos maridos ausentes a suas mulheres convocando-as a elas, a elas e seus filhos ou tão só a seus filhos para se lhes reunirem no Brasil. As restantes 27 cartas, numa percentagem de 30%, são escritas por um ou outro dos membros do casal e dirigidas a velhos pais, compadres, irmãos ou amigos a quem solicitam o envio dos filhos que deixaram crianças e que agora, alguns deles, se encontram já em plena adolescência.

No caso das 63 cartas dirigidas a suas mulheres há 3 que apenas reclamam a ida de um filho permanecendo sua mãe; 9 delas não referem a existência de qualquer filho, apesar de uma das destinatárias se fazer acompanhar de um; 23 vão acompanhadas de 1 ou mais filhos enquanto 28 deixam, por sua vez, os filhos entregues a familiares.

---

140 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2441, n.º 51, de 28/11/1916.

141 RIBEIRO, 1963: 297.

Importa agora analisar as razões aduzidas nas cartas, quando tal acontece, para justificar a ida de uns e a permanência de outros.

Quando se trata de mulheres que partem acompanhadas de seus filhos, a ida dos mesmos parece depender da simples razão de serem crianças e da intensa afectividade que nutre pelos mesmos de tal modo que não abdicará de os levar consigo.

Casos há em que o pai de uma criança, movido por idênticas razões, reclama intransigentemente a sua vinda como pode ver-se nos exemplos a seguir transcritos.

Joaquim Exposto escreve assim à mulher:

Traz a nossa menina. Não ma deixes lá por modo nenhum, que se me vieres cá sem ela tornas por o mesmo caminho. (...) Torno a repetir: traz a menina. Nem à tua mãe a deixes<sup>142</sup>.

Ismael António de Almeida reclama ambos os filhos:

Pois assim que esta receberes vem e traz também os nossos filhos<sup>143</sup>.

José da Mata Aparício pede à mulher:

Traz também a nossa menina e que venha bem preparadinha<sup>144</sup>.

António Soares Lopes quer também que a filha venha:

Logo que estejas pronta vem. Eu não queria que tu deixasses a menina, portanto trazia (sic)<sup>145</sup>.

Manuel António requer a vinda da filha decerto a ficar adolescente:

Se vieres traz a Luciana, pois tenho muitas saudades dela e já há muito tempo que ando morto por a mandar vir, mas como os barcos têm sido poucos é esse o motivo porque não tenho escrito<sup>146</sup>.

Razões mais práticas levam o pai quando está sozinho ou o casal a solicitar a vinda dos filhos que ficaram e entretanto cresceram.

É o que faz António Pereira que aguarda a ida do filho a quem deseja assegurar uma situação de emprego antes de regressar, como pensa e assim escreve ao irmão.

---

142 Carta de S. Paulo, de 2 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, Caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

143 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 1902, n.º 74, de 17/08/1915.

144 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Maio de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1798, n.º 216, de 13/07/1911.

145 Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2384, n.º 125, de 22/01/1914.

146 Carta do Rio de Janeiro, de 5 de Dezembro de 1917 – ADV, GC/P, Caixa 2378, n.º 86, de 25/02/1918.



Que me mandes o meu Manuel pois eu não vou enquanto o não deixar empregado visto que você me mandou dizer que ele tinha empenho em vir<sup>147</sup>.

Maria da Surreição (sic) quer que sua mãe lhe envie a filha alegando razões de afectividade e outra, essa mais pragmática:

Resolvi-me a mandar vir a minha filha Maria Augusta para eu a ir habituando ao trabalho e ao mesmo tempo gosto de a ter na minha companhia<sup>148</sup>.

Por idêntica razão José Rocha manda vir os filhos:

Que não tenham receio de virem. Vêm para a sombra do pai e vêm ganhar um bocado de pão para eles<sup>149</sup>.

José Loureiro Cardoso que requer a vinda da mulher – para te tirar dessa vida amargurada – requer também a vinda dos filhos.

E bem assim essas crianças. É preciso que estejam ao meu abrigo para os educar<sup>150</sup>.

Necessidades circunstanciais sentidas pelos pais, levam-nos a solicitar a vinda dos filhos que deixaram e que julgam agora capazes de auxiliá-los.

Leonor da Silva dirigindo-se simultaneamente à mãe e ao pai pede-lhes que lhe mandem o filho:

Minha mãe e pai peço-lhes o favor de mandarem o meu filho Bernardo. (...) que eu não sei quando irei e preciso cá muito dele<sup>151</sup>.

Maria dos Prazeres pede também a sua mãe que lhe envie a filha:

Saberá que tive duas crianças de um ventre. Minha mãe há-de ir receber uma carta (...) em que eu lhe peço para minha mãe me ir levar a Isabel [filha] a Lisboa para ma trazerem<sup>152</sup>.

Francisco Leopoldo escreve a um amigo para que se encarregue de mandar-lhe os filhos mais crescidos que ficaram e de que agora necessita para auxiliarem a mãe, sua mulher, a quem os dois filhos mais pequenos que tem consigo não podem ainda ajudar.

147 Carta do Rio de Janeiro, de 2 de Agosto de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1857, n.º 54, de 28/09/1920.

148 Carta de S. Paulo, de 20 de Dezembro de 1919 – ADV, GC/P, Caixa 1868, n.º 56, de 14/02/1920.

149 Carta de S. Paulo, de 13 de Abril de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1947, n.º 42, de 19/05/1920.

150 Carta de S. Paulo, de 14 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2522, n.º 02, de 02/05/1917.

151 Carta de S. Paulo, de 23 de Março de 1908 – ADV, GC/P, Caixa 1819, n.º 108, de 15/06/1908.

152 Carta de Manaus, de 5 de Outubro de 1907 – ADV, GC/P, Caixa 2016, n.º 91, de 05/12/1907.

Pedia-te o favor que tu mandasses os nossos filhos quanto mais depressa melhor. (...) que eu preciso cá muito deles que temos cá muito que fazer (...) que a criança cá não deixa fazer nada e o Francisco cá não me ajuda nada<sup>153</sup>.

Luís Rodrigues Vieira com sua esposa doente pede à mãe que lhe mande a filha:

Pois eu quero que ma mande (...) se não ma mandar eu vou-me embora. A Adélia não logra muita saúde<sup>154</sup>.

Se a sensibilidade materna explica muitas vezes a ida de crianças de tenra idade, não pode esquecer-se a atitude ternurenta do pai quer quando requer a ida de crianças, mais expansivo quando se trata de uma filha, quer no acto das missivas onde não esquece a peculiar saudação enviada aos filhos de forma muito carinhosa.

Cita-se a propósito o exemplo de António Maria Júnior que escreve à mulher:

Dá a cada um de nossos filhos muitos beijos e abraços e deita-lhes a bênção a todos<sup>155</sup>.

António dos Santos Sobral recorda, lá longe, os pequenos gestos da filha Marcília que se habituara a ir chamá-lo à taberna, como era costume na aldeia, e quer saber como cresce a filha mais nova cujo nascimento talvez nem tenha acompanhado:

Dá muitos beijos [à] Marcília. E a Norina, manda-me dizer se já fala e se já se assenta. Manda-me também dizer quantas vezes a Marcília já me foi chamar à venda da Laiide. Manda-me dizer se ela ainda fala no pai dela. Dá-lhe dois beijos em minha conta<sup>156</sup>.

Acredita-se que não há menor afecto pelos filhos que muitas vezes se tiveram de deixar, fossem quais fossem os motivos, alguns de fácil compreensão como é o caso seguinte:

A respeito à filha estimava muito que a nossa filha viesse na tua companhia. Mas visto a tua mãe não poder ficar sozinha deixa[-a] ficar com ela<sup>157</sup>.

E então este pai que fica saudoso pede à mulher:

Agora estimava muito que trouxesses o retrato da nossa filha<sup>158</sup>.

Outro, para quem o retrato que a filha lhe enviou foi motivo de consolo diz assim na carta cujo conteúdo dirige em partes distintas à esposa e à filha [Maria] José:

153 Carta do Rio de Janeiro, de 17 de Março de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 1972, n.º 05, de 25/05/1914.

154 Carta de S. Paulo, de 22 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2482, n.º 45, de 21/02/1914.

155 Carta do Rio de Janeiro, de ? de ? de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 77, de 27/03/1904.

156 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 15, de 07/08/1915.

157 Carta de Rio de Janeiro, de 5 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1807, n.º 99, de 02/10/1911.

158 Carta de Rio de Janeiro, de 5 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1807, n.º 99, de 02/10/1911.

Em ver o teu retrato teu pai não sabia [o] que havia de fazer. Com a alegria até chorei<sup>159</sup>.

Outro pai afectuoso pede também singulares lembranças dos três filhos que deixou, desde o retrato que ele inocentemente designa por “cara”, à madeixa de cabelo de cada um recuperando deste modo uma prática que acontecia muitas vezes na aldeia quando uma criança morria, o corte, para recordação, de uma pequena madeixa de cabelo:

Dá um beijo e um abraço aos meus queridos filhos e manda-me a cara do José e da Maria dos Anjos ou o cabelo deles todos para eu saber que tenho três filhos<sup>160</sup>.

Dificuldades financeiras, dificuldades de emprego ou a impossibilidade de garantir qualidade de vida serão também razões nem sempre expressamente ditas para justificar a permanência de um filho que ficará entregue a familiar que pelo mesmo possa responsabilizar-se.

São múltiplos os casos, de que se apresentam dois exemplos.

E com o filho vai falar com o padrinho e se ele disser que o menino paga então não vale a pena. Vai-o entregar à tua mãe. Se não pagar então que venha na tua companhia<sup>161</sup>.

Mas quero que os meus filhos fiquem. Os mais novos com a avó. A mais velha, se a quiser a madrinha. Se ela a não quiser, a avó que fique com ela, que ela, se Deus me der vida e saúde, não perde, que eu daqui os sustento<sup>162</sup>.

O mais estranho testemunho diz respeito à carta que um pai envia a sua mulher que entretanto amamenta ainda o filho mais novo.

Há, aparentemente, neste pai um espírito de ganância que o leva não só a não requerer a ida dos filhos mais velhos como a aconselhar a mãe a partir trocando a aleitação do próprio filho (a substituir pelo leite de uma cabra) pelos serviços de ama que irá desempenhar devido a ser, enquanto tal, bem remunerada.

Os pequenos ficavam em casa do pai (...) o menino fica a mais [a] avó que ela o acaba de criar. Se for preciso uma cabra, eles que comprem e a Zulmira que vá com ela para o Cazascal. Nem que coma as videiras não tem perigo<sup>163</sup>.

Em apêndice este pai explica melhor a referida atitude.

159 Carta de Manaus, de 10 de Julho de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1811, n.º 131, de 13/10/1911.

160 Carta de S. Paulo, de 15 de Dezembro de 1910 – ADV, GC/P, Caixa 2017, n.º 125, de 11/03/1911.

161 Carta do Rio de Janeiro de 24 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1979, n.º 87, de 02/12/1911.

162 Carta de Manaus, de 11 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

163 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

Maria, faz por ver se podes chegar com leite. Puxa-o bem com a bomba. Faz por chegar com o leite, que se arranja como (sic) um bom emprego a ganhar 120 [mil réis] porque é ama<sup>164</sup>.

Dados colhidos na experiência empírica do viver aldeão mostram que não raras vezes o pai que deixara um filho confiado a sua mãe não chamava nem um nem outro para junto de si e tantas vezes não voltava. Situação semelhante se passava, às vezes, quando os progenitores confiavam aos avós ou à madrinha os filhos que ficavam.

Razões várias podem explicar tal situação. No geral, no entanto, esta teia de relações, este interagir no seio da família revela o espaço de centralidade que os filhos ocupam.

### 1.6. As Relações de Compadrio

As figuras do compadre e da comadre são frequentemente citadas nas cartas de chamada, facto que traduz a importância que as mesmas adquirem na teia de relações que se estabelecem entre os membros de uma família e, por alargamento, no seio da comunidade onde aqueles se integram.

Nas aldeias do concelho estas figuras constituem-se como membros fundamentais de um parentesco de natureza espiritual, sistema que se origina em dois momentos importantes da vida: o baptismo e o casamento.

No primeiro caso designam-se compadres os pais da criança e os seus padrinhos dado que estes, no quadro institucional e cerimonial do baptismo, estabelecem com os afilhados um parentesco espiritual “de um tipo sagrado e quase familiar” que tem, “num plano ideal, a mesma força que os vínculos da consanguinidade”<sup>165</sup>.

Os padrinhos, mais do que testemunhas de um acto sagrado com implicações de fé, assumem-se como uma espécie de pais de substituição, isto é, na ausência dos pais biológicos deverão tomar a seu cargo o sustento e a educação da criança.

No geral mantêm uma permanente afectividade para com os seus afilhados que, por sua vez, têm para com os padrinhos atitudes de reverência semelhantes às que têm com seus pais. Costumam, por exemplo, saudar da mesma maneira pais e padrinhos, pondo as mãos e pedindo a bênção: a sua bênção, padrinho!...

164 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

165 CUTILEIRO, 1977: 277.

O compadrio gerado pelo casamento é de diferente natureza. Não cria laços institucionais propriamente ditos entre um elemento do casal e os pais do outro elemento que são sempre designados como sogros e as relações horizontais que se mantêm entre os pais de cada um não ultrapassam, no geral, a mera cordialidade e parecem dispensar o mútuo tratamento de compadres.

É assim de parecer que o compadrio referido nas cartas de chamada diz apenas respeito à primeira situação, aquela em que verdadeiramente se geram e reforçam os “vínculos horizontais de parentesco espiritual” que activam solidariedades precisas<sup>166</sup>.

À semelhança do que acontece no Alto Minho, situação que Brian O’Neil descreve, é também durante os trabalhos agrícolas que implicam reciprocidade, particularmente durante as colheitas, que os compadres se tornam ajuda potencial<sup>167</sup>. Todavia, nesta parte da Beira a disponibilidade dos mesmos parece ir mais longe. E é isso que as cartas de chamada revelam.

O compadre é, muitas vezes, o amigo a quem se pede conselho e é também o confidente a quem pode confiar-se a escrita de uma carta e a leitura da resposta:

Sei que é o meu bom amigo que lê esta carta<sup>168</sup>.

O compadre é o homem de confiança que ajudará a mulher, sua comadre, a decidir em questões de venda de bens que garantirão o pagamento da passagem. Quando não, é indicado como o credor preferido:

Tu e mais o compadre agora podeis vender à vontade, que ele tem procuração suficiente para tudo<sup>169</sup>.

E se for preciso [dinheiro] para a tua viagem, se o compadre João quiser ficar por ti, está em primeiro lugar<sup>170</sup>.

É ainda ao compadre que se confia a administração das casas e demais propriedades rústicas que não desejam alienar-se:

Entrega tudo ao compadre Sebastião<sup>171</sup>.

---

166 O’NEIL, 1984: 360-361.

167 João de Pina Cabral partilha a tese de O’Neil quanto às implicações da relação entre pais e padrinhos no plano das reciprocidades colocando também a ênfase do compadrio nas relações verticais entre padrinho e afilhado. Ver PINA-CABRAL 1989: 143.

168 Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 78, de 27/03/1914.

169 Carta do Rio de Janeiro de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

170 Carta do Rio de Janeiro de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

171 Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2436, n.º 23, de 28/10/1916.

De um compadre se requer que possa escolher o vapor para a viagem de sua comadre e a outro se confia a companhia da mulher não habituada a tais andanças:

E o compadre que te escolha um vapor que seja bom<sup>172</sup>.

E vê se vens com o compadre Francisco<sup>173</sup>.

Aos compadres parece exigir-se, algumas vezes, o efectivo cumprimento da sua estrita missão de padrinhos, ou seja, o acolhimento de uma ou mais crianças, seus afilhados, por um tempo que só a fortuna dos pais no lugar de destino ditará.

Assim pensa Francisco dos Santos, em Manaus, que escreve à mulher reclamando-a para junto de si:

Mas quero que os meus filhos fiquem. Os mais novos com a avó; a mais velha, se a quiser a madrinha; se a[madrinha] não quiser a avó que fique com ela<sup>174</sup>.

José Mendes, escrevendo do Rio, pede à esposa que deixe os filhos com sua tia que parece ser a madrinha dos mesmos, dado que pede que as terras sejam entregues ao padrinho para efeito de sustento dos mesmos:

Deixa as terras ao padrinho por causa dos pequenos<sup>175</sup>.

Quando a situação dos pais estabiliza, são eles então que requerem o envio dos filhos.

Assim o faz António Agosto da Silva que pede a seu irmão, a quem trata também por compadre, o envio de seu filho:

Compadre Alvano [sic], enquanto à passagem do meu filho, trata dela quanto mais depressa melhor<sup>176</sup>.

Virgílio de Jesus Ferreira escreve de Manaus a seu compadre para o mesmo efeito:

Com respeito à vinda do Francisco queira falar com o Senhor Ferreira ou com pessoa de confiança e mande-mo pelo primeiro portador que tiver<sup>177</sup>.

José da Costa escreve de Santos a um seu compadre e amigo:

Peço-lhe o favor de me mandar o meu filho Manuel para o qual já remeti a importância da fiança<sup>178</sup>.

172 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Maio de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1798, n.º 216, de 13/07/1911.

173 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 1902, n.º 74, de 17/08/1915.

174 Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, Caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

175 Carta do Rio de Janeiro, de 15 de Outubro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2490, n.º 122, de 22/11/1913.

176 Carta de Barra Bonita, de 20 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2435, n.º 121, de 19/03/1914.

177 Carta de Manaus, de 1 de Dezembro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2494, n.º 15, de 25/01/1917.

178 Carta de Santos, de 2 de Julho de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1883, n.º 12, de 10/08/1920.

Pedro José Rocha está sozinho em S. Paulo e quer os filhos junto de si, “à sombra do pai”, diz ele. Envia o dinheiro necessário para as passagens dos mesmos e recomenda à mulher alguns cuidados:

Para tratares e mandares o Manuel e o João. Olha se pedes aí a um homem da tua confiança. Eu achava que era melhor ser o padrinho do Manuel, sabendo que é padrinho e que ninguém lhe poderá fazer o que ele lhe pode fazer<sup>179</sup>.

O companheirismo que o compadrio pode assumir estende-se, no Brasil, à participação no mundo dos negócios ou à partilha de trabalho em exploração agrícola. Os dois exemplos de que a seguir se anotam são significativos.

Américo Mendes de Carvalho pede desculpa à mulher, por ter demorado a escrever-lhe, justificando-se com a demanda em que se envolvera com um sócio e que acabava de vencer e noticia o seguinte:

Agora dou-te parte que o meu sócio, de hoje em diante, é o meu compadre António porque há muito tempo que ele queria ser meu sócio, mas agora foi ocasião<sup>180</sup>.

António Figueiredo reclama a presença da mulher de quem muito precisa devido à empresa agrícola estabelecida com seus compadres junto de S. Paulo:

Vem-te embora quanto mais depressa melhor, porque eu, com o compadre, comprámos um sítio em Campo Limpo e não me posso lá arranjar sozinho<sup>181</sup>.

Nestas cartas foi colhido ainda o exemplo dessa pedagogia informal constantemente exercida pelos pais junto dos filhos que procura gerar no espírito das crianças uma atitude de reverência face aos padrinhos. É a atitude de António Augusto Arolo que chama para junto de si e da mulher uma sobrinha que irá cuidar de seus dois filhos que ela deverá levar consigo, e a quem recomenda que leve os filhos a despedirem-se de determinadas pessoas, desde os avós ao professor, não esquecendo os padrinhos, seus compadres:

Que vão dizer adeus ao avô e à avó (...) e ao compadre Elísio e à minha comadre Carlota que é quem vestia os meus meninos<sup>182</sup>.

Corolário desta estreita relação de compadrio é a frequente nomeação dos compadres no formulário de saudação das cartas de chamada que traduz a particular afeição que um dia se gerou e a distância não apaga. Dão-se alguns exemplos:

179 Carta de S. Paulo, de 13 de Abril de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 1947, n.º 42, de 19/05/1920.

180 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

181 Carta de S. Paulo, de 25 de Setembro de 1914 – ADV, GC/P, Caixa 2380, n.º 59, de 02/02/1915.

182 Carta de S. Paulo, de 13 de Janeiro de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1964, n.º 21, de 23/03/1915.

Lembranças (...) a meus compadres e comadres todas<sup>183</sup>.

Lembranças à comadre e aos pequenos<sup>184</sup>.

Faz muitas lembranças a (...) não esquecendo as nossas comadres<sup>185</sup>.

Deste modo se mantinha, em território de emigração, o quadro de relações inerente a este sistema de parentesco espiritual que caracteriza o viver das pequenas comunidades.

### 1.7. Cartas de chamada - Expressão de Religiosidade

Na primeira parte deste estudo já se fez rererrência ao sentir religioso de fundo cristão que subjaz ao quotidiano governo de vida dos habitantes do concelho e se evidencia de modo particular ao quadro da festa, qualquer que ela seja.

Aqueles a quem coube a sorte de emigrar transportaram consigo essa fé bebida na infância e os traços dessa presença surgem, perceptíveis, no texto das cartas em diferenciados registos.

O mais singular desses registos inclui-se na introdução da carta que se constitui como fórmula de saudação inicial que se mantém estável, sem grande variação ao longo do período analisado e de que se trazem dois exemplos distanciados no tempo.

Delfina: Estimo que ao receber desta minha carta estejam gozando de uma perfeita e feliz saúde pois a minha e de nossos filhos é boa graças a Deus para sempre<sup>186</sup>.

Minha Querida Mulher: muito estimo que ao receberes desta minha carta que te vá encontrar de perfeita saúde em companhia dos nossos filhos, que eu ao fazer desta fico bem. Graças a Deus para sempre<sup>187</sup>.

O nome de Deus é invocado de forma recorrente como agente tutelar e a expressão gratulatória – “graças a Deus para sempre” – testemunha o reconhecimento dessa dádiva fundamental, a saúde, assumida como bem maior.

Nas noventa cartas que constituem o corpus básico desta investigação, mais de cinquenta integram esta expressão na abertura das mesmas.

183 Carta do Rio de Janeiro, de 11 de Março de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2374, n.º 80, de 24/09/1913.

184 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1915 – ADV, GC/P, Caixa 1962, n.º 15, de 07/08/1915.

185 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Janeiro de 1916 – ADV, GC/P, Caixa 2535, n.º 20, de 17/03/1916.

186 Carta do Rio de Janeiro/Engenho de Dentro, de 21 de Março de 1904 – ADV, GC/P, Caixa 2032, n.º 64, de 12/11/1904.

187 Carta de S. Paulo, de 13 de Abril de 1920 – ADV, GC/P, Caixa 11947, n.º 42, de 19/05/1920.



No desenvolvimento das cartas oferecem-se outros registos que, no geral, voltam a referir-se à saúde mantida enquanto dádiva de Deus ou testemunham uma cristã resignação face às circunstâncias nem sempre favoráveis que se deparam ao emissor das mesmas.

Eu cá vou vivendo como Deus quer<sup>188</sup>.

Aqui ainda não temos fome, graças a Deus<sup>189</sup>.

Um dos mais curiosos registos é aquele que, referindo-se porventura a uma promessa feita, uma vez alcançada a graça, solicita à esposa que proceda ao pagamento da mesma para o qual envia determinada quantia em dinheiro que assume aqui a valência de ex-votos.

Peço-te que dês quinhentos reis ao Sagrado Coração de Jesus<sup>190</sup>.

Manifestação ainda do espírito cristão é a referência repetidamente feita à festa do Natal, aquela que condensa, como nenhuma outra, o espírito de família que se manifesta como sentimento de saudade.

As cartas reflectem a tristeza de quem se encontra sozinho, e desânimo daquele que nem sequer vai recebendo notícias.

Eu de saúde fico bem, graças a Deus, mas passei um Natal muito triste em me lembrar de ti e dos nossos filhos, aonde no dia de hoje se unem todas as famílias e eu tão longe da minha<sup>191</sup>.

Estimo que passes boas festas de Natal, mais alegre do que eu hei-de ter<sup>192</sup>.

Estimarei que passem boas festas de Natal. As minhas não serão muito boas por causa de não ter notícias vossas<sup>193</sup>.

Estas mensagens escritas no dia mesmo de Natal ou em dias próximos expressam naturalmente a emoção vivida sobre o acontecimento.

Mais sereno é o conteúdo de outras cartas que, no entanto, estabelecem para a mulher que haverá de chegar uma data de viagem que lhes permita a eles, marido e mulher, estar juntos no Natal.

Vê se cá podes vir passar o Natal porque era todo o meu desejo<sup>194</sup>.

188 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 1974, n.º 43, de 05/03/1914.

189 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, Caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

190 Carta de Manaus, de 23 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, Caixa 2063, n.º 151, de 24/10/1904.

191 Carta de Santos, de 25 de Dezembro de 1910 – ADV, GC/P, Caixa 1978, n.º 166, de 06/02/1911.

192 Carta de Santos, de 7 de Dezembro de 1912 – ADV, GC/P, Caixa 2531, n.º 176, de 20/12/1913.

193 Carta de Barra Bonita, de 20 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, Caixa 2482, n.º 45, de 21/02/1914.

194 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Agosto de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1979, n.º 82, de 02/12/1911.

Porque eu quero ver se cá podes estar no Natal, porque antes não te posso mandar vir<sup>195</sup>.

Outras festas do ano, como se diz na região aparecem apenas lembradas uma vez. Tal é o caso do Carnaval enquanto espaço de folia e o S. João estabelecida enquanto calendário de viagem.

Agora quero ver se cá estás dia de S. João<sup>196</sup>.

Registos de outra natureza, reflectindo simultaneamente sentimentos de piedade filial e cristã lembram o antigo costume de os filhos pequenos se despedirem dos pais antes de se ir deitar ou eventualmente antes de ocasional viagem com a expressão – “a sua bênção, meu pai... minha mãe” – a que eles respondiam – “Deus te abençoe”.

E um beijo aos nossos filhinhos. Que Deus os abençoe<sup>197</sup>.

### 1.8. Testemunho de intervenção cívica

As cartas de chamada fornecem limitada informação quanto à intervenção cívica desenvolvida ou participada pelos emissários das mesmas ou seus destinatários e familiares quer no que respeita ao território de origem quer em território de destino.

Para além das preocupações com o emprego enquanto factor de subsistência e das solidariedades da família, às vezes extensivas a conterrâneos, não parece haver uma cultura da cidadania enquanto reflexo de preocupações sociopolíticas.

Com uma vida presa ao campo, no geral, analfabetos na sua maioria, no espaço paroquial a intervenção cívica que pudesse vir a acontecer mal ultrapassaria o episódico exercício das mordomias do santo patrono com festa anual, do exercício de um cargo numa qualquer irmandade existente, de uma possível e rara ligação a um cargo administrativo como o de regedor de aldeia ou de amanuense na vila.

O que os levava ao Brasil era essa espantosa vontade de vencer, essencialmente em termos económicos, as contrariedades da vida e a intenção era consegui-lo através do trabalho continuado que esperavam encontrar, dentro dos sentimentos da honra em que sempre foram educados. E, de acordo com

195 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

196 Carta de S. João, de 29 de Março de 1908 – ADV, GC/P, Caixa 1819, n.º 109, de 10/06/1908.

197 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, Caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

o sentimento dessa pedagogia interiorizada por influência da família e da comunidade, não iriam facilmente envolver-se em movimentos estranhos onde sentissem alguma periculosidade, sobretudo se tal tivesse a ver com alterações de ordem pública.

E é por isso que nas cartas que os mesmos escrevem à família, nestas que são objecto da nossa reflexão, não há qualquer eco de movimentos perturbadores da ordem social, a não ser através dessa forma indirecta que reflecte o desemprego que às vezes os toca.

Não se sabe, por exemplo, da repercussão que teve na colónia portuguesa a dita “revolta da vacina”, movimento de natureza popular que incita à reacção violenta contra a lei de obrigatoriedade de vacinação contra a variola, de 31 de Outubro de 1904, a qual fez decretar o estado de sítio na cidade do Rio de Janeiro entre 16 e 18 de Novembro desse ano<sup>198</sup>.

Boris Fausto ao referir-se aos movimentos sociais que eclodem depois da implantação da República nos Estados Unidos do Brasil dá como exemplo mais expressivo as greves feitas com o fim de melhorar salários e condições de trabalho nas fazendas de café de S. Paulo onde, em 1913, ocorreu um dos mais importantes movimentos grevistas sobretudo na região de Ribeirão Preto onde, como em S. Paulo, se sabe existirem ao tempo emigrantes portugueses que não fazem reflectir tal nas suas cartas<sup>199</sup>.

Quanto à classe trabalhadora urbana, e era aqui que situaria a maior parte dos emigrantes idos do Concelho de Sernancelhe, Boris Fausto numa breve e elucidativa síntese refere-se ao seu diminuto impacto durante o tempo da Primeira República Brasileira ou República Velha (1889-1930), porque era ainda diminuta a força económica gerada pela indústria e reduzido o papel político da classe operária. E as greves não ganhariam muita força devido não só a rivalidades étnicas como à incapacidade de organização<sup>200</sup>.

O movimento de greves agudizou-se entre 1917 e 1920 dado que a Grande Guerra europeia se reflectiu internamente em carências várias como se reflectiu ali a propaganda ideológica nascida com a Revolução de Outubro de 1917 que triunfara na Rússia.

Eclodiram muitas dezenas de greves em S. Paulo e no Rio de Janeiro durante esses três anos, quando já era expressiva a força numérica dos sindicatos, sobre-

---

198 SILVA, 1990: 111.

199 FAUSTO, 1994: 296.

200 FAUSTO, 1994: 297.

tudo nas fábricas de têxteis de S. Paulo, maioritariamente preenchidas por mulheres e crianças que, por essa mesma razão, se tornava mais fácil desmobilizar<sup>201</sup>.

Entre as formas de desmobilização destes movimentos, muitas vezes fomentados por dirigentes operários estrangeiros, como diz o autor antes citado<sup>202</sup>, contava a expulsão dos indesejados, medida que incluía muitas vezes “anarquistas, militantes operários, vadios, ladrões, gatunos, vigaristas, jogadores, ébrios, mendigos e cáftens”, muitos destes tendo caído nessa situação devido a condições adversas, como diz Lená M. de Menezes<sup>203</sup>.

A percepção das crises de natureza socioeconómica que se agudizaram no Brasil por volta de 1915 e se estendem a todo o período por nós tratado reflecte-se, no dizer das cartas dos emigrantes, nas dificuldades em manter ou arranjar novo emprego que, alguns confessam, ficam mais facilitados para as mulheres.

Em episódios de greves, os emigrantes idos de Sernancelhe parecem manter-se apenas como espectadores passivos, aguardando o seu término, quando delas se dão conta, o que aliás se torna compreensível devido à natural situação de emigrantes que, como a maior parte deles, viessem de onde viessem, traziam apenas essa esperança de “fazer a América” e voltar para a Europa<sup>204</sup>.

As cartas também não deixam perceber certos sentimentos de animosidade que se agudizaram no começo da década de 20 provocado pelos “nativistas brasileiros” contra a colónia portuguesa que então dominava no sector do pequeno comércio de varejo e até no sector do grande comércio. E parece nunca terem ouvido os gritos de “abaixo os galegos” repetidas vezes dirigidos contra os seus concidadãos<sup>205</sup>.

O caso da Grande Guerra de 1914-1918 é, ainda assim, o acontecimento a que parecem ficar menos alheios, quer por que tenham sido indirectamente afectados pelas consequências laterais da mesma, como é o caso das dificuldades relativas a transportes ou emprego, quer mercê de um certo sentir patriótico.

Aponta-se o caso de Maria Cândida dos Santos que de Manaus escreve à sua mãe, para que lhe envie os filhos e que assim confessa:

---

201 FAUSTO, 1994: 300.

202 FAUSTO, 1994: 302.

203 MENEZES, 1997: 12.

204 FAUSTO, 1994: 297.

205 RAMOS, 1994: 597-598.

Minha mãe, aqui as coisas vão muito ruins. Anda por aqui muita gente desempregada devido à guerra europeia<sup>206</sup>.

No mesmo ano, João Lopes dos Santos escreve de S. Paulo à mulher para a mandar ir, argumentando assim:

Arranja-te e vem (...) que eu não posso ir para aí por causa da guerra<sup>207</sup>.

Mais atentos à problemática social da guerra parecem estar dois emigrantes, um no Rio de Janeiro, outro em S. Paulo.

O primeiro, ainda que desempregado e doente, escreve assim à mulher:

Manda-me dizer o que vai aí a respeito da guerra e quem é que já está intimado para ir. Nós aqui estamos à espera que o governo pague a passagem, que vamos todos defender a nossa pátria<sup>208</sup>.

Nos finais de 1916 iniciara-se em Portugal a mobilização do CEP (Corpo Expedicionário Português) que, nos começos de 1917, partiria para a frente, em território francês e Virgílio de Jesus Pereira que escreve de Manaus a seu compadre desabafa deste modo:

Completei ontem quarenta e cinco anos do que tenho imensa pena de me não poder bater com os alemães<sup>209</sup>.

A carta continua referindo a atenção que o mesmo presta ao encaminhamento da situação política quer em Portugal quer no Brasil revelando algum espírito crítico e, caso singular, mostrando um índice de alfabetização fora do comum perceptível na leitura que o mesmo faz do jornal.

Já estão mais sossegados com respeito à política? Li hoje no jornal cá da terra que tinham lançado fogo ao Arquivo da Repartição de Finanças! Por aqui espera-se barulho a toda a hora devido à entrada do novo governador, pois que o povo quer um e o governo deseja outro. É uma pândega!...<sup>210</sup>

Em nenhuma das cartas se revela qualquer gesto altruísta que toque a comunidade de origem no seu todo. E isso decerto se compreende pelo facto de a maior parte dos emissários das cartas se encontrarem no Brasil ainda há pouco tempo, reclamando mulher e filhos pequenos para esse empenho de sobrevivência que nem sempre era vencido.

206 Carta de Manaus, de 5 de Janeiro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 2530, n.º 94, de 14/03/1915.

207 Carta de S. Paulo, de 22 de Maio de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1962, n.º 61, de 16/08/1915.

208 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2441, n.º 51, de 28/11/1916.

209 Carta de Manaus, de 1 de Dezembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2494, n.º 15, de 25/01/1917.

210 Carta de Manaus, de 1 de Dezembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2494, n.º 15, de 25/01/1917.

Em nenhum deles se nota aqueles sentimentos que um dos heróis da ficção aquilinaiana, Manuel Louvadeus, fixamente retém ao voltar pobre e utópico à aldeia, depois de dez anos de ausência:

Quero dotar a terra em que nasci com escola digna, hospital, luz eléctrica, telefone, água potável, civilizá-la, pois que está bem na barbárie. Os Governos sórdidos não o fazem, faço-o eu <sup>211</sup>.

De facto não se identificam nas freguesias do concelho, ao longo dos anos que este estudo percorre, testemunhos deste tipo de intervenção solidária e benemerente.

São já tardios os exemplos dados por Gabriel Lopes de Azevedo e seu irmão Hermínio Lopes de Azevedo, naturais da Vila de Sernancelhe que, tendo partido em 1905 para o Rio de Janeiro ali se estabeleceram com negócio de carnes e salsicharia de que tinham fábrica em S. Cristóvão.

Filantrópicos, vieram a beneficiar largamente a sua terra à volta dos anos 50.

Gabriel Lopes de Azevedo patrocinou a construção do Quartel dos Bombeiros Voluntários, mandou dar em cada ano generosas esmolas a pobres por altura do Natal e, em seu testamento deixou a belíssima mansão que, como casa de brasileiro, construiu na sua Quinta de Santa Maria, dentro da Vila, à Casa do Povo de Sernancelhe.

Hermínio Lopes de Azevedo patrocinou generosamente a edificação do Hospital de Sernancelhe que se construiu nessa mesma década <sup>212</sup>.

Acresce aqui dizer, na linha de afirmações já feitas por Jorge Alves para outros brasileiros, que as doações referidas para Sernancelhe já não se vinculam a obrigações religiosas como durante muito tempo aconteceu, mas antes se orientam para realizações que têm a ver com uma noção laica de progresso, ainda que o calendário do Natal seja justificação para a solidariedade <sup>213</sup>.

### **1.9. Uma evidência de conflito**

Em 1918 Aquilino Ribeiro caracterizava deste modo as aldeias serranas de onde então partia essa romaria de emigrantes a que este estudo devolve, de algum modo, o nome e um rosto e um rasto, se se quiser, de humanidade:

---

211 RIBEIRO, 1958: 116.

212 LOPES, 1973: 9-13.

213 ALVES, 1994: 316.

A aldeia serrana, como aquela em que fui nado e baptizado e me criei são e escorreito, é assim mesmo: barulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituíam o empedrado da comuna antiga<sup>214</sup>.

Todavia a vida ficcionada que Aquilino constrói nos diversos livros que fazem decorrer a acção no território em análise tem por espelho fiel heróis e circunstâncias gémeas das do romance.

Na aparente acalmia da aldeia que trabalha de sol a sol, obediente ao ritmo do sol e da lua e ao ritmo mais longo das estações, soltam-se os instintos de que fala aquele Mestre.

Uns tomam-se do vinho, na taberna, e desancam as mulheres à hora da ceia. Outros batem-se, por honra, em tardes de feira ou romaria.

Alguns matam-se por questões de água ou de partilhas. As mulheres zangam-se e interpelam-se na fonte, às vezes só porque um cão lhes roubou o toucinho mal guardado na panela. E é quanto baste para que duas famílias fiquem anos sem “dar a salvação”<sup>215</sup>.

As cartas de chamada transportam dentro de si a alma inteira da aldeia feita razão e instinto, solidariedade e desprezo, amor e ódio, o apaziguamento fecundo e o conflito perturbador que tocam essa comunidade que parece reconstituir, na diáspora, o modo de viver da sua terra de origem.

São pais e filhos desavindos sem, às vezes, se saber porquê. É o que se passa com José Lopes Caixa que em 1901, estando no Rio de Janeiro, reclama notícias do pai que parece tê-lo enjeitado:

O senhor faz de conta que não tem ninguém aqui no Brasil, não tem filho, não tem neto, não tem ninguém<sup>216</sup>.

Mais frequente é a deterioração das relações entre cunhados e as cartas de chamada oferecem disso mais que um exemplo. É o caso de Manuel Gomes Pinheiro que, estando a esposa de partida, lhe recomenda que escolha alguém competente como procurador para tomar conta de quanto deixam:

Oferecerás a quem for competente. Menos a teu irmão<sup>217</sup>.

---

214 RIBEIRO, [1963, Aquilino, Terras do Demo, Livraria Bertrand, Lisboa, 1963, p. 10].

215 “Dar a salvação” – expressão eufemística que significa dizer Bom dia ou Boa tarde como saudação quando as pessoas se encontram.

216 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

217 Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2384, n.º 125, de 22/01/1914.

Manuel Lopes Pedreiro é de temperamento mais vivo, do género “ferver em pouca água”, como se costuma dizer na aldeia e a carta que escreve à mulher em 1904 é bem testemunho disso.

Desconhecem-se os motivos de desconfiança mas, quaisquer que sejam as razões de queixa que tem de seus cunhados parecem ser suficientemente fortes para tomar a atitude que expressa:

Saberás que me recordei da viagem de teu irmão e, visto termos-lhe passado a procuração, chegada a ocasião do embarque podem-nos fazer qualquer traficância, visto terem a procuração em seu poder. Trata de ma retirar da mão deles o mais breve possível <sup>218</sup>.

Fleumático, reage com algum sarcasmo a certas notícias da mulher que veiculam comentários desdenhosos acerca de bens de raiz ou respeitantes à sua situação de emigrante que um tal José da Formosa considera como degredado. E manda o seguinte recado à mulher:

Diz ao Manuel da Viúva que peça a Deus que eu aí vá; que nem ele, nem outro qualquer se vai gozar dos olhos da tua cara. (...)

(...) Diz ao José da Formosa que eu não estou degredado, que sou bem competente de lhe ir ver os olhos; e as terras que esses marotos hão-de fabricar, bota-lhe giestas <sup>219</sup>.

Não se sabe até que ponto este aparente mau feitio se ajusta à situação caricata que o mesmo descreve assim:

Saberás que meu primo Aurélio recebeu uma carta onde dizia que tu tinhas morrido em oito dias. Isto antes da tua carta chegar. Já podes ver como eu fiquei quando recebi tal notícia. Não pude conciliar o sono <sup>220</sup>.

Não causa estranheza pensar que este episódio de mau gosto se explique no quadro destas relações deterioradas.

Outra razão que muitas vezes começa por desestabilizar o ambiente familiar e por vezes acrescenta a conflitualidade interna da comunidade é o mexerico, o “diz-se, diz-se” insidioso que se torna fácil transportar para o Brasil onde o terreno de propagação parece ser igualmente fértil.

É sintomático o desabafo que Manuel da Costa Dias tem para a mulher:

Com respeito ao teu embarque e bem assim que esta recebas, [quero] que venhas porque aqui é tudo cheio que eu que me não dava contigo. Pois eu

218 Carta de S. Paulo, de 2 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 59, de 18/10/1904.

219 Carta de S. Paulo, de 2 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 59, de 18/10/1904.

220 Carta de S. Paulo, de 2 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 59, de 18/10/1904.



nunca te tratei mal. Pois é bem que tu venhas<sup>221</sup>. Insinuações do género são veiculadas por cartas tanto de um lado como de outro.

José Augusto Pereira do Nascimento procura tranquilizar a mulher a quem chegaram notícias de uma estranha viagem que ele havia feito indo de Ribeirão Preto a S. Paulo, viagem que não terá existido como ele pretende provar.

Nesta mesma carta e a propósito da casa que a mulher e o filho deixarão carecida de conserto manda dizer que para esse efeito enviará o dinheiro o mais breve possível. E dá a seguinte razão:

Pois eu bem me custa cortarem a casaca em minha ausência<sup>222</sup>.

Há também aqueles que, de uma forma mais inocente, comentam determinados episódios que, a saírem do recato a que devia obrigar-se o destinatário da carta podem tornar-se menos abonatórios para quem foi seu actor.

Serve de exemplo o que se passou em Santos com uma tal Maria Vendeira

Digo-te que vai aí a Maria Vendeira e se leva dinheiro é porque alguém o perdeu, pois esteve três meses a comer e não pagou a comida em casa de uma de Paipenela. Se eu assim fizesse também podia ir; mas quero andar com a minha cara descoberta<sup>223</sup>.

Este apelo para uma honorabilidade própria, este sentimento de honra frequente também no modo de estar na aldeia estabelece-se como contraponto a esse desrespeito em que incorre não só o fazedor de intrigas como o arruaceiro que levemente arma barulhos, como se diz na aldeia.

Deste apaziguamento desejado oferecem as cartas um excelente exemplo. São as recomendações de António Lucas a sua mulher que chama para junto de si:

Mulher, te peço que peças desculpa à Vitorinha; nós não temos nada com isso, mas temos algumas famílias. Te peço que fiques bem com toda a gente, pois tu bem sabes que eu gosto de viver bem com toda a gente, pois também não quero que tu fiques mal com ninguém. Pede desculpa a teus inimigos<sup>224</sup>.

A doutrina da Oração Dominical – o Pai Nosso – aprendida na infância era aqui indirectamente chamada para contrabalançar o peso dos ímpetus da natureza que conduzem à discórdia. Mas a sua evidência fica clara, num e noutra lado do mar.

221 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

222 Carta de Ribeirão Preto / S. Paulo, de 24 de Março de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1848, n.º 87, de 02/06/1905.

223 Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2543, n.º 17, de 22/02/1913.

224 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

### 1.10. A doença e a morte - um problema

As cartas de chamada não oferecem uma fecunda informação acerca da doença e a referência à morte que se acha pertinente fazer apoia-se somente nos textos ficcionais de Aquilino Ribeiro de que se faz fonte indirecta para o estudo epocal da emigração no concelho seleccionado. Ao regresso ou sua possibilidade as cartas aludem frequentemente ainda que bastas vezes o façam de forma indirecta.

As situações de doença a que as cartas aludem oferecem-se como casos pontuais, certamente exemplares, mas que não permitem retirar ilações acerca dos surtos epidémicos que nas duas primeiras décadas do séc. XX ainda atingiam as principais cidades de destino dos emigrantes, particularmente o Rio de Janeiro onde havia a maior concentração de portugueses.

No dealbar do séc. XX a febre amarela fazia ainda inúmeras vítimas, sobretudo na estação calmosa, os surtos de varíola dizimavam muita gente, particularmente nos subúrbios, apesar de em 1904 se ter tornado obrigatória a vacinação. No que respeita à tuberculose pulmonar essa fazia mais vítimas do que todas as febres infecciosas juntas, inclusive a apavorante febre amarela<sup>225</sup>.

Na 1ª parte deste trabalho (conferir. 1.4. A transparência da religiosidade), foi referido já o episódio de milagre sucedido a Bernardino José, ido da Faia para o Rio de Janeiro onde contraiu a febre amarela cuja cura agradeceu com uma tábua votiva à Senhora da Lapa, com Santuário perto da sua terra de origem.

Aquilino Ribeiro na obra romanesca que tem por cenário o horizonte geográfico das *Terras do Demo* colhe da voz popular construída com as notícias de alguns “brasileiros” de retorno e os informes das cartas, cenários de grande verosimilhança quando se refere a esses episódios de morte e de doença que tocam os emigrantes.

É o que se passa com Libânio, um dos seus personagens de *Terras do Demo* que Don’Ana se esforça por casar com Rosa, irmã do padre de quem ela é ama.

- Casa com o brasileiro.
- Dizem que o brasileiro vem héctico...
- Agora; aquilo é dos ares das outras bandas, que são bravos, e pintam o rosto como lagarto<sup>226</sup>.

225 *Relatório da Caixa de Socorros D. Pedro V...*, 1990.

226 RIBEIRO, [1983, *Terras do Demo*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1983, p. 35].

Rosa acaba por ceder e casa com Libânio esquecendo a figura de um rosto marcado de bexigas como se diz por ali dos sinais deixados pela varíola.

Rosa mal consegue retê-lo por uns anos junto de si.

Quando o primo Luis Alonso regressa do Brasil com ar de rico, Libânio pensa de novo em embarcar, mau grado a resistência da mulher que ficava com três filhos.

– Um homem é para o mundo. (...)

– E lá partiu. (...) Era a morte a chamá-lo. Mal pegou uns dias no ganho na Sapucaia, ataram-lhe os pés. Os patrícios tiveram que se fintar para o enterrar em terra santa<sup>227</sup>.

O prenúncio de uma tuberculose que o povo adivinhara e o vício de fumador inveterado que agravava aqueles sinais haviam traçado o seu destino.

As notícias continuavam chegando pela voz de “brasileiros” de torna-viagem.

Luis Alonso de quem Aquilino pinta a dramática chegada à aldeia em “O Manto de Nossa Senhora” é logo rodeado pelas mulheres do lugar sequiosas de notícias.

– Então nem ouviste dizer que estão bons?<sup>228</sup>

Luis Alonso soubera deles pelo Jaime Gaudêncio, um dos filhos de Rosa e Libânio que havia embarcado também.

– Por modos, o Luis tem logrado pouca saúde. Pegaram-lhe as febres, esteve a virar as cangalhas<sup>229</sup>.

Nem estes textos da ficção, nem os reais textos das cartas, como se verá, esclarecem a verdadeira natureza da doença, razão que se explica pela fraca alfabetização da generalidade dos emigrantes.

José Lopes Caixa que trabalha no Rio numa Fábrica de Chitas escreve, desanimado, a seu pai:

Que a minha [saúde] ao fazer desta é bastante doente em tratamento com o médico ou doutor<sup>230</sup>.

E continua:

No princípio que cheguei aqui e que tinha saúde e que eu tinha melhor sorte o senhor me escrevia. Agora que a minha sorte tem sido sempre cheio de doenças, o senhor faz de conta que não tem ninguém<sup>231</sup>.

---

227 RIBEIRO, [1983, Terra do Demo, p. 40].

228 RIBEIRO, 1963: 316.

229 RIBEIRO, 1963: 316-317.

230 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

231 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

Adelino de Castro desculpa-se perante a mulher da demora em escrever-lhe a carta de letra insegura que agora lhe envia:

Desculpa em te não ter escrevido (sic) porque tem sido a minha pouca sorte, têm sido doenças, nem te digo nada <sup>232</sup>.

Mais adiante justifica de novo a demora e a menor extensão da carta:

Não posso escrever com o nervoso <sup>233</sup>.

Aurélio Mota requer junto de si a presença da mulher:

Saberás que ando muito constipado. Vem depressa para ma tirares <sup>234</sup>.

Verdadeiramente Aurélio Mota mais do que queixar-se da constipação que estará curada quando a mulher chegar confessa as saudades que tem da mulher e da ternura familiar.

Aires Pinto Lauro escreve a seu cunhado para lhe pedir que, no regresso ao Brasil, lhe leve os seus dois filhos. Simultaneamente dá-lhe notícias de um tal José, certamente filho mais velho, irmão ou cunhado também, que estava recuperando a saúde e já voltara ao trabalho:

Pois nós passamos sem novidade. O José vai melhor. Já trabalha <sup>235</sup>.

Luís Rodrigues Ferreira pede insistentemente a sua mãe que lhe mande a filha que deixara ao seu cuidado, certamente para os ajudar, a ele e à esposa, nas lides domésticas, argumentando com a permanente falta de saúde da mulher:

Se não ma mandar, eu vou-me embora. A Adélia não logra muita saúde <sup>236</sup>.

José Borges queixa-se, em 1916, de sua mulher, Carolina, que não lhe escreveu nos últimos seis meses e confessa, amargo, a sua situação de doença e abandono:

Carolina, não sei qual é a razão, que me não tens escrevido (sic), que já há seis meses que não recebo carta tua. (...) Eu já do S. João que não ganho nada, que tenho estado doente e tu nunca tiveste a coragem de escrever a teu marido. Por isso vejo a amizade, tu só tens amizade ao dinheiro e não a mim <sup>237</sup>.

Na terra natal dos emigrantes estas cartas que chegavam, lidas tantas vezes por escreventes, provocariam decerto algumas lágrimas na roda mais íntima da família, depressa enxutas. Reclamar-se-ia contra o destino que lá e cá não

232 Carta de Manaus, de 10 de Julho de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1811, n.º 131, de 13/10/1911.

233 Carta de Manaus, de 10 de Julho de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1811, n.º 131, de 13/10/1911.

234 Carta de ?, de 5 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1807, n.º 99, de 02/10/1911.

235 Carta de Santos, de 18 de Agosto, de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2374, n.º 83, de 27/09/1913.

236 Carta de S. Paulo, de 22 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2482, n.º 45, de 21/02/1914.

237 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2441, n.º 51, de 28/11/1916.

deixava de atormentar os homens. Mas havia que se insistir. E o pai lá enviava ao filho a neta que acabara de criar e as mulheres decidiam-se por fim a embarcar achando que o seu lugar era junto do homem que reclamava a sua ida.

### 1.11. O retorno como intenção

Diz Miguel Monteiro que “a emigração, ao ser vista como uma realidade distinta do retorno, ou, se quisermos, como duas vertentes autónomas do mesmo problema, não tem em conta que na base da saída está uma situação de retorno”<sup>238</sup>.

Partindo, embora, deste pressuposto, importa ver em que medida as cartas de chamada evidenciam uma intenção de retorno que poderia vir a verificar-se ou não, reafirmando assim que a presença ou ausência dessa intenção nada acrescenta ao conceito de emigrante de que os próprios dicionaristas se reclamam<sup>239</sup>.

As cartas de chamada, escritas por quem teria encontrado, ao fim de um tempo relativamente longo, uma situação confortável para o chamamento da família ou de algum dos seus membros reenviam, quando o fazem, para esse momento circunstancial da escrita. Os juízos que então expressam ou calam a respeito de uma intenção de regresso quer o façam de forma explícita, quer o refiram indirectamente, são analisadas aqui nessa condição.

São escassas as referências feitas de forma explícita a uma intenção de regresso.

Encontam-se, por exemplo, na carta de Manuel Bernardo para Ana, sua mulher, que reclama para junto de si justificando-se a vinda dela face à intenção dele permanecer no Brasil algum tempo ainda.

Que eu esta meia dúzia de anos não faço conta de ir para essa terra<sup>240</sup>.

António Pereira escreve a seu irmão para que lhe mande o filho Manuel a quem terá de garantir emprego antes que regresse.

Que me mandes o meu Manuel pois eu não vou enquanto o não deixar empregado<sup>241</sup>.

Leonor Silva escreve a sua mãe para que lhe envie o filho Bernardo que ali lhe faz muita falta referindo-lhe a incerta data do regresso.

---

238 MONTEIRO, 2000: 251.

239 Emigrante – que ou o que emigra; que ou quem sai da sua pátria para viver noutra país. Ver *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2003.

240 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

241 Carta do Rio de Janeiro de 2 de Agosto de 1920 – ADV, GC/P, caixa 1857, n.º 54, de 28/09/1920.

Mande-mo, que eu não sei quando irei<sup>242</sup>.

Adversidades de monta, geralmente ocasionadas por falta de trabalho ou baixos salários levam também alguns a pensar no regresso.

É o caso de José Bernardo que deixa suspensa a ideia de regresso da possibilidade da mulher se lhe juntar, dado que para as mulheres se oferece trabalho com mais facilidade.

Eu estou empregado mas ganho muito pouco. Estou a ver se arranjo dinheiro para me ir embora<sup>243</sup>.

José Borges, nesse mesmo ano e mês escreve à mulher reclamando das dificuldades – isto aqui está muito ruim, não há trabalho, confessando também a vantagem das mulheres – para o que está melhor é para as mulheres. E deixa pendente a decisão de regresso da decisão da mulher que tanto poderá ir reunir-se-lhe como optar pela permanência na aldeia onde, regressando então, a ajudaria no governo das terras.

Olha, eu e o Alfredo fazíamos tenção de irmos para a Páscoa. Agora tu vê lá, resolve a tua vida. Se não vieres vê lá se podes arranjar terra para batatas e uma ou duas sortes<sup>244</sup> de milho que eu vou-tos ajudar a governar<sup>245</sup>.

Manuel António Ferreira no ano anterior mandara ir a mulher, seguindo o exemplo de João Sequeira, certamente um conterrâneo, alegando que ele não poderia regressar por causa da guerra.

Eu estive hoje com o João Sequeira e ele me disse que vai mandar ir a mulher. Tu arranja-te e vem com ela que eu não posso ir para lá por causa da guerra<sup>246</sup>.

São todavia numerosas e convincentes as referências a uma intenção de regresso que, apesar de não declaradamente expressas remetem, no entanto, para esse entendimento.

Tem a ver, esta circunstância, com a posse de bens de raiz, rústicos ou urbanos, que os seus possuidores não desejam ver alienados por razões que podem ter a ver com a garantia de um prestígio social que mantinham na comunidade de origem, mas que terão sempre a ver com um retorno à partida assumido como certo ou colocado, pelo menos, como fundada hipótese.

---

242 Carta de S. Paulo, de 23 de Março de 1908 – ADV, GC/P, caixa 1819, n.º 108, de 15/06/1908.

243 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Janeiro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2442, n.º 04, de 24/04/1916.

244 Sorte – o mesmo que parcela ou leira.

245 Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2441, n.º 51, de 28/11/1916.

246 Carta de S. Paulo, de 22 de Maio de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1962, n.º 61, de 16/08/1915.

Antônio Cardoso Faustino chama para junto de si a esposa e um filho devido a ter sido informado das dificuldades que o país atravessa. Apesar disso zela pela manutenção do seu patrimônio como pode ver-se pelas recomendações deixadas na carta.

As terras, ou as arrenda ou as deixa a quem tome conta delas (...) E quero que tragas a relação de tudo quanto lá deixo e não quero que me vendas nada<sup>247</sup>.

David Antônio escreve a seu irmão que coloca a hipótese de voltar ao Brasil e refere-lhe que José [seu irmão] o encarregou de dizer-lhe que se vendesse certas propriedades lhe ficaria com elas.

Pois o José me disse que se tu venderes, que ele te fica com a fraga e com a regada<sup>248</sup>.

O mesmo questiona o irmão acerca da situação das suas casas.

Agora manda-me dizer se as minhas casas estão por conta do Sebastião, meu compadre ou se lhas entregou [ao cunhado Manuel]. Que eu que as não quero a palhal!<sup>249</sup>

Antônio Correia escreve a uma tal Maria Angélica com a qual agenciara a vinda do filho Antônio no seu regresso ao Brasil oficializando deste modo o pedido e confiando-lhe ainda outro encargo.

Diga à minha sogra que lhe compre uma roupa, ao Antônio, para trazer, com o pão deste ano, que é o que eu quero e que tome conta de tudo aquilo que for meu<sup>250</sup>.

Antônio Soares Lopes faz idêntica recomendação a sua mulher que partirá em breve.

Recomenda ao José [irmão] que tome conta das terras, principalmente das matas<sup>251</sup>.

Multiplicam-se as recomendações deste teor confiando-se a pais, irmãos, compadres ou tão simplesmente a arrendatários os bens de raiz sempre testificadores de prestígio e reserva útil em circunstância de retorno.

Oferecem-se como raros os casos daqueles que, qualquer que seja a razão, parece não terem mais intenção de voltar.

247 Carta de Engenho de Dentro, de 21 de Março de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2032, n.º 64, de 12/11/1904.

248 Carta de S. Paulo, de 11 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 60, de 18/10/1904.

249 Carta de S. Paulo, de 11 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 60, de 18/10/1904.

250 Carta de Santos, de 20 de Maio de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2046, n.º 73, de 21/07/1913.

251 Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2483, n.º 115, de 09/02/1914.

É o caso de José Lopes Caixa que, doente e infeliz com o aparente abandono em que o pai o deixa lhe confia:

Peço-lhe por alma da minha defunta mãe que me mande a minha filha. É a única coisa que lhe peço, porque eu não me importo mais daí <sup>252</sup>.

José Augusto Pereira do Nascimento que parece ter deixado a mulher em casa de renda recomenda-lhe que venda as camas de ferro que permanecem como imagem das suas fracas posses.

As camas de ferro vende-as pelo que puderes. Creio que para nós não serão mais precisas <sup>253</sup>.

António Figueiredo cujas posses na aldeia se limitavam a uma casa e uma horta recompôs a sua vida nos arredores de S. Paulo onde se fixou com um seu compadre – eu com o compadre comprámos um sítio em Campo Limpo e, como bom camponês não dispensa a ajuda complementar da mulher – e eu não me posso lá arranjar sozinho muito bem, por isso vem – a que pinta o lugar como paraíso – o sítio tem muita laranja e bananas e pêsegos.

Não parece querer regressar como se depreende da carta para a mulher.

Alexandrina, vende tudo quanto é nosso <sup>254</sup>.

António Lucas, que é mais homem de negócio, parece compreender a apetência camponesa da mulher que regressada à sua terra mostrara desejo de voltar.

Pois eu tenho aqui um lugar que nos serve e tem negócio e tem terreno bom para criação de tudo em lugar bom. (...) Se te não servir tenho mais dois lugares bons em ponto de criares criação sem incomodares ninguém <sup>255</sup>.

Nesta longa carta António Lucas parece admitir a possibilidade de um regresso caso a mulher não venha, clarificando, numa notável síntese, as fundamentais razões que justificam um retorno.

Pois eu, se não fosses tu e os filhos e o que tenho aí, mais a essas terras não ia <sup>256</sup>.

Esclarece no entanto a mulher:

Se vens, não vais tão depressa ou nunca mais <sup>257</sup>.

E pede-lhe, nesse caso, que venda todos os bens excepto seis propriedades cuja relação acrescenta, as quais garantirão o sustento de sua mãe enquanto viva.

---

252 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

253 Carta de Ribeirão Preto, de 24 de Março de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1848, n.º 87, de 02/06/1905.

254 Carta de S. Paulo, 25 de Novembro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2380, n.º 59, de 02/02/1915.

255 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

256 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

257 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.



Estes seis prédios ficam para a mãe enquanto viva. Depois Deus é quem determina. Pois o resto vende tudo <sup>258</sup>.

Neste quadro de indeterminação António Lucas insiste em fazer reflectir a mulher.

Pensa bem o que fazes. Só te peço que quando vieres, que queres ir para a terra, isso não, eu não vou mais <sup>259</sup>.

Colocam ainda as cartas de chamada a situação concreta de filhos que, após a partida da mãe ficam confiados a avós, tios ou padrinhos sem que se refira qualquer intenção de um dia se requerer a sua ida ou se faça menção de uma intenção de regresso.

Cita-se o caso de Francisco dos Santos Ferreira que diz expressamente:

Saberás que eu que estou resolvido a mandar-te vir para a minha companhia. (...) mas quero que fiquem os meus filhos, os mais novos com a avó, a mais velha se a quiser a madrinha; se ela não quiser a avó que fique com ela <sup>260</sup>.

Não se pode adivinhar, através desta informação o que pensam verdadeiramente os pais destas crianças. E não pertence à natureza deste estudo averiguar o que efectivamente aconteceu.

Sabe-se, no entanto, por conhecimento directo, que várias crianças deixadas nestas circunstâncias cresceram em terras do concelho sem que os pais alguma vez tivessem voltado.

Aqueles que, de forma directa ou indirecta mostravam intenção de regressar, podem ter cumprido ou não os seus ensejos. Isso dependeu de circunstâncias várias, fossem elas de ordem pessoal, familiar ou social.

E mesmo aqueles que afirmavam não voltar, não é seguro dizer que o não tenham feito.

---

258 Carta de Barneri, de 4 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

259 Carta de Barneri, de 12 de Janeiro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2025, n.º 20, de 19/05/1904.

260 Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, caixa 2041, n.º 104, de 15/01/1906.

## 2. CARTAS DE CHAMADA - O DISCURSO SOBRE A VIAGEM

As cartas de chamada enviadas sempre por alguém que, pelo menos uma vez, realizara a viagem que agora irá ser feita pelos destinatários da carta, geralmente mulheres ou filhos, contêm bastas vezes directrizes miúdas por aqueles julgadas importantes para o êxito da mesma.

No geral estas directrizes constituem informações e recomendações muito concretas que se acrescentam ao empírico conhecimento processual partilhado, ainda que de desigual maneira, por todos os membros destas comunidades rurais que se habituaram a ver partir parentes, amigos e vizinhos cujos passos solidariamente acompanhavam.

Dizem respeito à preparação da viagem no que tem de aparente e real complexidade, onde são minuciosas e acompanham depois o embarque, o tempo e a natureza da travessia do vapor até ao porto de destino onde se fará o desembarque acerca do qual se descrevem as situações em que se deve fazer.

### 2.1. Uma decisão: ir ou ficar

Quando uma carta de chamada chega ao destinatário ele tem apenas duas alternativas: ou decide partir, e então dará princípio a todo o longo processo burocrático de preparação da viagem, cuja data aprazada de chegada deverá comunicar através da indicação de barco em que partirá, ou decide ficar e a referida carta de chamada permanecerá vã enquanto tal, mantendo-se como simples carta familiar.

Num caso e noutro as razões que fizeram pender para um ou outro lado a balança nem sempre puderam ser completamente identificadas, particularmente as razões de quem ficou.

Quando se trata de filhos ainda criança que vão reunir-se aos pais levados por qualquer idóneo acompanhante, a decisão fica previamente tomada por aqueles, movidos por razões de sentimento ou de necessidade dos mesmos como ajuda.

Não pode esquecer-se o habitual recurso que numa aldeia se fazia do trabalho infantil que se traduzia no ditado por ali citado: “trabalho de menino é pouco mas quem o não aproveita é louco”.

Maria, filha de Albino de Jesus, com 8 anos apenas, na sua inocência, parece ter desejado ir ter com os pais que escrevem requerendo-a, a uma cunhada.

Mandaste-me dizer que a Maria queria vir. Pois que venha, quando quiser<sup>261</sup>.

Quando já adolescentes é ainda a decisão dos pais que impera. Mas aqui já alguns revelam uma vontade própria de partir a que a vontade e decisão dos pais parecem obedecer.

É o caso de Manuel, 12 anos, filho de António Pereira, que escreve ao irmão:

Que me mandes o meu Manuel pois eu não vou enquanto o não deixar empregado visto que você me mandou dizer que ele tinha empenho em vir<sup>262</sup>.

No que toca às mulheres são múltiplas as razões que as farão tomar uma ou outra decisão.

No mundo camponês a mais aparente do que real submissão da mulher ao seu marido conduz esta a seguir a vontade daquele que tanto a tenta impôr brandamente como de forma mais violenta. Todavia, casos há, como alguns enunciados no sub-capítulo 1.4. (A relação homem-mulher) em que a vontade da mulher se impôs à do marido.

Para algumas das mulheres que os maridos chamaram, a decisão de partir, sós ou com seus filhos, deve ter sido pacífica. Sentem que a sua obrigação é estar junto do seu homem que algumas vezes pôde requerer a sua presença tão só porque carecia de sua ternura, enquanto companheira, ou porque lhe seria indispensável nas lides domésticas para que ele não achava tempo nem jeito.

Nalguns casos são elas que requerem a ida movidas por razões que são, como no caso deles, o simples desejo de estar em família ou o desejo de participarem no trabalho.

Algumas fazem-no com veemência. Veja-se o caso da mulher de Francisco da Silva Castro conforme ele conta:

Eu pensei que devias estar aí mais algum tempo mas visto, ao que tu me dizias na tua carta, que queres vir e que queres vir, pois vem<sup>263</sup>.

Não se oferece razão plausível para algumas mulheres que tendo antes mostrado vontade de partir vão adiando a viagem obrigando os seus maridos a escreverem novas cartas enquanto “chamantes”.

Dão-se alguns expressivos exemplos.

Num dos casos escreve assim o marido:

261 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Agosto de 1920 – ADV, GC/P, caixa 1857, n.º 52, de 09/10/1920.

262 Carta do Rio de Janeiro, de 2 de Agosto de 1920 – ADV, GC/P, caixa 1857, n.º 54, de 28/09/1920.

263 Carta de S. Paulo, de 22 de Julho de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2065, n.º 139, de 18/10/1901.

Tinhas tanta pressa de vires para aqui, não sei que demora tem sido a tua. Por falta de dinheiro não pois que eu mandei-to<sup>264</sup>.

Manuel dos Santos mostra-se deveras irritado com a demora da mulher em vir e não aceita bem a desculpa da doença que ela apresenta:

Não vindo até ao fim de Fevereiro manda dizer a meu irmão que me devolva o dinheiro e não quero saber mais de ti. Há muito tempo que andas a pregar<sup>265</sup> para vires. Por isso eu te fiz a vontade. Já cá devias estar. Dizes que andas doente<sup>266</sup>.

António Paulino da Costa parece ter razão quando envia pela terceira vez, com leve censura, uma carta de chamada a sua mulher que afinal já dera seguimento a uma das outras, acabando todavia sem partir:

A mim disseram-me essas que vierão (sic) da terra que já tinhas os papéis prontos para vir e nunca vieste já por duas vezes. Pois o dinheiro gasta-se<sup>267</sup>.

Pacientemente alguns maridos vão vencendo resistências, arranjando argumentos para o convencimento de uma ou outra mais indecisa porque presa do amor do pai ou da família, porque incerta da aventura, temendo não se dar bem em terra tão estranha.

Eles então dizem-lhe, como faz um, que não se despeça de ninguém, que já têm casa onde morar, que ela terá hortas com frutos e espaço para criação de animais, que ali se governarão melhor.

Compreensivos alguns deixam-lhes a decisão final, mesmo um, como José Loureiro Cardoso, que coloca assim um dilema a sua mulher que tem a seu cuidado o velho pai, (todavia com possibilidade de acompanhar a filha):

Mas responde-me agora. E se ele não quiser vir e eu precisar de ti aqui, o que fazes?<sup>268</sup>

O mesmo acaba por acrescentar à carta um “Note Bem” meio sibilino:

Se acaso tu não tiveres vontade de vir, o que se pode dar esse caso, então não te contraças. Com isto não tenho intuito de te melindrar, mas pode-se dar esse caso porque não sei o teu idioma (sic)<sup>269</sup>.

264 Carta de S. João, de 29 de Março de 1908 – ADV, GC/P, caixa 1819, n.º 109, de 10/06/1908.

265 Pregar – o mesmo que repetir insistentemente de modo vigoroso.

266 Carta de Santos, de 24 de Novembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2481, n.º 23, de 02/02/1914.

267 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2491, n.º 141, de 30/01/1917.

268 Carta de S. Paulo, de 14 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2522, n.º 02, de 21/05/1917.

269 Carta de S. Paulo, de 14 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2522, n.º 02, de 21/05/1917.

É claro que todos os destinatários das noventa cartas que foram analisadas acabaram por partir. Não se poderá saber das tantas outras cartas que chamaram mulheres e filhos e não tiveram resposta, quaisquer que tivessem sido os factores dessa decisão.

## 2.2. Os “papéis”. Agentes e abonadores

Recebida a carta de chamada, decidida a resposta positiva à mesma, dava-se então início a uma demorada peregrinação por repartições públicas, cartórios notariais e escritórios de agentes das companhias de navegação muitas vezes designados como agentes de viagens e passaportes com o fim de obter a documentação necessária à obtenção do passaporte individual ou colectivo – os “papéis”, como vulgarmente se dizia – e o almejado bilhete para qualquer vapor.

À partida os meios financeiros que custeariam as despesas a fazer com os documentos, a “mala de viagem”, o bilhete de passagem ou ficavam garantidos com prévia remessa de dinheiro do Brasil ou havia que garantir o crédito qualquer que fosse o caminho.

Eram raros, no entanto, aqueles que podiam custear, por inteiro, a viagem dos filhos e da mulher ou porque tinham emigrado há pouco tempo como se vê por aqueles que têm filhos ainda de leite ou porque a sorte os não ajudou.

Manuel dos Santos que vinha insistindo na ida da mulher manda-lhe dinheiro bastante para a viagem dela e dos filhos que ela acaba por não levar:

Hoje mesmo mandei para Lisboa a meu irmão Albano 220.000 reis para tua passagem e dos nossos filhos<sup>270</sup>.

António Aires envia também todo o dinheiro necessário à vinda da mulher e sua filha:

Nazaré, aí te mando 100.000 reis para o ires receber à Meda, em casa do Cautela. Eu ainda o não ganhei todo mas pedi algum emprestado. É para tu vires e a nossa filha. Gasta o que precisares<sup>271</sup>.

Mais frequente se tornava o envio de modestas quantias que garantiam a realização de pequenas despesas a fazer com as roupas, os “papéis” ou se constituíam como parcela do custo da passagem devendo o resto ser conseguido por empréstimo.

270 Carta de Santos, de 24 de Novembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2481, n.º 23, de 02/02/1914.

271 Carta de Santos, de 7 de Dezembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2531, n.º 176, de 20/02/1913.

São elucidativos os testemunhos que se apresentam:

Neste vapor te mando 15.000 para ires governando a tua vida (...) Este dinheiro é para as tuas despesas. E para a passagem pedi-o emprestado ou vai ter com o senhor Mero que te abone o que for preciso<sup>272</sup>.

Maria, aí te remeto 50.000 reis para a tua passagem. Se te não chegar pede ao Sr. José Gouveia que te abone 20.000 reis até cá chegares<sup>273</sup>.

Maria da Luz pede às filhas que partam para junto de si garantindo ela a passagem das mesmas enquanto elas remediariam de outro modo as restantes despesas:

Foi daqui um moço dos Pereiros de nome José Silvestre e eu pedi a ele se vos trazia que eu depois lhe pagava aqui e ele disse que sim. (...)

Vós vendei a sorte da Sarzeda que é para os papéis, que ele só vos paga a passagem<sup>274</sup>.

Há casos em que o marido pede à esposa para vender todos os bens fundiários custeando deste modo a passagem:

Alexandrina, vende tudo quanto é nosso (...) Se por acaso não puderes vender nada pede aí o dinheiro emprestado sobre o que aí temos<sup>275</sup>.

O mais habitual, no entanto, é o recurso ao crédito ajustado junto de um membro da família, pai, sogro, irmão, cunhado, tio, padrinho, de tudo havendo exemplo, ou junto de um credor estranho que, no geral, requer fiador, assinatura de letra ou consignação de propriedade de raiz tomada como título de dívida.

Deixam-se alguns exemplos:

Vai falar com o sr. António Paixão, se ele faz o favor de ficar pelo dinheiro da passagem que se lhe assina uma letra<sup>276</sup>.

Fala com o João Rebelo. Mas que não te puxe tanto como a mim<sup>277</sup>.

E como agora te não posso mandar dinheiro diz a teu pai que te abone, que depois se lhe manda<sup>278</sup>.

Curiosa é a atitude de um filho que requer de seu pai o envio urgente da filha que havia deixado com os avós alegando como crédito de abonação da viagem dela o suor que ali deixara ou parte das terras que um dia lhe caberão por herança:

272 Carta de S. Paulo, de 5 de Dezembro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2380, n.º 58, de 02/02/1915.

273 Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

274 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Novembro de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1812, n.º 162, de 14/04/1906.

275 Carta de S. Paulo, de 25 de Novembro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2380, n.º 59, de 02/02/1915.

276 Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1904, n.º 74, de 17/08/1915.

277 Carta do Rio de Janeiro, de 5 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1807, n.º 99, de 02/10/1911.

278 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Agosto de 1915 – ADV, GC/P, caixa 2412, n.º 152, de 24/10/1915.

O senhor pague-lhe a passagem porque tem aí o meu suor que me custou a ganhar e por isso ainda chega para a passagem e se não chegar o senhor vende um bocado e ma mande <sup>279</sup>.

Esta relativa facilidade de obter crédito não é de espantar particularmente no que diz respeito a estes candidatos a emigrante, mulheres e filhos, porque os credores tinham por fiança não só a palavra de quem solicitava ou mandava solicitar o empréstimo caucionada aquela pelos rendimentos de um trabalho certo no Brasil mas também os bens que possuem na terra de origem.

A este propósito acha-se elucidativo o exemplo que Américo Mendes de Carvalho dá na carta que escreve de Niterói, em 1911, para chamar sua mulher.

Um dos seus irmãos, desejoso de partir também, parece ter dificuldades em conseguir abonador e é o cunhado que justamente intercede habilmente em seu favor:

Com respeito ao teu irmão pede a teus tios que lhe abonem a passagem (...) e a sorte dele deve chegar para o abonarem. (...) Mas fala com os teus tios que o abonem porque vêm para aqui filhos de gente pobre abonados por sorte de Deus porque não têm nada e agora um como ele não tem quem seja por ele?!... <sup>280</sup>

Era a voz sensata de um típico camponês, carregado também de prudência que revela num outro trecho da mesma carta dirigindo-se à mulher:

Vê lá como deixas ficar a nossa vida! Com respeito ao dinheiro que se fica a dever que não seja na mão de algum ladrão que nos faça andar inquietados <sup>281</sup>.

Na aldeia surgiam por vezes episódios de dívidas não remidas que ocasionavam a desgraça de famílias.

Aquilino Ribeiro, num texto de ficção, recupera de forma exemplar a lição de um destes episódios.

Trata-se de Libânio, marido de Rosa, que volta ao Brasil contra a vontade da mulher.

E lá partiu. Abonou o António Rola a passagem, vinte e quatro libras a dez por cento, sobre letra <sup>282</sup>.

Doente que já ia, não resiste ao esforço e morre sem que tivesse ganho o dinheiro gasto na passagem.

279 Carta do Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901 – ADV, GC/P, caixa 2061, n.º 108, de 20/11/1901.

280 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

281 Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1977, n.º 85, de 02/12/1911.

282 RIBEIRO, [1983?]: 40.

Chamada a contas, vendia a viúva o cerrado, mimosinho de tudo. (...)

Já o António Rola, em véspera da letra vencer, lhe batera à porta:

– Rosa – disse ele – pagas ou protesto?

(...).

– Não sabias que findava o prazo? Já te disse, eu fico-te com o cerrado da noqueira elha por elha; e não vais mal...<sup>283</sup>

Na aldeia os homens tomavam o que acontecia aos outros por espelho, mas nem sempre aprendiam a lição.



São mulheres quem parte ou filhos menores que as acompanham ou seguem junto de “pessoa de confiança”, e a falta de desenvoltura das mesmas para actos burocráticos dificultada muitas vezes pelo facto de não saberem ler nem escrever, leva os maridos a desenhar-lhes, nas cartas, um quadro de recomendações muito precisas.

Acompanhadas depois pelo pai, um irmão, um compadre ou por outra mulher de seu conhecimento que precise de dar passos iguais, procura dentro do concelho ou em concelhos vizinhos um agente oficial de uma, às vezes mais companhias de navegação e de passaportes, ou um representante local do mesmo e confiam-lhe o encargo de tratar-lhes da passagem, incumbência que chega a passar pelo preenchimento dos requerimentos com assinatura a rogo.

Alguns exemplos são esclarecedores desta atitude:

Não te deixes enganar com os agentes. Fala na Vila da Ponte com o senhor Rebelo e vê também o resto dos outros. (...) Sabe falar com os agentes quanto à idade dos meninos porque eles são de quarto de paçaige (sic), vem a ser passagem e meia todos três<sup>284</sup>.

Vai falar com o Arnaldo a ver por quanto te cá põe. (...) E se tratares com o Arnaldo é para a Companhia Holandesa, ou mesmo que seja com outro agente<sup>285</sup>.

Em primeiro vai ao Mosteiro falar com a Filomena e vai com ela tratar com o agente dela para virdes juntas no mesmo vapor<sup>286</sup>.

---

283 RIBEIRO, [1983?]: 41.

284 Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2436, n.º 78, de 27/03/1914.

285 Carta de S. Paulo, de 20 de Fevereiro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2442, n.º 04, de 24/04/1916.

286 Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 64, de 24/11/1911.



Pede ao teu pai que te acompanhe até embarcares e que te ajude a arranjar os papéis para vires mais depressa <sup>287</sup>.

Fala com o senhor Frias, por quanto é que te passa ou com o senhor Rebelo da Granja. O qual te faça mais barato é que tu vens por ele <sup>288</sup>.

Neste período de emigração massiva os agentes da mesma, espécie de burocratas oficiosos que os representantes das Companhias de Navegação sediados no Porto e em Lisboa reconheciam como mediadores para venda de passagens pululavam pelo distrito. Ali, mais próximos da população de vilas e aldeias mal servidas de transportes, de reduzidíssima alfabetização, eram não só os vendedores de bilhetes de passagem como assumiam a gestão de toda a documentação necessária para obtenção do passaporte junto do Governo Civil de Viseu onde o candidato a emigrante não teria que deslocar-se. Muitos eram também abonadores.

Em 1916 eram 30 os agentes colectados no Distrito de Viseu <sup>289</sup>.

Alguns, com seus nomes e moradas, puderam ser identificados nos textos das cartas, nas assinaturas a rogo de alguma documentação, na menção que deles às vezes se faz no Termo de Abonação de Identidade, nos anúncios de jornais (Conferir Anexo n.º 5, estampa 16), em bibliografia.

Frederico Silva que exerce o seu múnus em Viseu mantém o escritório da Agência numa loja de fazendas de que é proprietário no Largo da Sé, n.º 20 e 22, em Viseu. Mantém em permanência o anúncio da sua agência num dos periódicos de Viseu, O Comércio de Viseu que se publica às quintas e domingos <sup>290</sup>.

Em 1904 o anúncio da Agência referida agora como “Passagens” esclarece que a Agência é já pertença de “Sucessores”, devido provavelmente a afastamento ou morte de seu proprietário.

Em diversos Termos de Abonação de Identidade de emigrantes do concelho de Sernancelhe vem referido que obtêm a sua passagem junto do agente Frederico Silva.

A Mala Real Inglesa e a Companhia Real de Navegação a Vapor do Pacífico mantiveram desde 1900 e durante muitos anos anúncios de quase quarto de

287 Carta de S. Paulo, de 14 de Julho de 1913 – ADV, GC/P, caixa 1900, n.º 45, de 02/09/1913.

288 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

289 *Anuário Estatístico de Portugal*, 1924.

290 A Agência de Frederico Silva vem referida nos anúncios de O Comércio de Viseu, em 1901, como Agência Central. Surge designada como Agência Vapores em 17 de Agosto de 1902, como Agência Central de 21 de Setembro de 1902, Passageiro em 26 de Outubro de 1902, Passagens em 1 de Novembro de 1902, assim se mantendo depois. Em 24 de Janeiro de 1904 é referido o nome “Frederico Silva – Sucessores”.

página no bi-semanário viseense já referido – O Comércio de Viseu, ao lado do anúncio do agente Frederico Silva (Conferir Anexo n.º 5, estampas 15 e 17).

Os bilhetes para os vapores das duas citadas companhias eram vendidos, desde 1900, na dita “antiga Casa Matagatos” situada no Campo de Viriato, em Viseu a qual pertencera como diz o texto do anúncio (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 17) a Joaquim Pereira da Silva, então já falecido.

Este Joaquim Pereira da Silva é referido como “grande agente de emigração”, activo em 1880, na monografia que o Cónego Manuel Fonseca da Gama publica em 1940 e que a Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva reedita em 2003. Diz ele:

Em 1880, no centenário de Camões, foram em passeio a Lisboa, o grande agente da emigração em Viseu, Joaquim Pereira da Silva, por alcunha o Mata-Gatos e seus agentes José Monteiro de Frias, de Alhais e o tal José Ferreira Paulo, de Vila Cova<sup>291</sup>.

José Monteiro de Frias, natural dos Alhais, freguesia do actual concelho de Vila Nova de Paiva de cuja sede dista cerca de 2 km, é assim um representante do agente de Viseu, crê-se que na sede do concelho, porque em diversos Termos de Abonação de Identidade de emigrantes de Sernancelhe eles referem que compram a passagem com o agente de Vila Nova de Paiva.

Manuel Bernardo que escreve do Rio de Janeiro a sua mulher, em 1916 recomenda-lhe o seguinte:

Fala com o senhor Frias, por quanto é que te passa ou com o senhor Rebelo, da Granja. O qual te faça mais barato é que tu vens com ele<sup>292</sup>.

E foi em Vila Nova de Paiva que a mulher apresentou a carta de chamada no Cartório Notarial de Arnaldo Monteiro de Frias que associará as funções de agente e deverá ter herdado, como filho, obviamente, o escritório de seu pai José Monteiro de Frias.

O outro agente referido pelo monógrafo, José Ferreira Paulo, manteve de certo escritório aberto na sua terra, Vila Cova-à-Coelheira, uma aldeia populosa que forneceu um contingente tão vasto de emigrantes para o Brasil de tal modo que ficou conhecida como “a aldeia mais brasileira de Portugal”<sup>293</sup>.

Em 1908 a Casa Matagatos mantinha em caixa essa designação referindo-se agente ou correspondente, em Viseu, de todas as companhias de navega-

---

291 GAMA, 2003: 267.

292 Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2543, n.º 23, de 28/10/1916.

293 FONSECA, 1999.

ção conforme recibo de venda de uma passagem de 3.<sup>a</sup> classe para Manaus assinado pelo seu “correspondente” Manuel Maria Rodrigues.

Estes e outros agentes referidos sumariamente em algumas cartas reuniam toda a documentação legal que também ajudavam a preparar e muitas vezes eram eles quem se dirigia ao Governo Civil para obter o passaporte do passageiro a quem posteriormente vendiam a passagem.

Além dos esclarecimentos que os maridos prestavam nas cartas a suas mulheres, além desse saber-fazer que se gerara nas aldeias mercê da continuada experiência, a imprensa regional publicava os frequentes anúncios das companhias ou dos seus agentes onde se referia a periodicidade dos vapores e as datas correctas das suas partidas de Leixões ou de Lisboa, o seu destino e outras informações de interesse, por exemplo a presença de criados portugueses a bordo.

O agente Frederico Silva mantinha o seguinte texto no seu anúncio:

Nesta agência dão-se aos interessados todos os esclarecimentos para obterem com a maior brevidade e simplicidade todos os documentos precisos para tirar passaportes – assim como aos resercistas e a outros indivíduos sujeitos ao serviço militar.

Prevenção: A todo o indivíduo que se apresentar nesta agência com papéis falsos, imediatamente será denunciado às autoridades competentes<sup>294</sup>.

O quadro que a seguir se apresenta refere, exemplarmente, a súmula da documentação necessária para o embarque de acordos com as determinações legais que vigoraram até à publicação do Decreto n.º 7.427 de 30 de Março de 1921.

QUADRO N.º 10

Documentação necessária para obter a passagem para o Brasil

N.º Série	Designação	Emissão	Especificações
1	Carta de chamada	Pais, tutores, irmão de sexo masculino maior de 21 anos	Produz efeito depois de reconhecimento notarial
2	Certidão de baptismo/nascimento	Pároco ou Registo Civil	Reconhecimento notarial
3	Certidão de Registo Criminal	Registo Criminal da Comarca	Reconhecimento notarial
4	Atestado de Regedor	Regedor da freguesia	Reconhecimento notarial. Atestar residência permanente ou comportamento

294 *O Comércio de Viseu*, Ano, XV, n.º 1508, de 03/01/1901.

N.º Série	Designação	Emissão	Especificações
5	Autorização de embarque	Familiar	Reconhecimento notarial de menor
6	Documento militar	Distrito de Recrutamento – Câmara Municipal	Se cidadão do sexo masculino
7	Declaração referindo objecto de viagem	O próprio	Reconhecimento notarial
8	Requerimento solicitando passaporte	Governo Civil	Reconhecimento notarial
9	Termo de Abonação de Identidade	Governo Civil	Impresso próprio. Fotografia

A publicação do Decreto n.º 7.427 de 21/2/1921 altera significativamente o modo de proceder.

A carta de chamada pessoal e intimista foi substituída por um frio documento consular ainda que designado “carta de chamada” ou “carta de chamada e autorização” como pode ver-se no documento passado pelo Consulado de Portugal em S. Paulo a Manuel Lucena, em 27 de Novembro de 1923 (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 8).

Esta carta de chamada ou autorização inscrita em papel impresso com o timbre do Consulado ou apenas lançada em folha de papel selado, num caso e noutro reconhecida a assinatura do cônsul por tabelião público ou pela Repartição de Administração Consular, exigia dois prévios documentos a apresentar pelo chamante.

Um deles era o requerimento dirigido ao cônsul para certificar que o requerente possuía os meios suficientes para custear as despesas de quem chamava. O outro era uma declaração de compromisso solene de que poderia prover à subsistência de quem também era chamado e que tinha meios para a sua repatriação em caso de necessidade (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 9).

Em ambos os casos os documentos exigiam o reconhecimento tabeliônico.

Enviada para Portugal, pelo chamante, a carta de autorização consular, o destinatário da mesma, por si ou através dos referidos agentes de passagens e passaportes fazia extrair da mesma uma pública-forma no notário que seria entregue no Governo Civil aquando da solicitação de passaporte<sup>295</sup>.

295 Entre 1925-1930 revela grande actividade, em Viseu, o agente José Sátiro Correa Júnior, casado, comerciante, que assina requerimentos de pedidos de passaporte e várias vezes declara receber, no notário, os originais das públicas-formas das “cartas de chamada” que lhe foram entregues para tal efeito.

De resto havia que obter toda uma corrente documentação até que, com o passaporte na mão, pudesse ser comprado o bilhete de passagem para o destino.

### 2.3. A Mala de Viagem

Ao longo do período que este estudo contempla, raramente alguém sai da aldeia a não ser quem tenha ido estudar para padre ou doutor. De resto partem os filhos para soldado e as filhas dos pobres, mal feitos os doze anos, para criadas de servir.

Fora disso há apenas a ida às feiras e romarias, pouco mais durando a demora do que uma noite e um dia.

O soldado e a criada pouco mais levam, quando partem, que um saco de chita ou de riscado com duas mudas de roupa. Os feirantes atam à cinta a bolsa da merenda com pedaços de pão e queijo e as mulheres da romaria, essas levam à cabeça cabazes com merenda embrulhada em linho que a família e os amigos irão partilhar à sombra de um pinhal.

E há então os que vão para o Brasil.

Quem vai, sabe que vai para não tornar ou então que a demora vai ser longa, bem como a travessia do mar. E aprestam-se em terra obedecendo ao dizer do aforismo – quem vai para o mar prepara-se em terra!

As cartas de chamada sobre que assenta esta reflexão fornecem preciosa informação acerca de uma mais recuada preparação da ida como seja a obtenção dos recursos para pagamento da viagem e da necessária e prévia documentação e também acerca dos últimos preparativos que precedem o embarque e que simplificarmente te traduzem pelo arranjar da “mala”.

Acontece, todavia, que estas cartas de chamada se destinam sempre a convocar familiares, mulheres e filhos, às vezes outros parentes a quem fornecem indicações muito precisas não só a respeito da natureza da própria mala enquanto continente, como também a respeito do seu conteúdo que será integrado por tudo aquilo que se tornará necessário na viagem, roupas e alimentos, ou que responderá à organização de vida que se terá no lugar de destino.

Joaquim José Pereira que escreve do Rio de Janeiro em 1904 chamando a esposa para junto de si, faz-lhe miúdas recomendações:

Compra [em Lisboa] comestios (sic) que se não estraguem se não pudeses comer comida do vapor (...)

(...) Traz toda a tua roupa, xailes e toda a tua roupa e a roupa toda branca da cama. Traz também o meu casaco de montanhaque e compra uma caixa grande à tia Graça, que não me deixes ficar envergonhado. Não faças feio...<sup>296</sup>

Antônio Augusto Arôlo escreve de S. Paulo, em 1915, a sua sobrinha, para que vá para junto dos tios com o fim de tomar conta dos filhos que haviam deixado e que deverão partir com ela:

Maria, depois põe um sinal à arca para conhecer em Lisboa; põe-lhe três cruces com tinta preta, bem grandes<sup>297</sup>.

Maria Estrela que embarcara para Manaus deixando seu filho Mário aos cuidados de sua mãe escreve agora pedindo a sua mãe e ao irmão que lho enviem por “pessoa de confiança”.

Quanto aos preparos de viagem é minuciosa:

Mande fazer duas roupas bem feitas, finas, uma azul marinho e outra clara e mais quatro pares de calças e meia dúzia de ceroulas, meia dúzia de camisas para desembarcar, lindas, e uma gravata. Tirem da minha mala duas toalhas e meia dúzia de lenços.

Peço-lhe que lhe dê dinheiro para comprar uma mala e para [o] o que ele precisar. Compre uns sapatos finos para ele desembarcar (...) mais uma vez lhe recomendo para mandar fazer duas roupas finas e quatro pares de calças<sup>298</sup>.

Adelino Augusto está em S. Paulo, em 1920, e pede a seu cunhado que lhe mande os três filhos, dois rapazes e uma rapariga, que haviam deixado:

Olhe, eles só é preciso trazerem um saquinho com a roupa para trocarem no navio e mais nada que nós temos roupa para eles aqui<sup>299</sup>.

O modesto saco de chita, a caixa de madeira que às vezes é obra de carpinteiro de aldeia ou a mala ou caixa, como também se designa, comprada no comércio local como quer o brioso Joaquim José Pereira já referido, correspondem a esse estatuto de precariedade económica que leva alguém a sair da sua terra. Ficam distanciados dessas malas de aparato feitas de couro de vaca, às vezes com pregaria dourada, que os emigrantes ostentam em viagens de regresso, como regista o imaginário popular e a ficção de alguns autores como Aquilino Ribeiro.

Do conteúdo dos sacos de pano e das malas só há informação indirecta dada por esse conjunto de reclamações de que as cartas de chamada se cons-

296 Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 81, de 14/10/1904.

297 Carta de S. Paulo, de 23 de Janeiro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1964, n.º 21, de 23/03/1915.

298 Carta de Manaus, de 3 de Novembro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 2491, n.º 89, de 31/12/1915.

299 Carta de S. Paulo, de ? de ? de 1920 – ADV, GC/P, caixa 1921, n.º 82, de 12/07/1920.

tituem como veículo, suficientemente abundantes, no entanto, para se poder determinar o género de coisas neles transportados.

Quando se trata de crianças que partem acompanhadas “por pessoa de confiança” que não as suas mães ou familiar mais chegado, as cartas que os convocam são omissas quanto ao que deverão levar na viagem ou são avaras na descrição dizendo apenas a quem lhes organiza a passagem que não é preciso mandar muita coisa. É excepção o pedido que a mãe do Mário, atrás referida, faz a sua mãe e irmão a quem encarrega da viagem do filho.

No que toca à mala das mulheres que vão juntar-se a seus maridos, ficamos a saber por aquilo que eles dizem nas suas cartas, eles que parece conhecerem-nas bastante bem, a natureza e a curta diversidade dos objectos que desenhavam o seu conteúdo.

São roupas, no geral. Roupas de homem e de mulher, para cada um, roupas de cama, sejam elas cobertor ou colcha de tear, lavrada, às vezes, com o nome do destinatário. De utensílios caseiros há quem leve um ferro de engomar. Da despensa pode ir ainda, guardado em banha, numa lata, o toucinho de um ano.

Na mala seguem documentos, procurações, recibos, escrituras de compra e venda, cartas antigas que desejam conservar-se, fotografias, madeixas do cabelo dos filhos deixados, ainda pequenos.

Roupas e ouro encomendadas por um amigo ou conterrâneo, o relógio de ouro, as correntes que deixara, peças de roupa, como uns lenços para oferecer, como penhor, a alguém que havia antes sido solidário.

Os exemplos são numerosos. Escolhem-se alguns.

Joaquim Exposto, escrevendo de S. Paulo, em 1903, diz à mulher:

Maria, traz-me meia dúzia de camisas de flanela e outra meia dúzia de pares de ceroulas que aqui são muito caras e são muito precisas. (...)

(...) Maria, traz três lenços de merino, bons, que os quero dar a pessoas a quem sou obrigado<sup>300</sup>.

Manuel Joaquim Ferreira escreve do Rio de Janeiro e pede à mulher:

Traz-me seis camisas de zefir n.º 38, duas com punhos e quatro sem punhos, do Porto ou de Lisboa<sup>301</sup>.

António do Espírito Santo alonga a sua descrição.

300 Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903 – ADV, GC/P, caixa 2069, n.º 07, de 24/03/1904.

301 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 1974, n.º 43, de 05/03/1914.

E também quero que me tragas dois pares de botas pretas, isto é, caso tu venhas, e de resto é trazeres roupas brancas, lençóis e cobertores e umas colchas e mais o que puderes e roupas para ti e se quiseres trazer também para mim algumas ceroulas, pois nestas terras tudo se precisa, assim como o ferro de engomar<sup>302</sup>.

Alguns maridos, mais atentos a questões de clima ou de cultura, recomendam:  
Não tragas roupa de lã<sup>303</sup>.

Olha, tu traz poucas roupas para ti, pois que as roupas que trazes daí pouco se aqui usa. Traz um cobertor. Eu, para mim, felizmente não preciso de nada<sup>304</sup>.

Não te incomodes muito a comprar muito farrapo<sup>305</sup>.

António Soares Lopes, provavelmente saudoso dos manjares da infância ou da comida caseira, reclama assim da mulher:

Não vendas a carne do toucinho. Traz tudo<sup>306</sup>.

Às vezes a mulher torna-se portadora de encomendas, quer estas lhe sejam solicitadas pelo marido, a pedido de alguém conhecedor da vinda da mulher, quer lhe sejam confiadas por vizinho ou conterrâneo com parente no Brasil.

Quando vieres, vê se podes trazer um lenço de 1.000 [reis], cor de azeite, que me fizeram cá uma encomenda dele<sup>307</sup>.

Nem todos os maridos, no entanto, encaram da mesma maneira esta atitude da mulher enquanto portadora.

Alguns, de espírito mais aberto, generosos, como um tal José Pereira, incentivam-na:

Maria, vai a Dalvares, fala com o Senhor Manuel Rendeiro e o Senhor António Pinto que, se eles quiserem mandar alguma coisa para o José Pinto da Silva, tu traz o que eles te derem para ele, que nós estamos todos juntos, uns ao pé dos outros. Não te esqueças de lá ir falar com eles<sup>308</sup>.

Outros, menos solidários, aconselham de outro modo a mulher, às vezes de forma irónica:

Não tragas nada de ninguém. Olha que é muito incómodo<sup>309</sup>.

302 Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2563, n.º 17, de 22/02/1913.

303 Carta de S. Paulo, de 22 de Maio de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1962, n.º 69, de 16/08/1915.

304 Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 64, de 24/11/1911.

305 Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1921, n.º 104, de 15/01/1906.

306 Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2384, n.º 125, de 22/01/1914.

307 Carta de S. Paulo, de 20 de Fevereiro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2442, n.º 04, de 24/04/1916.

308 Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 81, de 14/14/1904.

309 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Fevereiro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2442, n.º 04, de 24/04/1916.



Agora, se te parecer, vem para aqui carregada de coisas para os outros. Tu já sabes o que te aconteceu quando foste para aí. E olha que ainda se pode levar mais para aí do que trazer para aqui<sup>310</sup>.

Todos estes objectos enumerados, destinados a um pragmatismo imediato, acompanham-se, na mala, de uma série de outros objectos cujos fins, de natureza mais sumptuária, remetem para símbolos de prestígio e de adorno.

É o que se passa com um conjunto de peças de ourivesaria referidas nas cartas, umas que eram propriedade antiga e que tendo ficado no lugar de origem se resgatam deste modo; outras que se mandam adquirir agora quer seja para uso próprio, quer para satisfazer encomenda de amigos.

Antes de referi-las às circunstâncias particulares da sua compra ou transferência para o Brasil, enumera-se este significativo conjunto de peças:

– duas ou três correntes de ouro, relógio e correntes, cordão, anel de abraço, medalha, corrente para relógio, alfinete de gravata, arrecadas, relógio e correntes, corrente de prata, dois relógios de prata, volta de ouro, cruz.

António do Espírito Santo que encarregara a mulher de trazer o que mais parecia autêntico enxoval, como foi referido atrás, pede-lhe ainda mais isto:

Podes trazer, se puderes, 2 ou 3 correntes de ouro como a que me roubaram<sup>311</sup>.

Todavia mais curiosas parecem as indicações que fornece à mulher acerca da entrada discreta destes artigos no Brasil:

Mas se vier, como dizes, o Abel e o filho do Casimiro e o tio João podem pôr cada um sua quando aqui chegarem para saídes para fora ou então mete-las tu no seio porque uma mulher não é revistada<sup>312</sup>.

António Ferreira Júnior quer que sua mulher traga para uma certa moça que lho solicitara, os seguintes objectos, aproveitando ele próprio para encomendar algo para si:

Ela quer um cordão até vinte mil réis, um anel de abraço e uma medalha para corrente para relógio, mais ou menos como a minha (...)

(...) Quero que me tragas para mim um alfinete para gravata, porém em piqué, no ponto, não de muito preço<sup>313</sup>.

Manuel da Costa Dias envia dinheiro à mulher com as seguintes ordens:

310 Carta do Rio de Janeiro, de 6 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 1974, n.º 43, de 05/03/1914.

311 Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2563, n.º 17, de 22/02/1913.

312 Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2563, n.º 17, de 22/02/1913.

313 Carta de S. Paulo, de 6 de Novembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 116, de 30/11/1911.

Eu te remeto 10.000 [réis]. São para tu me trazeres dois relógios iguais ao que eu tinha da outra vez. Tu bem sabes como são. São de prata, baixinhos. E a volta de ouro para a comadre igual à da Vitória. Compra na casa da penhora e senão compra a teu gosto e uma cruz igual à da Vitória que tem a Luísa<sup>314</sup>.

Esta surpreendente relação de objectos de ouro parece, à primeira vista, contradizer a aparente situação económica dos emigrantes que não apresentam ainda outros sinais indicadores de fortuna e não corresponde ao imaginário popular construído a partir da figura emblemática do brasileiro de torna-viagem que chega ostentando anéis nos dedos e relógio com corrente nos bolsos do colete. Compreende-se, todavia, se pensarmos que nos meios rurais de que provêm estes emigrantes a posse de um relógio de bolso por parte de um homem e o cordão de ouro com medalha ou cruzinha que as raparigas casadoiras conquistam, às vezes, com duro trabalho próprio, é, mais do que estatuto que distancie dos conterrâneos, um sinal de maioridade e independência. E a mala de viagem que segue num porão de terceira ainda que imagem de uma mediania de vida que deseja ser vencida, ela é marca, afinal, de uma cultura.

#### 2.4. A Viagem

O momento de partida da terra natal de onde, às vezes, não se saía a não ser para feira ou romagem pouco mais distante que uma légua ou tão só para terra adoptada por razão de casamento ou por outro qualquer raro motivo que tivesse a ver com militar ou criada de servir, carregava-se sempre de forte emoção a que ninguém escaparia, homem ou mulher, sobretudo quando a viagem se fazia para longe. Mais difícil de sofrer seria para a mulher que mais de perto convive com velhos pais e mais próxima se mantém dos filhos que tantas vezes tem de deixar ainda crianças.

Em 1901, data em que partem para o Brasil os primeiros emigrantes cujo estudo é feito, impusera-se definitivamente a “era da navegação a vapor” que se pode considerar inaugurada em 1850 com os paquetes da Royal Mail Steam Packet Co., Companhia que em Julho desse ano assinou um contrato que lhe permitiria transportar para o Brasil o correio de Sua Majestade, serviço que no ano seguinte foi organizado a partir de Southampton<sup>315</sup>.

314 Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914 – ADV, GC/P, caixa 2436, n.º 54, de 28/03/1914.

315 *Centenaire de la République du Brésil...*, 1922: s/p.

A mudança fizera-se em relação aos veleiros que, apesar de proporcionarem viagens mais baratas, começaram a ser preteridos pelos vapores que garantiam viagens “mais rápidas, confortáveis e seguras, baixando a barreira psicológica que separava os potenciais emigrantes dos empregos brasileiros”<sup>316</sup>.

Outra vantagem era a da “regularidade e previsibilidade”, sobretudo das grandes Companhias britânicas que tinham contratos de correio e “ao conferir previsibilidade à viagem, os vapores poupavam tempo de espera, desgaste físico e riscos de saúde, e permitiam até combinar antecipadamente encontros de recepção”<sup>317</sup>.

É frequente nas cartas de chamada os inquietos chamantes, normalmente pais ou maridos, solicitarem previamente uma simples informação acerca do nome do vapor, pois era, nestas circunstâncias, quanto lhes bastava para preparar a tal recepção.

Serve de exemplo, que poderia multiplicar-se, o seguinte apelo de um marido a sua mulher:

Manda dizer o nome do vapor para eu te ir esperar ao vapor na tua xigada (sic)<sup>318</sup>.

A manutenção dos horários estabelecidos e os elevados custos de manutenção e operação exigiam que os vapores estivessem em contínuo movimento, sem perdas de tempo nos cais e para isso as companhias de navegação precisavam de captar o máximo de passageiros e tê-los prontos para embarcar logo que o navio entrasse na barra. E era para isso que elas mantinham uma rede de agentes e um sistema de publicidade para captar passageiros que já tinha sido testado com proveito no tempo da navegação à vela<sup>319</sup>.

Os agentes da Mala Real Inglesa, designação popularizada da Royal Mail que no Porto e para todo o Norte eram no começo do século W.m & Geo Tait & C<sup>a</sup>, tinham os seus correspondentes, também designados agentes em todas as vilas e cidades do Norte de Portugal, como diz nos anúncios (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 17) e publicitavam em jornais locais as saídas dos paquetes de que indicavam nomes como o Thames, o Danube, o Aragon, o Clyde, o Nile, etc., referindo a tonelagem que no princípio do século já atingia quase as seis mil toneladas.

O bissemanário viseense *O Comércio de Viseu*, tornara-se o principal instrumento publicitário na região para a Mala Real Inglesa que mantinha na cidade os agentes da Casa Matagatos e Frederico Silva que, na Agência Central

---

316 LEITE, 2000: 27-39.

317 LEITE, 1999: 177-200.

318 Carta de Rio de Janeiro de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 08, de 14/10/1904.

319 LEITE, 1999: 177-200.

vendia também passagens para os paquetes da Mala Real Portuguesa, Messageries Maritimes, Pacífico e Hamburguesa, Andressen, Ligure, Bool e outras (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 16 e 17).

A Companhia Real de Navegação a Vapor do Pacífico com carreiras quinzenais para o Brasil vendia, segundo o anúncio do mesmo jornal, os seus bilhetes na agência que era propriedade de família de Joaquim Pereira da Silva (Conferir Anexo n.º 5, Estampa 15).

As cartas de chamada não esquecem o que os seus autores pensam ser salutareos conselhos quer a respeito do momento de despedida, quer a respeito da viagem que haverá de fazer-se, primeiro entre o lugar de residência e o cais de embarque, depois, mar fora, até ao outro lado do Atlântico.

Isto se depreende do teor de uma carta em que o marido encoraja a mulher a partir quando ela, pouco animosa, ia adiando a partida desculpando-se com o amanhã das terras – tu desculpas-te com as terras. Olha que as terras não vale a pena! (...)

Não digas adeus a ninguém para não te incomodares tanto<sup>320</sup>.

O acto de despedida, admitindo excepções como a que acaba de referir-se e outras como a de qualquer fuga apressada, era facto recorrente e inseria-se nesse quadro maior de sociabilidade que caracterizava as pequenas comunidades de onde se partia e onde os laços de sangue se complementavam com os do compadrio e vizinhança, alargados tantas vezes a comunidades próximas.

É o caso da preocupação de António Soares Lopes que pede à mulher que antes de partir vá à sua terra natal para receber o dinheiro das rendas das suas propriedades, aproveitando a ocasião para se despedir dos seus.

Vai à Matança e [ao] mesmo [tempo] despedes-te da tua família<sup>321</sup>.

Esta educação para a sociabilidade fica clara nesta recomendação que certo tio faz em carta endereçada a uma sobrinha que se encarregará de lhe levar os dois filhos:

Maria, depois os meninos que vão dizer adeus ao avô e à avó e à Maria Mafalda e à Jesus e ao tio Inácio e ao senhor professor e ao compadre Elísio e à minha comadre Carlota que é quem vestia os meus meninos<sup>322</sup>.

Não há especial referência à viagem que tinha de ser feita entre a vila ou aldeia e o lugar de embarque, para além de algumas recomendações a pai ou

320 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Novembro de 1916 – ADV, GC/P, caixa 2491, n.º 142, de 27/01/1917.

321 Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2483, n.º 115, de 09/02/1914.

322 Carta de S. Paulo, de 13 de Janeiro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1964, n.º 21, de 23/03/1915.

compadre que pudesse acompanhar a filha já casada ou o afilhado ainda criança até Lisboa ou até onde visse que era necessário fazê-lo, eventualmente até à estação de comboio mais próxima.

Assim fez João Rebelo na carta que escreve à mulher:

Pede ao teu pai que te acompanhe até embarcares<sup>323</sup>.

Neste caso tornavam-se desnecessárias informações suplementares na medida em que as pessoas estavam habituadas a ver partir parentes e conhecidos e tinham informação directa acerca dos meios de transporte que poderiam utilizar na deslocação a Viseu ou à Régua onde tomariam o comboio que os levaria ao Porto e daí a Leixões ou a Lisboa.

Ao dobrar o século não é de admirar que alguns fizessem ainda longas viagens a pé enquanto os seus “baús de emigrante” como Aquilino lhes chama seguiam em cargas de muares ou carros de bois que carregavam outras mercadorias para o comboio.

David Antunes testemunha isso na carta que em 1904 escreve a seu irmão que entretanto regressara à terra natal e resolvera fazer a viagem a pé, da Régua onde descera do comboio até Sernancelhe que fica a dez boas léguas de caminho.

Pela carta do irmão sabe-se que se sentiu mal durante essa longa e penosa viagem, apesar de não se poder identificar nela a razão do mau estar.

Cá me disse [o irmão José] que tu da Régua para cima foste a pé, que te achaste mal do j(?). Agora estimo que vás melhor dele<sup>324</sup>.

Muitos aproveitavam, por comodidade, as diligências que faziam carreiras regulares para a Régua ou Viseu, ainda que tivessem de vir tomá-la à estrada nacional.

Aquilino Ribeiro é ainda precioso informador em dois momentos distintos.

Cerca de 1896 quando frequentava o Colégio da Lapa vem prestar provas a Lamego. Faz então com outros escolares e o prefeito, pouco mais de uma légua de caminho velho até à estrada que margina o Rio Távora na égua que o criado dos pais lhe enviara e ali sobem todos para o Char-à-bancs como ele chama a diligência.

Ao nascer do sol estávamos diante dessa coisa tremendamente civilizada, fogueira, memorável, o char-à-bancs que nos havia de conduzir. (...) Estas impressões pomposas logo após a corrida pela estrada interminável, ao tiro de

323 Carta de S. Paulo, de 14 de Julho de 1913 – ADV, GC/P, caixa 2374, n.º 50, de 25/09/1913.

324 Carta de S. Paulo, de 11 de Setembro de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 60, de 18/10/1904.

cinco cavalos galgazes, três às lanças, dois às sotas, com românticas clinas ao vento, abalaram expressivamente o edifício ancestral do meu aldeanismo<sup>325</sup>.

Poucos anos mais tarde, à volta de 1907, Aquilino conta em seu livro de memórias “Um Escritor Confessa-se” a viagem que fizera de Vila Nova de Paiva até Mondim da Beira, no rumo de Lamego, até onde acompanhara uma rapariga fruto dos seus amores de ocasião, regressando depois a pé.

Vinha longe o nascer do sol e tomámos lugar na diligência pelo escuro, face a face, joelhos contra joelhos. (...) No entroncamento de Mondim apeei. Devia ao condutor 500 reis. (...) O chicote estalou e mal tivemos tempo de apertar a mão. (...)

Uma vez em terra e que a traquitana desapareceu no cotovelo da estrada, pus-me a caminho. Dali à minha aldeia eram 20 a 25 km, mas traçados pelo Diabo, com todos os acidentes dum solo cascalhento e ossoso escalvado pelas cheias<sup>326</sup>.

Era ainda um transporte semelhante o que Aquilino Ribeiro utilizara quando em 1902 viera estudar para Viseu conforme ele descreve na sua “Geografia Sentimental”<sup>327</sup>.

Uma vez chegados a Lisboa ou ao Porto procurava-se hospedagem em pensão recomendada ou casa de amigo ou familiar onde poderia chegar-se na véspera do embarque. E faziam-se ali os derradeiros preparativos – compra de roupa que o marido encomendara, aquisição de comestíveis para a viagem... ou satisfação de qualquer outro compromisso como se pode ver nas seguintes referências:

Maria, traz-me seis camisas de zefir n.º 38, duas com punhos e quatro sem punhos, do Porto ou de Lisboa<sup>328</sup>.

Porque hás-de trazer de Lisboa um objecto que lá há-de comprar meu cunhado<sup>329</sup>.

Calcula a despesa, que tu hás-de chegar a Lisboa ao menos com 100.000 réis para comprares aquilo que precisares para a viagem. Compra comestíveis (sic) que se não estraguem se não puderes comer comida do vapor para te não ateres a ninguém<sup>330</sup>.

---

325 RIBEIRO, 1985: 81-82.

326 RIBEIRO, 1972: 199-200.

327 RIBEIRO, s/d: 10-11.

328 Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Dezembro de 1913 – ADV, GC/P, caixa 1974, n.º 43, de 05/03/1914.

329 Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Outubro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2533, n.º 18, de 22/02/1913.

330 Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 81, de 14/10/1904.

Olha traz merenda para ti, para comeres no vapor pois que o trato é muito ruim<sup>331</sup>.

É ainda o autor desta última carta quem acautela a mulher e à companheira que vem com ela:

Olhai, vinde com atenção no vapor pois que não são essas terras<sup>332</sup>.

Antônio Augusto Arôlo que fizera já peculiares recomendações à sobrinha que devia levar-lhe os dois filhos a propósito da despedida e da mala insiste agora nos cuidados a haver durante a viagem:

Acautela os meninos dentro do vapor, não caiam de lá abaixo<sup>333</sup>.

Tu não temas a viagem<sup>334</sup>.

Esta é uma palavra de encorajamento de quem já fizera a travessia.

Este seria certamente o conselho mais vezes dado a quem partia e de repente encarava com um estranho meio de transporte a navegar pelos mares inseguros conhecidos apenas de um imaginário antigo.

Embarcados, no geral, em terceira classe, passado o enjoo dos primeiros dias, menos ansiosos, aproveitariam então como tempo de repouso os dias de viagem, situação que nunca haviam experimentado, como diz Eugénio dos Santos que depois acrescenta:

A vida a bordo podia ser incômoda e monótona, mas os acidentes eram raros e, em comparação com a dureza dos trabalhos do campo, os dias não seriam difíceis de suportar. Até que finalmente surgiam os primeiros sinais de terra...<sup>335</sup>.

## 2.5. Desembarque. Acordar no outro lado

Não é abundante a informação que as cartas de chamada fornecem a respeito do momento de desembarque mas, ainda assim, merecem registo os fragmentários apontamentos que maridos e pais, preocupados, se esforçam por transmitir a suas mulheres ou aos acompanhantes de seus filhos menores.

A experiência anteriormente havida, a ansiedade com que se espera quem vem, e o conhecimento da maior ou menor desenvoltura de quem chega ditam o oportuno modo de agir e os conselhos que as cartas levarão.

331 Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 64, de 24/11/1911.

332 Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 64, de 24/11/1911.

333 Carta de S. Paulo, de 13 de Janeiro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 1964, n.º 21, de 23/03/1915.

334 Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 81, de 14/10/1904.

335 SANTOS, 2000: 36.

A maior parte das vezes é apenas a recomendação para que lhes escrevam atempadamente e os informem sobre a data de chegada do vapor para que possam ir esperá-los ao cais. A preocupação é maior para quem reside em S. Paulo ou nas vizinhanças, como Ribeirão Preto, e tem de preparar a sua deslocação a Santos onde o vapor atracará.

Por vezes o alvoroço é tal que se geram surpreendentes comportamentos que só não se tornam ridículos porque são inocentes e sinceros.

É o caso do inquieto Joaquim José Pereira que assim escreve à mulher:

Manda dizer o nome do vapor para eu te ir esperar ao vapor na tua xigada (sic). Eu alugo um barco para te ir buscar ao vapor e o sinal que eu levo no barco é um chapéu de sol e um lenço no cimo do chapéu de sol.

Tu, quando chegares a bordo, espreita dos lados do vapor que eu lá hei-de estar à tua espera<sup>336</sup>.

Mais comedido, António Ferreira Júnior em post-scriptum recomenda à mulher:

N-B. Quando chegares a Santos não saias do vapor enquanto eu não chegar lá<sup>337</sup>.

José Ramos cuja mulher acompanhará a mulher de um seu conterrâneo diz-lhe que virão ambos esperá-las:

Pois que eu estou junto com o homem dela e portanto emos (sic) te esperar à saída do vapor, a Santos<sup>338</sup>.

Dezenas de cartas escritas do Rio, de S. Paulo ou de Manaus levam este simples pedido – manda-me dizer o nome do vapor, para te ir esperar. Mais preocupados outros dizem – manda bem explicado o nome do vapor ou manda-me o nome do vapor não enganado.

Estranhamente apenas uma vez se faz menção da volumosa bagagem que no geral acompanhava quem partia a chamamento de um marido que requiritava objectos diversos e que tanto preocupava Manuel da Bouça na sua chegada a Santos<sup>339</sup>.

José Augusto Pereira do Nascimento dá então instruções precisas à mulher a quem trata cerimoniosamente:

---

336 Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904 – ADV, GC/P, caixa 2062, n.º 81, de 14/10/1904.

337 Carta de S. Paulo, de 6 de Novembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 116, de 30/11/1911.

338 Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911 – ADV, GC/P, caixa 1981, n.º 64, de 24/11/1911.

339 CASTRO, 2001: 101.



De novo aviso: logo que saiba em que vapor vem avise-me. E se chegar em Santos e não tendo quem aí espere, despache as malas como carga que os fretes são pagos aqui e fica mais barato<sup>340</sup>.

Acerca de formalidades legais não existe praticamente informação nas cartas. Não existe referência a inspecção sanitária e parece que nenhum dos que escreve do Rio de Janeiro terá sido sujeito à frequente quarentena que tinham lugar na ilha das Flores. E só António do Espírito Santo que pedira à mulher para lhe levar duas ou três correntes de ouro faz alusão à habitual revista a que seriam sujeitos os homens.

Quando aqui chegares para saíres para fora (...) mete-las tu no seio porque uma mulher não é revista<sup>341</sup>.

Nota curiosa é a recomendação que Maria Estrela, escrevendo de Manaus, dirige a sua mãe que deverá mandar-lhe o filho Mário ainda menor.

Comprem uns sapatos finos para desembarcar, diz a mãe depois de mencionar as diversas peças de um extenso “enxoval” que manda comprar referindo no fim da extensa lista que é para desembarcar<sup>342</sup>.

A confiança depositada em companheiros de viagem que traziam desde a origem, alguns dos quais com experiência de viagens, os conhecimentos que adquiriam com outros durante a longa travessia e as informações da marinhagem simplificavam a saída de quem, no Rio, descia no Cais Faroux, fronteiro à Praça 12, em Santos ou Manaus onde o desembarque se fazia directamente sobre o cais.

---

340 Carta de Ribeirão Preto, de 24 de Março de 1905 – ADV, GC/P, caixa 1848, n.º 87, de 02/06/1905.

341 Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912 – ADV, GC/P, caixa 2563, n.º 17, de 22/02/1913.

342 Carta de Manaus, de 3 de Novembro de 1915 – ADV, GC/P, caixa 2491, n.º 89, de 31/12/1915.



## Conclusão

---

A proposta de trabalho apresentada na Introdução reflectiu a atenção dada à emigração para o Brasil e a observação de algumas marcas deixadas como indirecto testemunho no terreno do Concelho escolhido para estudo. Destas, umas eram de natureza imaterial e consistiam no que chamamos a “voz do povo”, apenas evocadoras de memórias; outras, mais concretas, eram as fotografias que emolduravam rostos de familiares que um dia embarcaram, casa ou quinta adquiridas com dinheiros do Brasil que se mantinham em herdeiros ou haviam já sido vendidas ou entregues para obra filantrópica, traduzindo, de qualquer modo, estatutos económico-sociais de uma família.

Importava agora a explicação teórica para o fenómeno emigratório, essa corrente contínua que se fizera estender por um arco temporal de 30 anos, a qual devia ser identificada, em suas causas e consequências, no território geográfico do referido concelho, ele próprio modelado ao longo do tempo por uma história própria, ainda que enquadrada na história da nação, por quadros específicos de natureza social e económica que tocaram as famílias gerando contextos de mobilidade social.

Foi assim que, na Parte I, se procurou identificar um território sob o ponto de vista das coordenadas da situação geográfica e do percurso histórico, o que se fez através de descrição breve, deixando perceptíveis as características deste território de interior situado na Beira Transmontana de solos pobres onde a propriedade, quase sempre de minifúndio, não garantia a eficaz subsistência das famílias que nem sempre a possuíam. Daí que urgisse essa obrigatoriedade de encontrar estratégias de recurso que obviassem à pobreza ou à perda de um estatuto de terratenente, as quais se podiam procurar no casamento ou nos caminhos migratórios que foram, para quem não tinha terra, a migração sazonal, para os outros a emigração para o Brasil, raramente para a Europa ou África no período estudado.

Os primeiros mal pagariam com os réditos do trabalho a conta feita na taberna ou mercearia e as raparigas casadoiras mal ultrapassariam a compra de brincos e cordão que para elas ganhavam um forte valor simbólico. Os segundos, tendo sorte, regressavam anos depois com dinheiro amealhado ou já investido através das remessas feitas ou reagrupavam a família no Brasil, não regressando.

A aldeia oferecia-se deste modo como um microcosmo aberto ao mundo por ruins estradas que os almocreves, os romeiros e os feirantes percorriam, todos eles impregnados de forte religiosidade onde, à ortodoxia de uma catequese aprendida em meninos e mantida pelo sermão feito ao domingo na igreja, se acrescentavam as múltiplas práticas de natureza supersticiosa.

O testemunho trazido das leituras ficcionadas de Aquilino Ribeiro, foi porque ele parece ter identificado, no quadro etnográfico extraordinário que faz destas terras que chama “Terras do Demo”, tudo quanto se disse acerca dos homens e da terra, e do que também se haveria de dizer acerca do fenómeno da emigração para o Brasil que ele retrata eloquazmente.

Ainda na Parte I, procurou-se, no quadro de um contexto de mobilidade, estabelecer as relações entre o território de destino, no geral designado como o Brasil, e o território de partida entendido ao nível da freguesia que, na reduzida área do Concelho se oferece com alguma homogeneidade apesar de conformada a serra e vale, mal se distinguindo nas referidas freguesias níveis de riqueza e estatutos sociais diferenciados para além do que se passa na sede do concelho onde o aparelho sócio-administrativo encontra um peso relativo.

Utilizando como base de trabalho os dados fornecidos pelos Termos de Abonação de Identidade, a documentação conexa que servira para a solicitação do passaporte e diversa documentação relacionada com estatísticas demográficas, económicas e culturais analisou-se, em termos quantitativos, o peso e a medida que tiveram na emigração o estado civil, o sexo e a idade, cada um dos factores interagindo com os outros.

E assim foi possível verificar que, no período em causa, o excedente de homens sobre as mulheres na emigração é apenas de 4%, o excedente de solteiros sobre casados de 8% e que, em termos de idade se parte essencialmente entre os 14 e os 40 anos, período em que se verifica a maior capacidade física para o trabalho.

Os registos de pedido de passaporte que se analisaram, conjunto residual que se conservou na proporção de metade de quantos teriam dado entrada no Governo Civil do Distrito de Viseu, permitiram analisar quantitativamente os estatutos socioprofissionais dos emigrantes e verificar como o peso de uma economia centrada na terra marcou a partida daqueles que, em termos de posse, se

lhe ligavam, tornando-os o grupo mais numeroso no êxodo que se verificou, seguido de perto pelas mulheres que, quer se relacionassem com estes, quer com as outras categorias ocupacionais, se designaram como “domésticas”.

O lugar da leitura e da escrita analisado apenas através da informação contida nos Termos de Abonação de Identidade não garantiu suficientemente o conhecimento dos níveis de alfabetização, mas permitiu verificar que aqueles que partiam, homens ou mulheres, eram proporcionalmente mais alfabetizados do que aqueles que permaneciam estabelecendo-se, assim, uma relação directa entre níveis económicos e alfabetização.

Quanto ao lugar de destino a população emigrante escolheu preferentemente o Rio de Janeiro onde se distribuía, sem que haja registos de tal, por tarefas agrícolas, pelo comércio de varejo e pelas ocupações fabris a maior parte, transferindo-se para estas ocupações muitos daqueles que se haviam criado na lavoura.

A Parte II do trabalho incidiu, por ter acontecido durante a procura de documentos baseada nos Termos de Abonação de Identidade uma feliz coincidência que foi o aparecimento de uma quantidade substancial de cartas que se designaram como “cartas de chamada”, no estudo dessas mesmas cartas.

Consideram-se então as cartas como carregando uma teoria de comunicação, aliás sendo, ao tempo, o instrumento privilegiado da mesma, em meu entender.

Dotadas de uma estrutura equivalente à de qualquer carta privada, elas permitiram desenhar uma teia extensa e ao mesmo tempo apertada das relações familiares, configurando-as no que tocava às relações entre marido e mulher, pais e filhos, relações de compadrio que se afirmam com intensidade na pequena comunidade donde se partia, estabelecendo, de modo mais indirecto, relações com outros elementos da família, vizinhos ou outros.

Outros aspectos das vivências ou seja, da cultura, revelaram-se nelas intensamente, quer enquanto caracterizadoras de uma atmosfera religiosa mais ou menos envolvente, de uma atitude que apelasse ao exercício activo ou não de uma cidadania, da natureza dos conflitos sempre subjacentes, de uma ideia de um retorno que se identifica apenas como intenção.

As cartas revelaram-se como expressão de uma economia mas também dos afectos. De resto elas revelavam com clareza que os diversos laços que caracterizavam o viver aldeão, familiares, de compadrio, de vizinhança, permaneciam intactos, como se a aldeia de um continente se diferisse para o outro. E isto se tornava prova de que a emigração, tão discutida que sempre foi por políticos e intelectuais enquanto boa ou má, como tal devendo ser aceite ou proibida, era na aldeia pacificamente olhada, sem traumas, uns e outros ligados por estas

vozes, as das cartas, as notícias que também levava quem partia, as fotografias que chegavam, o dinheiro que se enviava para gastos ou para amealhar garantindo a permanência ou crescimento de um património, a sorte dos filhos, uma obediência permanentemente mantida a uma estratégia dividida entre sobrevivência e manutenção ou melhoria de estatuto social.

As cartas, como se viu no ponto 2 desta Parte II, avançaram também um pragmático discurso acerca da “viagem” cuja realização permitiam quando, reconhecidas no Notário e apresentadas no Governo Civil, se tornavam o instrumento legal indispensável para que tal pudesse acontecer.

Minuciosamente ajudavam os interessados dando informação acerca de recursos financeiros, do percurso burocrático de que haviam tido experiência os seus emissores, preveniam contra agentes menos escrupulosos, traçavam recomendações muito concretas acerca da mala de viagem e da viagem que seria feita ao longo de muitos dias num vapor cuja Companhia chegavam a indicar.

Julga-se, finalmente, que os dois quadros em análise numa e noutra parte, se articularam, que a voz mais concreta da Estatística podia ser reconhecida como eco no modo, às vezes inocente de dizer, tal o das “Cartas de Chamada”.







---

# ANEXOS



## Anexo n.º 1

### Relação de Emigrantes: 1901-1930

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1	M	César augusto	Sernancelhe	35	S
2	M	José augusto heitor	Macieira	20	S
3	M	José augusto de gouveia	Faia	26	S
4	M	Manuel do nascimento pereira	Penso	38	C
5	M	Amândio augusto pestana	Seixo	25	C
6	M	Manuel lopes	Faia	24	S
7	M	João batista	Sernancelhe	23	S
8	F	Maria cândida marques	Granjal	54	C
9	F	Lucinda da conceição gouveia	Granjal	17	S
10	F	Maria ludovina de almeida	Granjal	30	V
11	M	Pedro Paulo	Sernancelhe	10	S
12	M	Joaquim Almeida Coutinho	Sernancelhe	NR	NR
13	F	Virgínia Gonçalves	Carregal	22	C
14	M	João do Nascimento	Cunha	26	C
15	M	Benjamim Bernardo Coutinho	Granjal	30	C
16	F	Maria Rosa	Sarzedada	41	C
17	M	José Joaquim Almeida Loureiro	Sarzedada	35	C
18	M	Joaquim	Sarzedada	8	NR
19	F	Guilhermina	Sarzedada	4	S
20	M	João	Sarzedada	5	S
21	F	Maria	Sarzedada	7	S
22	F	Rosalina Lopes	Faia	11	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Searreiro	S	Pará	10/01/1901	1901	
Alfaiate	S	Pará	25/01/1901	1901	
Nr	S	Pará	18/04/1901	1901	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	03/06/1901	1901	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	20/07/1901	1901	
Trabalhador	N	R. Janeiro	20/07/1901	1901	
Pintor	S	Pará	08/10/1901	1901	
Nr	N	S. Paulo	18/10/1901	1901	C/10
Nr	N	S. Paulo	18/10/1901	1901	C/09
Costureira	NR	S. Paulo	18/10/1901	1901	
NR	N	R. Janeiro	24/10/1901	1901	C/12
NR	NR	R. Janeiro	24/10/1901	1901	C/11
Criada	N	Manaus	25/10/1901	1901	
NR	N	Manaus	25/10/1901	1901	
Negociante	S	Manaus	25/10/1901	1901	
Doméstica	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
Jornaleiro	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
NR	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
NR	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
NR	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
NR	N	S. Paulo	02/11/1901	1901	
NR	N	R. Janeiro	20/11/1901	1901	C/23

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
23	M	António Joaquim Silva Damas	Faia	57	C
24	M	Ângelo Augusto	Escurquela	11	S
25	F	Umbelina Sarzeda	Escurquela	40	S
26	M	Viegas Menezes	Penso	46	C
27	M	António Cândido	Carregal	36	C
28	M	Manuel Assunção	Arnas	24	S
29	M	José Joaquim Almeida	Fonte Arcada	48	C
30	M	Manuel António	Fonte Arcada	25	C
31	M	João Araújo	Arnas	23	C
32	M	António de Jesus	Arnas	29	S
33	M	António Ferreira	Freixinho	26	S
34	M	Bernardo A. Rebelo	Freixinho	26	S
35	M	José António F.Machado	Macieira	35	C
36	M	Tobias Almeida	Ferreirim	29	C
37	M	Manuel Gomes Sequeira	Quintela	24	S
38	M	Adão Vasco	Fonte Arcada	21	S
39	M	Albino de Oliveira	Quintela	21	S
40	F	Arminda Conceição	Granjal	26	V
41	F	Desidéria	Granjal	1	S
42	F	Maria de Jesus	Granjal	7	S
43	F	Maria dos Santos	Granjal	21	C
44	F	Maria Felicissima Ferreira	Granjal	18	S
45	F	Maria José Penha	Granjal	42	C
46	F	Alzira	Granjal	4	S
47	M	Sebastião	Granjal	6	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Trabalhador	N	R. Janeiro	20/11/1901	1901	C/22
NR	N	R. Janeiro	26/11/1901	1901	C/25
NR	NR	R. Janeiro	26/11/1901	1901	C/24
Jornaleiro	N	R. Janeiro	09/04/1902	1902	
Trabalhador	N	R. Janeiro	11/02/1903	1903	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	05/05/1903	1903	
Barbeiro	NR	R. Janeiro	16/05/1903	1903	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	08/06/1903	1903	
Proprietário	NR	R. Janeiro	09/12/1903	1903	
Proprietário	NR	R. Janeiro	10/12/1903	1903	
Jornaleiro	N	Manaus	14/12/1903	1903	
Barbeiro	S	Manaus	14/12/1903	1903	
Proprietário	N	Pará	05/03/1904	1904	
Barbeiro	S	R. Janeiro	14/03/1904	1904	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	23/03/1904	1904	
Proprietário	NR	R. Janeiro	23/03/1904	1904	
Trabalhador	S	S. Paulo	23/03/1904	1904	
Jornaleiro	N	Santos	24/03/1904	1904	C/41-F
NR	N	Santos	24/03/1904	1904	
NR	N	Santos	24/03/1904	1904	C/40-M
Proprietário	N	Santos	24/03/1904	1904	
Proprietário	N	Santos	24/03/1904	1904	C/40-Pr
NR	N	S. Paulo	19/05/1904	1904	C/46-F
NR	N	S. Paulo	19/05/1904	1904	C/45-M (Nascido no Brasil)
NR	N	S. Paulo	19/05/1904	1904	C/45-M (Nascido no Brasil)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
48	F	Serafina Monge	Granjal	27	S
49	F	Teresa de Jesus	Granjal	57	V
50	M	Manuel Tomás	Escurquela	26	C
51	F	Teresa de Jesus	Sernancelhe	28	C
52	F	Ângela	Sernancelhe	3	S
53	F	Virginia	Sernancelhe	13	S
54	M	Joaquim Almeida	Sernancelhe	NR	NR
55	M	Luis António	Sernancelhe	NR	C
56	M	Manuel Sobral	Faia	23	S
57	M	Bernardino Santos	Faia	25	NR
58	M	Francisco António	Faia	31	S
59	M	Francisco Fonseca	Faia	20	S
60	M	Abel Jesus Seixas	Macieira	24	S
61	M	Manuel António Saraiva	Macieira	49	S
62	M	António Castro	Fonte Arcada	33	C
63	M	António Augusto	Macieira	42	C
64	M	Manuel Joquim Proença	Macieira	63	C
65	M	António Augusto	Macieira	11	S
66	M	José Joaquim Heitor	Macieira	41	C
67	M	José de Jesus Maria	Macieira	19	V
68	M	Francisco	Carregal	3	S
69	F	Florinda de Jesus	Carregal	46	V
70	F	Maria de Jesus	Carregal	26	V
71	F	Maria dos Anjos	Carregal	21	C
72	M	Luis Carapito	Carregal	30	NR

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	19/05/1904	1904	C/48-M
NR	N	S. Paulo	19/05/1904	1904	C/49-F
Jornaleiro	N	R. Janeiro	27/05/1904	1904	
NR	N	Manaus	22/09/1904	1904	C/51-Mr e 53-F
NR	N	Manaus	22/09/1904	1904	C/51-P e 52-M
NR	N	Manaus	22/09/1904	1904	C/54-P
NR	NR	Manaus	22/09/1904	1904	C/55-F
Ferrador	S	Manaus	22/09/1904	1904	C/52-E e 53-F
Jornaleiro	N	R. Janeiro	23/09/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	23/09/1904	1904	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	23/09/1904	1904	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	23/09/1904	1904	
Lavrador	N	R. Janeiro	28/09/1904	1904	
Proprietário	N	R. Janeiro	04/10/1904	1904	
Proprietário	S	Manaus	05/10/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	06/10/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	06/10/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	06/10/1904	1904	
Proprietário	S	R. Janeiro	06/10/1904	1904	
Proprietário	NR	R. Janeiro	07/10/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	14/10/1904	1904	C/70-M
NR	N	R. Janeiro	14/10/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	14/10/1904	1904	C/71-F
Proprietário	N	R. Janeiro	14/10/1904	1904	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/10/1904	1904	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
73	M	José de Sousa	Ferreirim	62	C
74	F	Constância Rosa	Penso	41	C
75	F	Teresa de Jesus	Freixinho	10	S
76	M	Almiro	Penso	7	S
77	F	Fortunata Fonseca	Penso	14	S
78	F	Guilhermina Nascimento	Penso	5	S
79	M	Manuel Nascimento Pereira	Penso	41	C
80	M	José Rebelo	Penso	27	C
81	M	Manuel Nascimento Pereira	Freixinho	NR	NR
82	F	Maria dos Santos	Penso	26	C
83	M	Miguel Santos	Penso	24	C
84	M	João António	Penso	24	C
85	F	Maria da Conceição	Penso	27	C
86	M	Egas Moniz	Penso	46	C
87	F	Maria Ressureição Cardia	Freixinho	25	C
88	M	Manuel Dias	Freixinho	20	S
89	M	Arnaldo Augusto	Escurquela	23	S
90	M	Eduardo Augusto Ferreira	Escurquela	29	S
91	M	Manuel do Nascimento	Penso	56	C
92	M	Manuel Tomás	Seixo	52	C
93	F	Teresa de Jesus	Seixo	51	C
94	M	António Santos Rito	Carregal	34	C
95	F	Maria Antónia	Carregal	28	C
96	M	António Augusto Moreira	Sarzedada	38	S
97	F	Maria Anjos Penha	Granjal	32	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	NR	R. Janeiro	18/10/1904	1904	
NR	N	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/79-Md e 81-F
NR	N	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/74-T
NR	N	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/79-P e 80-M
NR	N	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/tio
NR	N	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/tio
Agricultor	NR	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/80-E e 81-F
Jornaleiro	NR	S. Paulo	18/10/1904	1904	
NR	NR	S. Paulo	18/10/1904	1904	C/73-S
Agricultor	N	Santos	18/10/1904	1904	
Agricultor	N	Santos	18/10/1904	1904	
Agricultor	N	S. Paulo	20/10/1904	1904	C/85-E e 86-F
Jornaleiro	N	S. Paulo	20/10/1904	1904	C/84-Md e 86-F
Proprietário	N	R. Janeiro	21/10/1904	1904	
Proprietário	N	Manaus	24/10/1904	1904	
Jornaleiro	S	Manaus	24/10/1904	1904	
NR	N	Pará	24/10/1904	1904	
Proprietário	N	Pará	24/10/1904	1904	
Agricultor	N	R. Janeiro	24/10/1904	1904	
Proprietário	N	R. Janeiro	24/10/1904	1904	C/89-E
Proprietário	N	R. Janeiro	24/10/1904	1904	C/88-Md
Trabalhador	N	S. Paulo	24/10/1904	1904	C/94-E
NR	NR	S. Paulo	24/10/1904	1904	C/93-Md
Jornaleiro	S	R. Janeiro	28/10/1904	1904	
Jornaleiro	N	S. Paulo	04/11/1904	1904	C/97-Md e 99-F

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
98	F	Lucília	Granjal	1	S
99	M	Luís Augusto	Granjal	32	C
100	M	Casimiro	Chosendo	13	S
101	M	António do Nascimento	Chosendo	43	C
102	M	Manuel Batista Azevedo	Lamosa	23	C
103	F	Delfina Pereira	Lamosa	55	C
104	F	Maria da Silva	Lamosa	10	C
105	M	Justino Gomes	Lamosa	30	C
106	F	Maria Pereira	Lamosa	20	S
107	M	João Pereira	Lamosa	35	C
108	M	Ramiro Augusto Rasteiro	Sarzedada	24	S
109	M	Alfredo Augusto Froufe	Chosendo	25	C
110	M	José Joaquim Seixas	Macieira	29	C
111	M	Salvador de Jesus	Seixo	22	S
112	F	Maria de Jesus	Seixo	54	V
113	F	Isolinda	Seixo	12	S
114	F	Encarnação	Seixo	15	S
115	M	José da Costa	Penso	23	S
116	M	José António	Seixo	44	C
117	M	Joaquim Machado	Fonte Arcada	25	C
118	M	Abílio de Jesus	Macieira	27	C
119	F	Clemência Tabosa	Fonte Arcada	22	S
120	F	Eduarda Rafael	Fonte Arcada	20	S
121	F	Maria Quintais	Fonte Arcada	19	S
122	M	Manuel de Jesus Seixas	Macieira	31	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	04/11/1904	1904	C/97-P e 98-M
Jornaleiro	S	S. Paulo	04/11/1904	1904	c/97-E e 99-F
NR	N	R. Janeiro	05/11/1904	1904	C/100-P
Proprietário	N	R. Janeiro	05/11/1904	1904	C/101-F
Proprietário	S	R. Janeiro	12/11/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	12/11/1904	1904	
NR	N	R. Janeiro	12/11/1904	1904	C/103-P
Trabalhador	N	R. Janeiro	12/11/1904	1904	
NR	NR	R. Janeiro	12/11/1904	1904	
Trabalhador	S	R. Janeiro	12/11/1904	1904	C/104-F
Barbeiro	N	Manaus	14/11/1904	1904	
Proprietário	N	R. Janeiro	26/11/1904	1904	
Trabalhador	NR	R. Janeiro	26/11/1904	1904	
Jornaleiro	N	S. Paulo	26/11/1904	1904	C/111-M
Jornaleiro	N	S. Paulo	26/11/1904	1904	C/112,113 e 114-F
NR	N	S. Paulo	26/11/1904	1904	C/111-M
NR	NR	S. Paulo	26/11/1904	1904	C/111-M
Proprietário	S	S. Paulo	26/11/1904	1904	
Jornaleiro	N	Santos	26/11/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	C/119 e 120
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	C/118
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	C/118
Trabalhador	N	R. Janeiro	28/11/1904	1904	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
123	M	António da Fonseca	Freixinho	20	S
124	F	Maria das Dores	Freixinho	35	C
125	F	Augusta de Jesus	Carregal	27	S
126	F	Guilhermina de Jesus	Carregal	18	S
127	F	Maria dos Prazeres	Freixinho	30	S
128	M	António Augusto	Freixinho	33	C
129	M	Joaquim Augusto	Carregal	39	C
130	M	António Augusto	Seixo	24	S
131	F	Sofia Cândida	Sernancelhe	21	C
132	F	Leonor da Silva	Granjal	38	S
133	M	Aires Lauro	Granjal	23	C
134	M	Adelino Augusto	Sernancelhe	24	C
135	M	João Batista Massa	Sernancelhe	35	S
136	F	Ermelinda D. Sá	Granjal	16	S
137	M	José Damião de Sá	Granjal	35	V
138	F	Matilde de Jesus da Costa	Freixinho	40	S
139	M	Bernardino dos Santos	Faia	25	C
140	M	Francisco dos Santos	Freixinho	29	S
141	M	Manuel dos Santos	Penso	22	C
142	M	José de Oliveira	Ferreirim	34	C
143	M	Manuel de Oliveira	Ferreirim	10	S
144	M	Alfredo Augusto	Sarzedada	25	S
145	M	António Gomes Granja	Carregal	29	S
146	F	Maria de Jesus	Carregal	25	V
147	M	António Alves	Sarzedada	37	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	N	S. Paulo	28/11/1904	1904	
NR	N	Manaus	02/12/1904	1904	
NR	N	Manaus	02/12/1904	1904	
NR	N	Manaus	02/12/1904	1904	
NR	N	Manaus	02/12/1904	1904	
Trabalhador	N	Manaus	02/12/1904	1904	
Trabalhador	S	Manaus	02/12/1904	1904	
Jornaleiro	N	Santos	03/12/1904	1904	
NR	N	Santos	03/12/1904	1904	
NR	N	Santos	03/12/1904	1904	
Trabalhador	N	Santos	03/12/1904	1904	
Jornaleiro	S	Santos	03/12/1904	1904	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	16/12/1904	1904	
NR	NR	Santos	16/12/1904	1904	
Barbeiro	S	Santos	16/12/1904	1904	
NR	N	Manaus	21/12/1904	1904	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/12/1904	1904	
Jornaleiro	N	Manaus	05/01/1905	1905	
Jornaleiro	N	S. Paulo	05/01/1905	1905	
Proprietário	N	S. Paulo	10/01/1905	1905	C/143-F
NR	NR	S. Paulo	10/01/1905	1905	C/142-P
Trabalhador	N	R. Janeiro	12/01/1905	1905	
Jornaleiro	NR	Manaus	14/01/1905	1905	
Proprietário	NR	Manaus	14/01/1905	1905	
Pedreiro	N	R. Janeiro	14/01/1905	1905	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
148	M	João Emílio	Sarzedada	39	C
149	M	Manuel Joaquim Barreiros	Carregal	57	C
150	M	João do Carmo	Penso	25	S
151	M	Luís Gomes	Penso	40	C
152	M	Eduardo Cardoso	Penso	20	S
153	M	António Gomes	Penso	9	S
154	F	Mécia dos Prazeres	Penso	18	S
155	M	Adolfo Cardoso	Faia	20	S
156	M	Ferdinando Cardoso	Faia	25	S
157	M	Eduardo de Gouveia	Faia	27	V
158	F	Amélia de Jesus	Lamosa	30	S
159	M	Nicolau Barbosa	Faia	43	C
160	M	António Alberto	Fonte Arcada	24	S
161	M	Mariano Botelho	Faia	23	S
162	M	José Joaquim Proença	Ferreirim	11	S
163	M	António Augusto Morais	Ferreirim	37	C
164	M	Benjamim Joaquim	Macieira	28	C
165	M	António Augusto	Escurquela	10	S
166	M	António de Frias	Escurquela	NR	S
167	M	António José	Lamosa	28	S
168	F	Ana de Jesus	Lamosa	15	S
169	M	José Gomes de Almeida	Lamosa	NR	C
170	M	Lourenço Afonso	Carregal	47	C
171	M	Joaquim da Silva Machado	Freixinho	48	V
172	F	Carlota de Jesus	Freixinho	17	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Pedreiro	N	R. Janeiro	14/01/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	24/01/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	24/01/1905	1905	
Proprietário	N	R. Janeiro	04/02/1905	1905	C/152-F
Trabalhador	N	R. Janeiro	04/02/1905	1905	
NR	NR	R. Janeiro	04/02/1905	1905	C/151-P
NR	NR	R. Janeiro	04/02/1905	1905	C/151
Proprietário	NR	Manaus	14/02/1905	1905	
Proprietário	NR	Manaus	14/02/1905	1905	
Proprietário	NR	Manaus	15/02/1905	1905	
NR	N	S. Paulo	22/02/1905	1905	
Proprietário	N	Manaus	23/02/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	24/02/1905	1905	
Trabalhador	NR	Manaus	24/02/1905	1905	
NR	N	R. Janeiro	27/02/1905	1905	C/162
Trabalhador	NR	R. Janeiro	27/02/1905	1905	C/163
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/02/1905	1905	
NR	NR	R. Janeiro	08/03/1905	1905	C/169
NR	NR	R. Janeiro	08/03/1905	1905	C/170
Alfaiate	S	R. Janeiro	08/03/1905	1905	
NR	N	Santos	08/03/1905	1905	C/166 e 167
NR	NR	Santos	08/03/1905	1905	C/167-E e 168
Trabalhador	N	Manaus	13/03/1905	1905	
Lavrador	NR	R. Janeiro	31/03/1905	1905	C/173,174 e 175-F
NR	NR	R. Janeiro	31/03/1905	1905	C/172-P

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
173	M	José	Freixinho	8	S
174	F	Maximina	Freixinho	11	S
175	M	Augusto Lopes de Matos	Carregal	23	S
176	F	Carolina Rosa	Penso	44	C
177	M	Américo	Penso	11	S
178	M	António	Penso	8	S
179	M	Luís	Penso	4	S
180	M	Manuel	Penso	6	S
181	M	António Augusto	Cunha	42	C
182	F	Virgínia da Costa Pinto	Carregal	NR	NR
183	M	Arnaldo de Andrade Lapa	Carregal	12	S
184	M	João de Aguiar	Macieira	43	C
185	M	Domingos dos Santos	Freixinho	29	S
186	M	Tomás Quintãs	Freixinho	23	S
187	F	Josefa da Luz	Freixinho	24	S
188	M	Joaquim de Almeida Rebelo	Freixinho	NR	NR
189	M	Joaquim Lopes Frias	Freixinho	12	S
190	M	José Augusto de Aguiar	Vila da Ponte	32	S
191	M	Martinho Lopes	Faia	24	S
192	M	Joaquim de Sá	Quintela	50	V
193	M	António Lemos	Carregal	29	C
194	M	José Bernardo	Penso	24	C
195	M	António Manuel	Ferreirim	21	S
196	M	José Ferreira	Lamosa	27	S
197	M	António Augusto de Sá Pavicoce	Sernancelhe	28	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	R. Janeiro	31/03/1905	1905	C/172-P
NR	NR	R. Janeiro	31/03/1905	1905	C/172-P
Jornaleiro	NR	S. Paulo	28/04/1905	1905	
NR	N	Santos	02/06/1905	1905	C/178,179,180 e 181-F
NR	N	Santos	02/06/1905	1905	C/177-M
NR	N	Santos	02/06/1905	1905	C/177-M
NR	N	Santos	02/06/1905	1905	C/177-M
NR	N	Santos	02/06/1905	1905	C/177-M
Jornaleiro	N	Pará	15/06/1905	1905	C/183-F
NR	NR	Manaus	23/06/1905	1905	C/184
NR	NR	Manaus	23/06/1905	1905	C/184
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/06/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	15/09/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	15/09/1905	1905	
NR	N	Manaus	15/09/1905	1905	
NR	NR	Manaus	15/09/1905	1905	C/190-Afd
NR	NR	Manaus	15/09/1905	1905	C/189-Pd
Caixeiro	S	Pará	16/09/1905	1905	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	22/09/1905	1905	
Proprietário	N	R. Janeiro	07/10/1905	1905	
Trabalhador	N	R. Janeiro	09/10/1905	1905	
Proprietário	NR	R. Janeiro	12/10/1905	1905	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	14/10/1905	1905	
Trabalhador	NR	S. Paulo	14/10/1905	1905	
Proprietário	NR	R. Janeiro	17/10/1905	1905	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
198	M	Abel Augusto Sobral	Sernancelhe	28	S
199	F	Amélia Gomes Cardia	Freixinho	16	S
200	M	Armando A. Mota	Freixinho	21	S
201	F	Laura de Almeida Mota	Freixinho	19	S
202	F	Maria das Neves	Freixinho	17	S
203	M	Acácio A. Mota	Freixinho	13	S
204	M	António Augusto Damásio	Sarzeda	27	S
205	M	Gabriel Lopes de Azevedo	Sernancelhe	29	S
206	M	António Lopes	Faia	23	S
207	M	João Sobral	Freixinho	26	S
208	F	Serafina de Jesus	Freixinho	30	C
209	F	Maria Augusta	Ferreirim	27	S
210	F	Maria do Céu Seixas	Fonte Arcada	21	S
211	F	Maria Laura	Fonte Arcada	17	S
212	M	António de Castro	Fonte Arcada	34	C
213	M	José Joaquim de Almeida	Fonte Arcada	51	C
214	M	Manuel dos Santos	Fonte Arcada	36	V
215	M	Florindo Augusto	Carregal	34	C
216	F	Antónia de Jesus	Freixinho	28	S
217	F	Matilde de Jesus	Freixinho	41	S
218	M	António da Silva Reboredo	Freixinho	21	S
219	M	Joaquim António Lopes	Freixinho	30	C
220	M	Abel de Lemos Sobral	Granjal	21	S
221	M	Isidoro de Gouveia	Granjal	60	C
222	M	Joaquim do Nascimento	Granjal	33	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Sapateiro	NR	R. Janeiro	17/10/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	25/10/1905	1905	C/202
Jornaleiro	N	Manaus	25/10/1905	1905	C/207-Primo
Jornaleiro	N	Manaus	25/10/1905	1905	C/202
Jornaleiro	N	Manaus	25/10/1905	1905	C/202
NR	N	Manaus	25/10/1905	1905	C/206
Barbeiro	S	S. Paulo	30/10/1905	1905	
NR	NR	R. Janeiro	26/12/1905	1905	
Jornaleiro	N	Manaus	04/01/1906	1906	
Carpinteiro	N	Manaus	15/01/1906	1906	
Jornaleiro	N	Manaus	15/01/1906	1906	
NR	N	Manaus	15/01/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	15/01/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	15/01/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/01/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/01/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/01/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	20/01/1906	1906	
Criada	N	Manaus	22/01/1906	1906	C/222
NR	N	Manaus	22/01/1906	1906	C/223
Jornaleiro	N	Manaus	26/01/1906	1906	
Proprietário	N	Manaus	06/02/1906	1906	
Caixeiro	N	S. Paulo	10/02/1906	1906	
Proprietário	N	S. Paulo	10/02/1906	1906	
Proprietário	N	S. Paulo	10/02/1906	1906	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
223	M	Camilo Augusto	Ferreirim	26	S
224	M	Claudino António	Ferreirim	26	S
225	F	Elisa da Glória	Ferreirim	13	S
226	F	Maria da Anunciação	Ferreirim	17	S
227	M	António da Silva Santos	Ferreirim	45	C
228	F	Cândida da Piedade	Lamosa	27	S
229	M	João Rodrigues	Quintela	24	C
230	M	José Maria de Sequeira	Quintela	32	C
231	M	Manuel Rodrigues	Quintela	36	C
232	M	Adelino Sousa	Quintela	28	S
233	M	João Pedro	Faia	47	C
234	M	Alberto da Fonseca Dias	Sernancelhe	20	S
235	M	José Joaquim de Almeida	Macieira	26	C
236	F	Elisa da Glória	Ferreirim	16	S
237	M	Laurino dos Santos	Ferreirim	24	S
238	M	Amadeu Augusto	Sarzedada	20	S
239	M	João Eduardo	Vila da Ponte	31	S
240	M	Francisco António	Sarzedada	36	C
241	M	João Salvador	Ferreirim	24	S
242	M	Acácio dos Santos	Freixinho	26	S
243	M	Francisco de Seixas	Freixinho	24	C
244	M	António José	Vila da Ponte	32	S
245	F	Herminia da Conceição	Sarzedada	25	S
246	F	Maria da Graça	Fonte Arcada	31	S
247	M	Vitorino Lopes	Carregal	45	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Barbeiro	N	R. Janeiro	23/02/1906	1906	
Carpinteiro	NR	R. Janeiro	23/02/1906	1906	
Doméstica	S	R. Janeiro	23/02/1906	1906	C/230 e 231
Doméstica	S	R. Janeiro	23/02/1906	1906	C/230 e 232
Proprietário	S	R. Janeiro	23/02/1906	1906	C/231 e 232
NR	N	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	09/03/1906	1906	
Proprietário	N	Manaus	16/03/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	09/04/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	14/04/1906	1906	
Ferreiro	N	R. Janeiro	17/04/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	17/04/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	17/04/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	18/04/1906	1906	
Carpinteiro	N	R. Janeiro	24/04/1906	1906	
Barbeiro	N	Manaus	14/05/1906	1906	
Jornaleiro	N	Manaus	14/05/1906	1906	
Proprietário	N	Pará	17/05/1906	1906	
Doméstica	N	S. Paulo	22/05/1906	1906	
Criada	N	Pará	19/06/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	26/06/1906	1906	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
248	M	João Pereira	Carregal	53	C
249	M	Arsénio Augusto	Escurquela	22	S
250	M	José Aparício Azevedo	Lamosa	30	C
251	F	Vitória da Conceição Dias	Freixinho	11	S
252	F	Ana Joaquina	Ferreirim	18	S
253	F	Maria Antónia	Freixinho	25	S
254	F	Maria Benedita	Granjal	20	S
255	M	Benjamim do Couto Ramos	Granjal	35	C
256	M	Marcos Fernandes	Quintela	41	C
257	M	José Clodomiro	Sernancelhe	24	S
258	F	Teresa da Conceição Sobral	Sarzedá	24	S
259	M	António Augusto da Silva	Sernancelhe	36	V
260	M	Acácio Augusto	Sernancelhe	32	S
261	F	Maria Amélia	Sernancelhe	34	C
262	M	António de Ramos	Sernancelhe	4	S
263	F	Maria Laura	Sernancelhe	2	S
264	M	António Augusto de Salles	Sernancelhe	38	C
265	F	Teresa da Piedade	Escurquela	72	V
266	M	Cesário Soares	Faia	9	S
267	M	João Gaspar Lopes	Faia	20	S
268	M	José Antunes	Faia	26	S
269	F	Eutiquia dos Anjos Loureiro	Fonte Arcada	21	S
270	F	Maria do Nascimento	Freixinho	11	S
271	F	Maria Estela	Freixinho	20	S
272	M	José Joaquim	Ferreirim	35	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	26/06/1906	1906	
Trabalhador	N	Pará	05/07/1906	1906	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	21/07/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	24/07/1906	1906	
Doméstica	N	Manaus	04/08/1906	1906	
Doméstica	N	Manaus	04/08/1906	1906	
Doméstica	N	Manaus	09/08/1906	1906	
Negociante	N	Manaus	09/08/1906	1906	
Negociante	N	R. Janeiro	11/08/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	03/09/1906	1906	
Doméstica	N	Manaus	06/09/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	24/09/1906	1906	
Alfaiate	N	R. Janeiro	06/10/1906	1906	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/10/1906	1906	C/267,269 e 270
NR	N	R. Janeiro	06/10/1906	1906	C/267, 268 e 270
NR	N	R. Janeiro	06/10/1906	1906	C/267, 268 e 269
Proprietário	N	R. Janeiro	06/10/1906	1906	C/268,269 e 270
Doméstica	N	R. Janeiro	13/10/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	19/10/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	19/10/1906	1906	
Trabalhador	N	R. Janeiro	19/10/1906	1906	
NR	N	Manaus	25/10/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/10/1906	1906	C/275 e 276
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/10/1906	1906	C/275 e 277
Proprietário	N	R. Janeiro	25/10/1906	1906	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
273	M	António Pinto	Freixinho	48	C
274	M	António Manuel Heitor	Macieira	24	C
275	M	Albano da Cruz	Macieira	29	C
276	F	Laura Dias	Lamosa	19	S
277	F	Carolina das Neves	Granjal	28	C
278	M	Francisco Lauro	Granjal	22	C
279	M	Joaquim Dias da Costa	Freixinho	20	S
280	M	António Rodrigues	Quintela	24	S
281	M	António Joaquim de Oliveira	Quintela	32	C
282	M	Bernardo Ferreira Duarte	Ferreirim	25	S
283	F	Maria da Anunciação	Carregal	20	S
284	F	Maria Olinda	Carregal	24	S
285	M	Mariano Pinheiro	Lamosa	38	C
286	M	João da Fonseca	Escurquela	11	S
287	M	António Joaquim	Macieira	46	C
288	M	António Lopes	Carregal	22	S
289	M	José Pereira	Carregal	23	S
290	M	José Augusto	Carregal	29	S
291	M	Joaquim da Silva	Macieira	20	S
292	M	Marcelino Ernesto	Macieira	24	S
293	M	Manuel António de Seixas	Macieira	9	S
294	M	José da Silva	Faia	25	S
295	F	Delfina da Cruz	Ferreirim	24	C
296	M	João António	Ferreirim	27	C
297	M	Manuel de Jesus	Ferreirim	27	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	R. Janeiro	25/10/1906	1906	C/276 e 277
Proprietário	N	Pará	29/10/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/10/1906	1906	
NR	N	R. Janeiro	05/12/1906	1906	
Jornaleiro	N	S. Paulo	07/12/1906	1906	C/283
Trabalhador	N	S. Paulo	07/12/1906	1906	C/284
Jornaleiro	N	Manaus	14/12/1906	1906	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	21/12/1906	1906	
Proprietário	N	R. Janeiro	21/12/1906	1906	
Jornaleiro	N	Manaus	05/02/1907	1907	
Doméstica	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Doméstica	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Lavrador	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
NR	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Proprietário	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Serralheiro	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Trabalhador	N	R. Janeiro	22/02/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	23/02/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	23/02/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	15/04/1907	1907	
NR	N	R. Janeiro	15/04/1907	1907	C/298
Jornaleiro	N	Manaus	04/05/1907	1907	
Doméstica	N	Manaus	13/05/1907	1907	C/301
Jornaleiro	N	Manaus	13/05/1907	1907	
Pedreiro	N	Manaus	13/05/1907	1907	C/302

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
298	M	João Caiado	Faia	24	S
299	M	António de Almeida	Cunha	25	C
300	M	Manuel António Rosendo	Cunha	37	C
301	M	Joaquim António	Vila da Ponte	26	C
302	F	Maria Dolorosa	Sernancelhe	30	S
303	M	José de Jesus Aguiar	Vila da Ponte	35	C
304	F	Maria Cândida	Granjal	18	S
305	M	Casimiro de Almeida Rebelo	Freixinho	27	C
306	F	Maria Deolinda Rebelo	Freixinho	23	C
307	F	Arminda Augusta Cardoso	Freixinho	21	S
308	F	Ana de Jesus	Vila da Ponte	18	S
309	F	Virgínia de Jesus	Vila da Ponte	22	S
310	M	Joaquim Tiago	Freixinho	20	S
311	M	Manuel dos Paços	Freixinho	23	S
312	M	Avelino da Silva Machado	Freixinho	13	S
313	M	Manuel Sequeira	Quintela	38	C
314	M	José Joaquim	Chosendo	27	S
315	M	Alexandrino de Jesus	Chosendo	32	C
316	M	Alfredo Ferreira	Lamosa	33	C
317	M	Manuel Gomes	Penso	36	C
318	M	Joaquim da Silva	Penso	24	S
319	M	João Correia Soares	Carregal	39	S
320	M	Francisco dos Santos	Freixinho	31	C
321	M	António Sobral	Freixinho	30	C
322	F	Faustina de Jesus Seixas	Freixinho	20	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	N	Manaus	16/05/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/05/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/05/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/05/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/05/1907	1907	
Proprietário	N	R. Janeiro	29/05/1907	1907	
Trabalhador	N	Manaus	20/08/1907	1907	
Barbeiro	N	Manaus	26/08/1907	1907	C/317
Doméstica	N	Manaus	26/08/1907	1907	C/316
Doméstica	N	Manaus	26/08/1907	1907	
Doméstica	N	Manaus	26/08/1907	1907	C/312
Doméstica	N	Manaus	26/08/1907	1907	C/311
Jornaleiro	N	Manaus	26/08/1907	1907	
Jornaleiro	N	Manaus	26/08/1907	1907	
NR	N	Manaus	26/08/1907	1907	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	26/08/1907	1907	
Trabalhador	N	Manaus	27/08/1907	1907	
Trabalhador	N	Pará	28/08/1907	1907	
Proprietário	N	R. Janeiro	16/09/1907	1907	
Proprietário	N	Santos	20/11/1907	1907	
Trabalhador	N	Santos	20/11/1907	1907	
Trabalhador	N	R. Janeiro	21/11/1907	1907	
Jornaleiro	N	Manaus	01/12/1907	1907	
Barbeiro	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/333
Doméstica	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/330

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
323	F	Maria de Jesus Loureiro	Fonte Arcada	16	S
324	M	José Coelho	Freixinho	23	C
325	F	Isabel da Silva	Freixinho	12	S
326	F	Maria Augusta	Freixinho	17	C
327	M	Sabino da Costa	Carregal	31	S
328	M	Aurélio da Fonseca	Freixinho	25	S
329	F	Sofia Almeida Cardoso	Granjal	26	C
330	M	Jorge	Granjal	4	S
331	M	Bernardo da Silva	Granjal	13	S
332	M	Jerónimo Augusto	Granjal	22	S
333	F	Zélia Simão	Granjal	11	S
334	M	António da Ressurreição	Granjal	27	C
335	M	Augusto Silva	Lamosa	31	C
336	F	Filomena de Jesus	Vila da Ponte	24	S
337	M	José Augusto Lacerda	Chosendo	33	S
338	M	Joaquim de Almeida Rebelo	Freixinho	40	C
339	M	António da Silva Roboredo	Freixinho	26	C
340	F	Carmelina de Jesus	Freixinho	28	C
341	M	António de Sá	Quintela	20	S
342	M	José de Oliveira	Ferreirim	20	C
343	M	António Augusto de Castro	Fonte Arcada	31	S
344	M	Manuel de Castro	Fonte Arcada	46	C
345	M	António Tavares	Carregal	35	C
346	F	Loduvina dos Santos	Sernancelhe	NR	C
347	M	António de Barros Neto	Sernancelhe	29	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/332
Jornaleiro	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/331
NR	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/330
Proprietário	N	Manaus	05/12/1907	1907	C/332
Jornaleiro	N	R. Janeiro	05/12/1907	1907	
Trabalhador	NR	R. Janeiro	02/06/1908	1908	
Jornaleiro	N	S. Paulo	10/06/1908	1908	
NR	N	S. Paulo	10/06/1908	1908	
NR	NR	S. Paulo	10/06/1908	1908	
Jornaleiro	N	S. Paulo	15/06/1908	1908	
NR	N	S. Paulo	15/06/1908	1908	
Jornaleiro	N	Santos	15/06/1908	1908	
Proprietário	S	R. Janeiro	19/06/1908	1908	
NR	NR	Manaus	27/06/1908	1908	
Emp. Com.	S	Pará	14/08/1908	1908	
Barbeiro	N	Manaus	03/01/1911	1911	
Carpinteiro	N	Manaus	03/01/1911	1911	C/338
Doméstica	N	Manaus	03/01/1911	1911	c/337
Trabalhador	N	R. Janeiro	11/01/1911	1911	
Jornaleiro	N	Manaus	13/01/1911	1911	
Jornaleiro	N	Manaus	16/01/1911	1911	
Proprietário	N	Manaus	16/01/1911	1911	
Carpinteiro	N	R. Janeiro	21/01/1911	1911	
Doméstica	N	R. Janeiro	21/01/1911	1911	C/342
Jornaleiro	N	R. Janeiro	21/01/1911	1911	C/343

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
348	M	António Copertino	Carregal	51	C
349	F	Glória de Jesus	Freixinho	27	C
350	F	Teresa de Jesus	Freixinho	23	S
351	M	António Ricardo	Freixinho	25	C
352	M	Armindo	Carregal	8	S
353	F	Maria José (Maria Bárbara)	Carregal	43	C
354	F	Belarmina da Natividade	Ferreirim	25	C
355	M	Artur	Ferreirim	1	S
356	M	Carlos	Ferreirim	2	S
357	M	António Romano	Sernancelhe	12	S
358	M	Albino Gaspar Osório	Sernancelhe	21	S
359	M	Alexandrino Augusto Ferreira	Macieira	34	C
360	F	Maria da Conceição	Ferreirim	18	S
361	M	André da Silva	Faia	21	S
362	F	Estefânia de Jesus	Freixinho	21	C
363	F	Augusta do Carmo	Freixinho	40	S
364	F	Rita de Jesus	Freixinho	20	S
365	M	Bernardo de Almeida Rebelo	Freixinho	34	C
366	F	Maria Mota	Lamosa	12	S
367	F	Teresa Mota	Lamosa	46	V
368	M	José Augusto	Vila da Ponte	9	S
369	F	Josefa dos Santos	Vila da Ponte	31	C
370	M	António Augusto	Freixinho	23	S
371	M	João Francisco	Quintela	31	C
372	M	Abel Rodrigues	Quintela	21	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	R. Janeiro	21/01/1911	1911	
Doméstica	N	Manaus	26/01/1911	1911	C/347
Doméstica	N	Manaus	26/01/1911	1911	
Jornaleiro	N	Manaus	26/01/1911	1911	C/348
NR	N	Manaus	03/02/1911	1911	C/350
Proprietário	N	Manaus	03/02/1911	1911	C/351
Doméstica	N	Santos	06/02/1911	1911	C/353 e 354
NR	N	Santos	06/02/1911	1911	C/352 e 353
NR	N	Santos	06/02/1911	1911	C/352 e 354
NR	N	S. Paulo	10/02/1911	1911	
Proprietário	N	S. Paulo	14/02/1911	1911	
Negociante	S	Pará	16/02/1911	1911	
Criada	N	Manaus	20/02/1911	1911	
Jornaleiro	N	Manaus	20/02/1911	1911	
Doméstica	N	Manaus	04/03/1911	1911	C/360
NR	N	Manaus	04/03/1911	1911	
NR	N	Manaus	04/03/1911	1911	
Proprietário	N	Manaus	04/03/1911	1911	C/361-M
NR	N	R. Janeiro	06/03/1911	1911	C/366-M
Proprietário	N	R. Janeiro	06/03/1911	1911	C/367-F
NR	N	S. Paulo	06/03/1911	1911	C/364-M
Proprietário	N	S. Paulo	06/03/1911	1911	C/365-F
Jornaleiro	N	S. Paulo	08/03/1911	1911	
Agricultor	N	Santos	11/03/1911	1911	C/372-E
Agricultor	N	Santos	11/03/1911	1911	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
373	F	Maria de Lemos	Quintela	32	C
374	F	Elvira do Espirito Santo	Quintela	8	S
375	F	Mariana de Jesus	Lamosa	20	C
376	F	Cândida de Azevedo	Lamosa	18	S
377	F	Laura de Almeida Mota	Freixinho	25	C
378	F	Maria do Espirito Santo	Penso	30	S
379	F	Rita Augusta	Faia	42	S
380	M	Luis António	Penso	22	S
381	M	José Ferreira	Carregal	29	C
382	M	Augusto de Jesus	Chosendo	21	S
383	M	António Augusto	Vila da Ponte	33	C
384	M	Acácio Alfredo da Silva Pina	Vila da Ponte	32	C
385	M	Rafael Augusto	Vila da Ponte	38	C
386	F	Júlia Augusta	Vila da Ponte	43	C
387	F	Maria Eduarda	Vila da Ponte	41	C
388	M	Armando	Vila da Ponte	6	S
389	F	Justina	Vila da Ponte	1	S
390	F	Maria	Vila da Ponte	9	S
391	F	Virgínia	Vila da Ponte	4	S
392	F	Maria do Carmo	Sernancelhe	20	S
393	F	Francisca de Jesus	Sernancelhe	22	C
394	F	Ana de Jesus	Sernancelhe	28	S
395	M	José Joaquim dos Santos	Vila da Ponte	29	C
396	M	António da Costa	Vila da Ponte	37	C
397	M	Amândio da Cruz	Vila da Ponte	30	V



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	Santos	11/03/1911	1911	C/371-E
NR	N	Santos	11/03/1911	1911	
Doméstica	N	R. Janeiro	13/07/1911	1911	
Doméstica	N	S. Paulo	13/07/1911	1911	
Proprietário	N	Manaus	13/10/1911	1911	
Doméstica	N	Manaus	16/10/1911	1911	
Jornaleiro	N	Manaus	16/10/1911	1911	
Carpinteiro	N	R. Janeiro	15/11/1911	1911	
Negociante	N	Manaus	20/11/1911	1911	
Agricultor	N	R. Janeiro	20/11/1911	1911	
Alfaiate	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/386-E, 387-F e 388-F
Carpinteiro	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/381-E, 382-F e 383-F
Carpinteiro	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	
Doméstica	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/385-M, 387-F e 388-F
Doméstica	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/380-M, 382-F e 383-F
NR	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/385-P, 386-M e 388-I
NR	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/380-P, 381-M e 383-I
NR	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/380-P, 381-M e 382-I
NR	N	R. Janeiro	23/11/1911	1911	C/385-P, 386-M e 387-I
Doméstica	N	R. Janeiro	24/11/1911	1911	C/391
Jornaleiro	N	R. Janeiro	24/11/1911	1911	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	24/11/1911	1911	
Barbeiro	N	R. Janeiro	25/11/1911	1911	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/11/1911	1911	
Pedreiro	N	R. Janeiro	25/11/1911	1911	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
398	F	Júlia da Graça	Penso	30	C
399	F	Maria Antónia	Penso	3	S
400	M	Manuel Gomes de Sequeira	Quintela	31	C
401	M	Manuel Augusto de Sá	Vila da Ponte	38	V
402	F	Maria do Nascimento	Sarzedada	16	S
403	F	Maria do Nascimento	Sarzedada	18	S
404	M	Manuel Joaquim	Sarzedada	41	C
405	M	Sebastião José de Azevedo	Vila da Ponte	43	C
406	F	Maria da Esperança	Vila da Ponte	17	S
407	M	Manuel Dias	Freixinho	NR	C
408	M	António Alexandre	Chosendo	10	S
409	M	João Batista	Chosendo	47	C
410	M	António da Silva Machado	Freixinho	32	C
411	F	Gracinda Tavares	Freixinho	35	C
412	F	Adelina da Costa	Freixinho	14	S
413	F	Antónia da Costa	Freixinho	12	S
414	M	Manuel da Costa	Freixinho	38	C
415	F	Maria da Luz	Fonte Arcada	17	S
416	M	Alexandrino de Jesus	Chosendo	37	C
417	F	Maria dos Remédios	Lamosa	38	S
418	M	Abel da Silva Palhares	Arnas	34	S
419	M	José Gomes	Penso	28	S
420	M	António Augusto	Vila da Ponte	29	C
421	F	Virgínia Trindade	Sarzedada	30	S
422	M	Manuel de Jesus	Vila da Ponte	21	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	30/11/1911	1911	C/397-F
NR	N	S. Paulo	30/11/1911	1911	C/396-M
Trabalhador	N	R. Janeiro	02/12/1911	1911	
Carpinteiro	N	R. Janeiro	09/12/1911	1911	
Doméstica	N	R. Janeiro	11/12/1911	1911	C/400-P
Doméstica	N	R. Janeiro	11/12/1911	1911	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/12/1911	1911	C/401-F
Barbeiro	N	R. Janeiro	06/01/1912	1912	C/405-F
Doméstica	N	R. Janeiro	06/01/1912	1912	C/404-P
Trabalhador	N	R. Janeiro	06/01/1912	1912	
NR	N	Pará	16/01/1912	1912	C/406-P
Proprietário	N	Pará	16/01/1912	1912	C/407-F
Proprietário	N	Manaus	27/01/1912	1912	
Doméstica	N	Manaus	06/02/1912	1912	C/409-M, 411-F e 412-F
NR	N	Manaus	06/02/1912	1912	C/409-P, 410-M e 412-I
NR	N	Manaus	06/02/1912	1912	C/409-p, 410-M e 411-I
Trabalhador	N	Manaus	06/02/1912	1912	C/410-E, 411-F e 412-F
Doméstica	N	Manaus	16/02/1912	1912	
Trabalhador	N	Pará	23/02/1912	1912	
Doméstica	N	Santos	26/02/1912	1912	
Jornaleiro	N	Santos	26/02/1912	1912	
Carpinteiro	N	S. Paulo	13/04/1912	1912	
Jornaleiro	N	Pará	02/05/1912	1912	
Doméstica	N	Santos	08/05/1912	1912	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	10/05/1912	1912	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
423	M	Luís dos Santos	Vila da Ponte	24	S
424	M	Manuel de Jesus	Vila da Ponte	25	C
425	M	José Augusto	Vila da Ponte	10	S
426	F	Júlia Augusta	Chosendo	38	C
427	M	Manuel Maria	Chosendo	39	S
428	M	José António	Chosendo	6	S
429	M	José Joaquim Soares	Chosendo	38	C
430	M	António Maria	Ferreirim	26	S
431	F	Emilia de Jesus	Ferreirim	23	S
432	F	Maria José Lopes	Faia	38	V
433	F	Maria de Lurdes	Ferreirim	20	S
434	M	José Correia	Carregal	34	S
435	M	Abraão Pereira	Quintela	22	S
436	F	Maria da Soledade	Ferreirim	27	C
437	F	Maria da Soledade	Penso	36	C
438	F	Laurinda Veiga	Penso	19	S
439	M	Bernardino da Silva	Penso	41	C
440	F	Rufina Augusta	Penso	24	S
441	M	António dos Santos	Ferreirim	33	C
442	F	Maria da Conceição	Penso	14	S
443	F	Maria da Assunção	Ferreirim	27	S
444	M	João do Nascimento	Freixinho	62	C
445	F	Teresa do Carmo	Freixinho	29	S
446	M	José Carlos	Ferreirim	20	S
447	F	Maria da Piedade	Macieira	21	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	N	S. Paulo	10/05/1912	1912	C/421
Jornaleiro	N	Santos	10/05/1912	1912	
Trabalhador	N	Santos	10/05/1912	1912	C/420
Doméstica	N	Santos	11/05/1912	1912	C/424-M e 426-F
Jornaleiro	N	Santos	11/05/1912	1912	
NR	N	Santos	11/05/1912	1912	C/424-P e 425-M
Trabalhador	N	Santos	11/05/1912	1912	C/425-E e 426-F
Jornaleiro	N	R. Janeiro	23/05/1912	1912	
Proprietário	N	Santos	23/05/1912	1912	
Doméstica	N	Manaus	25/05/1912	1912	
Doméstica	N	Manaus	09/08/1912	1912	
Proprietário	N	R. Janeiro	12/08/1912	1912	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	03/09/1912	1912	
Doméstica	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	C/439-M
Doméstica	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	C/436-M
Doméstica	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	C/436
Emp. Com.	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	C/437-E
Jornaleiro	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	
Motorista	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	C/440-E
NR	N	S. Paulo	10/09/1912	1912	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/09/1912	1912	
Moleiro	N	S. Paulo	11/09/1912	1912	
Proprietário	NR	Manaus	13/09/1912	1912	
Alfaiate	NR	R. Janeiro	14/09/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	15/09/1912	1912	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
448	F	Quitéria de Jesus	Carregal	16	S
449	F	Maria da Anunciação	Penso	19	S
450	M	José Augusto	Escurquela	39	C
451	M	José António Proença	Macieira	26	C
452	M	António da Rocha	Penso	25	C
453	M	Belarmino de Almeida Correia	Carregal	18	S
454	F	Emília do Espirito Santo	Ferreirim	18	S
455	F	Maria Angelina	Sernancelhe	22	S
456	M	Ismael Cabral da Rocha	Vila da Ponte	30	C
457	M	Abel Saraiva	Carregal	40	C
458	M	António Cândido	Carregal	45	C
459	M	Manuel Francisco	Cunha	40	C
460	M	José Luis	Escurquela	46	C
461	M	Augusto Abraão	Ferreirim	22	S
462	M	João Batista de Sousa	Arnas	39	S
463	F	Rosalina da Conceição	Fonte Arcada	21	S
464	F	Maria dos Prazeres	Fonte Arcada	14	S
465	M	Aquiles Anibal	Ferreirim	17	S
466	M	Luis Maria	Arnas	34	C
467	M	Francisco Paula	Fonte Arcada	37	C
468	M	Manuel dos Anjos	Fonte Arcada	11	S
469	M	António Maria	Fonte Arcada	38	C
470	M	José Maria	Fonte Arcada	42	C
471	M	Baltasar da Silva	Carregal	20	S
472	M	António Maria	Penso	17	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	R. Janeiro	20/09/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	20/09/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	24/09/1912	1912	
Jornaleiro	NR	Pará	30/09/1912	1912	
Proprietário	NR	S. Paulo	03/10/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	11/10/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	11/10/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	11/10/1912	1912	
Caixeiro	NR	R. Janeiro	12/10/1912	1912	
Sapateiro	NR	R. Janeiro	12/10/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	14/10/1912	1912	
Trabalhador	NR	S. Paulo	14/10/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	30/10/1912	1912	
Ferreiro	NR	R. Janeiro	19/11/1912	1912	
Proprietário	NR	R. Janeiro	20/11/1912	1912	
Doméstica	NR	R. Janeiro	21/11/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	21/11/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	26/11/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	05/12/1912	1912	
Proprietário	NR	Manaus	14/12/1912	1912	
NR	NR	R. Janeiro	14/12/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	15/12/1912	1912	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	15/12/1912	1912	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/01/1913	1913	
Jornaleiro	N	Santos	17/02/1913	1913	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
473	F	Ana de Jesus Leitão	Penso	61	C
474	M	João António	Penso	17	S
475	F	Maria dos Santos	Penso	25	S
476	F	Virgínia da Ressurreição	Penso	22	S
477	M	Manuel do Nascimento Martins	Penso	57	C
478	F	Maria do Nascimento	Sernancelhe	31	C
479	M	Manuel Lemos da Ascensão	Sernancelhe	42	C
480	M	Manuel antónio	Freixinho	21	S
481	M	Joaquim Augusto	Freixinho	22	S
482	F	Emília Augusta	Penso	2	S
483	F	Maria da Nazaré	Penso	32	C
484	M	Júlio Lopes	Vila da Ponte	28	C
485	M	José Lopes	Vila da Ponte	26	S
486	F	Maria Augusta	Vila da Ponte	30	C
487	F	Maria de Jesus	Vila da Ponte	30	C
488	F	Adelaide	Vila da Ponte	3	S
489	F	Ana	Vila da Ponte	1	S
490	F	Joaquina do Espírito Santo	Penso	33	C
491	M	Albino Augusto	Vila da Ponte	2	S
492	M	Amâncio do Nascimento	Vila da Ponte	9	S
493	F	Maria do Carmo	Vila da Ponte	35	S
494	F	Maria do Carmo	Penso	20	C
495	M	Miguel Augusto	Penso	25	C
496	M	Manuel José de Sousa	Arnas	50	C
497	F	Albertina de Jesus	Arnas	18	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	Santos	17/02/1913	1913	
NR	N	Santos	17/02/1913	1913	
NR	N	Santos	17/02/1913	1913	
NR	N	Santos	17/02/1913	1913	
Proprietário	N	Santos	17/02/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	19/02/1913	1913	
Proprietário	N	S. Paulo	19/02/1913	1913	
Jornaleiro	N	S. Paulo	20/02/1913	1913	
Jornaleiro	N	Santos	20/02/1913	1913	
NR	N	Santos	20/02/1913	1913	
Proprietário	N	Santos	20/02/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	22/02/1913	1913	
Doméstica	N	Santos	22/02/1913	1913	
NR	N	Santos	22/02/1913	1913	
NR	N	Santos	22/02/1913	1913	
Proprietário	N	Santos	22/02/1913	1913	
NR	NR	Santos	22/02/1913	1913	
Proprietário	S	Santos	22/02/1913	1913	
Agricultor	N	S. Paulo	10/03/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	10/03/1913	1913	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
498	F	Amélia	Arnas	9	S
499	M	Cipriano	Arnas	6	S
500	M	Valentim da Ascensão	Arnas	11	S
501	F	Maria da Piedade	Arnas	45	C
502	M	Abel Cabral	Fonte Arcada	34	C
503	F	Teresa de Jesus	Sarzedada	14	S
504	M	José de Andrade	Penso	27	C
505	M	António José Quintais	Fonte Arcada	12	S
506	M	Manuel António	Fonte Arcada	35	C
507	M	João António Gomes	Carregal	52	C
508	M	Luis Baptista Lemos	Granjal	51	C
509	F	Maria do Espírito Santo	Faia	21	S
510	M	Manuel da Cruz	Faia	29	C
511	M	Adelino Augusto	Sernancelhe	36	C
512	M	Manuel Antóno	Ferreirim	44	C
513	M	Manuel de Jesus	Ferreirim	25	C
514	M	Benjamim Marques	Ferreirim	23	S
515	F	Olívia de Jesus	Cunha	18	S
516	M	António Correia	Cunha	14	S
517	F	Maria Angélica	Cunha	39	V
518	M	José Rodrigues Segões	Carregal	24	S
519	F	Laura de Jesus Mota	Freixinho	23	S
520	M	José Augusto Sobral	Sernancelhe	28	C
521	F	Ana da Silva	Penso	31	C
522	M	Joaquim Lopes Moreira	Sernancelhe	16	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	10/03/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	10/03/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	10/03/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	13/03/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	17/03/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	17/03/1913	1913	
Proprietário	S	S. Paulo	21/04/1913	1913	
Jornaleiro	N	S. Paulo	01/05/1913	1913	
Lavrador	N	S. Paulo	01/05/1913	1913	
Jornaleiro	NR	Santos	10/05/1913	1913	
Proprietário	NR	Santos	16/05/1913	1913	
Doméstica	N	R. Janeiro	19/05/1913	1913	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	19/05/1913	1913	
Barbeiro	S	Santos	30/05/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/07/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/07/1913	1913	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/07/1913	1913	
Doméstica	N	Santos	21/07/1913	1913	
NR	N	Santos	21/07/1913	1913	
Proprietário	N	Santos	21/07/1913	1913	
Agricultor	N	R. Janeiro	22/07/1913	1913	
Doméstica	N	Manaus	03/08/1913	1913	
NR	N	R. Janeiro	02/09/1913	1913	
Proprietário	N	S. Paulo	02/09/1913	1913	
Sapateiro	S	R. Janeiro	03/09/1913	1913	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
523	M	António dos Swantos Tavares	Granjal	42	C
524	F	Maria das Dores	Granjal	34	C
525	M	Belarmino dos Ramos	Granjal	12	S
526	M	José do Nascimento	Granjal	14	S
527	F	Emília	Granjal	9	S
528	F	Maria Augusta	Granjal	5	S
529	M	Silvestre	Granjal	2	S
530	M	João Aguiar	Sernancelhe	25	C
531	M	Leonel de Almeida	Sernancelhe	24	S
532	M	Luis Lopo	Sernancelhe	30	C
533	F	Modesta de Jesus	Sarzedá	23	S
534	M	Manuel da Fonseca	Carregal	NR	C
535	M	Manuel António	Arnas	42	C
536	F	Maria da Graça	Arnas	15	S
537	M	Rafael Augusto	Arnas	13	S
538	M	João da Ascensão	Arnas	23	S
539	F	Joana do Céu	Arnas	15	S
540	F	Miquelina de Jesus	Vila da Ponte	12	S
541	F	Maria do Espírito Santo	Penso	47	C
542	F	Palmira do Espírito Santo	Penso	10	S
543	F	Aduzinda Pereira	Penso	21	S
544	M	Cassiano Torrão	Chosendo	25	S
545	F	Elisa Maria Froufe	Faia	33	C
546	M	António	Faia	5	S
547	F	Maria da Ascensão	Cunha	45	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
Agricultor	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
Agricultor	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
Agricultor	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	12/09/1913	1913	
Proprietário	NR	R. Janeiro	15/09/1913	1913	
Criada	N	Manaus	16/09/1913	1913	
NR	N	S. Paulo	16/09/1913	1913	
Doméstica	N	R. Janeiro	02/01/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	05/01/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	09/01/1914	1914	C/474-F e 475-F
NR	N	R. Janeiro	09/01/1914	1914	C/473-P e 474-I
NR	N	R. Janeiro	09/01/1914	1914	C/473-P e 475-I
Agricultor	N	S. Paulo	09/01/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	09/01/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	10/01/1914	1914	C/473
Agricultor	N	R. Janeiro	22/01/1914	1914	C/478-F
NR	N	R. Janeiro	22/01/1914	1914	C/477-M
NR	NR	R. Janeiro	22/01/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	28/01/1914	1914	
Jornaleiro	N	Manaus	30/01/1914	1914	C/481-F
NR	N	Manaus	30/01/1914	1914	C/482 -M
Jornaleiro	N	S. Paulo	02/02/1914	1914	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
548	F	Maria da Anunciação	Cunha	18	S
549	F	Maria do Carmo Saraiva	Vila da Ponte	24	S
550	F	Olimpia Rebelo	Vila da Ponte	20	C
551	M	José Augusto Heitor	Macieira	24	S
552	F	Maria de Deus	Vila da Ponte	16	S
553	F	Maria da Anunciação Penedo	Carregal	24	C
554	F	Florinda Rocha	Vila da Ponte	64	V
555	M	Albino dos Santos	Cunha	8	S
556	M	Ramiro dos Santos	Cunha	10	S
557	F	Isaura da Conceição	Granjal	14	S
558	F	Maria do Carmo	Granjal	14	S
559	M	Celestino Mesquita	Granjal	22	S
560	F	Aida Augusta	Carregal	16	S
561	M	Augusto de Sousa	Carregal	21	S
562	M	João Gomes Miguel	Carregal	24	S
563	F	Lucinda de Jesus	Carregal	18	S
564	F	Maria da Cruz	Carregal	25	S
565	F	Leotina Vieira	Granjal	4	S
566	F	Maria da Anunciação Vieira	Granjal	34	S
567	F	Clemência Tabosa	Fonte Arcada	32	C
568	M	Alfredo Aparicio de Azevedo	Lamosa	40	C
569	M	Joaquim Augusto Nunes	Chosendo	42	S
570	M	António Santiago	Carregal	34	S
571	M	Manuel de Jesus da Fonseca	Macieira	56	C
572	M	João Aguiar	Macieira	56	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	02/02/1914	1914	C/483
Jornaleiro	N	R. Janeiro	05/02/1914	1914	
Doméstica	N	R. Janeiro	07/02/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	07/02/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	09/02/1914	1914	C/490
Proprietário	N	R. Janeiro	09/02/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	09/02/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	09/02/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	09/02/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	16/02/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	16/02/1914	1914	
Jornaleiro	N	S. Paulo	16/02/1914	1914	
Doméstica	N	R. Janeiro	17/02/1914	1914	C/503
Jornaleiro	N	S. Paulo	17/02/1914	1914	
Jornaleiro	N	S. Paulo	17/02/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	19/02/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	19/02/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	21/02/1914	1914	C/502-T
Proprietário	N	S. Paulo	21/02/1914	1914	C/501-S
Doméstica	N	R. Janeiro	05/03/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	05/03/1914	1914	
Trabalhador	N	R. Janeiro	06/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	09/03/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	09/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	12/03/1914	1914	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
573	F	Purificação Froufe	Faia	12	S
574	F	Maria da Estrela	Faia	36	S
575	F	Carminda de Jesus	Chosendo	25	S
576	M	Daniel Elisiário	Chosendo	35	C
577	F	Lucinda de Jesus Roque	Sarzeda	37	C
578	M	Manuel Batista ou Manuel Joaquim	Sarzeda	40	C
579	F	Adelaide de Jesus	Sarzeda	15	S
580	F	Maria da Alegria	Fonte Arcada	19	S
581	M	António	Sarzeda	9	S
582	F	Lucinda	Sarzeda	6	S
583	M	Silvestre	Sarzeda	1	S
584	M	Honorato Luis	Fonte Arcada	27	C
585	F	Palmira de Jesus	Faia	18	S
586	M	Aires Augusto	Escurquela	13	S
587	F	Cândida da Conceição	Sernancelhe	24	C
588	M	Anibal de Almeida	Sernancelhe	13	S
589	M	Manuel Dias	Sarzeda	31	C
590	M	Albano Jesus	Escurquela	47	C
591	M	João Massa	Sarzeda	21	S
592	M	Adelino dos Santos	Carregal	21	S
593	M	José Bernardo	Penso	33	C
594	F	Teresa de Jesus	Penso	14	S
595	M	Manuel Botelho	Penso	55	C
596	M	Alfredo Borges	Penso	22	S
597	F	Maria Henriqueta Pinto	Penso	39	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	Manaus	13/03/1914	1914	C/509-M
Proprietário	N	Manaus	13/03/1914	1914	C/510-F
Jornaleiro	N	R. Janeiro	14/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	14/03/1914	1914	
Agricultor	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/513-M, 515-F, 516-F e 517-F
Agricultor	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/514-E, 515-F, 516-F e 517-F
Agricultor	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/520
NR	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/513-P, C/514-M, 515-I e 517-I
NR	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/513-P, C/514-M, 516-I e 517-I
NR	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/513-P, C/514-M, 515-I e 516-I
Proprietário	N	S. Paulo	16/03/1914	1914	C/519
Jornaleiro	N	Manaus	17/03/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	19/03/1914	1914	C/526-T
Doméstica	N	R. Janeiro	20/03/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	20/03/1914	1914	C/524
Trabalhador	N	R. Janeiro	20/03/1914	1914	C/523
Jornaleiro	N	S. Paulo	22/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	S. Paulo	24/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	Santos	24/03/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	27/03/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	27/03/1914	1914	
Trabalhador	N	R. Janeiro	27/03/1914	1914	
Trabalhador	N	R. Janeiro	27/03/1914	1914	
Doméstica	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/535, 536, 537, 538 e 539-F

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
598	F	Maria José	Penso	46	C
599	M	Francisco António	Freixinho	38	C
600	F	Angélica	Penso	12	S
601	F	Clemência	Penso	7	S
602	M	João	Penso	4	S
603	M	Joaquim	Penso	6	S
604	M	José	Penso	10	S
605	F	Maria	Penso	8	S
606	M	Vasco	Penso	4	S
607	F	Maria de Jesus	Freixinho	25	C
608	M	João Tomás	Escurquela	28	S
609	M	Francisco dos Santos	Ferreirim	50	C
610	F	Ludovina Rosa	Ferreirim	17	S
611	F	Maria Leonor	Ferreirim	15	S
612	M	António José	Ferreirim	13	S
613	M	Manuel Leopoldo	Fonte Arcada	9	S
614	F	Jesoína de Jesus	Escurquela	17	S
615	M	António	Granjal	4	S
616	F	Ana Joaquina Seixas	Escurquela	37	C
617	M	Manuel Coelho	Granjal	39	C
618	M	Francisco Cardoso	Vila da Ponte	40	C
619	F	Maria Joaquina	Fonte Arcada	22	S
620	F	Maria da Anunciação	Fonte Arcada	20	S
621	M	Armindo de Jesus	Macieira	37	C
622	F	Maria José	Escurquela	23	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/531-F e 532-F
Jornaleiro	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/534-M, 535, 536, 538 e 539-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/530-M e 532-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/530-M e 531-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/534-M, 535, 536, 537 e 538-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/534-M, 535, 536, 537 e 539-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/534-M, 536, 537, 538 e 539-I
NR	N	S. Paulo	27/03/1914	1914	C/534-M, 535, 537, 538 e 539-I
Proprietário	N	R. Janeiro	28/03/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/04/1914	1914	
Trabalhador	N	R. Janeiro	18/04/1914	1914	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/04/1914	1914	C/545
Doméstica	N	R. Janeiro	28/04/1914	1914	C/545
NR	N	R. Janeiro	28/04/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	25/05/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	11/06/1914	1914	C/550
NR	N	R. Janeiro	11/06/1914	1914	C/551
Proprietário	N	R. Janeiro	11/06/1914	1914	
Proprietário	N	R. Janeiro	11/06/1914	1914	
Jornaleiro	N	Santos	11/06/1914	1914	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	21/06/1914	1914	C/555-I
NR	N	R. Janeiro	21/06/1914	1914	C/556-I
Jornaleiro	N	S. Paulo	29/06/1914	1914	
Jornaleiro	N	S. Paulo	29/06/1914	1914	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
623	F	Maria Isaltina	Carregal	18	S
624	M	António Manuel	Chosendo	55	C
625	F	Casimira Mota	Freixinho	24	S
626	F	Noémia da Piedade	Escurquela	11	S
627	M	Egas Moniz	Penso	56	C
628	F	Capitolina dos Anjos	Arnas	13	S
629	F	Deolinda de Jesus	Arnas	10	S
630	F	Maria Carolina	Cunha	61	S
631	F	Maria Augusta	Cunha	20	S
632	F	Teresa de Jesus	Cunha	28	S
633	F	Benedita Damião Lemos	Granjal	28	S
634	F	Beatriz Cardoso	Freixinho	19	S
635	F	Maria da Alegria	Freixinho	17	S
636	F	Teresa de Jesus	Freixinho	26	S
637	F	Carmelinda da Assunção	Granjal	32	C
638	M	Amâncio Sobral de Aguiar	Sernancelhe	13	S
639	M	José Froufe	Ferreirim	38	C
640	F	Deolinda de Jesus	Vila da Ponte	22	S
641	F	Casimira da Glória	Vila da Ponte	17	S
642	F	Maria do Carmo	Granjal	26	C
643	M	António	Granjal	1	S
644	M	António	Vila da Ponte	1	S
645	F	Virgínia	Vila da Ponte	8	S
646	F	Maria Alexandrina Ferreira	Vila da Ponte	27	C
647	M	Abel Augusto Sobral	Sernancelhe	30	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	17/07/1914	1914	
Trabalhador	N	Santos	28/07/1914	1914	
Doméstica	N	Manaus	02/10/1914	1914	
NR	N	R. Janeiro	10/10/1914	1914	C/566
Proprietário	N	R. Janeiro	17/10/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	04/11/1914	1914	C/566
NR	N	S. Paulo	04/11/1914	1914	C/566
Proprietário	N	S. Paulo	04/11/1914	1914	
NR	N	S. Paulo	06/11/1914	1914	C/566
Doméstica	N	S. Paulo	07/11/1914	1914	
Doméstica	N	Manaus	04/01/1915	1915	
Doméstica	N	Manaus	18/01/1915	1915	
NR	N	Manaus	18/01/1915	1915	
Proprietário	N	Manaus	22/01/1915	1915	
NR	N	R. Janeiro	23/01/1915	1915	
NR	N	Manaus	27/01/1915	1915	
NR	N	R. Janeiro	27/01/1915	1915	
Criada	N	R. Janeiro	28/01/1915	1915	C/576-I
NR	N	R. Janeiro	28/01/1915	1915	C/577-I
Doméstica	N	S. Paulo	02/02/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	02/02/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	02/02/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	02/02/1915	1915	C/579-M
Proprietário	N	S. Paulo	02/02/1915	1915	C/580-F
Comerciante	S	R. Janeiro	05/02/1915	1915	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
648	M	Manuel de Jesus	Carregal	36	C
649	F	Arminda de Jesus	Carregal	NR	S
650	F	Maria José	Carregal	NR	C
651	M	Manuel dos Santos	Escurquela	31	S
652	F	Maria Cândida	Ferreirim	NR	C
653	F	Teresa de Jesus	Freixinho	16	S
654	M	Casimiro de Almeida Rebelo	Freixinho	30	C
655	F	Maria dos Reis	Fonte Arcada	17	S
656	M	Azul Augusto	Fonte Arcada	6	S
657	M	Eduardo António	Fonte Arcada	8	S
658	M	Alfredo Pereira	Quintela	28	C
659	M	Caetano Augusto	Fonte Arcada	NR	S
660	F	Belarmina de Jesus	Sernancelhe	18	S
661	F	Maria José	Sernancelhe	40	S
662	F	Rita de Jesus	Granjal	29	S
663	F	Maria	Granjal	7	S
664	F	Berta	Granjal	9	S
665	F	Maria do Nascimento	Granjal	39	C
666	F	Mauricia Vieira Lemos	Granjal	19	S
667	F	Olimpia Vieira Lemos	Granjal	28	S
668	F	Marília	Granjal	5	S
669	F	Laura de Jesus	Freixinho	11	S
670	F	Maria Deolinda	Freixinho	8	S
671	F	Serafina de Seixas	Freixinho	39	C
672	F	Maria dos Prazeres	Arnas	20	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	R. Janeiro	06/02/1915	1915	
NR	NR	R. Janeiro	09/02/1915	1915	C/583-M
Proprietário	NR	R. Janeiro	09/02/1915	1915	C/584-F
Proprietário	N	R. Janeiro	21/02/1915	1915	
Doméstica	N	Manaus	06/03/1915	1915	
Jornaleiro	N	Manaus	14/03/1915	1915	
Trabalhador	N	R. Janeiro	15/03/1915	1915	
Jornaleiro	N	S. Paulo	23/03/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	23/03/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	23/03/1915	1915	
Trabalhador	N	R. Janeiro	30/03/1915	1915	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	19/04/1915	1915	
Criada	N	R. Janeiro	27/04/1915	1915	
Proprietário	N	S. Paulo	06/08/1915	1915	
Doméstica	N	Santos	06/08/1915	1915	C/596 e 597-F
NR	N	Santos	06/08/1915	1915	C/595-M e 596-I
NR	NR	Santos	06/08/1915	1915	C/595-M e 597-I
Doméstica	N	S. Paulo	07/08/1915	1915	C/600-F
Doméstica	N	S. Paulo	07/08/1915	1915	C/601
Doméstica	N	S. Paulo	07/08/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	07/08/1915	1915	C/599-M
NR	N	Manaus	16/08/1915	1915	C/604-M e 606-I
NR	N	Manaus	16/08/1915	1915	C/604-M e 605-I
Proprietário	N	Manaus	16/08/1915	1915	C/605 e 606-F
Proprietário	N	S. Paulo	16/08/1915	1915	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
673	F	Maria Nazaré de Almeida	Granjal	21	S
674	F	Maria de Jesus	Sernancelhe	20	C
675	M	José Maria	Chosendo	7	S
676	F	Maria de Jesus	Chosendo	9	S
677	F	Ana Teresa	Chosendo	34	C
678	M	António Augusto	Chosendo	12	S
679	M	Adelino Augusto	Sernancelhe	NR	C
680	M	António de Lemos	Sernancelhe	5	S
681	M	José de Lemos	Sernancelhe	8	S
682	F	Maria Augusta	Ferreirim	15	S
683	F	Germana da Soledade	Arnas	26	S
684	M	António Baltazar	Arnas	43	V
685	M	Manuel da Cruz	Vila da Ponte	74	C
686	F	Emilia de Jesus	Ferreirim	30	S
687	F	Adozinda Augusta	Ferreirim	21	C
688	M	Estevão do Nascimento	Ferreirim	20	C
689	F	Constantina de Jesus	Arnas	14	S
690	F	Maria da Conceição	Arnas	16	S
691	M	Manuel de Carvalho	Granjal	24	C
692	F	Teresa de Jesus Costa	Arnas	36	S
693	F	Teresa de Jesus	Cunha	18	S
694	M	Manuel Reis	Freixinho	8	S
695	F	Maria Deolinda	Freixinho	31	C
696	F	Maria do Carmo	Lamosa	31	V
697	F	Erminda de Jesus	Cunha	22	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	S. Paulo	16/08/1915	1915	
Doméstica	N	S. Paulo	17/08/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	17/08/1915	1915	C/608-M, 609 e 610-I
NR	N	S. Paulo	17/08/1915	1915	C/608-M, 609 e 611-I
Proprietário	N	S. Paulo	17/08/1915	1915	C/609, 610 e 611-F
NR	NR	S. Paulo	17/08/1915	1915	C/608-M, 610 e 611-I
Jornaleiro	N	S. Paulo	21/08/1915	1915	
NR	N	S. Paulo	21/08/1915	1915	C/615
NR	N	S. Paulo	21/08/1915	1915	C/615
NR	N	Manaus	31/08/1915	1915	
Doméstica	N	R. Janeiro	01/09/1915	1915	
Proprietário	N	Santos	03/09/1915	1915	
Proprietário	N	R. Janeiro	04/09/1915	1915	
NR	N	Manaus	05/09/1915	1915	
Doméstica	N	S. Paulo	07/09/1915	1915	C/623
Trabalhador	N	S. Paulo	07/09/1915	1915	C/624
Doméstica	N	Santos	07/09/1915	1915	
Doméstica	N	Santos	07/09/1915	1915	
Proprietário	S	S. Paulo	21/09/1915	1915	
Proprietário	N	S. Paulo	29/09/1915	1915	
NR	N	Santos	29/09/1915	1915	C/628
NR	N	Manaus	07/10/1915	1915	C/631
Doméstica	N	Manaus	08/10/1915	1915	
Doméstica	N	R. Janeiro	08/10/1915	1915	
NR	N	R. Janeiro	08/10/1915	1915	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
698	F	Maria do Espirito Santo	Cunha	4	S
699	F	Maria Emília	Cunha	2	S
700	F	Maria Adelina	Cunha	36	C
701	F	Maria de Jesus	Carregal	24	S
702	M	José Leonardo Jacinto	Carregal	38	S
703	F	Maria Albina	Lamosa	45	C
704	M	Armando	Lamosa	6	S
705	M	Marcos Fernandes	Quintela	NR	C
706	M	Manuel dos Santos	Lamosa	12	S
707	M	Aires Augusto	Carregal	48	C
708	F	Maria Augusta	Carregal	39	C
709	F	Cecilia Augusta	Carregal	16	S
710	M	Américo Augusto	Carregal	12	S
711	M	José Augusto	Carregal	1	S
712	F	Josefa do Nascimento	Arnas	41	C
713	M	Joaquim Francisco	Arnas	35	C
714	F	Maria de Deus	Arnas	27	C
715	F	Maria do Espirito Santo	Penso	24	C
716	M	Manuel dos Santos	Penso	NR	C
717	F	Albertina Augusta da Silva	Penso	21	S
718	F	Maria dos Santos	Penso	14	S
719	M	Júlio Augusto	Penso	12	S
720	F	Maria da Purificação	Penso	29	S
721	F	Fortunata de Jesus	Penso	52	V
722	F	Maria do Espirito Santo	Penso	12	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	15/10/1915	1915	C/632 e 634
NR	N	S. Paulo	15/10/1915	1915	C/632 e 633
Proprietário	N	S. Paulo	15/10/1915	1915	C/633 e 634
Proprietário	N	R. Janeiro	17/10/1915	1915	
Proprietário	N	Santos	17/10/1915	1915	
NR	N	R. Janeiro	19/10/1915	1915	C/638 e 639-F
NR	N	R. Janeiro	19/10/1915	1915	C/637-M e 638-I
Trabalhador	N	R. Janeiro	19/10/1915	1915	
NR	NR	R. Janeiro	19/10/1915	1915	C/637-M e 639-I
Agricultor	N	S. Paulo	23/10/1915	1915	C/642 e 643-F
Agricultor	N	S. Paulo	23/10/1915	1915	C/641-M, 642 e 643-F
Agricultor	N	S. Paulo	23/10/1915	1915	C/641-P
NR	N	S. Paulo	23/10/1915	1915	C/641-P e 643-I
NR	N	S. Paulo	23/10/1915	1915	C/641-P e 642-I
Doméstica	N	S. Paulo	24/10/1915	1915	
Jornaleiro	N	S. Paulo	24/10/1915	1915	
Jornaleiro	N	S. Paulo	24/10/1915	1915	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/10/1915	1915	
Agricultor	N	S. Paulo	25/10/1915	1915	
Doméstica	N	S. Paulo	25/10/1915	1915	
Doméstica	N	S. Paulo	25/10/1915	1915	
Doméstica	N	Santos	25/10/1915	1915	C/655
Doméstica	N	Santos	25/10/1915	1915	
Proprietário	N	S. Paulo	26/10/1915	1915	C/656
NR	NR	S. Paulo	26/10/1915	1915	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
723	F	Maria de São José	Quintela	28	V
724	F	Ana Emilia de Jesus	Quintela	32	C
725	M	Arlindo Lemos	Quintela	4	S
726	M	António Gomes do Soveral	Arnas	41	S
727	M	António Alexandre	Macieira	47	C
728	F	Maria da Nazaré	Macieira	42	C
729	M	José Augusto	Carregal	14	S
730	F	Isabel da Silva Machado	Freixinho	21	S
731	M	José da Soledade Costa	Freixinho	14	S
732	M	Silvério Augusto dos Santos	Chosendo	34	C
733	M	Manuel Duarte	Granjal	23	C
734	M	Adriano de Sá	Quintela	20	S
735	F	Olímpia da Graça	Sarzedada	36	C
736	F	Belarmina da Costa	Granjal	29	C
737	F	Maria Vieira Lemos	Granjal	26	V
738	F	Deolinda	Granjal	7	S
739	F	Eugénia	Granjal	5	S
740	M	Luis da Costa Porto	Granjal	28	C
741	F	Maria de Jesus Aparicio	Lamosa	28	S
742	F	Maria Teresa Mota	Lamosa	16	S
743	M	António Flora	Sarzedada	13	S
744	F	Maria Soledade da Silva	Freixinho	33	C
745	M	José Joaquim Tabosa	Fonte Arcada	37	C
746	M	António Augusto Heitor	Macieira	22	S
747	M	Júlio Pais de Almeida	Quintela	21	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	N	R. Janeiro	27/10/1915	1915	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	29/10/1915	1915	C/659-F
NR	N	R. Janeiro	29/10/1915	1915	C/658-M
Proprietário	S	R. Janeiro	08/11/1915	1915	
Proprietário	N	R. Janeiro	11/11/1915	1915	
Proprietário	N	R. Janeiro	11/11/1915	1915	
NR	NR	S. Paulo	13/11/1915	1915	
Jornaleiro	N	Manaus	24/11/1915	1915	
NR	NR	Manaus	24/11/1915	1915	
Jornaleiro	N	S. Paulo	24/11/1915	1915	
Jornaleiro	N	Santos	24/11/1915	1915	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/11/1915	1915	
Proprietário	N	R. Janeiro	25/11/1915	1915	
Doméstica	N	Santos	26/11/1915	1915	
Doméstica	N	Santos	26/11/1915	1915	
NR	N	Santos	26/11/1915	1915	
NR	N	Santos	26/11/1915	1915	
Trabalhador	N	Santos	26/11/1915	1915	
Doméstica	N	R. Janeiro	27/11/1915	1915	
Doméstica	NR	R. Janeiro	27/11/1915	1915	C/676
NR	N	S. Paulo	27/11/1915	1915	
NR	N	R. Janeiro	29/11/1915	1915	
Proprietário	N	R. Janeiro	29/11/1915	1915	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	30/11/1915	1915	
Sapateiro	N	S. Paulo	30/11/1915	1915	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
748	M	António Augusto	Macieira	53	C
749	M	Manuel de Jesus	Macieira	20	C
750	F	Maria da Soledade	Faia	20	S
751	M	José dos Passos da Silva Machado	Freixinho	24	S
752	F	Maria da Glória	Ferreirim	16	S
753	F	Olivia Clementina	Ferreirim	24	S
754	F	Sara da Glória	Ferreirim	19	S
755	M	António Ricardo	Freixinho	30	C
756	F	Maria José	Carregal	16	S
757	M	Mário Froupe	Faia	12	S
758	F	Filomena de Carvalho	Penso	15	S
759	M	João da Fonseca	Carregal	37	C
760	M	Manuel Loureiro	Sernancelhe	33	S
761	F	Carolina de Jesus	Escurquela	14	S
762	F	Maria da Assunção	Escurquela	57	C
763	F	Donzilia	Escurquela	6	S
764	F	Maria de Jesus	Escurquela	28	S
765	F	Dolorosa Sobral	Faia	17	S
766	F	Maria dos Anjos	Penso	19	S
767	F	Maria dos Anjos	Lamosa	1	S
768	F	Antónia de Jesus	Lamosa	27	S
769	M	José Seixas	Freixinho	12	S
770	F	Maria da Conceição	Freixinho	13	S
771	F	Rufina de Jesus	Quintela	35	C
772	F	Maria Rosa	Penso	25	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Jornaleiro	N	R. Janeiro	03/12/1915	1915	
Funileiro	N	R. Janeiro	06/12/1915	1915	
Doméstica	N	Manaus	08/12/1915	1915	
Proprietário	N	Manaus	09/12/1915	1915	
NR	N	Manaus	23/12/1915	1915	C/689
NR	N	Manaus	23/12/1915	1915	
NR	N	Manaus	23/12/1915	1915	
Proprietário	N	Manaus	23/12/1915	1915	
NR	N	Manaus	27/12/1915	1915	
NR	N	Manaus	31/12/1915	1915	
NR	N	Manaus	31/12/1915	1915	
Trabalhador	N	R. Janeiro	06/01/1916	1916	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	11/01/1916	1916	
Jornaleiro	N	Manaus	15/01/1916	1916	
Proprietário	N	Manaus	15/01/1916	1916	
NR	N	Manaus	16/01/1916	1916	C/697-M
Jornaleiro	NR	Manaus	16/01/1916	1916	C/698-F
NR	N	Manaus	04/03/1916	1916	
Doméstica	N	R. Janeiro	04/03/1916	1916	C/705
NR	N	R. Janeiro	04/03/1916	1916	C/701-M
Proprietário	N	R. Janeiro	04/03/1916	1916	C/702-F
NR	N	Manaus	16/03/1916	1916	
NR	N	Manaus	16/03/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	17/03/1916	1916	
Proprietário	S	R. Janeiro	17/03/1916	1916	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
773	F	Maria Rita	Ferreirim	38	C
774	F	Luisa Joaquina	Vila da Ponte	21	S
775	F	Maria do Cláudio	Lamosa	27	S
776	F	Teresa da Silva	Penso	32	S
777	F	Laurinda da Conceição	Sernancelhe	18	S
778	F	Deolinda de Jesus	Faia	19	S
779	F	Albina de Belém	Ferreirim	18	S
780	F	Ana de Jesus	Ferreirim	24	S
781	F	Isabel da Estrela Ribeiro	Ferreirim	12	S
782	F	Maximina Nascimento	Ferreirim	17	S
783	F	Rosa de Jesus	Fonte Arcada	16	S
784	F	Celeste de Almeida	Fonte Arcada	15	S
785	F	Celeste de Almeida	Fonte Arcada	15	S
786	F	Maria dos Santos	Ferreirim	26	S
787	F	Maria dos Santos	Ferreirim	26	S
788	M	João de Aguiar	Macieira	55	C
789	M	João de Aguiar	Macieira	55	C
790	M	Manuel Augusto dos Santos	Ferreirim	13	S
791	M	Manuel Augusto dos Santos	Ferreirim	13	S
792	F	Etelvina de Jesus	Vila da Ponte	24	S
793	F	Etelvina de Jesus	Vila da Ponte	24	S
794	F	Maria de Jesus	Vila da Ponte	34	C
795	F	Maria de Jesus	Vila da Ponte	34	C
796	F	Adelina de Jesus	Freixinho	17	S
797	F	Adelina de Jesus	Freixinho	17	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	24/04/1916	1916	
Jornaleiro	N	Manaus	18/05/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	18/05/1916	1916	
Doméstica	N	S. Paulo	29/05/1916	1916	
NR	N	Manaus	20/06/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	22/06/1916	1916	
NR	N	S. Paulo	22/06/1916	1916	C/733
NR	N	S. Paulo	22/06/1916	1916	
NR	N	S. Paulo	22/06/1916	1916	C/733
NR	N	S. Paulo	22/06/1916	1916	C/733
NR	N	S. Paulo	22/06/1916	1916	C/733
NR	N	R. Janeiro	23/06/1916	1916	C/733
NR	N	R. Janeiro	23/06/1916	1916	C/733
Proprietário	N	S. Paulo	23/06/1916	1916	
Proprietário	N	S. Paulo	23/06/1916	1916	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	02/09/1916	1916	
NR	N	Manaus	10/09/1916	1916	
NR	N	Manaus	10/09/1916	1916	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
798	M	António Joaquim	Sernancelhe	1	S
799	F	Deolinda de Jesus	Sernancelhe	31	C
800	F	Deolinda de Jesus	Sernancelhe	31	C
801	F	Elvira de Jesus	Freixinho	51	V
802	F	Elvira de Jesus	Freixinho	51	V
803	F	Maria Augusta	Carregal	38	S
804	F	Maria Augusta	Carregal	38	S
805	F	Lucília do Nascimento	Faia	21	S
806	F	Lucilia do Nascimento	Faia	21	S
807	F	Alzira Lopes	Faia	13	S
808	F	Alzira Lopes	Faia	13	S
809	F	Rosa de Jesus	Fonte Arcada	19	S
810	F	Vitória Dias	Freixinho	21	S
811	F	Rosa de Jesus	Fonte Arcada	19	S
812	M	António Lucas	Granjal	54	C
813	F	Maria da Anunciação	Vila da Ponte	32	S
814	F	Deolinda da Ressureição	Vila da Ponte	16	S
815	M	Lourenço António Ratão	Granjal	58	C
816	M	João de Lemos	Granjal	48	C
817	M	José António	Granjal	12	S
818	F	Laurinda	Granjal	9	S
819	F	Maria Casimira	Granjal	15	S
820	F	Maria dos Anjos	Granjal	57	C
821	F	Ana Aparício	Lamosa	37	C
822	M	João Bernardo	Lamosa	6	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	R. Janeiro	07/10/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	07/10/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	07/10/1916	1916	
Jornaleiro	N	S. Paulo	12/10/1916	1916	
Jornaleiro	N	S. Paulo	12/10/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	16/10/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	16/10/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	16/10/1916	1916	C/730-I
Doméstica	N	Manaus	16/10/1916	1916	C/743
NR	N	Manaus	16/10/1916	1916	C/729-I
NR	N	Manaus	16/10/1916	1916	C/742
NR	N	R. Janeiro	19/10/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	19/10/1916	1916	
NR	NR	R. Janeiro	19/10/1916	1916	
Carpinteiro	N	S. Paulo	20/10/1916	1916	
Jornaleiro	N	Santos	20/10/1916	1916	
NR	N	Santos	20/10/1916	1916	
Agricultor	N	S. Paulo	23/10/1916	1916	C/751,752 e 753-F
Carpinteiro	N	S. Paulo	23/10/1916	1916	
NR	N	S. Paulo	23/10/1916	1916	C/750-P, 752 e 753-I
NR	N	S. Paulo	23/10/1916	1916	C/750-P, 751 e 753-I
NR	N	S. Paulo	23/10/1916	1916	C/750-P, 751 e 752-I
Doméstica	NR	S. Paulo	23/10/1916	1916	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/10/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	28/10/1916	1916	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
823	M	Luis Bernardo	Lamosa	8	S
824	F	Maria da Encarnação	Freixinho	25	S
825	F	Teresa de Jesus	Freixinho	48	C
826	F	Aurora de Jesus	Quintela	1	S
827	F	Esperança de Jesus	Quintela	26	S
828	F	Carolina da Conceição	Penso	28	C
829	F	Maria do Céu	Penso	9	S
830	F	Maria José de Almeida	Sernancelhe	25	S
831	M	José de Jesus Aguiar	Vila da Ponte	46	C
832	F	Maria Mercedes	Vila da Ponte	38	S
833	M	Valdemar	Freixinho	9	S
834	M	José Joaquim Neto	Ferreirim	28	C
835	M	Joaquim da Silva Machado	Freixinho	60	V
836	M	Valdemar	Freixinho	9	S
837	F	Maria Júlia	Cunha	16	S
838	M	Faustino Barbosa	Faia	13	S
839	M	Francisco António	Ferreirim	11	S
840	F	Maria das Dores	Carregal	35	C
841	M	Feliz Costa	Carregal	11	S
842	F	Maria da Alegria	Lamosa	46	C
843	F	Fausta Alegria	Lamosa	16	S
844	F	Maria Alegria	Lamosa	11	S
845	F	Leopoldina da Ressureição	Ferreirim	52	V
846	F	Maria do Céu	Ferreirim	12	S
847	F	Maria Olinda	Ferreirim	17	NR

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	R. Janeiro	28/10/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	10/11/1916	1916	
Proprietário	NR	Manaus	10/11/1916	1916	
NR	N	Manaus	11/11/1916	1916	
NR	N	Manaus	11/11/1916	1916	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/11/1916	1916	C/760-F
NR	NR	R. Janeiro	28/11/1916	1916	C/759-M
Doméstica	N	R. Janeiro	02/12/1916	1916	
Negociante	S	R. Janeiro	04/12/1916	1916	
Jornaleiro	N	Manaus	11/12/1916	1916	
NR	N	R. Janeiro	11/12/1916	1916	C/766-AV
Barbeiro	S	R. Janeiro	11/12/1916	1916	
Proprietário	N	R. Janeiro	20/12/1916	1916	C/765-N
NR	NR	R. Janeiro	20/12/1916	1916	
Doméstica	N	Manaus	21/01/1917	1917	
Emp. Com.	S	Manaus	25/01/1917	1917	
Emp. Com.	S	Manaus	25/01/1917	1917	
Proprietário	N	R. Janeiro	27/01/1917	1917	C/771
NR	NR	R. Janeiro	27/01/1917	1917	C/770
Proprietário	N	R. Janeiro	30/01/1917	1917	C/770
NR	NR	R. Janeiro	30/01/1917	1917	C/775 e 776
NR	NR	R. Janeiro	30/01/1917	1917	C/774
Doméstica	N	R. Janeiro	22/02/1917	1917	C/774
NR	N	R. Janeiro	22/02/1917	1917	C/778, 779 e 780
Doméstica	N	R. Janeiro	26/02/1917	1917	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
848	F	Maria Augusta	Carregal	18	S
849	F	Emilia do Espirito Santo	Ferreirim	22	S
850	F	Maria Eduarda	Ferreirim	12	S
851	F	Casimira da Ressureiçao	Ferreirim	19	S
852	F	Ana Joaquina	Ferreirim	22	S
853	F	Maria da Glória	Freixinho	46	C
854	F	Teresa	Freixinho	6	S
855	F	Inocência Campino	Freixinho	11	S
856	F	Maria Eduarda	Ferreirim	24	S
857	F	Lúvia Clementina	Ferreirim	50	S
858	F	Albertina dos Santos	Freixinho	20	S
859	F	Josefa Maria	Sarzeda	32	C
860	F	Teresa Quintaes	Fonte Arcada	60	S
861	M	Francisco Sobral	Sarzeda	9	S
862	F	Maria de Jesus	Faia	25	S
863	F	Rita Augusta	Faia	47	S
864	F	Maria de Mendonça	Faia	17	S
865	M	Agostinho Loureiro	Granjal	5	S
866	M	Delfim Loureiro	Granjal	6	S
867	F	Maria do Espírito Santo	Granjal	24	C
868	F	Silvina da Costa	Freixinho	30	S
869	F	Júlia de Jesus	Carregal	21	C
870	F	Maria dos Anjos	Lamosa	25	S
871	F	Romana de Jesus	Escurquela	24	S
872	F	Lúcia da Conceição	Escurquela	13	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	26/02/1917	1917	
Doméstica	N	R. Janeiro	26/02/1917	1917	C/218
NR	N	R. Janeiro	26/02/1917	1917	C/218
Doméstica	NR	R. Janeiro	26/02/1917	1917	C/218
Doméstica	N	Santos	26/02/1917	1917	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	10/03/1917	1917	
NR	N	R. Janeiro	10/03/1917	1917	C/784
NR	NR	R. Janeiro	10/03/1917	1917	C/785 e 786
Doméstica	S	Manaus	22/03/1917	1917	C/784
Doméstica	N	Manaus	24/03/1917	1917	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/03/1917	1917	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/04/1917	1917	C/791
Doméstica	N	R. Janeiro	25/04/1917	1917	
NR	NR	R. Janeiro	25/04/1917	1917	C/790
Doméstica	N	Manaus	27/04/1917	1917	
Doméstica	N	Manaus	27/04/1917	1917	C/794
Doméstica	NR	Manaus	17/05/1917	1917	C/793
NR	N	S. Paulo	21/05/1917	1917	C/795
NR	N	S. Paulo	21/05/1917	1917	C/795
Doméstica	S	S. Paulo	21/05/1917	1917	C/796 e 797
Doméstica	N	Manaus	03/07/1917	1917	
Doméstica	N	Santos	18/08/1917	1917	
Agricultor	N	R. Janeiro	09/11/1917	1917	
Doméstica	NR	Manaus	25/02/1918	1918	C/802
Doméstica	S	Manaus	25/02/1918	1918	C/801

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
873	M	Jacinto Augusto	Escurquela	13	S
874	F	Maria de Jesus	Arnas	42	S
875	F	Maria Isaltina	Carregal	22	S
876	F	Luciana de Jesus	Cunha	14	S
877	F	Maria das Dores	Cunha	29	S
878	F	Maria da Anunciação	Fonte Arcada	23	S
879	F	Lucília de Jesus Moreira	Sarzedada	25	S
880	F	Maria José	Fonte Arcada	15	S
881	F	Luzia Augusta Moreira	Sarzedada	35	C
882	F	Maria Madalena	Sarzedada	24	S
883	M	Casimiro Coelho	Granjal	31	C
884	F	Adelaide de Jesus	Chosendo	26	S
885	M	Alexandrino de Jesus	Chosendo	44	C
886	M	Agostinho Paulo	Fonte Arcada	35	C
887	F	Sofia Augusta	Fonte Arcada	22	S
888	M	Manuel Lopes	Carregal	29	S
889	F	Maria José	Sarzedada	17	S
890	F	Maria do Carmo Flora	Sernancelhe	17	S
891	F	Ressureição da Glória	Ferreirim	15	S
892	F	Margarida da Purificação	Sarzedada	21	S
893	F	Maria do Carmo Gouveia	Granjal	30	C
894	F	Maria do Carmo Soares	Carregal	43	V
895	F	Lia Rebelo	Carregal	14	S
896	F	Tibúrcia Rebelo	Carregal	14	S
897	M	Gil Fonseca Ferreira	Granjal	7	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	Pará	25/02/1918	1918	C/801
Doméstica	N	R. Janeiro	25/02/1918	1918	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/02/1918	1918	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/02/1918	1918	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/02/1918	1918	
Doméstica	N	R. Janeiro	14/08/1918	1918	C/809
Doméstica	NR	R. Janeiro	14/08/1918	1918	
Doméstica	N	Santos	14/08/1918	1918	C/808
Doméstica	N	R. Janeiro	30/09/1918	1918	
Doméstica	N	R. Janeiro	20/12/1918	1918	
Jornaleiro	N	Santos	25/01/1919	1919	
Agricultor	N	R. Janeiro	21/02/1919	1919	
Proprietário	N	Santos	18/04/1919	1919	
Jornaleiro	N	Santos	10/05/1919	1919	
Doméstica	N	Manaus	22/11/1919	1919	
Proprietário	N	R. Janeiro	18/01/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	23/01/1920	1920	C/820
Doméstica	NR	R. Janeiro	23/01/1920	1920	C/820
Doméstica	N	S. Paulo	23/01/1920	1920	C/820
Doméstica	N	Santos	23/01/1920	1920	C/819 e 820
Doméstica	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/826-M, 828, 829 e 830-F
Doméstica	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/832 e 833-F
NR	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/831-M e 832-I
NR	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/831-M e 833-I
NR	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/826-P, 827-M, 829 e 830-I

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
898	F	Maria da Graça	Granjal	3	S
899	M	Raúl Ferreira	Granjal	1	S
900	M	Manuel Ferreira	Granjal	32	C
901	F	Miquelina do Carmo	Penso	42	S
902	F	Maria Augusta	Freixinho	9	S
903	M	Manuel de Andrade	Penso	29	C
904	F	Maria do Rosário de Jesus Tavares	Freixinho	15	S
905	F	Maria Máxima	Carregal	37	S
906	F	Maria da Conceição Almeida	Quintela	24	C
907	F	Piedade de Jesus	Quintela	21	C
908	F	Teresa de Jesus	Quintela	15	S
909	M	Virgílio Mesquita	Granjal	24	C
910	M	José Ferreira de Azevedo	Lamosa	50	C
911	M	Manuel Ferreira de Azevedo	Lamosa	12	S
912	M	Manuel dos Santos	Cunha	24	C
913	M	Ramiro Augusto Rasteiro	Sarzedada	29	C
914	F	Otília Beca	Cunha	23	C
915	M	Manuel Lucas	Granjal	42	C
916	F	Palmira de Jesus Moreira	Chosendo	30	S
917	F	Rosa Provinciana	Chosendo	18	S
918	M	Melchior Cardoso	Carregal	17	S
919	M	Manuel da Costa	Carregal	20	S
920	M	Manuel da Rocha	Penso	19	S
921	F	Maria Amélia	Ferreirim	19	S
922	F	Maria das Dores	Sernancelhe	18	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/826-P, 827-M, 828 e 830-I
NR	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/826-P, 827-M, 828 e 829-I
Proprietário	N	R. Janeiro	14/02/1920	1920	C/827-E, 828,829, e 830-F
Doméstica	N	S. Paulo	14/02/1920	1920	
NR	N	S. Paulo	14/02/1920	1920	
Proprietário	N	S. Paulo	14/02/1920	1920	
Doméstica	NR	S. Paulo	14/02/1920	1920	
Proprietário	N	R. Janeiro	18/02/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	04/03/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	04/03/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	04/03/1920	1920	
Agricultor	N	R. Janeiro	06/03/1920	1920	
Proprietário	N	Santos	06/03/1920	1920	C/841-F
NR	NR	Santos	06/03/1920	1920	C/840-P
Agricultor	N	R. Janeiro	07/04/1920	1920	C/844-E
Barbeiro	N	R. Janeiro	07/04/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	07/04/1920	1920	C/843-M
Agricultor	N	R. Janeiro	24/04/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/04/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/04/1920	1920	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	24/04/1920	1920	
Agricultor	NR	R. Janeiro	24/04/1920	1920	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/05/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	12/07/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	12/07/1920	1920	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
923	F	Maria Augusta Gomes	Vila da Ponte	22	S
924	F	Maria Dolorosa	Sernancelhe	43	C
925	F	Maria Augusta	Ferreirim	14	S
926	F	Maria Augusta Gomes	Ferreirim	14	S
927	F	Olivia de Jesus	Sarzedá	23	S
928	M	Salvador de Oliveira	Ferreirim	9	S
929	M	Hermínio Pestana	Sernancelhe	8	S
930	M	Manuel da Costa	Freixinho	15	S
931	M	José Carlos	Ferreirim	20	S
932	F	Georgina da Silva	Penso	24	S
933	F	Maria da Piedade	Cunha	21	S
934	M	Adelino Rocha	Penso	27	C
935	F	Rita de Jesus	Penso	22	C
936	F	Maria da Cruz	Ferreirim	13	S
937	F	Rita de Jesus Costa	Penso	43	S
938	M	Manuel	Penso	2	S
939	M	Manuel da Costa	Penso	19	S
940	F	Maria José	Penso	1	S
941	F	Maria Antónia Borges	Penso	15	S
942	F	Maria do Céu	Penso	11	S
943	M	Marcos Fernandes	Quintela	55	C
944	M	Rogério Sequeira	Quintela	27	S
945	M	Manuel Pereira	Quintela	12	S
946	M	Tomás Augusto	Fonte Arcada	43	C
947	F	Maria Borges Pires	Macieira	8	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	12/07/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	12/07/1920	1920	C/854-F
Doméstica	N	Santos	12/07/1920	1920	C/857
Doméstica	N	Santos	12/07/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	12/07/1920	1920	C/853
NR	NR	Santos	12/07/1920	1920	C/856
NR	NR	Santos	12/07/1920	1920	C/853-M
Agricultor	N	Santos	10/08/1920	1920	
Alfaiate	S	R. Janeiro	06/09/1920	1920	
Jornaleiro	N	S. Paulo	10/09/1920	1920	
Cozinheira	N	Santos	22/09/1920	1920	
Agricultor	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/866-E, 867 e 868 -F
Doméstica	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/865-M, 867 e 868-F
Doméstica	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	
Doméstica	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/870-F
NR	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/865-P, 866-M e 868-I
NR	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/869-M
NR	N	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/865-P, 866-M e 867-I
Doméstica	NR	S. Paulo	23/09/1920	1920	C/866
Doméstica	NR	S. Paulo	23/09/1920	1920	
Negociante	S	R. Janeiro	25/09/1920	1920	
Agricultor	N	R. Janeiro	28/09/1920	1920	
Caixeiro	S	R. Janeiro	28/09/1920	1920	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	01/10/1920	1920	
NR	N	R. Janeiro	09/10/1920	1920	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
948	F	Teresa de Jesus	Carregal	33	S
949	F	Maria Benedita Damião Lemos	Granjal	34	S
950	M	Serafim Henriques Salgado	Ferreirim	33	C
951	F	Maria do Carmo	Granjal	48	S
952	F	Maria da Natividade	Granjal	26	S
953	M	Artur Ferreira	Vila da Ponte	12	S
954	M	Manuel Ferreira	Vila da Ponte	9	S
955	F	Preciosa dos Prazeres	Vila da Ponte	38	C
956	F	Helena de Carvalho Lopes	Faia	17	S
957	F	Maria Benedita	Faia	59	S
958	F	Maria do Carmo	Penso	50	S
959	F	Maria do Carmo de Ascensão	Freixinho	16	S
960	F	Maria do Céu	Freixinho	39	C
961	M	Manuel de Castro	Penso	22	S
962	F	Maria Eduarda de Jesus	Granjal	30	C
963	F	Rosalina Sequeira	Quintela	25	C
964	F	Piedade da Encarnação	Sernancelhe	47	C
965	M	António dos Santos	Sernancelhe	12	S
966	F	Maria da Encarnação	Sernancelhe	32	S
967	M	Aníbal dos Santos	Sernancelhe	12	S
968	M	José do Nascimento	Sernancelhe	48	C
969	F	Teresa de Jesus	Sarzedada	56	S
970	F	Maria de Oliveira	Quintela	33	S
971	F	Josefa da Costa	Freixinho	17	S
972	F	Helena das Neves	Granjal	19	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Costureira	S	R. Janeiro	16/10/1920	1920	
Doméstica	N	Manaus	06/11/1920	1920	
Jornaleiro	N	Manaus	06/11/1920	1920	
Proprietário	N	R. Janeiro	08/11/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	10/11/1920	1920	
NR	N	R. Janeiro	10/11/1920	1920	C/882-M e 884-F
NR	N	R. Janeiro	10/11/1920	1920	C/882-M e 883-F
Proprietário	N	R. Janeiro	10/11/1920	1920	C/883 e 884-F
Doméstica	N	Santos	10/11/1920	1920	
Proprietário	N	Santos	10/11/1920	1920	C/887-F
Doméstica	N	Manaus	16/11/1920	1920	
NR	N	R. Janeiro	26/11/1920	1920	C/889-M
Proprietário	N	R. Janeiro	26/11/1920	1920	C/890-F
Proprietário	N	Santos	14/12/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	15/12/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	15/12/1920	1920	
Doméstica	N	Santos	15/12/1920	1920	C/895-M e 897-F
Doméstica	N	Santos	15/12/1920	1920	C/895-P e 896-M
Doméstica	N	Santos	15/12/1920	1920	C/894-F
NR	N	Santos	15/12/1920	1920	C/893-M
Proprietário	N	Santos	15/12/1920	1920	C/896-E e 897-F
Doméstica	N	Santos	18/12/1920	1920	
Doméstica	N	R. Janeiro	30/12/1920	1920	
Doméstica	S	S. Paulo	25/01/1921	1921	Acomp. Maria Emília de Melo Ilharco
Doméstica	N	S. Paulo	05/02/1921	1921	Acomp. Maria Emília de Melo Ilharco

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
973	M	António do Espírito Santo	Granjal	24	S
974	F	Rosa Gomes Mendonça	Faia	15	S
975	M	José Augusto	Carregal	43	C
976	M	José Caiador	Carregal	25	S
977	F	Leopoldina Nazareth	Faia	14	S
978	M	José da Silva	Carregal	17	S
979	F	Maria da Nazaré	Faia	34	S
980	M	José Bernardo	Penso	27	C
981	M	Guilhermino Augusto	Granjal	20	S
982	F	Maria da Piedade	Quintela	21	S
983	M	Ernesto Lopes	Sernancelhe	27	S
984	M	Francisco Fonseca	Carregal	26	S
985	M	Abel Pereira	Quintela	33	C
986	F	Maria Percília	Carregal	21	S
987	M	António Joaquim Paixão	Sarzedada	24	S
988	F	Maria Isabel	Sernancelhe	15	S
989	M	Casimiro Cardoso	Freixinho	23	C
990	F	Laura Amélia da Silva	Freixinho	16	C
991	F	Aurora dos Santos	Granjal	25	S
992	M	José Ramos Rosa	Arnas	39	S
993	M	João António de Oliveira	Escurquela	27	S
994	M	António Borges	Penso	32	C
995	F	Eduarda Lourenço	Vila da Ponte	21	S
996	M	António Rodrigues	Fonte Arcada	15	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	Santos	05/02/1921	1921	
Doméstica	S	Manaus	11/02/1921	1921	Acomp. Maria Maçãs
Proprietário	N	R. Janeiro	04/03/1921	1921	Acomp. José da Silva (menor)
Proprietário	N	R. Janeiro	04/03/1921	1921	
Doméstica	S	R. Janeiro	04/03/1921	1921	Acomp. Maria da Nazareth (mãe)
Proprietário	S	R. Janeiro	04/03/1921	1921	Acomp. José Augusto
Proprietário	S	R. Janeiro	04/03/1921	1921	Acomp. Leopoldina Nazareth (filha)
Proprietário	S	S. Paulo	04/03/1921	1921	
Jornaleiro	N	Santos	04/03/1921	1921	Acomp. João Duarte
Jornaleiro	N	R. Janeiro	05/03/1921	1921	
Alfaiate	S	R. Janeiro	15/04/1921	1921	
Agricultor	N	S. Paulo	15/04/1921	1921	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/06/1921	1921	
Doméstica	N	S. Paulo	01/08/1921	1921	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	08/08/1921	1921	
Doméstica	S	S. Paulo	11/08/1921	1921	Acomp. Alberto de Jesus
Carpinteiro	S	S. Paulo	15/08/1921	1921	Acomp. Laura Amélia da Silva Rebelo (esposa)
Doméstica	S	S. Paulo	15/08/1921	1921	Acomp. Casimiro Cardoso (marido)
Doméstica	N	Santos	18/08/1921	1921	
Comerciante	S	R. Janeiro	03/11/1921	1921	
Proprietário	S	R. Janeiro	08/11/1921	1921	
Agricultor	N	S. Paulo	09/11/1921	1921	
Doméstica	N	S. Paulo	18/11/1921	1921	
Agricultor	S	R. Janeiro	05/12/1921	1921	Acomp. Joaquim Rodrigues

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
997	M	Duarte Pinto Lacerda	Vila da Ponte	1	S
998	F	Maria da Conceição Pinto	Vila da Ponte	20	C
999	M	António do Nascimento Lacerda	Vila da Ponte	20	C
1000	M	Sebastião Maria	Vila da Ponte	22	V
1001	M	António Dias	Lamosa	17	S
1002	F	Olinda da Conceição Cunha Souto	Escurquela	27	C
1003	M	Arnaldo Augusto Ferreira	Escurquela	39	C
1004	M	José do Nascimento	Escurquela	16	S
1005	M	José Fonseca	Carregal	18	S
1006	M	Manuel Joaquim Claro	Sarzedada	29	C
1007	M	José dos Santos Brito	Granjal	33	C
1008	M	José Ferreira Aparicio	Lamosa	18	S
1009	M	Virgílio de Jesus Ferreira	Ferreirim	50	C
1010	M	Francisco de Almeida	Sernancelhe	NR	C
1011	M	Carlos Maria	Chosendo	48	C
1012	M	Manuel dos Passos Tavares	Freixinho	26	S
1013	M	Gabriel da Cruz	Vila da Ponte	NR	S
1014	M	Manuel do Espírito Santo da Cruz	Vila da Ponte	18	S
1015	M	João Lopes Tavares	Freixinho	19	S
1016	M	Aníbal do Nascimento	Ferreirim	25	C
1017	M	Alfeu dos Santos	Arnas	26	C
1018	M	Manuel Dias	Sernancelhe	30	C
1019	M	Luis Cardoso	Sernancelhe	25	C
1020	M	Luis de Almeida Lemos	Granjal	19	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	Santos	16/12/1921	1921	Acomp. Pais
Doméstica	S	Santos	16/12/1921	1921	Acomp. António do Nascimento Lacerda (marido) e filho
Emp. Com.	S	Santos	16/12/1921	1921	Acomp. Maria da Conceição (esposa) e Duarte (filho)
Agricultor	N	R. Janeiro	30/12/1921	1921	
Agricultor	N	R. Janeiro	03/01/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	06/01/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	06/01/1922	1922	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	16/01/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	28/01/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	28/01/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	28/01/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	30/01/1922	1922	
Proprietário	NR	Santos	09/02/1922	1922	
Negociante	S	R. Janeiro	11/02/1922	1922	
Agricultor	NR	Santos	11/02/1922	1922	
Proprietário	NR	S. Paulo	12/02/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	17/02/1922	1922	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	17/02/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	18/02/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	01/03/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	06/03/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	16/03/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	25/03/1922	1922	
Agricultor	N	S. Paulo	25/03/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1021	F	Adélia	Granjal	12	S
1022	F	Maria do Carmo Vieira	Granjal	32	S
1023	M	Albino da Silva	Penso	23	S
1024	M	Manuel dos Santos	Penso	22	S
1025	M	Sebastião Bernardo	Penso	21	S
1026	M	José Bernardo	Penso	35	C
1027	M	Manuel Dias	Carregal	28	S
1028	M	Salvador Magalhães	Granjal	19	S
1029	F	Josefa da Ressurreição	Cunha	54	V
1030	F	Maria de Jesus	Arnas	27	C
1031	F	Maria Zulmira	Freixinho	13	S
1032	M	Abel dos Santos Caiado	Arnas	27	C
1033	M	Manuel Dias	Freixinho	38	C
1034	M	Alípio Nunes	Carregal	28	S
1035	F	Maria Barbara	Faia	32	NR
1036	F	Maria Rita	Quintela	23	C
1037	F	Maria da Conceição	Penso	15	S
1038	M	João Augusto Coelho	Vila da Ponte	27	C
1039	M	João Cardoso	Sernancelhe	22	S
1040	F	Laura dos Prazeres	Vila da Ponte	19	C
1041	M	Joaquim Constantino	Freixinho	23	S
1042	F	Cândida de Jesus	Vila da Ponte	26	S
1043	M	Sebastião Luis Ferreira	Escurquela	1	S
1044	M	Cassiano Rodrigues	Ferreirim	25	C
1045	F	Emília de Jesus	Escurquela	22	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	S. Paulo	25/03/1922	1922	
Doméstica	S	S. Paulo	25/03/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	29/03/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	07/04/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	07/04/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	07/04/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Comerciante	S	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	11/04/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/04/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	17/04/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	21/04/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	21/04/1922	1922	
Pedreiro	N	R. Janeiro	24/04/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	24/04/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	24/04/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	24/04/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	24/05/1922	1922	
NR	N	S. Paulo	24/05/1922	1922	
Barbeiro	S	S. Paulo	24/05/1922	1922	
Doméstica	S	S. Paulo	24/05/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1046	F	Nirina Rebelo Ferreira	Granjal	1	S
1047	F	Aida Rebelo Ferreira	Granjal	22	S
1048	F	Edith Rebelo Ferreira	Granjal	18	S
1049	F	Laura Rebelo Ferreira	Granjal	9	S
1050	F	Trindade Rodrigues	Quintela	15	S
1051	F	Tibúrcia Rebelo da Costa	Granjal	43	C
1052	M	Joaquim Antunes	Faia	21	S
1053	M	Joaquim da Cruz Andrade	Cunha	19	S
1054	M	José Joaquim	Macieira	19	S
1055	F	Maria de Alegria	Penso	26	S
1056	M	Eduardo da Fonseca Teles	Freixinho	52	C
1057	F	Maria Preciosa	Freixinho	55	C
1058	M	Ernesto dos Santos	Macieira	17	S
1059	M	Hermnio Lopes de Azevedo	Sernancelhe	47	C
1060	F	Celestina de Jesus da Silva	Ferreirim	20	C
1061	M	Luis Maia	Ferreirim	20	C
1062	M	Joaquim da Silva Rebelo	Sernancelhe	18	S
1063	M	Adão Dias	Sarzedada	15	S
1064	M	Gabriel de Aquino	Granjal	24	S
1065	M	Dimas Ferreira Pestana	Sarzedada	17	S
1066	M	Jacinto António Correia	Macieira	37	S
1067	M	António André	Sernancelhe	40	C
1068	F	Laura de Jesus	Sernancelhe	34	C
1069	M	Eurico Vieira da Rocha	Granjal	27	S
1070	M	Alexandrino Maças	Faia	38	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	27/05/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	06/06/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	07/06/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	08/06/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	08/06/1922	1922	
Proprietário	N	S. Paulo	18/06/1922	1922	
Doméstica	NR	S. Paulo	18/06/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	19/06/1922	1922	
Negociante	NR	R. Janeiro	22/06/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	09/07/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	09/07/1922	1922	
Alfaiate	S	R. Janeiro	13/07/1922	1922	
Caixeiro	S	R. Janeiro	13/07/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	14/07/1922	1922	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	14/07/1922	1922	
Proprietário	N	R. Janeiro	15/07/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/07/1922	1922	
Doméstica	N	R. Janeiro	19/07/1922	1922	
Agricultor	N	Santos	19/07/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	22/07/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1071	F	Laura de Sousa	Vila da Ponte	14	S
1072	M	José Sobral	Lamosa	32	C
1073	M	Manuel do Patrocínio	Lamosa	23	C
1074	M	Manuel Gomes da Encarnação	Lamosa	16	S
1075	M	Salazar Xavier Coutinho	Ferreirim	22	S
1076	F	Maria Belém	Granjal	47	V
1077	F	Esperança de Jesus	Quintela	32	S
1078	M	Elisio Augusto	Sarzedada	36	C
1079	F	Eduarda Araújo	Faia	25	S
1080	F	Maria do Carmo	Sarzedada	29	C
1081	M	João Calhau	Sarzedada	29	C
1082	M	António de Almeida	Sernancelhe	25	C
1083	M	António da Silva	Granjal	19	S
1084	M	Joaquim António	Granjal	24	C
1085	M	Manuel Nunes	Quintela	27	C
1086	M	Casimiro de Almeida Rebelo	Freixinho	42	C
1087	F	Francisca Inácia	Sernancelhe	50	S
1088	F	Laurinda de Jesus	Sernancelhe	15	S
1089	M	José dos Santos	Sernancelhe	20	S
1090	F	Teresa Rocha Rebelo	Freixinho	1	S
1091	M	António Nascimento Rebelo	Freixinho	28	C
1092	F	Adelaide da Silva Rocha	Freixinho	25	C
1093	F	Maria de São José	Carregal	30	C
1094	M	Manuel dos Santos	Cunha	39	C
1095	F	Maria da Conceição	Cunha	28	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	S	R. Janeiro	22/07/1922	1922	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	28/07/1922	1922	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	28/07/1922	1922	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	28/07/1922	1922	
Caixeiro	S	R. Janeiro	03/08/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	10/08/1922	1922	
Doméstica	N	Manaus	11/08/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	16/08/1922	1922	
Doméstica	N	Manaus	19/08/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	02/09/1922	1922	
Agricultor	S	S. Paulo	02/09/1922	1922	
Barbeiro	S	S. Paulo	04/09/1922	1922	
Jornaleiro	N	S. Paulo	05/09/1922	1922	
Tamanqueiro	N	S. Paulo	05/09/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	13/09/1922	1922	
Barbeiro	N	Manaus	18/09/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	20/09/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	20/09/1922	1922	
NR	NR	S. Paulo	20/09/1922	1922	
NR	N	Manaus	25/09/1922	1922	
Barbeiro	S	Manaus	25/09/1922	1922	
Proprietário	S	Manaus	25/09/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	25/09/1922	1922	
Agricultor	N	S. Paulo	26/09/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	26/09/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1096	M	Manuel Rebelo	Penso	29	C
1097	M	Manuel Augusto	Sarzedada	17	S
1098	M	José Correia	Freixinho	24	C
1099	M	Manuel da Costa	Freixinho	34	C
1100	F	Maria do Carmo Matias	Sernancelhe	51	C
1101	M	Cipriano Justino	Sernancelhe	38	C
1102	M	António Caria	Macieira	23	S
1103	M	José Augusto Ferreira	Vila da Ponte	24	C
1104	M	João do Rosário	Vila da Ponte	24	S
1105	M	Constantino Lemos	Granjal	33	C
1106	F	Teresa de Jesus dos Santos	Freixinho	15	S
1107	M	Luis Pinheiro	Vila da Ponte	43	C
1108	M	António Frade	Vila da Ponte	19	S
1109	F	Laurinda de Jesus	Chosendo	25	S
1110	F	Maria do Carmo Diogo	Sernancelhe	46	C
1111	F	Olímpia de Jesus	Vila da Ponte	28	S
1112	M	José da Silva Rebelo	Freixinho	25	S
1113	F	Carmina Augusta	Sernancelhe	17	S
1114	F	Irminia Augusta	Sernancelhe	24	S
1115	F	Maria Gonçalves	Carregal	51	S
1116	F	Maria Leonor	Vila da Ponte	21	S
1117	F	Maria dos Anjos Tavares	Vila da Ponte	27	C
1118	M	Manuel Sobral	Freixinho	32	C
1119	M	Afonso Sequeira	Carregal	18	S
1120	M	João de Jesus	Freixinho	25	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	NR	S. Paulo	26/09/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	27/09/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	27/09/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	27/09/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	04/10/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	09/10/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	10/10/1922	1922	
Barbeiro	NR	R. Janeiro	10/10/1922	1922	
Alfaiate	S	R. Janeiro	10/10/1922	1922	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	10/10/1922	1922	
NR	NR	S. Paulo	10/10/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	11/10/1922	1922	
Agricultor	NR	R. Janeiro	11/10/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	11/10/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	12/10/1922	1922	
Doméstica	N	R. Janeiro	13/10/1922	1922	
Jornaleiro	NR	R. Janeiro	16/10/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	16/10/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	16/10/1922	1922	
Doméstica	NR	Manaus	21/10/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	21/10/1922	1922	
Doméstica	NR	S. Paulo	22/10/1922	1922	
Barbeiro	S	S. Paulo	22/10/1922	1922	
Agricultor	NR	Manaus	23/10/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	25/10/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1121	M	António dos Santos	Ferreirim	22	S
1122	M	Manuel António de Jesus	Sernancelhe	41	C
1123	F	Felisbela Emilia	Sernancelhe	20	S
1124	M	António Maria	Sernancelhe	18	S
1125	M	José Rodrigues	Vila da Ponte	25	C
1126	M	Manuel Bernardo	Lamosa	19	S
1127	F	Eduarda da Conceição	Vila da Ponte	25	S
1128	M	José da Silva	Lamosa	19	S
1129	M	Manuel Joaquim Tibério	Macieira	27	C
1130	M	António da Fonseca Pereira	Freixinho	24	S
1131	F	Carolina Augusta	Macieira	NR	C
1132	M	António da Cruz	Macieira	29	C
1133	M	Armando da Silva Lopes	Fonte Arcada	16	S
1134	M	António dos Santos	Freixinho	22	S
1135	M	António Joaquim Lopes	Fonte Arcada	20	S
1136	M	José Joaquim	Ferreirim	28	C
1137	F	Maria da Anunciação	Ferreirim	15	S
1138	M	António da Costa Novo	Granjal	45	C
1139	M	Luis Cerveira	Granjal	27	C
1140	F	Maria Rita de Gouveia	Granjal	24	C
1141	M	Belarmino Cerveira	Granjal	3	S
1142	F	Teresa de Jesus	Granjal	1	S
1143	M	Mariano da Fonseca Tabosa	Freixinho	21	C
1144	M	António da Fonseca	Macieira	23	S
1145	M	Avelino de Jesus	Vila da Ponte	22	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	S. Paulo	27/10/1922	1922	
Sapateiro	N	Santos	31/10/1922	1922	
Doméstica	NR	Santos	31/10/1922	1922	
NR	NR	Santos	31/10/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	03/11/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	03/11/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	03/11/1922	1922	
Agricultor	S	S. Paulo	03/11/1922	1922	
Proprietário	N	R. Janeiro	14/11/1922	1922	
Trabalhador	N	R. Janeiro	14/11/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	14/11/1922	1922	
Proprietário	NR	R. Janeiro	14/11/1922	1922	
Trabalhador	NR	R. Janeiro	14/11/1922	1922	
Trabalhador	NR	S. Paulo	14/11/1922	1922	
Agricultor	S	R. Janeiro	15/11/1922	1922	
Agricultor	N	S. Paulo	15/11/1922	1922	
NR	N	S. Paulo	15/11/1922	1922	
Agricultor	N	Santos	15/11/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	16/11/1922	1922	
Doméstica	N	R. Janeiro	16/11/1922	1922	
NR	N	R. Janeiro	16/11/1922	1922	
NR	N	R. Janeiro	16/11/1922	1922	
Agricultor	NR	S. Paulo	16/11/1922	1922	
Trabalhador	N	R. Janeiro	20/11/1922	1922	
Trabalhador	N	Santos	20/11/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1146	M	Abraão Pereira de Morais	Quintela	26	S
1147	M	António de Carvalho Vasques	Faia	33	C
1148	M	António Catarino	Ferreirim	20	S
1149	M	António Monteiro	Ferreirim	20	S
1150	M	Aurélio de Jesus	Ferreirim	19	S
1151	M	Manuel da Assunção	Ferreirim	18	S
1152	M	Adelino de Castro	Fonte Arcada	32	C
1153	M	Manuel Maria Guerra	Cunha	37	S
1154	F	Angelina da Glória	Carregal	25	S
1155	M	Eugénio Guerra	Sernancelhe	18	S
1156	M	Belarmino Frade	Vila da Ponte	27	C
1157	M	Francisco Tavares	Ferreirim	21	S
1158	F	Curisanta de Jesus	Ferreirim	14	S
1159	M	Herculano Ribeiro	Ferreirim	20	S
1160	M	Francisco dos Santos Ribeiro	Ferreirim	59	C
1161	F	Ana dos Anjos	Cunha	32	S
1162	M	Sebastião dos Santos Margarido	Vila da Ponte	23	S
1163	F	Maria Joaquina	Cunha	NR	S
1164	M	José Borges	Penso	15	S
1165	F	Maria da Alegria	Carregal	14	S
1166	F	Maria da Nazaré	Carregal	18	S
1167	F	Rosalina da Conceição Carvalho	Fonte Arcada	23	C
1168	M	Nolasco Augusto	Fonte Arcada	25	C
1169	M	Manuel Gomes	Carregal	23	S
1170	M	Jacinto da Cunha Souto	Freixinho	29	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Padeiro	S	R. Janeiro	21/11/1922	1922	
Emp. Com.	S	Manaus	23/11/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/11/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/11/1922	1922	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	25/11/1922	1922	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	25/11/1922	1922	
Caldeireiro	NR	Manaus	27/11/1922	1922	
Jornaleiro	S	S. Paulo	27/11/1922	1922	
Doméstica	S	R. Janeiro	28/11/1922	1922	
Caixeiro	S	R. Janeiro	29/11/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	30/11/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	04/12/1922	1922	
NR	S	R. Janeiro	04/12/1922	1922	
NR	S	R. Janeiro	04/12/1922	1922	
Proprietário	S	R. Janeiro	04/12/1922	1922	
Doméstica	N	S. Paulo	04/12/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	05/12/1922	1922	
NR	NR	R. Janeiro	06/12/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	14/12/1922	1922	
Doméstica	N	R. Janeiro	14/12/1922	1922	
Doméstica	N	R. Janeiro	14/12/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	14/12/1922	1922	
Caixeiro	S	R. Janeiro	14/12/1922	1922	
Jornaleiro	NR	S. Paulo	14/12/1922	1922	
Proprietário	N	S. Paulo	15/12/1922	1922	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1171	F	Olívia Clementina	Ferreirim	31	S
1172	M	José de Jesus	Penso	42	C
1173	F	Maria do Céu	Penso	15	S
1174	F	Noémia da Glória Aguiar	Ferreirim	22	S
1175	F	Rita de Jesus	Carregal	29	S
1176	M	João de Araújo	Arnas	42	C
1177	M	José Castelo	Penso	23	S
1178	M	Adriano Gomes	Carregal	33	S
1179	F	Laura do Carmo	Vila da Ponte	22	S
1180	F	Silvina de Jesus Seixeira	Sernancelhe	24	S
1181	M	António Cardoso	Vila da Ponte	46	S
1182	F	Maria Hermânia	Carregal	49	V
1183	M	João dos Santos Polícia	Freixinho	17	S
1184	M	Adriano Diogo	Granjal	29	C
1185	M	Joaquim Correia	Freixinho	30	C
1186	F	Piedade de Jesus	Macieira	46	S
1187	M	Luis Gonzaga Heitor	Macieira	15	S
1188	F	Belisarda de Jesus Heitor	Macieira	NR	S
1189	M	Sebastião Vieira	Granjal	26	C
1190	F	Maria Emília Vieira Lauro	Granjal	26	C
1191	M	José da Costa	Freixinho	23	S
1192	F	Maria José de Campos	Carregal	25	S
1193	M	Miguel Baltasar	Freixinho	32	C
1194	M	António Joaquim	Vila da Ponte	58	C
1195	F	Maria do Carmo	Granjal	19	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	Manaus	18/12/1922	1922	
Negociante	S	R. Janeiro	19/12/1922	1922	
NR	S	R. Janeiro	19/12/1922	1922	
NR	NR	Manaus	23/12/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	26/12/1922	1922	
Comerciante	S	R. Janeiro	26/12/1922	1922	
Trabalhador	S	R. Janeiro	27/12/1922	1922	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	30/12/1922	1922	
Doméstica	NR	R. Janeiro	30/12/1922	1922	
NR	NR	S. Paulo	30/12/1922	1922	
Agricultor	N	R. Janeiro	10/01/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	12/01/1923	1923	
Trabalhador	N	R. Janeiro	12/01/1923	1923	Acom. JoaquimCorreia
Agricultor	S	S. Paulo	12/01/1923	1923	Maria do Carmo (esposa)
Proprietário	S	R. Janeiro	13/01/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	16/01/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	16/01/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	16/01/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	16/01/1923	1923	Acom. Maria Emília Vieira Lauro (esposa)
Doméstica	N	S. Paulo	16/01/1923	1923	Acom. Sebastião Vieira (marido)
Trabalhador	N	S. Paulo	16/01/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	19/01/1923	1923	Cícero de Melo (filho de 2 anos)
Agricultor	N	R. Janeiro	19/01/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/01/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	19/01/1923	1923	Adriano Diogo (marido)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1196	M	Joaquim Meneses	Penso	19	S
1197	M	Fernando Gomes Cardia	Penso	18	S
1198	F	Maria Moreira	Sarzeda	18	S
1199	F	Fernanda Moreira de Azevedo	Sernancelhe	25	C
1200	F	Marieta Moreira Roque	Sernancelhe	2	S
1201	M	Aníbal Moreira	Sarzeda	24	S
1202	F	Emília do Espírito Santo	Ferreirim	28	S
1203	M	Alexandre Herculano Xavier	Ferreirim	4	S
1204	F	Aurora da Conceição	Ferreirim	1	S
1205	M	Ulisses de Almeida Xavier	Ferreirim	8	S
1206	M	José Joaquim Pinheiro	Ferreirim	24	C
1207	M	António Correia	Granjal	19	S
1208	F	Maria Angélica	Cunha	NR	V
1209	F	Carminda de Almeida	Cunha	17	S
1210	M	João dos Santos	Carregal	35	C
1211	M	Eduardo de Jesus	Carregal	31	S
1212	M	António Vieira de Lemos	Granjal	7	S
1213	F	Doroteia Vieira	Granjal	19	S
1214	M	Manuel Ribeiro	Granjal	32	C
1215	M	Manuel Ribeiro	Granjal	NR	NR
1216	M	José Fernandes Mesquita	Granjal	3	S
1217	F	Isabel Vieira	Granjal	27	C
1218	M	José Joaquim	Fonte Arcada	21	S
1219	M	Januário da Fonseca Pereira	Penso	22	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	S	S. Paulo	23/01/1923	1923	Acom. Miguel Baltasar
Emp. Com.	S	S. Paulo	23/01/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/01/1923	1923	Acom. Aníbal Moreira
Doméstica	S	R. Janeiro	24/01/1923	1923	Acom. Marieta Moreira Roque
NR	N	R. Janeiro	24/01/1923	1923	
Caixeiro	S	R. Janeiro	24/01/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	26/01/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	26/01/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	26/01/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	26/01/1923	1923	
Alfaiate	S	R. Janeiro	26/01/1923	1923	
NR	NR	S. Paulo	26/01/1923	1923	
Doméstica	NR	Santos	27/01/1923	1923	
NR	NR	Santos	27/01/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/01/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	03/02/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	05/02/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	05/02/1923	1923	
Proprietário	N	R. Janeiro	05/02/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	05/02/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	05/02/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	05/02/1923	1923	Acom. José Fernandes Mesquita (filho de 3 anos)
Agricultor	N	S. Paulo	16/02/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/02/1923	1923	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1220	M	Elísio Augusto	Fonte Arcada	42	C
1221	M	José Botelho	Penso	30	S
1222	F	Delmira Alves de Oliveira	Fonte Arcada	1	S
1223	F	Eutíquia Loureiro de Oliveira	Fonte Arcada	38	C
1224	F	Maria do Carmo	Ferreirim	25	S
1225	M	Manuel Joaquim de Aguiar	Vila da Ponte	NR	S
1226	M	José Tavares	Freixinho	23	S
1227	F	Margarida Cardoso	Sernancelhe	17	S
1228	M	José Augusto Cupertino	Carregal	27	S
1229	M	Aníbal de Castro	Penso	28	C
1230	M	António Tavares	Freixinho	58	C
1231	F	Ana Elias	Granjal	57	V
1232	M	Mariano da Luz	Sarzedada	24	S
1233	M	Manuel de Sousa Nunes	Vila da Ponte	59	C
1234	M	Joaquim Augusto	Fonte Arcada	25	S
1235	M	Manuel de Campos	Carregal	19	S
1236	M	Ângelo dos Santos	Fonte Arcada	19	S
1237	M	Manuel Pais	Penso	17	S
1238	M	Manuel Gomes de Campos	Carregal	45	C
1239	M	Manuel Teixeira Pombo	Sernancelhe	44	S
1240	M	António Rodrigues	Quintela	25	S
1241	M	Inácio de Oliveira	Quintela	22	S
1242	F	Maria das Dores	Sernancelhe	14	S
1243	M	Francisco Augusto	Vila da Ponte	13	S
1244	F	Lurdes de Jesus	Fonte Arcada	21	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	S. Paulo	19/02/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	19/02/1923	1923	
NR	N	Manaus	20/02/1923	1923	
Proprietário	S	Manaus	20/02/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	26/02/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	26/02/1923	1923	
Proprietário	S	S. Paulo	26/02/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	01/03/1923	1923	
Comerciante	S	R. Janeiro	07/03/1923	1923	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	08/03/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	08/03/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	08/03/1923	1923	
Jornaleiro	N	Santos	08/03/1923	1923	
Proprietário	S	Santos	08/03/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	09/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	09/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	09/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	09/03/1923	1923	
Agricultor	S	S. Paulo	09/03/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	12/03/1923	1923	
Agricultor	S	S. Paulo	12/03/1923	1923	
Agricultor	S	S. Paulo	12/03/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	13/03/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	13/03/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	13/03/1923	1923	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1245	F	Lurdes de Jesus	Fonte Arcada	21	S
1246	F	Cecília de Seixas	Fonte Arcada	1	S
1247	F	Aurora de Seixas	Fonte Arcada	12	S
1248	F	Maria José	Fonte Arcada	32	C
1249	M	Elísio Penetra	Carregal	25	C
1250	M	Manuel dos Santos	Carregal	19	S
1251	M	Marcelino dos Santos	Lamosa	46	C
1252	M	João Eduardo Gaspar	Fonte Arcada	NR	C
1253	M	André Aurélio	Fonte Arcada	9	S
1254	M	Albino da Costa	Fonte Arcada	16	S
1255	M	João Augusto	Fonte Arcada	25	S
1256	F	Maria de Jesus	Fonte Arcada	54	C
1257	F	Maria dos Remédios	Fonte Arcada	27	S
1258	F	Maria José	Fonte Arcada	14	S
1259	F	Teresa de Jesus	Fonte Arcada	23	S
1260	M	Hermínio da Costa	Fonte Arcada	11	S
1261	F	Purificação de Carvalho Marques	Faia	21	C
1262	M	José Augusto	Ferreirim	26	C
1263	M	Álvaro Augusto Ferreira	Ferreirim	25	C
1264	M	Manuel Augusto	Fonte Arcada	50	C
1265	M	Edmundo da Cunha Souto	Freixinho	23	C
1266	M	Joaquim Ramalho	Sarzedada	18	S
1267	F	Adosinda Froupé	Faia	30	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	13/03/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	13/03/1923	1923	
NR	NR	S. Paulo	13/03/1923	1923	
Doméstica	S	S. Paulo	13/03/1923	1923	Acom. Aurora de Seixas (12 anos e Cecília de Seixas (6meses) - Filhas
Pedreiro	NR	R. Janeiro	14/03/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	16/03/1923	1923	
Agricultor	S	S. Paulo	19/03/1923	1923	
Padeiro	S	S. Paulo	19/03/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	23/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	Filhos
Doméstica	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	25/03/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	26/03/1923	1923	Acom. Filhos menores - Maria José e José de Carvalho
Agricultor	N	R. Janeiro	26/03/1923	1923	
Serralheiro	S	R. Janeiro	26/03/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	26/03/1923	1923	Acom. Mulher e Filhos (ver identidade seguidamente)
Emp. Com.	S	S. Paulo	26/03/1923	1923	
Agricultor	N	Santos	26/03/1923	1923	Acom. Mariano da Luz
Doméstica	N	Manaus	03/04/1923	1923	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1268	M	António Augusto	Sernancelhe	25	S
1269	M	José Augusto	Sernancelhe	21	S
1270	M	Aurélio Augusto Leitão	Fonte Arcada	20	S
1271	M	Joaquim Constantino	Freixinho	20	S
1272	M	Gabriel Augusto Silva	Freixinho	33	S
1273	M	Aurélio da Costa Formoso	Freixinho	24	C
1274	F	Maria Alice Loureiro	Ferreirim	15	S
1275	M	Josué Francisco	Carregal	32	S
1276	F	Leopoldina da Ressurreição	Ferreirim	59	V
1277	M	Aníbal Lopes da Fonseca	Freixinho	NR	C
1278	M	Augusto Dias	Quintela	37	S
1279	F	Maria do Céu	Ferreirim	24	C
1280	M	Silvério Ferreira da Rocha	Quintela	12	S
1281	M	António Maria	Fonte Arcada	21	S
1282	F	Albertina da Conceição	Chosendo	21	S
1283	F	Maria do Céu	Carregal	15	S
1284	M	Eduardo Ferreira Aparício	Lamosa	16	S
1285	M	António Joaquim	Fonte Arcada	19	S
1286	F	Maria da Purificação Heitor	Macieira	19	V
1287	M	João Pinheiro	Vila da Ponte	22	S
1288	M	António de Jesus	Cunha	32	C
1289	F	Teresa de Jesus	Escurquela	9	S
1290	M	Américo Adelino	Sernancelhe	24	C
1291	M	António Rodrigues Vieira	Granjal	NR	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	S	R. Janeiro	03/04/1923	1923	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	24/04/1923	1923	Acom. Aurélio Augusto Leitão e Joaquim Constantino
Serralheiro	S	R. Janeiro	24/04/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	26/04/1923	1923	Acom. José Augusto
Agricultor	S	R. Janeiro	26/04/1923	1923	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	26/04/1923	1923	
Doméstica	S	Santos	26/04/1923	1923	
Caiador	N	R. Janeiro	11/05/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	11/05/1923	1923	Acom. Maria Alice Loureiro
NR	NR	S. Paulo	12/05/1923	1923	
Comerciante	N	R. Janeiro	15/05/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	19/05/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	25/05/1923	1923	Acom. Augusto Dias
Agricultor	N	R. Janeiro	01/06/1923	1923	
Doméstica	S	R. Janeiro	08/06/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	23/06/1923	1923	
Barbeiro	N	S. Paulo	25/06/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	13/07/1923	1923	
Doméstica	S	R. Janeiro	17/07/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	21/07/1923	1923	
Jornaleiro	N	Santos	26/07/1923	1923	
NR	N	Pará	14/08/1923	1923	Acom. Raimundo Andrade
Ferrador	S	R. Janeiro	15/08/1923	1923	
NR	NR	S. Paulo	15/08/1923	1923	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1292	M	José Maria Gonçalves	Granjal	20	S
1293	M	Levi da Silva	Penso	16	S
1294	M	Acácio Madureira	Macieira	22	S
1295	M	António Caixas	Faia	19	S
1296	F	Esperança Caixas	Faia	19	S
1297	M	Lucas Gonçalves	Faia	19	S
1298	M	Silvestre Taborda	Arnas	16	S
1299	M	António dos Santos Vieira	Granjal	25	C
1300	F	Aurora Madalena Pereira	Granjal	19	C
1301	M	Adelino de Jesus	Carregal	32	C
1302	M	Delfim Augusto	Ferreirim	NR	NR
1303	F	Laura de Castro Mota	Freixinho	40	C
1304	F	Camila dos Santos Ferreira	Freixinho	18	S
1305	F	Maria de Jesus	Penso	49	S
1306	F	Maria do Carmo	Penso	57	S
1307	M	Mariano dos Passos	Freixinho	30	C
1308	M	Sebastião Sobral	Granjal	30	S
1309	M	Adelino Miguel	Cunha	18	S
1310	M	José Pereira	Faia	46	S
1311	M	Carlos Sequeira	Granjal	26	S
1312	M	Manuel dos Santos	Carregal	38	S
1313	F	Floriana de Jesus	Granjal	54	V
1314	M	António Francisco	Sernancelhe	23	S
1315	M	Eduardo Louro	Granjal	59	V
1316	F	Maria José	Carregal	17	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	S	R. Janeiro	23/08/1923	1923	Manoel Ribeiro
Agricultor	S	R. Janeiro	23/08/1923	1923	Manoel Ribeiro
Agricultor	S	R. Janeiro	23/08/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	28/08/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/08/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/08/1923	1923	
Jornaleiro	N	Santos	04/09/1923	1923	Dinis dos Santos
Agricultor	N	S. Paulo	06/09/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	06/09/1923	1923	
Trabalhador	N	R. Janeiro	08/09/1923	1923	
NR	NR	S. Paulo	13/09/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	14/09/1923	1923	Camila dos Santos Ferreira
Doméstica	N	Manaus	14/09/1923	1923	Acom. Laura de Castro Mota
Doméstica	N	R. Janeiro	14/09/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	14/09/1923	1923	
Doméstica	N	Manaus	17/09/1923	1923	
Carpinteiro	S	S. Paulo	20/09/1923	1923	
Caixeiro	S	S. Paulo	21/09/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	26/09/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	27/09/1923	1923	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	27/09/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	27/09/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	28/09/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	28/09/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	28/09/1923	1923	Luís Fernandes

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1317	M	António dos Santos Sobral	Granjal	6	S
1318	M	José António	Granjal	29	C
1319	F	Maria do Espírito Santo	Granjal	29	C
1320	F	Olinda de Jesus	Cunha	20	S
1321	F	Maria de Jesus	Cunha	21	C
1322	F	Marília dos Santos Sobral	Granjal	11	S
1323	M	António Pais	Granjal	26	S
1324	M	Manuel Gomes	Quintela	45	C
1325	M	Adão Aníbal Basto	Fonte Arcada	17	S
1326	M	Manuel da Costa Marques	Sernancelhe	37	S
1327	M	Manuel de Jesus	Carregal	27	S
1328	M	Manuel Rodrigues	Quintela	NR	C
1329	F	Maria Beatriz santos	Fonte Arcada	17	S
1330	M	Abílio de Jesus	Fonte Arcada	18	S
1331	M	Manuel Teixeira da Costa	Sernancelhe	22	S
1332	F	Maria Carmina	Granjal	29	V
1333	M	António dos Santos Cardoso	Carregal	46	C
1334	F	Arminda da Costa	Granjal	33	C
1335	M	António de Jesus	Granjal	17	S
1336	M	Manuel de Jesus da Silva	Fonte Arcada	NR	C
1337	M	António de Seixas	Freixinho	18	S
1338	M	António de Lemos	Granjal	24	C
1339	F	Adélia de Jesus	Escurquela	15	S
1340	M	António Felisberto	Fonte Arcada	45	V
1341	F	Ana Baltasar	Sernancelhe	54	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	28/09/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	01/10/1923	1923	
Doméstica	S	S. Paulo	01/10/1923	1923	Marido e filha Maria de Lurdes
Doméstica	S	S. Paulo	01/10/1923	1923	Acom. João de Jesus Sobral
Doméstica	S	Santos	01/10/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	03/10/1923	1923	Eduardo Lauro (avô)
Agricultor	N	S. Paulo	10/10/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/10/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/10/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/10/1923	1923	
Trabalhador	NR	S. Paulo	16/10/1923	1923	
Jardineiro	NR	R. Janeiro	20/10/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	26/10/1923	1923	
Trabalhador	N	R. Janeiro	26/10/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	27/10/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	27/10/1923	1923	
Proprietário	N	R. Janeiro	27/10/1923	1923	
Proprietário	S	R. Janeiro	27/10/1923	1923	
Moleiro	N	S. Paulo	27/10/1923	1923	
Proprietário	NR	R. Janeiro	30/10/1923	1923	
Agricultor	S	Manaus	31/10/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	31/10/1923	1923	
NR	N	S. Paulo	31/10/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	31/10/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	05/11/1923	1923	Acom. Filhos

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1342	F	Mirte Dulce de Almeida	Fonte Arcada	20	C
1343	M	Afonso Pestana Mendonça	Fonte Arcada	29	C
1344	M	Inácio Augusto	Fonte Arcada	22	S
1345	M	Manuel Gomes	Sernancelhe	25	S
1346	M	Afonso dos Santos Loureiro	Fonte Arcada	14	S
1347	F	Filomena de Jesus	Fonte Arcada	30	C
1348	F	Maria Madalena	Carregal	19	S
1349	F	Maria do Patrocínio	Fonte Arcada	20	S
1350	F	Alice	Fonte Arcada	2	S
1351	M	António dos Santos	Fonte Arcada	46	C
1352	M	Manuel dos Santos	Fonte Arcada	54	V
1353	M	António Joaquim Lopes	Fonte Arcada	22	S
1354	F	Piedade Baltasar Lopes	Sernancelhe	12	S
1355	M	Joaquim Lopes	Sernancelhe	55	C
1356	M	José Augusto	Sernancelhe	14	S
1357	M	João Baptista	Vila da Ponte	28	S
1358	F	Maria Olinda	Carregal	42	C
1359	F	Noémia da Cruz	Vila da Ponte	10	S
1360	M	Amândio da Cruz	Vila da Ponte	42	C
1361	M	Manuel da Fonseca	Penso	49	C
1362	M	Joaquim António Ferreira Salvador	Faia	20	S
1363	M	António da Fonseca	Penso	19	S
1364	M	Alfredo dos Santos	Vila da Ponte	23	S
1365	F	Maria Cacilda	Penso	14	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	05/11/1923	1923	
Proprietário	N	R. Janeiro	05/11/1923	1923	
Trabalhador	N	R. Janeiro	05/11/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	05/11/1923	1923	
Trabalhador	S	R. Janeiro	05/11/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	Acom. Pantaleão Pinto
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	Acom. António dos Santos (tio)
NR	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	
Proprietário	N	S. Paulo	05/11/1923	1923	
Trabalhador	S	Santos	05/11/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	07/11/1923	1923	
Proprietário	N	R. Janeiro	07/11/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	07/11/1923	1923	Pais e irmãos
Agricultor	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	Acom. Adélia de Oliveira
NR	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Pedreiro	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	Acom. Esposa - Isaura e Filhos e João Salvador Ferreira
Agricultor	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1366	M	Luis da Cruz	Vila da Ponte	1	S
1367	F	Isaura da Conceição	Vila da Ponte	32	C
1368	M	José da Cruz	Vila da Ponte	16	S
1369	M	Bernardo Tavares	Freixinho	24	S
1370	M	Gilberto de Jesus	Freixinho	17	S
1371	M	João Salvador Ferreira	Fonte Arcada	26	S
1372	M	João Augusto	Carregal	24	S
1373	M	Manuel Maria Formoso	Macieira	31	C
1374	M	Manuel Ribeiro	Granjal	22	S
1375	M	Miguel Tavares	Freixinho	56	C
1376	F	Maria da Conceição	Freixinho	56	C
1377	F	Maria dos Anjos	Carregal	38	C
1378	F	Otília de Sousa Nunes	Vila da Ponte	21	S
1379	F	Albertina de Jesus	Granjal	1	S
1380	M	Cândido Augusto Correia	Granjal	29	C
1381	F	Ana de Jesus	Granjal	26	C
1382	F	Maria da Conceição	Sernancelhe	18	S
1383	M	José dos Santos Simão	Granjal	22	S
1384	M	José Nunes	Carregal	23	S
1385	M	Manuel dos Santos	Granjal	25	S
1386	M	Francisco da Costa Simão	Granjal	24	S
1387	M	João dos Santos	Carregal	17	S
1388	F	Natália do Carmo	Granjal	22	S
1389	F	Maria de S.José	Granjal	15	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Doméstica	NR	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	12/11/1923	1923	
Pedreiro	N	S. Paulo	12/11/1923	1923	
Agricultor	N	Manaus	13/11/1923	1923	Maria Pereira
Agricultor	N	R. Janeiro	13/11/1923	1923	Amândio da Cruz (acima referido)
Trabalhador	N	R. Janeiro	13/11/1923	1923	
Proprietário	S	R. Janeiro	13/11/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	14/11/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	14/11/1923	1923	
Doméstica	NR	S. Paulo	14/11/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	16/11/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	16/11/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	16/11/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	16/11/1923	1923	
Doméstica	S	R. Janeiro	16/11/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	16/11/1923	1923	João Santiago (tio)
Trabalhador	N	S. Paulo	16/11/1923	1923	
Agricultor	S	S. Paulo	16/11/1923	1923	
Proprietário	S	S. Paulo	16/11/1923	1923	
Trabalhador	S	S. Paulo	16/11/1923	1923	
Agricultor	N	S. Paulo	17/11/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	19/11/1923	1923	Maria de S. José (irmã) ao cuidado de Elísio de Jesus
NR	N	S. Paulo	19/11/1923	1923	Natália do Carmo (irmã)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1390	M	Manuel Ferreira	Lamosa	30	C
1391	M	José Dias	Granjal	29	S
1392	M	Francisco Sobral	Freixinho	NR	S
1393	F	Augusta da Conceição	Granjal	25	S
1394	F	Mercedes Caria	Macieira	25	C
1395	F	Gilda	Macieira	2	S
1396	F	Nilsa	Macieira	3	S
1397	M	Manuel da Costa	Fonte Arcada	24	S
1398	M	António da Conceição	Macieira	28	C
1399	M	Messias de Almeida Matos	Freixinho	22	S
1400	M	Agostinho Cardoso Fernandes	Sernancelhe	38	C
1401	F	Arminda de Jesus	Granjal	19	S
1402	F	Ana Rosa	Fonte Arcada	25	S
1403	M	Abel Cautela	Quintela	24	S
1404	M	José Augusto Sobral	Sernancelhe	38	C
1405	M	Manuel Gomes do Seixo	Cunha	21	S
1406	M	José Manuel	Arnas	20	S
1407	M	Abel Beco Gomes	Sernancelhe	15	S
1408	M	Daniel Pereira	Penso	18	S
1409	F	Maria da Soledade Feliz	Granjal	31	C
1410	M	Belarmino Ribeiro	Granjal	37	C
1411	M	Silvestre Lopes de Azevedo	Sernancelhe	NR	S
1412	F	Maria da Conceição Soares	Penso	25	S
1413	F	Isaura de Jesus	Penso	27	C
1414	F	Maria Lucena	Penso	5	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Sapateiro	S	S. Paulo	19/11/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	20/11/1923	1923	
Agricultor	NR	S. Paulo	20/11/1923	1923	
Doméstica	NR	Santos	20/11/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	23/11/1923	1923	Acom. António da Conceição (marido)
NR	N	R. Janeiro	23/11/1923	1923	
NR	N	R. Janeiro	23/11/1923	1923	
Agricultor	S	R. Janeiro	23/11/1923	1923	
Proprietário	NR	R. Janeiro	23/11/1923	1923	Acom. Mercedes (esposa e filhos)
Agricultor	S	Manaus	30/11/1923	1923	
NR	NR	R. Janeiro	13/12/1923	1923	
Doméstica	N	S. Paulo	19/12/1923	1923	
Doméstica	N	R. Janeiro	21/12/1923	1923	
Padeiro	NR	R. Janeiro	26/12/1923	1923	
Barbeiro	S	R. Janeiro	26/12/1923	1923	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	27/12/1923	1923	
Jornaleiro	S	Santos	28/12/1923	1923	José Nunes
Agricultor	S	S. Paulo	29/12/1923	1923	
Agricultor	N	R. Janeiro	02/01/1924	1924	Acomp. Eusébio Teixeira Pereira
Doméstica	N	S. Paulo	02/01/1924	1924	Acomp. Belarmino Ribeiro (marido)
Proprietário	N	S. Paulo	02/01/1924	1924	Acomp. Maria da soledade Feliz (esposa)
NR	NR	R. Janeiro	05/01/1924	1924	
Doméstica	S	Manaus	06/01/1924	1924	
Doméstica	N	S. Paulo	07/01/1924	1924	Acom. Maria Lucena (filha)
NR	N	S. Paulo	07/01/1924	1924	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1415	F	Soledade Sobral	Faia	19	S
1416	F	Maria da Piedade	Granjal	26	S
1417	M	Francisco Gomes	Granjal	36	C
1418	M	António José Maria	Granjal	30	S
1419	F	Maria Belmira	Granjal	22	C
1420	F	Maria de Jesus	Granjal	53	C
1421	F	Maria da Conceição	Granjal	9	S
1422	F	Maria do Carmo	Granjal	1	S
1423	M	António Batista Coelho	Granjal	41	C
1424	F	Alzira Alves Marques	Fonte Arcada	NR	S
1425	F	Maria Vitória	Penso	28	C
1426	F	Fortunata de Jesus	Penso	50	V
1427	M	José Duarte	Penso	2	S
1428	F	Maria Cacilda	Penso	9	S
1429	M	Norberto Duarte	Penso	6	S
1430	F	Etelvina da Assunção Ferreira	Vila da Ponte	15	S
1431	F	Maria da Conceição	Vila da Ponte	NR	S
1432	M	João Veiga	Granjal	45	C
1433	M	Albino de Oliveira	Quintela	NR	C
1434	M	Serafim Henrique Salgado	Sernancelhe	37	C
1435	F	Aida dos Prazeres	Fonte Arcada	25	C
1436	F	Piedade Herdeira	Granjal	NR	V
1437	M	António Manuel Heitor	Macieira	41	C
1438	F	Maria Augusta	Macieira	17	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	S	Manaus	14/01/1924	1924	Acom. Manuel dos Santos Fernandes
Doméstica	N	R. Janeiro	17/01/1924	1924	
Agricultor	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	
Agricultor	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	Acomp. Maria do Carmo (filha)
Doméstica	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	
NR	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	
NR	N	R. Janeiro	18/01/1924	1924	Acomp. Mãe
Alfaiate	S	R. Janeiro	18/01/1924	1924	Acomp. Maria de Jesus (esposa), Maria da Conceição Costa (filha)
Doméstica	S	R. Janeiro	19/01/1924	1924	Acomp. Capitolina dos Santos
Doméstica	N	S. Paulo	19/01/1924	1924	Acomp. Maria Cacilda, Norberto, José (filhos)
Doméstica	N	S. Paulo	19/01/1924	1924	
NR	N	S. Paulo	19/01/1924	1924	
NR	N	S. Paulo	19/01/1924	1924	Acomp. Mãe e irmãos
NR	N	S. Paulo	19/01/1924	1924	Acomp. Mãe e irmãos
Doméstica	N	S. Paulo	25/01/1924	1924	Acomp. Maria da Conceição (mãe)
Jornaleiro	N	S. Paulo	25/01/1924	1924	Acomp. Filha
Agricultor	S	Santos	06/02/1924	1924	
Comerciante	S	R. Janeiro	18/02/1924	1924	
Jornaleiro	N	Manaus	19/02/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	19/02/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	22/02/1924	1924	
Agricultor	S	R. Janeiro	22/02/1924	1924	Acomp. Maria Augusta (filha)
Doméstica	S	R. Janeiro	22/02/1924	1924	Acomp. Pai

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1439	M	Leonardo da Mota	Lamosa	NR	C
1440	F	Feliciana de Jesus	Sernancelhe	28	S
1441	M	António da Cunha Souto	Freixinho	22	S
1442	M	Joaquim Augusto de Castro	Fonte Arcada	41	C
1443	M	António Manuel Heitor	Macieira	NR	S
1444	M	António Manuel	Macieira	18	S
1445	F	Júlia de Jesus Rodrigues	Macieira	38	S
1446	M	Adelino dos Santos	Ferreirim	27	S
1447	M	Alberto Roque de Carvalho	Sernancelhe	32	S
1448	M	Armindo da Costa	Penso	27	C
1449	M	Acácio Pereira	Penso	25	S
1450	F	Virgínia Pereira Pinto	Penso	21	C
1451	M	Manuel Ferreira	Lamosa	46	C
1452	M	Alcídio Dias	Sarzedada	29	C
1453	F	Adélia de Jesus	Sarzedada	27	S
1454	F	Maria da Conceição Correia	Sarzedada	26	S
1455	F	Emília da Conceição Salgado	Sarzedada	26	S
1456	M	Francisco Bento	Cunha	47	S
1457	F	Cidália Augusta	Sernancelhe	26	S
1458	M	Gabriel Lopes de Azevedo	Sernancelhe	NR	C
1459	F	Leopoldina de Jesus	Vila da Ponte	14	S
1460	M	Manuel José	Sarzedada	16	S
1461	M	Manuel do Espírito Santo	Sarzedada	22	S
1462	F	Maria da Conceição Monteiro	Ferreirim	32	C
1463	M	Américo Rodrigues	Freixinho	7	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Trabalhador	N	R. Janeiro	23/02/1924	1924	
Doméstica	S	R. Janeiro	23/02/1924	1924	Acomp. Gabriel Lopes de Azevedo
Agricultor	N	S. Paulo	23/02/1924	1924	
Proprietário	N	R. Janeiro	26/02/1924	1924	
Agricultor	NR	R. Janeiro	26/02/1924	1924	
Agricultor	S	R. Janeiro	26/02/1924	1924	António Manuel Heitor (menor)
Doméstica	N	R. Janeiro	27/02/1924	1924	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/02/1924	1924	
Caixeiro	S	R. Janeiro	29/02/1924	1924	
Agricultor	N	S. Paulo	29/02/1924	1924	Acomp. Virgínia Pereira Pinto (esposa)
Agricultor	N	S. Paulo	29/02/1924	1924	
Doméstica	N	S. Paulo	29/02/1924	1924	Acomp. Armindo (marido)
Agricultor	S	S. Paulo	03/03/1924	1924	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	05/03/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/03/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/03/1924	1924	
Doméstica	S	R. Janeiro	06/03/1924	1924	
Jornaleiro	N	S. Paulo	06/03/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	08/03/1924	1924	
Trabalhador	NR	R. Janeiro	11/03/1924	1924	N.B. Pedido para visar o passaporte
NR	N	Manaus	12/03/1924	1924	Acomp. Teresa de Jesus Ricardo
Carpinteiro	N	S. Paulo	12/03/1924	1924	Acomp. Manuel do Espírito Santo
Agricultor	S	S. Paulo	12/03/1924	1924	
Doméstica	N	Manaus	15/03/1924	1924	Acomp. Daniel da Costa Gomes (marido)
NR	N	Manaus	15/03/1924	1924	Acomp. Mãe

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1464	F	Maria da Alegria	Freixinho	9	S
1465	F	Teresa de Jesus Ricardo	Freixinho	NR	S
1466	M	Daniel da Costa Gomes	Ferreirim	34	C
1467	F	Maria Augusta	Sernancelhe	26	S
1468	F	Olívia Ressurreição Proença	Fonte Arcada	34	C
1469	M	Lino Augusto	Fonte Arcada	41	C
1470	M	Ramiro Augusto Loureiro	Macieira	24	C
1471	F	Emília Joaquina Rego	Ferreirim	NR	S
1472	M	Luís Gomes	Lamosa	22	C
1473	M	Gabriel dos Santos	Vila da Ponte	36	C
1474	M	Manoel Coelho	Freixinho	25	S
1475	M	Mário Gomes	Sernancelhe	22	S
1476	M	Albino Coelho	Granjal	24	S
1477	M	Luíz da Silva	Granjal	45	C
1478	F	Lucinda da Conceição	Granjal	25	S
1479	F	Clementina da Silva	Freixinho	31	S
1480	F	Maria Dias	Carregal	25	S
1481	F	Glória da Conceição	Ferreirim	34	S
1482	M	José Joaquim	Macieira	36	C
1483	F	Ana Joaquina	Macieira	49	C
1484	M	Aurélio José Francisco	Macieira	12	S
1485	M	Adriano de Lemos	Carregal	31	S
1486	F	Hermínia de Jesus Pereira	Sarzedada	6	S
1487	M	José de Jesus	Sarzedada	1	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	Manaus	15/03/1924	1924	Acomp. Mãe
NR	N	Manaus	15/03/1924	1924	Acomp. Filhos e pede para visar o passaporte
Agricultor	S	Manaus	15/03/1924	1924	Acomp. Maria da Conceição Monteiro (esposa)
Doméstica	N	R. Janeiro	15/03/1924	1924	
Doméstica	N	Pará	18/03/1924	1924	Acomp. Lino (marido) e Teófilo (filho)
Comerciante	S	Pará	18/03/1924	1924	Acomp. Mulher e Filhos
Agricultor	N	Santos	19/03/1924	1924	
Doméstica	NR	R. Janeiro	21/03/1924	1924	Nota: Falta de elementos
Agricultor	N	S. Paulo	02/04/1924	1924	
Agricultor	N	Santos	05/04/1924	1924	
Agricultor	S	S. Paulo	10/04/1924	1924	
Agricultor	N	S. Paulo	11/04/1924	1924	
Agricultor	N	S. Paulo	22/04/1924	1924	
Agricultor	N	Santos	24/04/1924	1924	
Doméstica	N	Santos	24/04/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/04/1924	1924	
Doméstica	S	R. Janeiro	26/04/1924	1924	
Doméstica	N	S. Paulo	13/05/1924	1924	
Agricultor	N	R. Janeiro	13/09/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	15/09/1924	1924	Acomp. Aurélio José Francisco (menor)
NR	N	R. Janeiro	15/09/1924	1924	Acomp. Ana Joaquina (mãe)
Agricultor	N	R. Janeiro	05/10/1924	1924	
NR	N	R. Janeiro	05/10/1924	1924	Acomp. (pais e irmãos)
NR	N	R. Janeiro	05/10/1924	1924	Acomp. (pais e irmãos)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1488	F	Matilde de Jesus	Sarzedada	27	C
1489	M	Manoel de Jesus Pereira	Sarzedada	31	C
1490	M	Belarmino Frade	Vila da Ponte	30	C
1491	F	Estefânia Emília dos Santos	Vila da Ponte	26	C
1492	F	Sara de Jesus Alves	Sarzedada	NR	S
1493	F	Ilda de Jesus Alves	Sarzedada	15	S
1494	F	Miquelina Aguiar da Silva	Vila da Ponte	25	S
1495	F	Emília da Glória Rego	Ferreirim	NR	V
1496	F	Maria Au gusta Aguiar	Vila da Ponte	53	V
1497	M	Cassiano Cardoso	Carregal	13	S
1498	F	Eulália Cardoso	Carregal	11	S
1499	F	Gracinda Pereira	Penso	26	S
1500	M	Manuel Andade	Penso	34	C
1501	F	Laura do Carmo	Carregal	NR	S
1502	M	Fiel Augusto	Carregal	20	S
1503	M	João Rosário	Lamosa	20	S
1504	F	Maria Olinda	Carregal	42	C
1505	F	Adélia de Oliveira	Carregal	13	S
1506	M	Américo de Oliveira	Carregal	10	S
1507	M	Macário Ferreira	Sernancelhe	25	S
1508	F	Sofia de Azevedo	Lamosa	21	S
1509	F	Teresa de Jesus	Sarzedada	59	S
1510	M	José Daniel	Macieira	25	S
1511	F	Maria da Ressurreição	Granjal	24	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	S	R. Janeiro	05/10/1924	1924	Acomp. (Marido e Filhos)
Proprietário	S	R. Janeiro	05/10/1924	1924	Acomp. (Mulher e filhos)
Alfaiate	S	R. Janeiro	23/10/1924	1924	N.B. Pedido para visar o passaporte
Doméstica	S	R. Janeiro	23/10/1924	1924	Acomp. Belarmino Frade (marido)
Doméstica	N	R. Janeiro	24/10/1924	1924	Acomp. Ilda de Jesus (irmã)
NR	N	R. Janeiro	24/10/1924	1924	Acomp. Sara de Jesus
Doméstica	N	R. Janeiro	25/10/1924	1924	Acomp. Maria Augusta (mãe)
Doméstica	N	R. Janeiro	25/10/1924	1924	Nota: Pede que seja Visado Passaporte
Doméstica	N	R. Janeiro	25/10/1924	1924	Acomp. Miquelina Aguiar da Silva (filha)
NR	N	S. Paulo	29/10/1924	1924	Acomp. José Maria
NR	N	S. Paulo	29/10/1924	1924	Acomp. José Maria
Doméstica	N	R. Janeiro	31/10/1924	1924	
Agricultor	N	S. Paulo	31/10/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	07/11/1924	1924	Nota: Pede que seja Visado Passaporte
Agricultor	N	R. Janeiro	08/11/1924	1924	Acomp. Albino de Oliveira
Agricultor	N	R. Janeiro	08/11/1924	1924	Acomp. Albino de Oliveira
Doméstica	N	R. Janeiro	12/11/1924	1924	Acomp. Adélia de Oliveira (filha) e Américo Oliveira
NR	N	R. Janeiro	12/11/1924	1924	Acomp. Mãe e irmão
NR	N	R. Janeiro	12/11/1924	1924	Acomp. Mãe e irmão
Alfaiate	S	R. Janeiro	12/11/1924	1924	
Doméstica	N	S. Paulo	12/11/1924	1924	
Doméstica	N	S. Paulo	16/11/1924	1924	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/11/1924	1924	
NR	N	R. Janeiro	19/11/1924	1924	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1512	M	José Domingos	Sarzedada	23	S
1513	F	Maria do Céu	Penso	17	S
1514	F	Justina Moreira	Vila da Ponte	16	S
1515	F	Virgínia Moreira Saraiva	Vila da Ponte	17	S
1516	M	Armando Augusto Saraiva	Vila da Ponte	19	S
1517	M	José Borges	Penso	44	C
1518	M	Sebastião Augusto	Fonte Arcada	43	C
1519	M	Alfredo Lopes	Faia	15	S
1520	F	Filomena do Nascimento	Fonte Arcada	26	C
1521	F	Emília de Jesus Rebelo	Sernancelhe	24	C
1522	F	Leopoldina Lopes	Faia	18	S
1523	M	António Manuel da Fonseca	Fonte Arcada	6	S
1524	F	Capitolina da Anunciação	Fonte Arcada	19	S
1525	M	José Fonseca Bernardo	Fonte Arcada	4	S
1526	F	Isaura da Glória Loureiro	Sernancelhe	1	S
1527	M	Manuel de Jesus	Fonte Arcada	16	S
1528	M	Missias do Nascimento	Faia	29	S
1529	F	Maria da Piedade	Sarzedada	14	S
1530	M	João António	Sarzedada	29	C
1531	M	João Teixeira	Penso	48	C
1532	M	João da Costa	Penso	34	C
1533	M	António dos Santos	Granjal	24	C
1534	M	Albano	Escurquela	6	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	R. Janeiro	23/11/1924	1924	
Doméstica	N	R. Janeiro	02/01/1925	1925	Acomp. Pai
Doméstica	S	R. Janeiro	02/01/1925	1925	Acomp. Maria do Céu
Doméstica	S	R. Janeiro	02/01/1925	1925	Acomp. Armando Augusto Saraiva
Emp. Com.	S	R. Janeiro	02/01/1925	1925	Acomp. Virgínia Moreira Saraiva (irmã de Armando) – O processo contém Alvará de Emancipação de Armando que é responsável pela irmã
Proprietário	S	R. Janeiro	02/01/1925	1925	Acomp. Maria do Céu
Agricultor	N	R. Janeiro	05/01/1925	1925	
Agricultor	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Leopoldina e Sebastião Augusto
Doméstica	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Filhos: António, José e Bernardo
Doméstica	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Filha: I saura da Glória Loureiro
Doméstica	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Alfredo Lopes (irmão)
Doméstica	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Mãe e Irmãos
Doméstica	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Sebastião Augusto
NR	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	12/01/1925	1925	Acomp. Mãe Emília
Agricultor	N	Santos	12/01/1925	1925	Acomp. Sebastião Augusto
Doméstica	S	R. Janeiro	13/01/1925	1925	Nota: Deixa Filhos
Doméstica	S	Santos	22/01/1925	1925	Acomp. Miguel Augusto Ferreira Lisboa
Agricultor	N	R. Janeiro	23/01/1925	1925	
Agricultor	N	S. Paulo	23/01/1925	1925	
Proprietário	N	R. Janeiro	25/01/1925	1925	
Proprietário	N	S. Paulo	11/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1535	F	Alice	Escurquela	5	S
1536	F	Cristalina	Escurquela	1	S
1537	F	Delfina	Escurquela	3	S
1538	M	Germano	Escurquela	7	S
1539	F	Mercedes	Escurquela	1	S
1540	F	Palmira	Escurquela	9	S
1541	F	Alcina Augusta Gomes	Escurquela	33	C
1542	F	Laura de Jesus Aguiar	Escurquela	32	C
1543	M	Albano Augusto Gomes	Escurquela	36	C
1544	M	Manuel Oliva Delfim	Escurquela	34	C
1545	M	António Bento	Lamosa	17	S
1546	F	Estefânia da Luz	Sernancelhe	23	C
1547	F	Rosalina Augusta de Almeida	Granjal	18	S
1548	F	Maria Antónia de Jesus Pereira	Granjal	29	D
1549	M	José Gomes Cardia	Sernancelhe	48	C
1550	F	Elvira Ferreira Rebelo	Freixinho	23	C
1551	M	António Joaquim Afonso da Silva	Freixinho	39	C
1552	F	Maria Maçãs	Faia	23	S
1553	F	Maria Josefa Pires	Freixinho	34	C
1554	M	João Baptista	Freixinho	35	C
1555	F	Maria da Purificação	Granjal	19	S
1556	M	José Joaquim Caetano	Fonte Arcada	22	S
1557	M	Silvio Baptista	Fonte Arcada	23	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
NR	N	R. Janeiro	24/02/1925	1925	
Doméstica	S	R. Janeiro	24/02/1925	1925	Acomp. Marido e Filhos
Doméstica	S	R. Janeiro	24/02/1925	1925	(esposa)
Proprietário	S	R. Janeiro	24/02/1925	1925	Acomp. Mulher e Filhos e há indicação de ter um passaporte em 1921 e pretende trabalho de comerciante
Proprietário	S	R. Janeiro	24/02/1925	1925	Acomp. Mulher e Filhos e há indicação de ter um passaporte em 1921 e pretende trabalho de Alfaiate
Agricultor	N	R. Janeiro	08/04/1925	1925	Acomp. António Almeida
Doméstica	N	S. Paulo	29/04/1925	1925	
Doméstica	N	S. Paulo	07/05/1925	1925	Acomp. Maria Antónia de Jesus Pereira
Doméstica	S	S. Paulo	07/05/1925	1925	
Marceneiro	N	R. Janeiro	12/05/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	14/05/1925	1925	Acomp. Marido
Proprietário	S	R. Janeiro	14/05/1925	1925	Acomp. Elvira Ferreira Rebelo (esposa)
Doméstica	N	R. Janeiro	26/05/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/05/1925	1925	Acomp. Filhos: Leonídia, Dulce, Natália (menores)
Proprietário	N	S. Paulo	29/05/1925	1925	
Doméstica	N	S. Paulo	30/05/1925	1925	Acomp. Laura da Silva (Tia)
Agricultor	N	R. Janeiro	05/06/1925	1925	
Agricultor	N	R. Janeiro	08/06/1925	1925	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1558	M	Germano dos Santos	Ferreirim	22	S
1559	F	Deolinda da Conceição	Granjal	19	S
1560	M	António Ferreira	Granjal	40	S
1561	M	José da Silva	Carregal	45	C
1562	F	Maria da Silva Ferreira	Freixinho	27	S
1563	M	Manuel da Fonseca	Freixinho	24	S
1564	F	Uília de Sousa Nunes	Vila da Ponte	23	S
1565	M	António Joaquim	Fonte Arcada	44	C
1566	M	Francisco do Nascimento	Fonte Arcada	27	S
1567	M	Germano Sobral	Granjal	36	C
1568	M	Adriano Loureiro de Oliveira	Fonte Arcada	8	S
1569	M	Mário Loureiro de Oliveira	Fonte Arcada	9	S
1570	F	Maria da Piedade	Carregal	15	S
1571	M	Casimiro de Almeida Rebelo	Freixinho	45	C
1572	M	João Baptista	Sernancelhe	22	S
1573	M	José Maria	Chosendo	39	C
1574	M	António Manuel	Granjal	19	S
1575	M	Manoel Augusto	Granjal	22	S
1576	F	Anunciação de Jesus	Sernancelhe	18	S
1577	F	Maria do Rosário	Sernancelhe	18	S
1578	M	Bernardino Lopes	Sernancelhe	30	S
1579	M	Joaquim dos Santos	Carregal	21	C
1580	F	Maria da Luz	Carregal	25	S
1581	F	Rita de Jesus	Sernancelhe	19	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	R. Janeiro	19/06/1925	1925	
Doméstica	N	Santos	26/06/1925	1925	Acomp. Laura da Silva
Trabalhador	N	Santos	26/06/1925	1925	
Jornaleiro	N	S. Paulo	28/08/1925	1925	
Doméstica	N	S. Paulo	22/09/1925	1925	
Agricultor	S	R. Janeiro	30/09/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	02/10/1925	1925	Acomp. Adriano de Sousa Nunes (filho)
Agricultor	N	Manaus	06/10/1925	1925	
Agricultor	N	R. Janeiro	06/10/1925	1925	
Cocheiro	N	Santos	06/10/1925	1925	
NR	N	Manaus	12/10/1925	1925	Acomp. Mariano da Silva Passos e irmão
NR	N	Manaus	12/10/1925	1925	Acomp. Mariano da Silva Passos e irmão (Têm carta de Chamada enviada pelo Pai)
Doméstica	N	Manaus	02/11/1925	1925	Acomp. Casimiro de Almeida Rebelo (Tem a irmã no Brasil)
Barbeiro	N	Manaus	09/11/1925	1925	Acomp. Maria da Piedade
Jornaleiro	N	R. Janeiro	13/11/1925	1925	
Proprietário	N	R. Janeiro	17/11/1925	1925	
Agricultor	N	S. Paulo	23/11/1925	1925	Acomp. José Loureiro Cardoso
Agricultor	N	S. Paulo	23/11/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/11/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/11/1925	1925	Acomp. Maria da Conceição
Agricultor	N	R. Janeiro	26/11/1925	1925	
Agricultor	N	R. Janeiro	11/12/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	11/12/1925	1925	
Doméstica	N	R. Janeiro	11/12/1925	1925	Acomp. José da Ascensão (primo)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1582	F	Maria da Conceição	Granjal	36	C
1583	F	Teresa de Jesus	Granjal	2	S
1584	M	Luiz da Silva Ferreira	Granjal	33	C
1585	M	José Loureiro Cardoso	Penso	39	C
1586	M	Agostinho Loureiro	Penso	13	S
1587	F	Maria da Encarnação	Carregal	17	S
1588	M	Eugénio Guerra	Sernancelhe	21	S
1589	F	Lucinda Almeida	Sernancelhe	13	S
1590	F	Maria Clementina	Sernancelhe	18	S
1591	F	Maria Filomena	Sernancelhe	57	V
1592	F	Vicentina Pereira	Granjal	22	S
1593	M	Pedro da Rocha	Penso	20	S
1594	M	Francisco Augusto	Sernancelhe	NR	C
1595	F	Maria de Jesus	Carregal	16	S
1596	M	António do Carmo	Carregal	30	S
1597	F	Maria da Silva Coelho	Freixinho	14	S
1598	F	Rosalina da Silva Coelho	Freixinho	16	S
1599	M	João da Silva Machado	Freixinho	42	C
1600	M	Augusto Botelho	Penso	29	C
1601	M	Manuel dos Santos	Carregal	24	S
1602	M	Aníbal da Silva Reboredo	Carregal	28	C
1603	M	Fernando de Jesus	Freixinho	18	S
1604	M	Faustino Botelho	Vila da Ponte	17	S
1605	F	Maria da Costa Ramos	Carregal	NR	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	11/12/1925	1925	Acomp. Marido e filha
NR	N	S. Paulo	11/12/1925	1925	
Proprietário	N	S. Paulo	11/12/1925	1925	Acomp. Mulher e filhos
Comerciante	S	S. Paulo	23/12/1925	1925	Acomp. Agostinho Loureiro (filho)
NR	S	S. Paulo	23/12/1925	1925	
Doméstica	N	S. Paulo	28/12/1925	1925	Acomp. José Loureiro Cardoso (tio)
Caixeiro	S	R. Janeiro	30/12/1925	1925	
Doméstica	N	S. Paulo	30/12/1925	1925	Acomp. Mãe e irmã
Doméstica	N	S. Paulo	30/12/1925	1925	Acomp. Mãe e irmã
Doméstica	N	S. Paulo	30/12/1925	1925	Acomp. Filhas (menores)
Doméstica	N	S. Paulo	04/01/1926	1926	Acomp. Pedro da Rocha
Trabalhador	N	S. Paulo	04/01/1926	1926	Acomp. Vicentina Pereira
Proprietário	NR	R. Janeiro	05/01/1926	1926	Pede P/ ser visado o Passaporte Consular n.º 2:195 de 5/01/1925
Doméstica	N	S. Paulo	05/01/1926	1926	Acomp. António do Carmo
Proprietário	N	S. Paulo	05/01/1926	1926	Acomp. Maria de Jesus (irmã)
Doméstica	S	S. Paulo	05/01/1926	1926	Acomp. Pai e irmã
Doméstica	S	S. Paulo	05/01/1926	1926	Acomp. Pai e irmã
Proprietário	S	S. Paulo	05/01/1926	1926	Acomp. Filhas-Rosalina e Maria
Agricultor	S	S. Paulo	08/01/1926	1926	Acomp. Sobrinho-Faustino
Agricultor	S	S. Paulo	08/01/1926	1926	
Emp. Com.	S	S. Paulo	08/01/1926	1926	
Emp. Com.	S	S. Paulo	08/01/1926	1926	Acomp. Aníbal da Silva Reboredo
Emp. Com.	S	S. Paulo	08/01/1926	1926	Acomp. Augusto Botelho (tio)
Doméstica	NR	R. Janeiro	09/01/1926	1926	Acomp. José de Ascensão (marido)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1606	M	José de Ascensão	Carregal	NR	C
1607	M	José Dias	Lamosa	27	C
1608	M	António Domingues	Arnas	33	C
1609	M	Albertino Vieira Lauro	Granjal	27	C
1610	M	Infâncio Taborda	Arnas	17	S
1611	M	Constantino Rebelo Dias	Lamosa	29	C
1612	M	Manuel Ferreira	Lamosa	41	C
1613	M	Porfírio de Almeida Rebelo	Freixinho	21	S
1614	M	António Filipe	Fonte Arcada	NR	C
1615	M	Aires da Silva	Granjal	26	S
1616	F	Clarinda de Jesus da Silva	Granjal	18	S
1617	F	Maria da Silva	Granjal	17	S
1618	M	Aires Sobral	Granjal	NR	S
1619	M	António da Conceição Trindade	Sernancelhe	26	S
1620	M	João Albino	Sernancelhe	34	C
1621	M	Joaquim Maria	Sernancelhe	39	C
1622	M	Luiz António	Sernancelhe	36	C
1623	M	Joaquim Maria	Cunha	41	C
1624	M	Valentim Augusto	Arnas	29	C
1625	M	José Manuel	Cunha	38	C
1626	F	Maria da Conceição	Granjal	16	C
1627	M	José Mesquita	Granjal	31	C
1628	M	Joaquim Augusto	Cunha	21	S
1629	M	Gabriel dos Santos	Sernancelhe	40	V

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Negociante	NR	R. Janeiro	09/01/1926	1926	Pede p/ ser visado o Passaporte Consular n.º 3658
Carpinteiro	S	R. Janeiro	11/01/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	16/01/1926	1926	Acomp. Infância Taborda
Agricultor	S	S. Paulo	16/01/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	19/01/1926	1926	Acomp. António Domingues
Carpinteiro	S	R. Janeiro	25/01/1926	1926	
Proprietário	S	R. Janeiro	25/01/1926	1926	
Proprietário	S	Manaus	29/01/1926	1926	
NR	NR	R. Janeiro	03/02/1926	1926	Pretende P/ ser visado o passaporte n.º 6144
Agricultor	N	S. Paulo	03/02/1926	1926	
Doméstica	N	Santos	03/02/1926	1926	Acomp. Aires Sobral
Doméstica	N	Santos	03/02/1926	1926	
NR	N	Santos	03/02/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	10/02/1926	1926	
Agricultor	N	Santos	10/02/1926	1926	
Agricultor	N	Santos	10/02/1926	1926	
Agricultor	N	Santos	10/02/1926	1926	
Agricultor	S	Santos	10/02/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	11/02/1926	1926	
Carpinteiro	N	S. Paulo	12/02/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	14/02/1926	1926	Acomp. José Mesquita (marido)
Agricultor	S	S. Paulo	14/02/1926	1926	Acomp. Maria da Conceição (esposa)
Agricultor	N	Santos	17/02/1926	1926	
Alfaiate	S	R. Janeiro	18/02/1926	1926	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1630	F	Ana do Patrocínio	Carregal	71	C
1631	F	Maria de S.José	Cunha	18	S
1632	M	José de Deus	Cunha	76	C
1633	M	José Gomes dos Santos	Freixinho	NR	C
1634	F	Arminda de Jesus	Cunha	20	S
1635	F	Maria Cristina	Cunha	22	S
1636	M	Abílio Augusto	Cunha	25	C
1637	M	José da Silva	Freixinho	23	S
1638	F	Clemência de Jesus	Freixinho	17	S
1639	F	Amélia de Jesus	Escurquela	NR	C
1640	M	Adelino dos Santos	Carregal	33	C
1641	M	João da Fonseca	Carregal	46	C
1642	M	João da Fonseca	Granjal	18	S
1643	F	Alice de Jesus Rebelo Gomes	Freixinho	NR	C
1644	M	José Passos da Silva Machado	Freixinho	20	S
1645	M	Amândio dos Santos	Arnas	21	C
1646	F	Virgínia Isabel	Arnas	28	C
1647	M	Manuel Rodrigues	Penso	NR	S
1648	M	Júlio Augusto Lopes	Faia	NR	S
1649	M	Belchior Sobral	Freixinho	18	S
1650	F	Virgínia Isabel	Arnas	28	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	20/02/1926	1926	Acomp. José de Deus (marido) e Manuel (sobrinho)
Doméstica	N	S. Paulo	20/02/1926	1926	Acomp. Ana do Patrocínio e José de Deus (tios)
Proprietário	N	S. Paulo	20/02/1926	1926	Acomp. Ana do Patrocínio (esposa) e Manuel Duarte
Trabalhador	NR	Manaus	22/02/1926	1926	Pretende P/ ser visado o passaporte n.º 999
Doméstica	N	S. Paulo	24/02/1926	1926	Acomp. Belarmino de Jesus (irmão)
Doméstica	S	S. Paulo	24/02/1926	1926	
Agricultor	N	Santos	24/02/1926	1926	
Agricultor	N	Manaus	26/02/1926	1926	Acomp. Clemência de Jesus (irmã)
Doméstica	N	Manaus	26/02/1926	1926	Acomp. José da Silva (irmão)
Doméstica	NR	Pará	02/03/1926	1926	Pretende P/ser visado o passaporte consular
Agricultor	N	S. Paulo	02/03/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	02/03/1926	1926	Acomp. João da Fonseca (sobrinho)
Agricultor	N	S. Paulo	02/03/1926	1926	Acomp. João da Fonseca (tio)
Trabalhador	NR	Manaus	03/03/1926	1926	Pretende passaporte consular n.º 1057
Trabalhador	NR	Manaus	03/03/1926	1926	Pretende passaporte consular n.º 967
Carpinteiro	S	Santos	07/03/1926	1926	Acomp. Virgínia Isabel(esposa)
Doméstica	S	Santos	07/03/1926	1926	Acomp. Amândio Santos(marido)
Emp. Com.	S	S. Paulo	12/03/1926	1926	Pretende visar passaporte consular n.º 17851de 1925
Negociante	NR	R. Janeiro	15/03/1926	1926	Pretende p/ ser visado o passaporte consular 3342
Agricultor	N	S. Paulo	17/03/1926	1926	Acomp. Raul Ferreira
Proprietário	S	Santos	07/04/1926	1926	C/1008-M

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1651	M	Manuel Rodrigues	Penso	23	S
1652	M	Francisco da Silva Roboredo	Freixinho	21	C
1653	M	Francisco da Silva Roboredo	Freixinho	21	C
1654	M	João Salazar	Sernancelhe	22	C
1655	M	João Salazar	Sernancelhe	22	C
1656	F	Aurora dos Anjos Gomes	Macieira	18	S
1657	F	Eusébia da Ascensão Silva	Faia	18	S
1658	F	Maria Márcia	Faia	21	S
1659	F	Teresa de Jesus Lopes	Faia	45	V
1660	F	Maria da Nazaret	Macieira	52	V
1661	F	Isaura da Conceição	Arnas	27	S
1662	M	Francisco Rodrigues	Quintela	24	S
1663	M	José Maria Pina	Sernancelhe	24	C
1664	F	Ermelinda de Jesus	Sarzedada	NR	C
1665	F	Aurora Seixas	Freixinho	16	S
1666	M	Belarmino de Jesus	Cunha	23	S
1667	M	Miguel António	Arnas	26	C
1668	M	José Augusto Gomes	Penso	24	S
1669	M	António Pereira	Lamosa	26	S
1670	M	Alberto de Lacerda Pinto	Vila da Ponte	1	S
1671	M	Eugénio de Lacerda Pinto	Vila da Ponte	1	S
1672	F	Lívia de Lacerda Pinto	Vila da Ponte	29	C
1673	M	Luiz do Couto Pinho	Vila da Ponte	40	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Emp. Com.	S	S. Paulo	12/04/1926	1926	
Emp. Com.	S	Manaus	14/04/1926	1926	
Emp. Com.	S	Manaus	14/04/1926	1926	
Jornaleiro	N	Santos	14/04/1926	1926	
Jornaleiro	S	Santos	14/04/1926	1926	
Doméstica	S	R. Janeiro	19/04/1926	1926	Acomp. Maria da Nazaret (madrinha), tem doc. de chamada enviado pelo Pai
Doméstica	N	Santos	30/04/1926	1926	Acomp. Mãe e Prima
Doméstica	N	Santos	30/04/1926	1926	Acomp. Teresa de Jesus (tia)
Doméstica	N	Santos	30/04/1926	1926	Acomp. Filha e Sobrinha
Doméstica	N	R. Janeiro	07/05/1926	1926	
Doméstica	N	Santos	09/05/1926	1926	
Trabalhador	N	R. Janeiro	11/05/1926	1926	
Proprietário	S	R. Janeiro	11/05/1926	1926	
Doméstica	NR	S. Paulo	11/05/1926	1926	Pretende p/ ser visado o passaporte consular n.º 1722 de 1925
Doméstica	N	S. Paulo	13/05/1926	1926	Acomp. Maria do Carmo (tia), vai para a companhia de seus tios já residentes em S. Paulo
Agricultor	S	S. Paulo	14/05/1926	1926	Acomp. Arminda de Jesus (irmã)
Jornaleiro	N	Santos	16/05/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	20/05/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	23/05/1926	1926	
NR	NR	S. Paulo	26/05/1926	1926	Acomp. Pais e irmão
NR	NR	S. Paulo	26/05/1926	1926	Acomp. Pais e irmão
Doméstica	S	S. Paulo	26/05/1926	1926	Acomp. Luiz Bernardo (Marido e Filhos)
Emp. Com.	S	S. Paulo	26/05/1926	1926	Acomp. (Esposa e Filhos)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1674	M	Marcelino dos Santos	Lamosa	NR	C
1675	M	José Paiva	Lamosa	19	S
1676	F	Maria de Jesus	Macieira	24	S
1677	M	António Augusto Quinto	Macieira	24	S
1678	M	António Maria	Macieira	19	S
1679	M	Salvador Gomes	Carregal	NR	C
1680	M	Isac do Rosário	Lamosa	17	S
1681	M	Afonso Gomes	Lamosa	22	S
1682	M	Luís dos Santos	Arnas	23	S
1683	F	Sara dos Santos Silva	Freixinho	21	C
1684	M	Ernesto dos Santos Carvalho	Freixinho	21	C
1685	M	Joaquim Augusto	Sernancelhe	25	C
1686	M	Joaquim Moreira	Sernancelhe	54	S
1687	F	Marciana do Espírito Santo	Sernancelhe	38	S
1688	F	Teresa da Conceição	Sernancelhe	35	C
1689	M	José Ribeiro	Fonte Arcada	27	C
1690	M	António Miguel	Sernancelhe	44	C
1691	F	Ilda	Vila da Ponte	4	S
1692	F	Maria Cristina Moreira	Vila da Ponte	24	C
1693	F	Maria Eufrásia	Sernancelhe	21	S
1694	M	Cipriano Roque Aguiar	Sernancelhe	NR	C
1695	M	António Augusto de Aguiar	Macieira	34	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	S	S. Paulo	29/05/1926	1926	Acomp. José Paiva (sobrinho)
Proprietário	S	S. Paulo	29/05/1926	1926	Acomp. Marcelino dos Santos
Doméstica	N	R. Janeiro	30/05/1926	1926	Acomp. Ernesto dos Santos Carvalho (irmão)
Proprietário	N	R. Janeiro	30/05/1926	1926	
Proprietário	S	R. Janeiro	30/05/1926	1926	Acomp. Ernesto dos Santos Carvalho (irmão)
Proprietário	NR	Manaus	21/06/1926	1926	Acomp. Isac do Rosário
Proprietário	NR	Manaus	21/06/1926	1926	Acomp. Salvador Gomes (nomeado pelo tutor de Isac, por ele ser orfão)
Agricultor	N	R. Janeiro	25/06/1926	1926	
Proprietário	N	Santos	09/08/1926	1926	
Doméstica	S	R. Janeiro	30/08/1926	1926	Acomp. Ernesto (marido)
Emp. Com.	S	R. Janeiro	30/08/1926	1926	Acomp. Sara (esposa) e António Maria (ao seu cuidado)
Agricultor	N	Santos	06/09/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	11/09/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	11/09/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	20/09/1926	1926	Acomp. António Miguel (marido)
Agricultor	N	R. Janeiro	21/09/1926	1926	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	21/09/1926	1926	Acomp. Teresa da Conceição (esposa)
NR	N	R. Janeiro	22/09/1926	1926	Acomp. Mãe (com referência que o pai se encontra no Brasil)
Doméstica	S	R. Janeiro	22/09/1926	1926	Acomp. Ilda (Filha)
Doméstica	N	R. Janeiro	27/09/1926	1926	Acomp. Manuel de Jesus Bogo (tio)
NR	NR	R. Janeiro	28/09/1926	1926	N.B. Pede para visar o passaporte Consular n.º 1723 de 25/11/1925
Agricultor	N	R. Janeiro	29/09/1926	1926	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1696	M	António Tavares	Lamosa	28	C
1697	M	Luiz Ferreira de Carvalho	Sernancelhe	27	C
1698	M	Ângelo Augusto Cardoso Pinto	Chosendo	18	S
1699	M	Manuel Augusto	Lamosa	33	C
1700	M	Manuel da Fonseca Bertolo	Lamosa	30	C
1701	F	Júlia Moreira de Carvalho	Cunha	20	C
1702	M	Manuel dos Santos	Cunha	29	C
1703	M	Luíz António	Macieira	35	C
1704	F	Ricardina de Jesus	Sernancelhe	26	S
1705	M	António Augusto Primo	Sernancelhe	19	S
1706	F	Maria dos Anjos	Sernancelhe	25	S
1707	M	Augusto Primo	Sernancelhe	34	C
1708	M	César do Espírito Santo	Sernancelhe	18	S
1709	M	José dos Santos	Sernancelhe	17	S
1710	M	José do Nascimento Lopes	Sernancelhe	47	C
1711	F	Felismina da Conceição Lopes	Sernancelhe	16	S
1712	F	Adelaide de Deus	Sernancelhe	21	S
1713	M	Octávio Augusto	Arnas	33	C
1714	M	Ernesto de Almeida	Carregal	23	S
1715	F	Filomena de Lemos	Carregal	25	C
1716	F	Olinda Carmo	Carregal	16	S
1717	M	Adriano de Lemos	Carregal	33	S
1718	M	Joaquim dos Santos	Carregal	40	S
1719	M	Casimiro de Seixas	Macieira	28	C
1720	M	José Massa	Sarzedá	22	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	R. Janeiro	30/09/1926	1926	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	30/09/1926	1926	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	30/09/1926	1926	Acomp. António Cardoso Aranda
Agricultor	S	R. Janeiro	01/10/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	01/10/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	01/10/1926	1926	
Carpinteiro	S	S. Paulo	01/10/1926	1926	Acomp. Júlia Moreira de Carvalho
Agricultor	N	R. Janeiro	02/10/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	02/10/1926	1926	
Alfaiate	S	R. Janeiro	02/10/1926	1926	Acomp. José do Nascimento Lopes
Doméstica	S	R. Janeiro	02/10/1926	1926	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	02/10/1926	1926	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	02/10/1926	1926	Acomp. José do Nascimento Lopes
Jornaleiro	S	R. Janeiro	02/10/1926	1926	Acomp. Maria dos Anjos (tia)
Carpinteiro	N	Santos	02/10/1926	1926	Acomp. Felismina da Conceição e o cuidado de César do Espírito Santo
Doméstica	S	Santos	02/10/1926	1926	Acomp. José do Nascimento Lopes
Doméstica	S	R. Janeiro	04/10/1926	1926	
Pedreiro	S	Santos	05/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	06/10/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/10/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/10/1926	1926	Acomp. Francisco Correia Cardoso
Trabalhador	N	R. Janeiro	06/10/1926	1926	
Trabalhador	N	R. Janeiro	06/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	08/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	08/10/1926	1926	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1721	F	Floriana da Glória Correia	Sernancelhe	25	S
1722	F	Carolina de Jesus	Vila da Ponte	17	S
1723	M	Abílio Augusto Sobral	Chosendo	23	S
1724	M	Leonel de Almeida	Sernancelhe	37	C
1725	F	Maria do Carmo	Sernancelhe	37	C
1726	M	António Pereira da Fonseca	Freixinho	NR	C
1727	M	António Francisco	Sernancelhe	30	C
1728	F	Conceição de Jesus	Sernancelhe	30	C
1729	F	Guilhermina de Jesus	Arnas	23	S
1730	M	Joaquim Francisco	Cunha	28	S
1731	M	José Joaquim	Sernancelhe	42	C
1732	M	Abel Lopes	Cunha	29	C
1733	F	Belmira Gomes Vaz	Freixinho	28	S
1734	M	Francisco Correia Cardoso	Carregal	44	C
1735	F	Gracinda de Jesus	Cunha	18	S
1736	M	Armindo de Aguiar	Fonte Arcada	24	C
1737	M	José Augusto de Aguiar	Macieira	31	C
1738	M	Agostinho do Nascimento	Cunha	26	C
1739	F	Alzira de Jesus	Cunha	16	S
1740	F	Maria dos Santos Cruz	Cunha	15	S
1741	M	António Joaquim da Cruz	Cunha	40	C
1742	M	José de Jesus	Sernancelhe	25	C
1743	M	António Silva	Fonte Arcada	14	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	08/10/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	08/10/1926	1926	Acomp. Sebastião dos Santos Margarido (irmão)
Agricultor	S	R. Janeiro	08/10/1926	1926	
Comerciante	S	R. Janeiro	08/10/1926	1926	Acomp. Maria do Carmo (esposa)
Comerciante	S	R. Janeiro	08/10/1926	1926	Acomp. Leonel de Almeida (marido)
NR	NR	Manaus	12/10/1926	1926	Pede para visar o passaporte n.º 1214
Agricultor	N	S. Paulo	12/10/1926	1926	Acomp. Conceição de Jesus e Manuel Joaquim (sobrinho)
Doméstica	N	S. Paulo	12/10/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	12/10/1926	1926	Acomp. Manuel dos Santos e Júlia Moreira de Carvalho (casal)
Agricultor	S	S. Paulo	12/10/1926	1926	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	13/10/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	13/10/1926	1926	
Doméstica	S	R. Janeiro	13/10/1926	1926	
Electricista	S	R. Janeiro	13/10/1926	1926	Pede para visar o passaporte consular n.º 6314
Doméstica	N	S. Paulo	17/10/1926	1926	Acomp. Manoel dos Santos
Agricultor	S	S. Paulo	17/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	19/10/1926	1926	
Agricultor	N	Santos	19/10/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	20/10/1926	1926	Acomp. Pai e irmã
Doméstica	N	S. Paulo	20/10/1926	1926	
Sapateiro	S	S. Paulo	20/10/1926	1926	Acomp. Alzira de Jesus e Maria dos Santos Cruz (filhas)
Agricultor	N	R. Janeiro	22/10/1926	1926	
NR	NR	R. Janeiro	22/10/1926	1926	Acomp. José do Nascimento (pai e irmão)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1744	M	Joaquim da Silva	Fonte Arcada	16	S
1745	M	José do Nascimento	Fonte Arcada	49	C
1746	M	José dos Santos Dias	Sernancelhe	22	C
1747	M	Belarmino da Fonseca	Freixinho	23	S
1748	M	José Joaquim de Seixas	Fonte Arcada	29	C
1749	M	José Maria	Arnas	30	S
1750	M	Carlos Pêro	Freixinho	21	S
1751	M	Sebastião dos Santos Margarido	Vila da Ponte	27	S
1752	M	Manuel dos Passos	Freixinho	39	C
1753	M	Joaquim Maria	Fonte Arcada	22	S
1754	M	António da Mota Ferreira	Lamosa	18	S
1755	M	Joaquim Henriques	Penso	47	V
1756	F	Carlota Eduarda	Macieira	38	C
1757	F	Conceição Providência Mateus	Fonte Arcada	15	S
1758	F	Maria Bonito	Fonte Arcada	19	S
1759	M	Afonso Augusto ou Manuel Augusto	Macieira	7	S
1760	M	Alípio Augusto	Fonte Arcada	27	C
1761	F	Maria do Céu	Fonte Arcada	26	S
1762	M	José Portinha	Carregal	44	C
1763	M	Manuel de Jesus	Carregal	22	S
1764	M	António Joaquim	Sernancelhe	42	S
1765	M	Manuel dos Santos	Arnas	27	C
1766	M	Manuel António Vieira	Granjal	36	C
1767	M	Manoel Portinha	Carregal	47	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	NR	R. Janeiro	22/10/1926	1926	Acomp. Pai e irmão
Agricultor	S	R. Janeiro	22/10/1926	1926	Acomp. Joaquim e António (filhos)
Agricultor	S	R. Janeiro	22/10/1926	1926	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	23/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	25/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	25/10/1926	1926	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	25/10/1926	1926	
Agricultor	NR	R. Janeiro	25/10/1926	1926	Pretende visar passaporte consular n.º 4826
Agricultor	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	Acomp. Afonso Gomes (tem os tios no Brasil)
Agricultor	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	Acomp. Filho; Tem Carta de Chamada eniada pelo Marido
Doméstica	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	Acomp. Maria da Graça (irmã)
Doméstica	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	Acomp. Carlota Eduarda
NR	N	S. Paulo	25/10/1926	1926	Acomp. Mãe (Carlota)
Barbeiro	S	S. Paulo	25/10/1926	1926	
Doméstica	S	S. Paulo	25/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/10/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/10/1926	1926	
Proprietário	S	R. Janeiro	29/10/1926	1926	
Jornaleiro	N	S. Paulo	02/11/1926	1926	
Carpinteiro	N	Santos	03/11/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	05/11/1926	1926	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1768	M	Manuel Gomes de Campos	Carregal	48	C
1769	F	Bárbara do Espírito Santo	Cunha	41	C
1770	F	Maria Joaquina	Cunha	9	S
1771	M	Guilherme Augusto	Cunha	5	S
1772	M	Luiz José	Cunha	7	S
1773	F	Julieta da Cruz	Cunha	10	S
1774	M	Manuel dos Santos	Arnas	29	C
1775	F	Aurora Celeste	Arnas	25	C
1776	M	Casimiro Augusto	Sernancelhe	25	C
1777	M	Baltasar da Silva	Carregal	36	C
1778	M	António Joaquim de Seixas	Fonte Arcada	37	C
1779	M	António da Silva	Penso	32	C
1780	M	Joaquim Meneses	Penso	23	C
1781	F	Laura de Almeida Motta	Freixinho	41	C
1782	F	Maria do Céu Seixas	Fonte Arcada	11	S
1783	F	Palmira de Castro	Freixinho	10	S
1784	M	Valdemar de Castro	Freixinho	1	S
1785	M	António Augusto Pais	Chosendo	28	C
1786	M	Aurélio da Fonseca	Penso	39	C
1787	F	Ana Joaquina	Chosendo	28	C
1788	M	António de Santiago Rebelo	Carregal	17	S
1789	F	Isménia de Jesus Carvalho	Sernancelhe	27	C
1790	F	Aida de Jesus	Sernancelhe	20	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	S. Paulo	05/11/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1926	1926	Acomp. Filhos: Julieta, Maria Joaquina, Luís José, Lucinda, Guilherme (tem doc. de Chamada enviado pelo marido)
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1926	1926	Acomp. Mãe e irmãos
NR	N	S. Paulo	05/11/1926	1926	Acomp. Mãe e irmãos
NR	N	S. Paulo	05/11/1926	1926	Acomp. Mãe e irmãos
Doméstica	S	S. Paulo	05/11/1926	1926	Acomp. Mãe e irmãos
Agricultor	N	Santos	05/11/1926	1926	Acomp. Aurora Celeste (esposa)
Doméstica	N	Santos	05/11/1926	1926	Acomp. Manuel dos Santos (marido)
Sapateiro	S	S. Paulo	06/11/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	07/11/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	Acomp. Maria do Céu Seixas (filha)
Agricultor	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	Acomp. Filhos: Valdemar e Palmira (tem o marido no Brasil)
Doméstica	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	Acomp. António Joaquim (pai)
Doméstica	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	
NR	N	S. Paulo	17/11/1926	1926	
Agricultor	S	S. Paulo	17/11/1926	1926	Acomp. Ana Joaquina (esposa)
Agricultor	S	S. Paulo	17/11/1926	1926	
Doméstica	S	S. Paulo	17/11/1926	1926	Acomp. António Augusto Pais (marido)
Agricultor	N	Manaus	19/11/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	22/11/1926	1926	Acomp. Francisco Augusto ou Francisco Assis
Doméstica	N	R. Janeiro	22/11/1926	1926	Acomp. Franisco Augusto

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1791	M	Francisco Assis ou Francisco Augusto	Sernancelhe	29	C
1792	M	António Joaquim	Fonte Arcada	23	S
1793	M	António Pinto	Fonte Arcada	19	S
1794	M	Francisco Manoel	Vila da Ponte	49	C
1795	M	Manoel dos Santos	Vila da Ponte	39	C
1796	F	Rosa de Jesus Dias	Lamosa	21	C
1797	F	Conceição de Lurdes	Carregal	24	S
1798	F	Josefina de Jesus	Carregal	18	S
1799	F	Maria da Luz Paulo	Chosendo	14	S
1800	M	Aurélio Augusto	Chosendo	48	C
1801	M	José dos Santos	Chosendo	46	C
1802	M	João Aparício	Lamosa	23	C
1803	M	Manuel Dias da Paixão	Lamosa	32	C
1804	M	Joaquim Bernardo	Lamosa	15	S
1805	M	Manuel Rodrigues	Quintela	17	S
1806	F	Dolorosa de Jesus	Quintela	38	S
1807	F	Esperança de Jesus	Quintela	36	S
1808	F	Susana da Silva	Carregal	17	S
1809	F	Anunciação de Jesus	Sernancelhe	25	S
1810	F	Filomena Pereira	Quintela	21	S
1811	M	José do Patrocínio	Sernancelhe	29	C
1812	M	António Barata	Vila da Ponte	25	S
1813	M	António Joaquim	Sernancelhe	42	S
1814	F	Maria da Conceição Baltasar	Cunha	29	C
1815	M	António da Cruz	Cunha	37	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	R. Janeiro	22/11/1926	1926	Acomp. Isménia de
Agricultor	N	S. Paulo	22/11/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	22/11/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. João Aparício (marido)
Doméstica	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. Maria Isaltina da Costa
Doméstica	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. Aurélio de Jesus (pai)
Proprietário	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. Maria da Luz Paulo (filha)
Proprietário	N	R. Janeiro	24/11/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. Rosa de Jesus Dias (esposa)
Agricultor	S	R. Janeiro	24/11/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	24/11/1926	1926	Acomp. Manuel Dias da Paixão
Agricultor	N	S. Paulo	24/11/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	24/11/1926	1926	
Doméstica	S	S. Paulo	24/11/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/11/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	25/11/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	25/11/1926	1926	
Jornaleiro	N	Santos	26/11/1926	1926	
Agricultor	S	R. Janeiro	27/11/1926	1926	
Proprietário	N	R. Janeiro	29/11/1926	1926	
Doméstica	S	Santos	30/11/1926	1926	Acomp. António da Cruz (marido)
Proprietário	S	Santos	30/11/1926	1926	Acomp. Maria da Conceição Baltazar (esposa)

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1816	F	Ana de Jesus Seixas	Fonte Arcada	39	C
1817	F	Maria da Graça Andrade	Fonte Arcada	12	S
1818	M	Alberto Figueiredo	Sernancelhe	19	S
1819	F	Maria José da Silva	Penso	40	S
1820	M	Manuel de Jesus	Ferreirim	27	C
1821	M	António Cardoso	Quintela	22	S
1822	M	David Cardoso	Quintela	17	S
1823	M	João Cardoso	Quintela	62	V
1824	M	Firmiano da Fonseca	Faia	4	S
1825	M	Manuel de Sá	Quintela	34	S
1826	M	José dos Santos	Ferreirim	28	C
1827	F	Diamantina Augusta Ribeiro	Faia	44	C
1828	F	Rosalina Augusta Ribeiro	Faia	15	S
1829	F	Esmélia Cardoso	Quintela	14	S
1830	F	Filomena da Conceição	Quintela	14	S
1831	M	Aurélio Augusto Leitão	Fonte Arcada	24	S
1832	M	José Loureiro	Fonte Arcada	16	S
1833	M	Américo Rodrigues	Quintela	22	S
1834	M	Acácio Pereira	Quintela	32	C
1835	M	José dos Santos	Ferreirim	18	S
1836	M	Miguel Gomes	Quintela	25	S
1837	F	Antónia de Jesus	Quintela	55	V
1838	F	Alice Pais de Almeida	Lamosa	4	S
1839	M	Fernando Pais de Almeida	Lamosa	3	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	S. Paulo	08/12/1926	1926	Acomp. Maria da Graça Andrade (filha)
Doméstica	S	S. Paulo	08/12/1926	1926	Acomp. Ana Joaquina (mãe)
Agricultor	S	R. Janeiro	09/12/1926	1926	Acomp. Rosa Augusta
Doméstica	NR	Manaus	15/12/1926	1926	
Jornaleiro	S	Manaus	15/12/1926	1926	
Agricultor	N	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. David e Isménia (pai e irmãos)
Agricultor	N	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Pai e irmãos
Agricultor	N	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Filhos (tem filhos já residentes no Brasil e Carta de Chamada)
NR	N	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Mãe e irmã
Agricultor	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	
Doméstica	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Filhos – Rosalina e Firmiano (tem o marido no Brasi)
Doméstica	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Mãe e irmão
Doméstica	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Pai e irmãos
Doméstica	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Maria da Conceição (mãe)
Emp. Com.	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	Acomp. Aurélio Augusto Leitão
Emp. Com.	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	
Padeiro	S	R. Janeiro	15/12/1926	1926	
Agricultor	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Manuel Dias da Paixão
Agricultor	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. João Pais de Almeida (genro)
NR	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Pais e irmãos (José Pais de Almeida e M. Conceição)
NR	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Pais e irmãos

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1840	M	João Pais de Almeida	Lamosa	2	S
1841	M	Júlio Pais de Almeida	Lamosa	1	S
1842	M	Augusto Aparício	Lamosa	28	C
1843	M	José Pais de Almeida	Lamosa	36	C
1844	M	António José Ramos	Ferreirim	33	S
1845	F	Maria da Conceição de Almeida	Lamosa	31	C
1846	F	Maria da Anunciação	Penso	17	S
1847	F	Maria da Conceição	Quintela	58	V
1848	M	João dos Santos Cautela	Quintela	20	S
1849	F	Estrelina de Jesus Seixas	Fonte Arcada	4	S
1850	F	Cacilda Augusta Monteiro	Fonte Arcada	45	C
1851	F	Adélia Lopes	Faia	23	S
1852	F	Idalina dos Anjos Lopes	Faia	25	S
1853	M	Francisco Xavier	Ferreirim	21	C
1854	F	Maria Leonor	Ferreirim	19	C
1855	M	Alcídio Floriano	Ferreirim	32	S
1856	M	Augusto Abraão	Ferreirim	36	C
1857	F	Arminda de Jesus	Fonte Arcada	23	S
1858	F	Maria da Assunção	Lamosa	28	C
1859	M	António Bernardo	Ferreirim	22	S
1860	F	Maria do Céu	Freixinho	NR	C
1861	F	Josefa Emília	Freixinho	10	S
1862	F	Olinda	Freixinho	NR	S
1863	F	Carolina Augusta	Macieira	29	V
1864	M	António Lopes	Freixinho	16	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Pais e irmãos
NR	N	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Pais e irmãos
Agricultor	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	
Alfaiate	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Mulher e Filhos
Barbeiro	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	
Doméstica	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Marido e filhos
Doméstica	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. José Pais de Almeida (tio)
Doméstica	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. Filomena da Conceição (filha)
Padeiro	S	S. Paulo	15/12/1926	1926	Acomp. José Pais de Almeida
NR	N	Santos	15/12/1926	1926	Acomp. Cacilda (mãe)
Doméstica	S	Santos	15/12/1926	1926	Acomp. Estrelina de Jesus Seixas (filha)
Doméstica	S	Santos	15/12/1926	1926	Acomp. Idalina dos Anjos Lopes (irmão)
Doméstica	S	Santos	15/12/1926	1926	Acomp. Adélia Lopes (irmã)
Agricultor	S	R. Janeiro	17/12/1926	1926	Acomp. Maria Leonor (esposa)
Doméstica	S	R. Janeiro	17/12/1926	1926	Acomp. Francisco Xavier (marido)
Agricultor	S	R. Janeiro	22/12/1926	1926	
Ferreiro	S	R. Janeiro	22/12/1926	1926	
Doméstica	N	S. Paulo	23/12/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	28/12/1926	1926	Acomp. Manoel Dias da Paixão (marido)
Jornaleiro	S	R. Janeiro	29/12/1926	1926	
Doméstica	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1227-M e 1226 e 1229-F
Doméstica	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1227 e 1228-P e 1226-I
Doméstica	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	
NR	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1227 e 1228-P e 1229-I

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1865	M	Joaquim António Lopes	Freixinho	51	C
1866	M	Amândio Silva	Macieira	14	S
1867	F	Maria Bárbara	Faia	32	V
1868	M	José do Nascimento	Faia	9	S
1869	M	Manuel António Rocha	Sernancelhe	21	S
1870	F	Maria Alice	Sernancelhe	18	S
1871	M	José Lucas	Granjal	20	S
1872	M	Alberto de Jesus	Sernancelhe	46	C
1873	M	José André	Carregal	32	C
1874	M	Augusto Amadeu	Carregal	25	S
1875	M	José da Fonseca	Carregal	30	S
1876	M	Jesuíno Ferreira Mota	Lamosa	27	S
1877	F	Maria da Encarnação	Granjal	17	S
1878	M	Júlio Baptista	Sernancelhe	26	C
1879	F	Sofia Augusta do Vale	Escurquela	29	C
1880	F	Joaquina de Carvalho Sara	Carregal	34	C
1881	M	Júlio Dias	Carregal	38	C
1882	M	José Joaquim Chaves	Arnas	52	C
1883	M	Joaquim Augusto	Cunha	37	C
1884	M	Salvador Augusto	Granjal	26	S
1885	M	Luís dos Santos	Arnas	19	S
1886	F	Sónia da Ressurreição	Ferreirim	22	S
1887	M	Francisco Ramos	Ferreirim	51	C
1888	F	Lucília do Céu	Ferreirim	22	S
1889	M	Liberato Augusto de Sobral	Sernancelhe	29	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Proprietário	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1228-E e 1229-F
Trabalhador	N	R. Janeiro	05/01/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1225-F
NR	S	R. Janeiro	05/01/1927	1927	C/1224-M
Agricultor	S	S. Paulo	06/01/1927	1927	C/1232-I
Doméstica	S	S. Paulo	06/01/1927	1927	C/1233-I
Agricultor	N	S. Paulo	07/01/1927	1927	
Agricultor	N	R. Janeiro	08/01/1927	1927	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	17/01/1927	1927	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	17/01/1927	1927	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	17/01/1927	1927	
Jornaleiro	S	S. Paulo	17/01/1927	1927	
Doméstica	N	Santos	18/01/1927	1927	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	24/01/1927	1927	
Doméstica	S	Manaus	25/01/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	27/01/1927	1927	C/1243-M
Trabalhador	N	R. Janeiro	27/01/1927	1927	C/1242-E
Agricultor	N	Santos	07/02/1927	1927	C/1247-F
Agricultor	S	Santos	05/03/1927	1927	
Agricultor	N	S. Paulo	07/03/1927	1927	
Agricultor	N	Santos	07/03/1927	1927	C/1246-P
Doméstica	S	R. Janeiro	09/03/1927	1927	
Agricultor	S	S. Paulo	09/03/1927	1927	C/1250-F
Doméstica	S	S. Paulo	09/03/1927	1927	C/1549-P
Serralheiro	S	S. Paulo	09/03/1927	1927	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1890	M	Manuel Assumpção	Sernancelhe	29	C
1891	F	Maria Soledade Silva	Granjal	24	C
1892	M	Manuel Rebelo	Fonte Arcada	NR	C
1893	M	Abraão Pereira Morais	Sernancelhe	31	C
1894	M	Aníbal do Nascimento	Ferreirim	NR	C
1895	F	Maria dos Prazeres	Cunha	37	C
1896	F	Gracinda de Jesus	Sernancelhe	28	C
1897	F	Serafina de Jesus	Sernancelhe	41	C
1898	M	João Manuel	Sernancelhe	27	C
1899	M	Joaquim Maria	Cunha	43	C
1900	F	Maria Salomé	Sernancelhe	25	S
1901	M	Eduardo António	Sernancelhe	38	C
1902	M	Miguel Ferreira	Faia	32	S
1903	F	Maria do Céu	Ferreirim	24	S
1904	F	Rosalina Sequeira	Quintela	32	C
1905	M	António Alexandre	Sernancelhe	47	C
1906	F	Celeste de Jesus	Sernancelhe	19	S
1907	F	Maria Soledade Alexandre	Sernancelhe	14	S
1908	M	António Alexandre	Sernancelhe	47	C
1909	M	Manuel de Assunção Aguiar	Sernancelhe	39	C
1910	M	Mário Augusto Caria	Macieira	19	S
1911	M	Aristides Augusto de Seixas	Macieira	19	S
1912	F	Belmira Gomes Cardia	Penso	27	S
1913	M	José Maria Formoso	Macieira	32	C
1914	M	Joaquim Maria Sobral	Vila da Ponte	40	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	N	Santos	09/03/1927	1927	
Doméstica	N	S. Paulo	10/03/1927	1927	
Agricultor	NR	Manaus	15/03/1927	1927	
Agricultor	S	R. Janeiro	30/03/1927	1927	
Trabalhador	S	R. Janeiro	01/04/1927	1927	
Doméstica	N	Santos	07/04/1927	1927	
Doméstica	S	Santos	07/04/1927	1927	C/1267-M
Doméstica	S	Santos	07/04/1927	1927	C/1272-M
Jornaleiro	S	Santos	07/04/1927	1927	C/1268-E
Proprietário	S	Santos	07/04/1927	1927	C/1271-E
Doméstica	S	R. Janeiro	21/04/1927	1927	
Agricultor	N	Santos	21/04/1927	1927	
Agricultor	N	R. Janeiro	25/04/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	27/04/1927	1927	
Doméstica	N	S. Paulo	27/04/1927	1927	
Agricultor	N	Santos	07/05/1927	1927	C/1278 e 1279-F
Doméstica	N	Santos	07/05/1927	1927	C/1277-P e 1279-I
NR	N	Santos	07/05/1927	1927	C/1277-P e 1278-I
Agricultor	S	Santos	07/05/1927	1927	
Agricultor	S	Santos	07/05/1927	1927	
Agricultor	N	R. Janeiro	20/05/1927	1927	
Agricultor	S	R. Janeiro	20/05/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	20/05/1927	1927	
Proprietário	S	R. Janeiro	20/05/1927	1927	
Agricultor	N	R. Janeiro	29/05/1927	1927	C/1265-M e 1266-En

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1915	F	Emília Júlia da Silva Ferreira	Vila da Ponte	39	C
1916	F	Ilídia Ferreira	Vila da Ponte	18	S
1917	M	José do Nascimento	Escurquela	21	S
1918	F	Glória de Jesus	Escurquela	32	V
1919	F	Rosa de Jesus	Fonte Arcada	23	S
1920	F	Alzira de Azevedo	Sernancelhe	15	S
1921	F	Carmina de Jesus	Arnas	28	C
1922	M	Carlos de Almeida Sobral	Sernancelhe	16	S
1923	M	Teófilo de Azevedo	Sernancelhe	22	S
1924	F	Eduarda de Jesus	Ferreirim	27	C
1925	M	José da Silva	Ferreirim	22	C
1926	F	Isaura Sobral	Granjal	18	S
1927	M	Sebastião Aires de Sobral	Granjal	42	C
1928	M	António dos Santos	Sernancelhe	36	C
1929	F	Isaura da Fonseca	Freixinho	15	S
1930	F	Lucília Adelaide do Nascimento	Faia	29	S
1931	M	Francisco da Fonseca	Freixinho	45	C
1932	M	João de Almeida	Cunha	24	S
1933	M	Manuel do Nascimento	Sarzedada	31	C
1934	F	Maria da Alegria	Lamosa	56	C
1935	F	Maria da Conceição	Lamosa	9	S
1936	F	Georgina de Jesus	Lamosa	13	S
1937	F	Maria da Purificação	Sernancelhe	28	C
1938	F	Leopoldina Nazaré Anjo	Sernancelhe	19	C
1939	M	António Joaquim Paixão	Sarzedada	30	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	S	R. Janeiro	29/05/1927	1927	C/1264-M e 1266-F
Doméstica	S	R. Janeiro	29/05/1927	1927	C/1265-M
Emp. Com.	NR	R. Janeiro	02/07/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	04/07/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	06/08/1927	1927	
Doméstica	S	S. Paulo	06/08/1927	1927	C/1283
Doméstica	N	S. Paulo	14/08/1927	1927	
NR	S	R. Janeiro	19/08/1927	1927	C/1284
Agricultor	S	S. Paulo	19/08/1927	1927	C/1284
Doméstica	N	Manaus	20/08/1927	1927	C71290-M
Jornaleiro	N	Manaus	29/08/1927	1927	C/1291-E
Doméstica	N	S. Paulo	29/08/1927	1927	C/1288-P
Jornaleiro	N	S. Paulo	29/08/1927	1927	C/1289-F
Agricultor	N	Santos	29/08/1927	1927	
Doméstica	N	S. Paulo	30/08/1927	1927	C/1293-P
Doméstica	N	R. Janeiro	31/08/1927	1927	
Proprietário	N	S. Paulo	31/08/1927	1927	C/1292-F
Trabalhador	N	Santos	02/09/1927	1927	
Carpinteiro	N	Santos	03/09/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	06/09/1927	1927	C/1298 e 1299-F
NR	N	R. Janeiro	06/09/1927	1927	C/1297-M e 1298-I
NR	S	R. Janeiro	06/09/1927	1927	C/1297-M e 1299-I
Doméstica	N	R. Janeiro	10/09/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	10/09/1927	1927	
Jornaleiro	S	S. Paulo	14/09/1927	1927	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1940	F	Maria do Carmo	Ferreirim	24	S
1941	M	Álvaro Pereira	Granjal	20	S
1942	M	Artur de Almeida	Granjal	32	C
1943	M	Manuel de S.Tiago Júnior	Granjal	28	C
1944	F	Elvira de Jesus Machado	Granjal	21	C
1945	M	Agostinho Carneiro da Silva	Quintela	44	C
1946	F	Maria da Soledade	Carregal	20	C
1947	F	Maria Alcina dos Santos	Lamosa	57	C
1948	F	Olinda da Anunciação	Ferreirim	51	V
1949	F	Hermínia de Jesus Amaral	Sernancelhe	36	V
1950	F	Fernanda Joaquina Pinheiro	Ferreirim	6	S
1951	F	Maria da Nazareth	Lamosa	21	S
1952	M	António da Mota	Sernancelhe	42	V
1953	F	Antonieta Adelina Aguiar	Ferreirim	NR	S
1954	F	Maria Augusta Aguiar	Ferreirim	25	S
1955	F	Maria da Natividade	Ferreirim	18	S
1956	M	Amâncio Carlos da Silva	Lamosa	16	S
1957	M	Aníbal dos Santos	Cunha	24	S
1958	M	Eduardo Augusto Rego	Ferreirim	38	S
1959	M	Francisco António Ferreira	Ferreirim	22	S
1960	F	Laurinda Cardoso	Freixinho	22	S
1961	F	Ermelinda de Jesus	Ferreirim	31	C
1962	F	Maria de Jesus	Ferreirim	11	S
1963	M	Noé de Jesus	Arnas	28	C
1964	M	Francisco Gomes	Granjal	48	C



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	S	Manaus	20/09/1927	1927	
Jornaleiro	S	S. Paulo	29/09/1927	1927	
Trabalhador	N	S. Paulo	15/10/1927	1927	
Agricultor	N	S. Paulo	29/10/1927	1927	C/1307-E
Doméstica	S	S. Paulo	29/10/1927	1927	C/1306-M
Proprietário	S	R. Janeiro	02/11/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	05/11/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	C/1321 e 1322
Doméstica	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
NR	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Trabalhador	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Trabalhador	N	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	15/11/1927	1927	
Doméstica	S	R. Janeiro	15/11/1927	1927	C/1318
Agricultor	S	S. Paulo	15/11/1927	1927	
Trabalhador	S	R. Janeiro	16/11/1927	1927	
Trabalhador	S	R. Janeiro	16/11/1927	1927	
Doméstica	S	Manaus	17/11/1927	1927	
Doméstica	N	R. Janeiro	17/11/1927	1927	C/1327-F
NR	S	R. Janeiro	17/11/1927	1927	C/1326-M
Agricultor	N	S. Paulo	17/11/1927	1927	
Agricultor	N	S. Paulo	24/11/1927	1927	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1965	M	José António do Nascimento	Granjal	35	C
1966	M	José Pereira Figueiredo	Granjal	25	C
1967	F	Maria do Nascimento Santos	Macieira	16	S
1968	F	Henriqueta Augusta de Azevedo	Penso	54	S
1969	M	Gabriel dos Santos	Sernancelhe	18	S
1970	M	Manuel Duarte	Sernancelhe	18	S
1971	F	Maria da Cruz	Ferreirim	20	S
1972	M	Damião dos Santos Loureiro	Fonte Arcada	21	S
1973	M	José Ferreira	Freixinho	27	S
1974	F	Hermínia de Jesus	Chosendo	26	S
1975	F	Clemência Erminda Loureiro	Ferreirim	23	S
1976	M	Cassiano Rodrigues	Ferreirim	31	C
1977	F	Cidália Ferreira	Freixinho	8	S
1978	M	José do Nascimento	Arnas	31	C
1979	F	Maria de Jesus	Cunha	26	C
1980	M	Manuel Cupertino	Carregal	25	C
1981	F	Bárbara dos Santos	Cunha	41	C
1982	F	Julieta da Cruz	Cunha	10	S
1983	M	Manuel dos Santos	Arnas	29	C
1984	F	Aurora Celeste	Arnas	25	C
1985	M	Manuel José	Fonte Arcada	33	C
1986	M	Casimiro de Almeida Rebelo	Freixinho	48	C
1987	M	Jacinto de Almeida Rebelo	Freixinho	13	S
1988	F	Glória do Céu	Ferreirim	33	S
1989	F	Maria Henriqueta	Ferreirim	26	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Trabalhador	S	S. Paulo	27/11/1927	1927	
Trabalhador	S	S. Paulo	29/11/1927	1927	
Doméstica	N	Santos	02/12/1927	1927	
Doméstica	N	Manaus	17/12/1927	1927	
Carpinteiro	N	S. Paulo	18/02/1928	1928	
Carpinteiro	N	S. Paulo	18/02/1928	1928	Acomp. Ana do Patrocínio e José de Deus
Doméstica	S	R. Janeiro	04/10/1928	1928	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	04/10/1928	1928	
Sapateiro	S	S. Paulo	04/10/1928	1928	
Doméstica	S	R. Janeiro	09/10/1928	1928	C/1339
Doméstica	S	R. Janeiro	09/10/1928	1928	C/1338
Proprietário	S	S. Paulo	09/10/1928	1928	
Doméstica	N	R. Janeiro	13/10/1928	1928	
Pedreiro	S	S. Paulo	13/10/1928	1928	
Doméstica	S	Santos	27/10/1928	1928	
Agricultor	S	R. Janeiro	29/10/1928	1928	
Doméstica	N	S. Paulo	05/11/1928	1928	C/1345-F
Doméstica	S	S. Paulo	05/11/1928	1928	C/1344-M
Agricultor	N	Santos	06/11/1928	1928	C/1347-E
Doméstica	N	Santos	06/11/1928	1928	C/1346-M
Jornaleiro	N	S. Paulo	07/11/1928	1928	
Barbeiro	N	Manaus	15/11/1928	1928	C/1350-F
NR	S	Manaus	15/11/1928	1928	C/1349-P
Doméstica	N	R. Janeiro	20/11/1928	1928	C/1358
Doméstica	N	R. Janeiro	20/11/1928	1928	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
1990	F	Purificação da Luz	Ferreirim	28	S
1991	F	Augusta da Conceição	Granjal	25	C
1992	M	Gabriel de Aquino Sobral	Granjal	31	C
1993	F	Feliciana Augusta	Sernancelhe	18	S
1994	M	Joaquim Nascimento	Arnas	37	C
1995	M	Feliz dos Santos	Arnas	26	S
1996	M	Germano Augusto	Arnas	24	S
1997	F	Georgina da Glória	Ferreirim	20	S
1998	F	Zulmira dos Santos Gradiz	Arnas	24	S
1999	F	Percília Adelaide	Ferreirim	18	S
2000	F	Maria Augusta	Ferreirim	20	S
2001	M	Manuel Sobral	Freixinho	38	C
2002	M	Manuel de Almeida Rebelo	Freixinho	15	S
2003	F	Maria dos Anjos Tavares	Freixinho	33	C
2004	M	Luis Salvador	Ferreirim	29	C
2005	M	João do Rosário Salgueiro	Vila da Ponte	34	C
2006	F	Emília do Espírito Santo	Ferreirim	34	V
2007	M	José da Cruz	Cunha	24	S
2008	F	Gracinda Cardoso	Granjal	22	C
2009	F	Ludovina de Jesus	Granjal	52	V
2010	M	José Elias	Faia	23	C
2011	F	Ana Joaquina	Fonte Arcada	39	C
2012	M	José de Sousa	Fonte Arcada	38	S
2013	F	Rosa	Fonte Arcada	7	S
2014	F	Maria do Céu	Fonte Arcada	35	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Doméstica	N	R. Janeiro	20/11/1928	1928	
Doméstica	N	Santos	20/11/1928	1928	
Agricultor	S	Santos	20/11/1928	1928	C/1355-E
Doméstica	N	R. Janeiro	21/11/1928	1928	C/1351
Jornaleiro	N	Santos	21/11/1928	1928	
Agricultor	S	Santos	21/11/1928	1928	
Agricultor	S	Santos	21/11/1928	1928	
Doméstica	N	R. Janeiro	22/11/1928	1928	
Doméstica	S	R. Janeiro	22/11/1928	1928	
Doméstica	S	R. Janeiro	22/11/1928	1928	C/1367-T
Doméstica	N	S. Paulo	22/11/1928	1928	
Barbeiro	S	S. Paulo	23/11/1928	1928	C/1366-E
Barbeiro	S	S. Paulo	23/11/1928	1928	C/1364
Doméstica	S	S. Paulo	23/11/1928	1928	C/1365-M
Trabalhador	N	R. Janeiro	27/11/1928	1928	
Alfaiate	S	R. Janeiro	27/11/1928	1928	
Doméstica	S	R. Janeiro	27/11/1928	1928	
Agricultor	S	Santos	30/11/1928	1928	
Doméstica	N	S. Paulo	03/12/1928	1928	
Doméstica	N	S. Paulo	03/12/1928	1928	
Jornaleiro	S	R. Janeiro	08/12/1928	1928	
Doméstica	N	S. Paulo	08/12/1928	1928	
NR	N	S. Paulo	08/12/1928	1928	
NR	N	S. Paulo	08/12/1928	1928	
NR	NR	S. Paulo	08/12/1928	1928	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
2015	M	Manuel Bernardo	Lamosa	25	C
2016	F	Maria da Graça Andrade	Fonte Arcada	12	S
2017	F	Maria da Conceição Baltasar Cruz	Cunha	37	C
2018	M	António da Cruz	Cunha	37	C
2019	M	Luiz Gonzaga	Chosendo	25	C
2020	M	Alípio António	Ferreirim	37	C
2021	M	Américo Massa Leitão	Sarzeda	21	S
2022	M	Custódio de Almeida	Vila da Ponte	36	C
2023	M	Jacinto Afonso	Cunha	22	S
2024	M	António dos Santos	Ferreirim	22	S
2025	M	José de Almeida Arimateia	Chosendo	26	C
2026	M	João Eiras	Arnas	43	S
2027	M	António dos Santos Cardoso	Freixinho	27	S
2028	F	Noémia da Glória Aguiar	Ferreirim	33	S
2029	M	Manuel Lourenço	Granjal	31	C
2030	F	Palmira Cardoso	Granjal	18	S
2031	M	Arnaldo Laureano de Almeida	Granjal	30	C
2032	M	Adriano Diogo	Granjal	35	C
2033	M	Manuel da Silva Pereira Morais	Quintela	24	C
2034	M	Fausto da Silva Mota	Freixinho	19	S
2035	F	Balbina da Graça Rosa	Arnas	29	V
2036	F	Belmira da Conceição Rosa	Arnas	4	S
2037	M	José Joaquim	Arnas	6	S
2038	M	Landebim de S. José	Arnas	2	S
2039	M	Joaquim Augusto Rua	Arnas	35	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Agricultor	S	S. Paulo	08/12/1928	1928	
NR	S	S. Paulo	08/12/1928	1928	
Doméstica	S	Santos	30/12/1928	1928	C/1380-M
Proprietário	S	Santos	30/12/1928	1928	C/1381-E
Agricultor	S	R. Janeiro	26/01/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	S. Paulo	26/01/1929	1929	
Agricultor	S	S. Paulo	26/01/1929	1929	
Carpinteiro	S	Santos	01/02/1929	1929	
Agricultor	N	Santos	04/02/1929	1929	
Agricultor	S	R. Janeiro	06/02/1929	1929	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	06/02/1929	1929	
Trabalhador	NR	S. Paulo	06/02/1929	1929	
Trabalhador	NR	S. Paulo	06/02/1929	1929	
Doméstica	S	R. Janeiro	26/02/1929	1929	
Agricultor	N	S. Paulo	26/02/1929	1929	
Cozinheira	N	S. Paulo	26/02/1929	1929	
Trabalhador	N	S. Paulo	26/02/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	26/02/1929	1929	
Proprietário	S	S. Paulo	26/02/1929	1929	
Emp. Com.	S	Santos	11/04/1929	1929	
Costureira	N	S. Paulo	02/05/1929	1929	C/1399, 1400 e 1401-F
NR	N	S. Paulo	02/05/1929	1929	C/1398-M, 1399 e 1401-I
NR	N	S. Paulo	02/05/1929	1929	C/1398-M, 1400 e 1401-I
NR	N	S. Paulo	02/05/1929	1929	C/1398-M, 1399 e 1400-I
Jornaleiro	N	Santos	02/05/1929	1929	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
2040	M	Manuel Maria Ramos	Sernancelhe	36	C
2041	M	António José Carvalho	Macieira	12	S
2042	M	Manuel José Teixeira de Carvalho	Macieira	34	C
2043	M	António da Ressurreição Pinto	Cunha	19	S
2044	F	Dalila da Costa Pinto	Sernancelhe	25	S
2045	M	José da Costa Pinto	Sernancelhe	23	S
2046	M	António de Lemos Saraiva	Sernancelhe	11	S
2047	M	João Castanheta	Sernancelhe	44	C
2048	M	Manuel Leitão	Granjal	41	C
2049	M	António Rodrigues	Granjal	26	C
2050	F	Brígida Joaquina	Cunha	21	C
2051	M	Francisco Augusto	Cunha	56	S
2052	M	João Baptista Proença	Ferreirim	35	C
2053	M	Manuel do Nascimento	Sernancelhe	38	C
2054	M	António do Nascimento	Sarzedada	28	C
2055	M	Adelino Ferreira	Cunha	22	S
2056	M	José Maria Proença	Macieira	20	C
2057	M	António Maria	Arnas	54	C
2058	M	Augusto Dias da Paixão	Lamosa	27	C
2059	F	Patrocínia Cândida	Cunha	34	C
2060	M	Luis Martins	Cunha	2	S
2061	M	Manuel Martins	Cunha	39	C
2062	M	João Martins	Arnas	54	C
2063	M	José Joaquim	Cunha	20	S
2064	F	Maria Veiga	Granjal	18	S



Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Oper. Agrícola	N	Santos	14/05/1929	1929	
NR	S	R. Janeiro	23/05/1929	1929	C/1404-P
Serralheiro	S	R. Janeiro	23/05/1929	1929	C/1405-F
Carpinteiro	S	Santos	26/05/1929	1929	
Costureira	S	R. Janeiro	26/06/1929	1929	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	26/06/1929	1929	
NR	S	R. Janeiro	27/06/1929	1929	C/1409-P
Pintor	S	R. Janeiro	27/06/1929	1929	C/1410-F
Comerciante	S	R. Janeiro	05/09/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	S. Paulo	05/09/1929	1929	
Cozinheira	N	Santos	05/09/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	Santos	07/09/1929	1929	
Motorista	S	R. Janeiro	18/09/1929	1929	
Trabalhador	S	R. Janeiro	11/10/1929	1929	
Trabalhador	N	Santos	12/10/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	S. Paulo	13/10/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	R. Janeiro	14/10/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	Santos	22/10/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	R. Janeiro	25/10/1929	1929	
Cozinheira	N	R. Janeiro	26/10/1929	1929	C/1429-M e 1431-F
NR	N	R. Janeiro	26/10/1929	1929	C/14329 e 1430-P
Oper. Agrícola	N	R. Janeiro	26/10/1929	1929	C/1430-E e 1431-F
Oper. Agrícola	N	Santos	26/10/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	14/11/1929	1929	C/1432
Costureira	N	S. Paulo	16/11/1929	1929	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
2065	F	Leonor de Jesus	Sernancelhe	20	S
2066	F	Maria dos Anjos	Sernancelhe	45	C
2067	M	António Pereira de Figueiredo	Granjal	40	C
2068	M	Alberto do Nascimento Flôr	Cunha	26	S
2069	F	Ilda da Silva Cardoso	Freixinho	2	S
2070	F	Albertina da Silva Cardoso	Freixinho	21	C
2071	M	Manuel de Jesus	Fonte Arcada	27	C
2072	M	Eduardo de Gouvêa Mendonça	Faia	49	V
2073	F	Corina da Soledade Gouveia	Sernancelhe	13	S
2074	M	Benjamim da Trindade	Sernancelhe	4	S
2075	M	Gabriel de Azevedo	Sernancelhe	2	S
2076	M	Valdemar	Sernancelhe	1	S
2077	F	Laurinda de Jesus	Cunha	21	S
2078	F	Alda da Conceição	Sernancelhe	16	S
2079	F	Maria do Céu	Sernancelhe	41	C
2080	M	Bernardino Lopes Serôdio	Sernancelhe	44	C
2081	M	Fernando Serôdio	Sernancelhe	10	S
2082	F	Virgínia Augusta do Nascimento	Arnas	14	S
2083	F	Mariana de Jesus	Chosendo	22	S
2084	M	António Augusto Ricardo	Ferreirim	20	S
2085	F	Ressureição do Nascimento	Sernancelhe	19	S
2086	F	Maria dos Anjos	Sernancelhe	45	C
2087	F	Adelaide de Jesus	Cunha	15	S
2088	F	Maria da Cruz	Cunha	18	S
2089	F	Palmira Gomes	Sernancelhe	15	S

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
Cozinheira	N	S. Paulo	21/11/1929	1929	C/1440
NR	N	S. Paulo	21/11/1929	1929	C/1439
Comerciante	S	S. Paulo	21/11/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	Santos	22/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	25/11/1929	1929	C/1444-M
Doméstica	S	S. Paulo	25/11/1929	1929	C/1445-F
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	26/11/1929	1929	
Barbeiro	S	R. Janeiro	27/11/1929	1929	C/1441
Costureira	S	R. Janeiro	27/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	27/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	27/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	27/11/1929	1929	
Costureira	S	S. Paulo	27/11/1929	1929	C/1448
Costureira	S	S. Paulo	27/11/1929	1929	
Cozinheira	S	S. Paulo	27/11/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	27/11/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	27/11/1929	1929	
Costureira	S	Santos	27/11/1929	1929	C/1448
Cozinheira	S	R. Janeiro	29/11/1929	1929	C/1449
Oper. Agrícola	S	R. Janeiro	29/11/1929	1929	C/1448
Costureira	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
Cozinheira	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
Cozinheira	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	C/1464-P e 1465-I
Cozinheira	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	C/1464-P e 1466-I
Criada	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
2090	M	Alberto Gomes	Sernancelhe	2	S
2091	F	Deolinda da Conceição Gomes	Sernancelhe	5	S
2092	M	Leonel Gomes	Sernancelhe	12	S
2093	M	Silvério Gomes	Sernancelhe	17	S
2094	M	José da Cruz Alexandre	Cunha	42	C
2095	M	Joaquim Meneses	Penso	26	C
2096	M	Miguel António dos Santos	Arnas	30	C
2097	M	João António	Arnas	22	S
2098	F	Ludovina de Jesus Monge	Granjal	75	C
2099	M	José da Soledade Costa	Freixinho	26	C
2100	F	Bárbara da Fonseca	Freixinho	22	C
2101	M	António da Fonseca	Sarzedá	16	S
2102	M	Manuel da Silva Lopes	Fonte Arcada	12	S
2103	F	Gracinda de Jesus	Chosendo	40	C
2104	M	Luís Rodrigues de Lemos	Quintela	21	S
2105	M	Manuel de Jesus	Carregal	54	C
2106	M	Manuel dos Santos Paiva	Lamosa	20	S
2107	F	Teresa de Jesus	Carregal	19	S
2108	M	Fernando de Almeida Moreira	Sernancelhe	69	C
2109	M	Manuel dos Santos	Cunha	40	S
2110	F	Maria da Encarnação	Granjal	21	S
2111	M	José Salvador Sequeira	Fonte Arcada	38	C
2112	M	Acácio Augusto	Sernancelhe	43	C
2113	M	Manuel Lucas	Granjal	45	C
2114	M	Gabriel Lopes de Azevedo	Sernancelhe	45	C

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
NR	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
Oper. Agrícola	N	S. Paulo	29/11/1929	1929	
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	29/11/1929	1929	C/1465 e 1466-F
Oper. Agrícola	S	R. Janeiro	11/01/1930	1930	
Oper. Agrícola	N	Santos	11/01/1930	1930	
Jornaleiro	N	R. Janeiro	17/01/1930	1930	
Cozinheira	N	S. Paulo	25/01/1930	1930	
NR	NR	S. Paulo	06/02/1930	1930	C/1476
Costureira	S	S. Paulo	06/02/1930	1930	
Oper. Agrícola	N	R. Janeiro	22/02/1930	1930	
Emp. Com.	S	R. Janeiro	22/02/1930	1930	
Costureira	N	R. Janeiro	24/02/1930	1930	
Oper. Agrícola	N	R. Janeiro	25/02/1930	1930	
Oper. Agrícola	N	R. Janeiro	08/05/1930	1930	C/1484-F
Oper. Agrícola	S	S. Paulo	08/05/1930	1930	C/1483
Cozinheira	N	R. Janeiro	15/05/1930	1930	C71483-P
Comerciante	N	R. Janeiro	06/09/1930	1930	
Jornaleiro	N	Santos	19/09/1930	1930	
Costureira	S	Santos	24/09/1930	1930	
Agricultor	N	S. Paulo	27/09/1930	1930	
NR	S	R. Janeiro	14/10/1930	1930	
Carpinteiro	S	R. Janeiro	18/10/1930	1930	
Comerciante	S	R. Janeiro	13/11/1930	1930	C/1494-E

Num	Sx	Nome	Freguesia	Id	E.C.
2115	M	Aristides Cardoso	Carregal	5	S
2116	F	Aida Augusta Cardoso	Carregal	32	S
2117	F	Isaura Guimarães Azevedo	Sernancelhe	42	C
2118	M	António Joaquim de Aguiar	Cunha	17	S
2119	F	Florinda Augusta Neves	Arnas	32	C
2120	M	José da Ressurreição	Arnas	40	C

**LEGENDA**

Num – Número de ordem

Sx – Sexo

Id – Idade

E.C. – Estado Civil

L/E – Lê e/ou escreve

Data Pass – Data do pedido de passaportes

Profissão	L/E	Destino	Data Pass	Ano	Obs
NR	N	S. Paulo	13/11/1930	1930	C/1491-M
Modista	S	S. Paulo	13/11/1930	1930	C/1492-F
Doméstica	S	R. Janeiro	18/11/1930	1930	C/1493-M
Oper. Agrícola	S	R. Janeiro	29/12/1930	1930	
Cozinheira	N	Santos	29/12/1930	1930	C/1496-M
Oper. Agrícola	N	Santos	29/12/1930	1930	C/1497-E

## Anexo n.º 2

### Cartas da Chamada - Índice

Nº	Data	Origem	Emissor	Destinatário	Data
				Grau de parentesco	Pedido de passaporte
1	22-07-1901	São Paulo	Francisco da S. Castro	Esposa	18-10-1901
2	10-10-1901	Rio de Janeiro	João Lopes Caixa	Pai	20-11-1901
3	04-12-1903	Barneri (São Paulo)	António Lucas	Mulher e filhos	19-05-1904
4	21-12-1903	São Paulo	Joaquim Exposto	Esposa	24-03-1904
5	27-03-1904	Engenho de Dentro (Rio de Janeiro)	António Mota Azevedo	Esposa	12-11-1904
6	21-08-1904	Rio de Janeiro	Joaquim José Pereira	Esposa	14-10-1904
7	23-08-1904	Manaus	António Teodoro	Esposa	24-10-1904
8	02-09-1904	São Paulo	Manuel Lopes Pedreiro	Esposa	18-10-1904
9	11-09-1904	São Paulo	David António	Irmão	18-10-1904
10	24-03-1905	Ribeirão Preto (São Paulo)	José Augusto Pereira Nascimento	Esposa	02-06-1905
11	22-06-1905	São Paulo	Ismael António de Almeida	Esposa	17-08-1905
12	22-09-1905	Manaus	Francisco dos Santos Ferreira	Esposa	1906 ?
13	26-11-1905	Rio de Janeiro	Maria da Luz	Filhas	14-04-1906
14	05-10-1907	Manaus	Maria dos Prazeres	Mãe	05-12-1907
15	23-03-1908	São Paulo	Leonor da Silva	Mãe	15-06-1908
16	24-03-1908	São Paulo	Adriano da Silva	Esposa	10-06-1908
17	15-12-1910	São Paulo	João da Silva Rebelo	Esposa	11-03-1911
18	25-12-1910	Santos	Manuel dos Santos Junior	Esposa	06-02-1911
19	16-05-1911	São Paulo	Manuel Augusto Paiva	Esposa	13-07-1911
20	23-05-1911	Rio de Janeiro	José da Mota Aparicio	Esposa	13-07-1911
21	10-07-1911	Manaus	Adelino de Castro	Esposa e Filha	13-10-1911
22	20-08-1911	Rio de Janeiro	Augusto Pereira	Esposa	02-12-1911
23	05-09-1911	Rio de Janeiro	Aurélio Mota	Esposa	02-10-1911
24	12-09-1911	São Paulo	José Ramos	Esposa	24-11-1911
25	24-09-1911	Rio de Janeiro	José Joaquim Mendes	Esposa	02-12-1911
26	10-10-1911	Niterói (Rio de Janeiro)	Américo Mendes de Carvalho	Esposa	02-12-1911
27	06-11-1911	São Paulo	António Ferreira Júnior	Esposa	30-11-1911
28	03-09-1912	Santos	António do Espírito Santo	Esposa	22-02-1913
29	20-10-1912	Rio de Janeiro	José Bernardo	Esposa	22-02-1913
30	07-12-1912	Santos	António Aires	Esposa	20-02-1913



Nº	Data	Origem	Emissor	Destinatário	Data
				Grau de parentesco	Pedido de passaporte
31	11-03-1913	Rio de Janeiro	João da Silva Pereira	Esposa	24-09-1913
32	20-05-1913	Santos	Antônio Correia	Maria Angélica (*)	21-07-1913
33	14-07-1913	São Paulo	João Rebelo	Esposa	02-09-1913
34	24-07-1913	Pará	Eduardo de Almeida Gomes	Cunhada	25-09-1913
35	18-08-1913	Santos	Aires Pinto Lauro	Cunhado	27-09-1913
36	15-10-1913	Rio de Janeiro	José Mendes	Esposa	22-11-1913
37	24-11-1913	Santos	Manuel dos Santos	Esposa	02-02-1914
38	03-12-1913	Rio de Janeiro	Antônio Soares Lopes	Esposa	19-02-1914
39	03-12-1913	Rio de Janeiro	Manoel Gomes Pinheiro	Esposa	22-01-1914
40	16-12-1913	Rio de Janeiro	Manuel Joaquim Ferreira	Esposa	05-03-1914
41	20-12-1913	Barra Bonita (Rio de Janeiro)	Antônio Agosto da Silva	Irmão e Compadre	19-03-1914
42	22-12-1913	São Paulo	Luís Rodrigues Vieira	Mãe	21-02-1914
43	04-02-1914	São Paulo	Manuel do Nascimento	Esposa	27-03-1914
44	27-02-1914	Rio de Janeiro	Manuel da Costa Dias	Esposa	28-03-1914
45	17-03-1914	Rio de Janeiro	Francisco Leopoldo	Amigo	25-05-1914
46	--1914 (**)	Rio de Janeiro	Antônio Maria Júnior	Esposa e Filhos	27-03-1914
47	14-04-1914	São Paulo	Acácio Moreira Ramos	Amigo e Primo	11-06-1914
48	18-07-1914	São Paulo	Antônio Augusto Pinto	Prima	04-11-1914
49	25-11-1914	São Paulo	Antônio Figueiredo	Esposa	02-02-1915
50	05-12-1914	São Paulo	David Caiado	Esposa	02-02-1915
51	30-12-1914	Manaus	Serafim Salgado	Esposa	06-03-1915
52	01-01-1915	Manaus	Maria Cândida Santos	Mãe	14-03-1915
53	13-01-1915	São Paulo	Antônio Augusto Arolo	Sobrinha e irmão	23-03-1915
54	22-05-1915	São Paulo	Manuel Antônio Ferreira	Esposa	16-08-1915
55	06-06-1915	Manaus	Casimiro de Almeida Rebelo	Esposa	08-10-1915
56	08-06-1915	São Paulo	Manuel de Lemos	Mãe e Sogra	21-08-1915
57	14-06-1915	Manaus	Francisco dos Santos Ferreira	Esposa	16-08-1915
58	22-06-1915	São Paulo	Antônio dos Santos Sobral	Esposa	07-08-1915
59	26-08-1915	Rio de Janeiro	Antônio de Lemos	Esposa	24-10-1915
60	05-09-1915	São Paulo	Antônio do Espírito Santo Fadista	Esposa	15-10-1915
61	17-09-1915	Rio de Janeiro	Leonardo da Mota	Esposa	19-10-1915
62	30-09-1915	Rio de Janeiro	Joaquim Caetano	Esposa	25-10-1915
63	01-10-1915	Manaus	Maria da Soledade Costa	Sr. Artur (*)	24-11-1915
64	03-11-1915	Manaus	Manuel de Carvalho	Esposa	31-12-1915
65	05-10-1915	Manaus	Antônio Gomes de Amaral	Esposa	08-12-1915

Nº	Data	Origem	Emissor	Destinatário	Data
				Grau de parentesco	Pedido de passaporte
66	03-11-1915	Manaus	Maria Estrela	Mãe	31-12-1915
67	20-01-1916	Rio de Janeiro	José Bernardo	Esposa	17-03-1916
68	20-02-1916	São Paulo	Ilísio dos Santos Flora	Esposa	24-04-1916
69	26-05-1916	Rio de Janeiro	Manuel Bernardo	Esposa	28-10-1916
70	22-08-1916	Santos	Antônio Maria Ladeiras	Esposa	20-10-1916
71	23-09-1916	Rio de Janeiro	José Borges	Esposa	28-11-1916
72	14-11-1916	São Paulo	José Loureiro Cardoso	Esposa	21-05-1917
73	16-11-1916	Rio de Janeiro	Antônio Paulino da Costa	Esposa	30-01-1917
74	20-11-1916	Rio de Janeiro	João da Costa	Esposa	27-01-1917
75	01-12-1916	Manaus	Virgílio de Jesus Ferreira	Compadre	25-01-1917
76	27-01-1917	Rio de Janeiro	Manuel Campino	Esposa	10-03-1917
77	21-03-1917	Rio de Janeiro	José Antônio Sobral	Esposa	25-04-1917
78	26-03-1917	São Paulo	Antônio Carvalho	Esposa	18-08-1917
79	05-12-1917	Rio de Janeiro	Manuel Antônio	Irmã	25-02-1918
80	12-08-1918	Santos	Antônio de Almeida Gaspar	"Sr. David"	14-08-1918
81	20-12-1919	São Paulo	Maria da Ressurreição	Mãe	14-02-1920
82	13-04-1920	São Paulo	Pedro José Rocha	Esposa	19-05-1920
83	10-05-1920	São Paulo	Manuel dos Santos	Cunhado	23-09-1920
84	23-05-1920	Santos	Manuel de Carvalho	Esposa	10-11-1920
85	02-07-1920	Santos	José da Costa	Compadre	10-08-1920
86	08-07-1920	São Paulo	Luís Antônio Sobral	Esposa	12-07-1920
87	-1920 (**)	São Paulo	Adelino Augusto	Cunhado	12-07-1920
88	02-08-1920	Rio de Janeiro	Antônio Pereira	Irmão	28-09-1920
89	20-08-1920	Rio de Janeiro	Albino Jesus	Cunhada	09-10-1920
90	21-09-1920	Rio de Janeiro	Antônio Joaquim Ferreira	Esposa	10-11-1920

(\*) – Pessoa conhecida que levará o filho ou se encarregará do seu envio.

(\*\*) – Desconhece-se o dia e o mês do envio da carta.

## **Anexo n.º 3**

### **Sumário das cartas de chamada**

#### **1 - Carta de S. Paulo, de 22 de Julho de 1901**

O marido refere à esposa que deveria ficar mais um ano em Portugal. Todavia, face à insistência da mesma em regressar a S. Paulo, diz-lhe que se prepare para ir com o seu primo Agostinho, que a avisará um mês antes de partir. Refere ainda que nunca lhe pediu contas dos gastos, nem em S. Paulo nem em Portugal. Faz as habituais saudações e diz à mulher para pedir ao pai que deixe ir a Constância.

#### **2 - Carta de Rio de Janeiro, de 10 de Outubro de 1901**

Um filho, com sua mulher e filho no Rio de Janeiro, referindo a sua situação de doente, lamenta que o pai não responda às suas repetidas cartas. Pede insistentemente que lhe envie a filha por pessoa de confiança, devendo o pai custear as despesas com o passaporte e a viagem porque ele lhe deixara o suor e as terras que poderia vender.

#### **3 - Carta de Bárneri (S. Paulo), de 4 de Dezembro de 1903**

O marido censura à mulher as suspeitas que ela revela quanto à possibilidade de ele manter uma “amiga”. Referindo a miséria da terra de origem recomenda-lhe que pense bem antes de voltar para o Brasil porque não deverá regressar mais a Portugal. Quer que venda as terras, deixando algumas à mãe enquanto for viva, que coloque o dinheiro no Banco e leve os recibos e escrituras. Diz que tem em vista comprar no lugar onde está casa e terreno, mas espera que ela chegue. Recomenda-lhe que não fique mal com ninguém. E que envie o filho

#### **4 - Carta de S. Paulo, de 21 de Dezembro de 1903**

O marido diz à esposa que lhe envia certa quantia de dinheiro para a passagem e pede-lhe que parta sem receio porque precisa muito dela. Recomenda-lhe que leve a filha, caso contrário voltaria para trás. E pede-lhe ainda que lhe leve camisas e ceroulas e lenços de merino para ofertas pessoais.

### **5 - Carta de Engenho de Dentro, de 27 de Março de 1904**

O marido refere a boa saúde dele e dos filhos. Diz à mulher que tendo sabido que as coisas estão ruins, então se arranje e vá com o Manduca. O Agostinho tirará o dinheiro que ela precisar. Arrendará as terras ou deixá-las-á a quem tome conta delas. Não quer que venda nada e deverá levar relação de tudo o que deixar. Envia-lhe a certidão do Manduca (filho) para reconhecer em Lisboa. Refere a chegada de uma rapariga que ficou na sua companhia.

### **6 - Carta de Rio de Janeiro, de 21 de Agosto de 1904**

O marido diz à mulher que lhe envia dinheiro para a passagem devendo ela pedir algum a seu pai a quem ele o enviará logo que ela chegue. Recomenda-lhe que compre em Lisboa comestíveis que não se estraguem para comer no vapor. Manda-lhe guardar as ferramentas e pede-lhe para levar roupa pessoal e de cama numa “caixa” que haverá de comprar. Diz que irá esperá-la ao vapor e indica-lhe os sinais que levará – um barco alugado, um chapéu-de-sol e um lenço acima do chapéu. Recomenda-lhe ainda que vá na Mala Real Inglesa e pede-lhe que vá a Dalvaes perguntar se querem enviar algo para o familiar que está com ele.

### **7 - Carta Manaus, de 23 de Agosto de 1904**

O marido diz enviar 60.000 réis para a viagem da mulher e caso decida não ir deverá pagar 50.000 réis à credora que indica. Resolvendo ir e não chegando o dinheiro pedirá 20.000 réis ao padrinho a quem será remetido logo que ela chegue. E diga à credora que não se consuma. Manda dar 500 réis ao Sagrado Coração de Jesus.

### **8 - Carta de S. Paulo, de 2 de Setembro de 1904**

Respondendo à esposa que lhe falara no dinheiro de um tal Cabral, diz-lhe que não se consuma. Só se lhe faltarem as forças ou os amigos. Não lho envia agora devido ao câmbio. Pede para que não arrende determinada propriedade, prenda de seus pais. Revela alguma inimizade para com dois indivíduos que pretenderão apoderar-se das terras.

Pergunta-lhe se recebeu as encomendas por ele enviadas e diz-lhe que não dê baixa na Conservatória de uma escritura de sua irmã.

Pede-lhe para que lhe envie a filha mas apenas se pagar meia passagem porque dentro de ano e meio virão fazer-lhe uma visita, mais aos amigos. Refere depois que um seu primo recebeu uma carta que dizia que ela tinha morrido, não tendo podido assim conciliar sono nem trabalho até ter recebido a sua carta. Disso nada dissera aos filhos.

### **9 - Carta de S. Paulo, de 11 de Setembro de 1904**

Em carta dirigida ao irmão que voltara a Portugal deseja-lhe as melhoras do j(oelho) magoado na viagem, a pé, da Régua à sua terra.

Acautela-o quanto às intenções de venda das terras e quanto ao regresso ao Brasil onde só está bem quem tem um negócio.

Pede-lhe que, se regressar, lhe leve a filha e confia-lhe o encargo de verificar se as casas que deixou ao compadre se mantêm intactas, como ele deseja. Dá-lhe novo endereço.

### **10 - Carta de Ribeirão Preto (S. Paulo), de 24 de Março de 1905**

O marido declara sentir os reveses que a família entretanto terá sofrido. Dá notícias sobre dinheiro enviado. Procura esclarecer suspeitas levantadas junto da mulher de uma certa viagem a S. Paulo que não terá realizado.

Esclarece várias recomendações para a viagem da mulher e dos filhos desde a venda de artigos da casa à compra de roupas e ao despacho da mala de viagem.

### **11 - Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1905**

À esposa que lhe escrevera mostrando desejo de ir, diz-lhe que vá e que leve os filhos. Remete-a para um credor que nomeia para ficar pelo dinheiro da passagem mediante letra, devendo o mesmo tomar conta do que lhes pertence.

Tendo ela mostrado desejo de empregar-se, ele diz-lhe que não precisará. E que vai enviar-lhe a quantia pedida de 50.000 reis para roupa.

### **12 - Carta de Manaus, de 22 de Setembro de 1905**

O marido diz à mulher que está decidido a mandá-la ir deixando a decisão à própria. Recomenda-lhe que deixe os filhos pequenos à avó e a mais velha à madrinha, caso ela aceite ou então à avó que ele se encarregará do sustento.

Pede que a mãe dela deixe ir a Maria. Diz que o Sr. Adelino da Rua será aboador da passagem. E que leve só 3 lençóis.

### **13 - Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Novembro de 1905**

A mãe que está no Rio com os filhos acusa ter recebido carta das filhas e diz ter ficado triste ao saber que tinham regressado doentes do Douro.

Diz não poder enviar-lhes os 40.000 réis solicitados mas diz-lhes que um tal José Silvestre, dos Pereiros, que regressará, irá a Ferreirim para combinar com elas a viagem delas que ele entretanto pagará. Elas deverão vender a “sorte” da Sarzeda para os papéis.

**14 - Carta de Manaus, de 5 de Outubro de 1907**

Em carta para a mãe, a filha diz viver muito triste porque não recebe carta dela há 4 meses, nem sabe se recebeu os 20.000 réis enviados. Comunica-lhe que teve gémeos e pede para ir levar a sua filha a Lisboa para lha trazerem. Todavia diz que se os tios forem entretanto, que vá com eles. O dinheiro que faltar pedi-lo-á, que ela o enviará logo que ela lá chegue. Pede para não comprar-lhe muitas roupas que ela as comprará lá à sua vontade.

**15 - Carta de S. Paulo, de 23 de Março de 1908**

Em carta indexada à mãe, a filha, depois de formulados os votos iniciais de saúde, pede à mãe e ao pai que lhe enviem o filho porque lhe faz muita falta e ela não sabe ainda quando regressará. Tendo sabido que regressará ali um tal Jerónimo, diz-lhe que viria bem com ele. Manda-lhe algum dinheiro para compra de roupa.

**16 - Carta de S. João, de 29 de Março de 1908**

O marido requer a presença rápida da mulher estranhando até a demora dela que tinha tanta pressa em ir.

Deixa-lhe a decisão de deixar ou não uma filha com a tia. Quer que lá esteja dia de S. João. Se acaso não tiver dinheiro pede para lho comunicar.

**17 - Carta de S. Paulo, de 15 de Dezembro de 1910**

Em carta à mulher diz ter recebido carta da mãe dela onde esta lhe falava da sua vontade em vender os bens de Lamosa para comprar em Freixinho. Ele diz-lhe que a deixa livre para isso.

Diz-lhe que o irmão dele iria para lá. Pede à mulher que lhe envie a “cara” (fotografia?) do José e da Maria das Dores ou o cabelo de todos para saber que tem três filhos.

**18 - Carta de Santos, de 25 de Dezembro de 1910**

Escrevendo no dia de Natal confessa a grande tristeza de, no dia em que se unem as famílias, estar tão longe da esposa e dos filhos.

Pede à mulher para que fale com a mãe e que se ela for para o Brasil antes de enviar-lhe o dinheiro que não vá sem ela, que ele lhe satisfará a conta quando chegar.

Diz que as coisas estão ruins por lá nos próximos 3 ou 4 meses, sem movimento, esperando-se depois muito movimento.

**19 - Carta de S. Paulo, de 16 de Maio de 1911**

O marido pede desculpa à mulher por não ter enviado dinheiro mais cedo e mandar pouco, afirmando que não recebeu mais cedo e que tem muito na rua. Diz que teve ali notícias de que ela vive pobre e então achava melhor ela vender do que comprar e que fosse para a sua companhia porque indo ele para lá não ganhava tanto. Diz que ali a vida já é melhor do que noutra tempo.

**20 - Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Maio de 1911**

O marido face às queixas da mulher que afirma não receber cartas diz que a culpa não é dele porque lhe tem escrito.

Pede-lhe para vir, desde que seja de vontade, que leve a filha bem preparadíssima e que leve roupa bastante.

Pede para combinar a ida com uma família que ele refere a qual irá em breve. Se não tiver tempo para escrever-lhe para ele lhe enviar o dinheiro, que o peça a seu tio que em breve ele o enviará e que ele lhe escolha um vapor que seja bom devendo comunicar-lhe quando vai para a ir esperar a bordo.

**21 - Carta de Manaus, de 10 de Julho de 1911**

Na primeira parte da carta que dirige à filha diz que Deus lhe deu um pouco de saúde para lhe escrever e agradece a fotografia que ela lhe enviou em carta, tendo chorado de alegria.

Dirige-se depois à mulher pedindo desculpa por não ter escrito devida à sua pouca sorte com as doenças. Diz que deixaria de comer para lhe mandar, mas quando um homem deve todos lhe caem em cima.

Diz-lhe para ver se arranja quem lhe empreste por meio ano o dinheiro da passagem que ele bem a quer lá. Manda-lhe 5 libras pelo António e diz que não pode escrever mais com o nervoso.

**22 - Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Agosto de 1911**

O marido sabendo que vai determinada pessoa diz à mulher que vá com ela levando a filha e deixando o filho e que veja se pode ir passar lá o Natal.

Quanto ao dinheiro ele o mandará.

**23 - Carta de Rio de Janeiro, de 5 de Setembro de 1911**

Com esta carta o marido responde a duas cartas da mulher e diz-lhe para se preparar e vir com um tal José Agosto devendo pedir dinheiro a um tal João Rebelo, recomendando-lhe que veja se não lhe “puxe tanto como a ele”. Diz que gostaria muito que a filha fosse mas aceita que ela fique com a mãe da mulher para esta não ficar sozinha. Pede para lhe entregar o “Vale”. Quer receber logo resposta e diz-lhe ainda para não levar muita roupa e pede-lhe para levar o retrato da filha.

**24 - Carta de S. Paulo, de 12 de Setembro de 1911**

O marido pede à mulher para ir. Envia-lhe já o dinheiro que, não chegando, deverá pedi-lo que ele o enviará logo que ela chegue. Quer que venha com uma tal mulher do Mosteiro porque trabalha com o homem dela e diz-lhe para ir falar com ela e tratar da passagem com o agente dela. Recomenda-lhe que vá na Mala Real e não em barco de carga e diz-lhe ainda para levar merenda porque o trato é ruim e recomenda-lhe cuidados porque “não são essas terras”. Pede-lhe para arrendar as terras a pessoa “competente” de lhe pagar e que o pai tome conta de tudo, deixando-lhe a ele o linhar. Dará o mangual ao Adeli-no e venderá o que tiver em casa colocando o dinheiro no Banco.

**25 - Carta do Rio de Janeiro, de 24 de Setembro de 1911**

O marido responde a uma carta em que a mulher lhe dizia que se ele quisesse voltar que o fizesse senão que iria ela. Ele então diz-lhe que venha, que ele não voltara porque ali são outras terras. Diz-lhe para vir com boa companhia devendo pedir o dinheiro que pagará logo que ela chegar. O filho virá apenas se não pagar; se pagar deixá-lo-á com a mãe dela.

Diz que tinha intenção de ir para lá para virem os dois. Dada a despesa virá com uma tal senhora da Tabosa que já lá estivera.

Determina-lhe que as casas fiquem para a tia Ana e as terras ao padrinho se quiser olhar por elas ao qual mandará procuração para “poder fazer e desfazer”. Diz-lhe que ela deveria ser a resposta à carta que escreve, mas quer uma carta oito dias antes para saber da sua chegada.



**26 - Carta de Niterói, de 10 de Outubro de 1911**

O marido lamenta não ter escrito há mais tempo devido a uma demanda com um sócio, agora vencida, apesar de ter gasto muito dinheiro. Diz que aceitou como novo sócio um compadre. Irá tratar da passagem dela para que lá possa estar no Natal.

Recomenda-lhe que o dinheiro que se ficar a dever não seja em mão de um credor que os inquiete. Pede-lhe que leve a procuração que lhe enviou e não passe outras. Manda que peça aos tios para abonarem a passagem do irmão porque ele agora não pode e a sorte dele deve dar para tal. Argumenta que vai para lá gente pobre.

**27 - Carta de S. Paulo, de 6 de Novembro de 1911**

Dois dias após ter escrito, escreve novamente porque uma certa moça apareceu em sua casa onde havia estado para entregar-lhe os 100.000 réis que agora lhe envia a fim de lhe comprar diversos objectos: cordão de 20.000 réis, anel de abraço, medalha para corrente de relógio.

Ele pede para lhe levar um alfinete de gravata em “piqué”, barato. Pede-lhe que demore o mínimo possível.

**28 - Carta de Santos, de 3 de Setembro de 1912**

O marido diz à mulher que espere um pouco mais devido à greve que dura há 3 semanas por razões de aumentos. Todavia diz-lhe que se tiver boa companhia poderá vir se assim o entender. Não quer que traga ninguém com ela. Pede para lhe levar 2 ou 3 correntes de ouro que disfarçará no seio, escapando à revista ou entregara a 3 conhecidos que nomeia, se vierem com ela, para eles as passarem. Pede-lhe para levar determinadas peças de roupa e objectos. E refere a história de uma tal Maria Vendeira que regressa graças aos calotes feitos.

**29 - Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Outubro de 1912**

O marido diz à mulher que, se vier, lhe traga o relógio e correntes. Já escreveu a um tal Sr. Machado para lhe abonar o dinheiro que ele lhe enviou e caso lhe entregue algum o dê como lembrança à mãe. Pede-lhe que vá com pessoas que ele nomeia e que o avise logo que saiba porque haverá de trazer de Lisboa um determinado objecto que o seu cunhado ali há-de comprar e que não nomeia. Ao que a mulher lhe dissera que daria o Varine (filho?) ao cunhado ele lembra-lhe que o seu pai poderá ficar descontente com isso, mas diz-lhe que pode fazer o que entender.

**30 - Carta de Santos, de 7 de Dezembro de 1912**

O marido diz à esposa que ele lhe enviou 100.000 réis para ela ir com a filha e que ela pode ir levantá-los à Meda, a causa de um tal Cautela e que poderá ir com a mulher de um tal Ricardo que lhe enviou 50.000 réis. Lembra-lhe que teve de pedir algum dinheiro emprestado.

Pede que o compadre não demore as cartas e formula votos de Bom Natal.

**31 - Carta do Rio de Janeiro, de 11 de Março de 1913**

O marido diz à mulher para ir receber 100.000 réis ao Banco da Vila da Rua. Com essa quantia pagara 67.000 réis ao Arnaldo de Sernancelhe, importância da sua passagem de que deverá pedir recibo. Com o restante pagará todas as dívidas. Pede para comprar arrecadas à filha e botinas para ambas e pede-lhe para comprar um determinado terreno. Diz também que podem ir as comadres e mais a Antónia. Manda-lhe arrendar tudo e ir no Natal.

Diz-lhe que trabalha em casa de um General, gente de muito respeito onde ganha 60.000 réis.

**32 - Carta de Santos, de 20 de Maio de 1913**

Em carta dirigida a uma tal Maria Angélica diz-lhe que vá buscar o seu filho para o levar logo que vá, como combinado. Se puder aboná-lo-á; senão pedirá dinheiro à sogra que deverá comprar roupa para o filho com dinheiro da venda do pão e que tome conta de tudo.

Espera que lhe diga se lhe há-de enviar o dinheiro ou se lho dará logo que chegue.

**33 - Carta de S. Paulo, de 14 de Julho de 1913**

O marido pede à mulher para ir porque ali se vive melhor, dizendo que não tenha medo dado que são boas terras para ganhar dinheiro. Já tem casa para morarem e diz-lhe para lhe ir fazer a comida, dado que tem dias que passa sem almoço porque não tem quem lho faça. Quer que lhe indique o nome do vapor e que o pai a acompanhe até embarcar e a ajude a arranjar os papéis.

**34 - Carta do Pará, de 24 de Julho de 1913**

Dirigindo-se ao cunhado pede-lhe que lhe envie o filho e refere a crise que se atravessa com dificuldade em receber dinheiro, dizendo no entanto que tem muito trabalho ele, com a mulher e um empregado. Mandar-lho-á por pessoa de confiança, avisando-o para o ir esperar ao barco.

**35 - Carta de Santos, de 18 de Agosto de 1913**

Em carta ao cunhado pede para lhe levar os dois filhos. Esclarece-o sobre custo de viagem que na Mala Real é meia passagem até aos dez anos e nos Holandeses até aos 12.

**36 - Carta do Rio de Janeiro, de 15 de Outubro de 1913**

O marido diz-se pouco satisfeito com as censuras da mulher e diz-lhe que vá se tiver vontade. Não tendo, que lhe envie o dinheiro por quem for. Deixará os filhos com a tia e o padrinho. Manda dar 50.000 a uma cunhada para a viagem até Lisboa.

Diz que depois escreverá ao padrinho mas em post-scriptum dirige-se a sua tia pedindo-lhe para ficar com os filhos.

**37 - Carta de Santos, de 24 de Novembro de 1913**

O marido diz que enviou 220.000 réis a seu irmão que está em Lisboa para a viagem dela e dos filhos. Se não for até ao fim de Fevereiro o irmão devolver-lhe-á o dinheiro e ele não quererá saber mais dela porque andou sempre a pedir-lhe para ir. Agora que está doente diz-lhe que se poderá achar melhor no mar. Pede para entregar casa e mobília a pessoa de confiança, que poderão precisar de tudo de novo. Pede que lhe leve roupa branca e de cor, 3 boinas pretas, corrente de prata e que lhe diga o nome do vapor.

**38 - Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913**

O marido diz à mulher que se empregou logo que chegou numa casa que os quer a ambos, devendo assim ela arranjar-se depressa para ir com alguém a Moimenta tratar com o Sr. Pereira e sabendo que vem certa pessoa de Caria que vá falar com ela para tratarem da passagem no mesmo agente.

Diz-lhe para ir à Matança receber rendas e despedir-se da família. Quer que leve a carne do toicinho. O José que tome conta das terras, principalmente das matas.

Diz que um dia parecem anos.

**39 - Carta do Rio de Janeiro, de 3 de Dezembro de 1913**

O marido diz-se pouco satisfeito porque a mulher escreve mais às filhas do que a ele, sendo ele quem as dirige e exigindo assim respeito. Já escreveu 4 cartas sem resposta. Pede para arrendar tudo menos as casas, mas não ao irmão dela. Enviará procuração quando ela for que será para tomar conta do que é seu e para pagar as contribuições.

Diz ter recebido a lembrança para as pequenas. Quando for há-de levar uns documentos para uma tal Ermelinda que lhe entregará a Sr.<sup>a</sup> Piedade Tendeira. Soube que irá um tal Sebastião e quer que vá com ele. Enumera-lhe várias peças de roupa para levar. O que não levar de roupa deixará em caixa (de limpeza) na casa da Sr.<sup>a</sup> Felizarda que ficará com a chave da casa que não arrendará. Pede para dizer a essa Sr.<sup>a</sup> que não peça favores a ninguém porque tem lá dois filhos que saberão receber a cunhada.

Diz-lhe ainda para ficar a dever as passagens dela e da filha por meio ano. Há ainda referências a dinheiro enviado.

**40 - Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Dezembro de 1913**

Em carta dirigida à esposa começa por desejar Boas Festas e tendo sido sabedor que escreveu à comadre, a pedido da mesma diz-lhe para vir em Janeiro com o Bernardo que acaba a reserva. Quando ela chegar enviará procuração ao Manuel para liquidar todas as coisas. Pede para lhe levar camisas.

Diz-lhe que não vá carregada de encomendas dos outros. Refere-lhe o que lhe aconteceu quando ela voltou. Quer que lhe diga o nome do vapor.

**41 - Carta de Barra Bonita (Rio de Janeiro), de 20 de Dezembro de 1913**

O irmão escreve ao irmão e compadre estranhando não ter tido resposta às suas cartas enviadas para ele, Manuel e pai, admitindo que lhas não entreguem e dando por isso novo endereço.

Quer saber se receberam os 88.000 réis. Deseja Boas Festas de Natal e dá conta de emprego de Tereza. Pede para tratar-lhe da passagem do filho quanto mais depressa melhor. Remeter-lhe-á em breve o dinheiro.

**42 - Carta de S. Paulo, de 22 de Dezembro de 1913**

Um filho solicita à mãe que lhe envie a filha pela sua irmã Maria, quando fôr e se ela não fôr por pessoa de confiança. Insiste no pedido e diz que se lha não mandar que se vem embora, que a Adélia não “logra” saúde.

Diz que vai mandar umas Fulhias (sic) para a Maria Feliz como ela pedira.

**43 - Carta de S. Paulo, de 4 de Fevereiro de 1914**

O marido lembra à esposa uma carta que lhe escreveu do Rio onde lhe referia a ida de um tal Amândio prevenindo-a de algo que não esclarece. Lembra-lhe que pedira uma colcha com o nome do irmão Luís. Dá-lhe ordem para ir logo que tenha boa companhia, diz que poderá levar uma tal Lezira se a família deixar e que lhe diga o vapor em que seguirá. Recomenda-lhe cuidado com os agentes de viagem e diz que a passagem dos três filhos equivalerá só a passagem e meia. Pede-lhe que lhe diga se arranja o dinheiro das passagens.

Diz para entregar tudo ao compadre Sebastião, referindo que deixou um tal Sebastião [filho?] no Rio e que o irá mandar ir.

E confessa uma coisa ao compadre: que é quem lhe lê as cartas – que enganaram o filho de um seu amigo, coisa que não será necessário divulgar. Faz depois as habituais recomendações.

**44 - Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Fevereiro de 1914**

O marido diz à esposa para ir para junto dele para desfazer a ideia das pessoas que diziam que ele não se dava com ela, argumentando que nunca a tratara mal. Os filhos ficarão em casa do pai já possuidor de procuração. O filho mais pequeno ficará com a avó que o acabará de criar se necessário comprando uma cabra que Zulmira apascentará no Cazascal. Envia 10.000 réis para lhe levar dois relógios que especifica e uma volta de ouro para a comadre e uma cruz, que comprará com dinheiro que o pai levantará no Banco ou em particular. Quanto aos prédios, o pai cuidará deles.

Em nota dirigida ao pai pede-lhe que arranje passagem na Companhia do galo que demorará só dez dias, e que lhe envie o nome do vapor para a ir esperar.

Em nota final pede à mulher que procure chegar com leite porque se arranjam bons empregos de ama a ganhar 120 réis.

**45 - Carta do Rio de Janeiro, de 17 de Março de 1914**

Em carta escrita a um amigo de nome Francisco, certo pai pede-lhe que envie os filhos porque está a passar o tempo a um, o Manuel e precisa lá muito deles. Diz que tem muito trabalho como encarregado de uma casa de comida, que a criança não deixa fazer nada e o Francisco não ajuda. Pede que o agente os envie por alguma família. Refere-se depois ao câmbio de certa quantia enviada dizendo que não dê dinheiro a um certo Manuel Inácio porque é para os pequenos e caso sobre que entregue ao José, dizendo ainda que lhe pagará os favores e passadas.

**46 - Carta do Rio de Janeiro, (sem indicação de dia e mês), de 1914**

Dirigindo-se à mulher e aos filhos mostra a alegria de ter recebido carta deles, e diz que em breve irão todos para lá e requer de imediato a ida de Teresa devendo a passagem ser abonada pelo Manuel da Teodora a quem enviará o dinheiro logo que ela lá chegar.

Despede-se e pede desculpa porque, devido à pressa, a carta vai pouco cheia.

**47 - Carta de S. Paulo, de 14 de Abril de 1914**

Em carta dirigida a um primo e amigo pede-lhe o favor de arranjar pessoa ou família que leve, pelo menos o filho António, “o maior”, e que peça a alguém dinheiro para passagens e demais despesas que será remetido logo que lá cheguem. Pede também que o avise da chegada para ir esperá-lo a Santos.

Diz não poder, por ora, remir um foro porque ainda está endividado e por ter tido muita “caipora”. Mantém todavia a esperança de poder fazê-lo. Dá instruções acerca do arrendamento de um palhal.

**48 - Carta de 18 de Junho de 1914**

Em carta dirigida a uma prima mostra o contentamento de ter recebido carta dela. Diz que mandou ir quanto antes as duas filhas. Pede-lhe para dar a notícia a um tal António (filho?) em Guimarães de quem não tem a direcção. E pede-lhe também para dar-lhe notícias do tio Reis e de uma irmã, a quem não escreve. Diz que nada pôde saber a respeito do marido de Paixão, nem do seu lugar de trabalho. Mas diz que um tal Porfirio está bem e satisfeito.

**49 - Carta de S. Paulo, de 25 de Novembro de 1914**

O marido pede à esposa que vá ter com ele o mais depressa possível porque ele e um seu compadre compraram um sítio em Campo Limpo, já lá está e não pode passar sem ela.

Pede-lhe para vender quanto é deles e diz que um tal Antoninho do Seixo lhe comprava casa e horta por 40.000 réis, e que achou pouco, devendo ela ver se vende melhor. Se a casa da mãe dele for vendida, a mãe que ocupa a sua casa. E não podendo vender que peça o dinheiro para a passagem. Que venda também o que tem em casa levando apenas o que for preciso para eles. O compadre Faustino ficará com procuração. E que mande dizer o vapor em que segue.

**50 - Carta de S. Paulo, de 5 de Dezembro de 1914**

O marido diz que envia 15.000 à esposa para que vá governando a vida e diz não poder enviar mais porque as coisas estão muito ruins. Caso queira ir, esse dinheiro fica para as despesas pessoais devendo pedir emprestado o dinheiro da passagens aconselhando-a a ir ter com o senhor Mero para o efeito.

**51 - Carta de Manaus, de 30 de Dezembro de 1914**

O marido diz à mulher que já lhe mandou dizer o que havia de fazer. Diz-lhe agora que se acaso for no mesmo vapor em que for a comadre, que não se incomode com eles. Que vá no primeiro vapor que ele lá a esperará. Quanto às meninas diz que ela já sabe o que fazer.

**52 - Carta de Manaus, de 5 de Janeiro de 1915**

Uma filha, em carta dirigida à mãe, diz que as coisas andam ali ruins, com muito desemprego devido à guerra europeia. Todavia ela tem saúde e não se desempregou ainda. Pede encarecidamente à mãe, na sequência de outros pedidos não satisfeitos, que lhe mande os filhos, Teresa e Tadeu, por pessoa competente e a relação das despesas que com eles fizer.

Pede para que a mãe lhe conte as novidades, se o José e o Joaquim gozaram muito no Entrudo referindo que o dela, será triste como o Natal foi devido a não ter os filhos com ela. Depois das habituais despedidas pede a bênção da mãe.

**53 - Carta de S. Paulo, de 13 de Janeiro de 1915**

Um tio dirige-se a uma sobrinha e a um irmão começando por referir carta da sobrinha que pensa embarcar e a quem ele diz que quando chegar deverá ter muito juízo. Mais diz que envia uma letra de 50.000 réis para a passagem de dois filhos e dela própria e caso não chegue que peça o restante até que ele o possa enviar.

Pede para que ponha um sinal na arca para a identificar em Lisboa, três cruces grandes de tinta preta. Pede para que os filhos se despeçam de todos. E ainda recomenda cuidados a ter no vapor para que os filhos não caíam dele. E pede-lhe para levar as cartas que lhe escreveu.

Saúda depois o irmão.

**54 - Carta de S. Paulo, de 22 de Maio de 1915**

O marido, depois de longa formulação de votos de saúde diz ter estado com um tal João Sequeira que vai mandar ir a sua mulher com a qual ela poderá ir dado que ele, por causa da guerra, não poderá regressar. Se aquela não for que vá ela com pessoa de confiança. Que lhe mande dizer o nome do vapor. Envia-lhe 10.000 réis para despesas e diz-lhe que não leve roupa de lã. E que fale com uma tal Nazaré que já tem experiência da vida lá.

**55 - Carta de Manaus, de 6 de Junho de 1915**

O marido, face à vontade mostrada pela mulher em seguir para o Brasil diz-lhe que vá. E caso precise de alguma coisa falará com o primo Mariano que vem a Portugal e que ele falou com ele para que possa aboná-la. Pede-lhe que escreva e lhe indique o nome do vapor.

**56 - Carta de S. Paulo, de 8 de Junho de 1915**

Assinando como filho e genro escreve à mãe e sogra começando por formular votos de saúde. Dirige-se à mãe agradecendo as encomendas e pedindo que não volte a enviar coisas e que coma mais os filhos. Envia-lhe a direcção de um tal José que ali irá passar o S. João. Pede para enviar-lhe os três filhos indicando ele um possível portador de que tem conhecimento. Diz ainda à mãe que compre fiado o que precisar que eles depois enviarão o dinheiro.



**57 - Carta de Manaus, de 14 de Junho de 1915**

O marido escreve à mulher pedindo-lhe insistentemente que venha o mais depressa possível. Diz que gasta quanto ganha em comida e lavadeira, tendo deixado de levar a roupa à cunhada para lavar por razões que lhe explicará. Com ela levará as duas filhas. Não lhe envia nada porque admite que a carta não a encontre já em Portugal.

**58 - Carta de S. Paulo, de 22 de Junho de 1915**

O marido saúda a esposa e pede-lhe desculpa por não ter escrito devido à falta de vagar dado que trabalha muito num armazém e entra e sai de noite.

Pede-lhe para que vá depressa para junto dele. Deverá falar com um tal Babusca para ver se fica com as terras e por que valor, facto que lhe deverá comunicar, a fim de que ela possa ir no fim do verão, recolhidos os frutos. Solicita informação sobre a natureza das colheitas feitas nas suas terras.

Diz que vai mandar dinheiro no próximo mês para pagamento de dívidas, ainda que tenha de pedi-lo emprestado.

Depois de algumas saudações pergunta como estão os dois filhos pequenos, se um já fala e se assenta e se a outra fala no pai e o vai procurar à venda.

**59 - Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Agosto de 1915**

O marido diz à esposa que as coisas estão ruins mas que tem esperança que se componham. Ao saber por ela que virá uma sua tia e seu homem pede-lhe que vá com eles e dado que não pode agora enviar-lhe dinheiro diz-lhe para pedir ao pai que a abone que depois lho enviarão.

Pede para levar-lhe roupa branca e que mande dizer o nome do vapor da passagem que deve requerer para S. Paulo.

**60 - Carta de S. Paulo, de 5 de Setembro de 1915**

O marido envia à esposa 60.000 réis para pagamento da passagem que ele tinha intenção de comprar lá, mas onde fica mais cara.

Diz que as coisas estão ruins mas que para eles sempre haverão de ir ganhando. Diz que venha quando tiver boa companhia, ignorando se o dinheiro chegará. Que não leve nada, apenas as meias de lã que puder levar.

Refere que não estranhem que um tal Manuel não escreva porque andou muito tempo sem trabalho, tendo-lhe até pedido 10.000 réis pelo Entrudo, mas que agora está a trabalhar. Que as coisas ali tornaram-se ruins para os homens.

Fala depois nas dívidas que deixou e que pagará logo que ela chegue ali. E que uma tia, credora, ou o pai, não tenham receio de aboná-la que ele enviará o dinheiro logo que ela chegue.

**61 - Carta do Rio de Janeiro, de 17 de Setembro de 1915**

O marido diz ter recebido carta da esposa mas que nada ficou a saber quanto à sua ida porque ela poderia ter resolvido o assunto da viagem. Diz-lhe para pedir o dinheiro necessário por 3 meses. Deixa-lhe a liberdade de deixar o filho com o pai. E diz que é a última carta que lhe escreve para resolver o negócio da viagem.

**62 - Carta do Rio de Janeiro, de 30 de Setembro de 1915**

O marido refere ter recebido carta da esposa em que ela pedia informações sobre um tal vapor e ele, que já não está certo, referindo todavia o Arábia, e diz-lhe que pergunte ao senhor Lares, que ele deve saber.

Quer que ela venha num vapor bom e com gente conhecida para a dirigirem. Pede-lhe para perguntar à Sr.<sup>a</sup> Piedade se recebeu carta da madrinha, escrita por ele, onde lhe pedia o envio de meias para homem, uma coberta branca que enviaria por ela. Diz que era bom vir com o cunhado de uma tal Maria Francisca. Pede para que arranje tudo com o irmão dele.

**63 - Carta de Manaus, de 1 de Outubro de 1915**

Uma tal Maria da Soledade que se assina “esta sua criada” pede a um tal Sr. Artur que lhe envie o filho. Manda-lhe 150 escudos para passagens e fiança, dos quais deverá dar 15 escudos a sua irmã Matilde para que prepare o filho de roupa e lhe dê algum para a viagem.

**64 - Carta de Manaus, de 3 de Outubro de 1915**

O marido, sabendo que seu irmão João partirá em breve, pede à mulher que lhe envie a filha que já tem emprego em casa dos seus patrões, apesar de tudo estar muito mal. E pede que o irmão a abone, que depois lhe paga.

Pede também que lhe leve meias e camisas que ela comprará fiado, depois se pagando.

Pede-lhe para dizer a um tal Francisco de Barrô que se quiser ir que vá. Sempre se arranjará alguma coisa apesar das dificuldades, E que o irmão lhe leve um chapéu que lá lho paga.

Diz à esposa, em nota de post-scriptum, que se precisar de dinheiro que peça à madrinha da Filomena, que depois lho manda.

**65 - Carta de Manaus, de 5 de Outubro de 1915**

O marido envia 70.000 réis à mulher para que ela lhe envie a filha logo que tenha companhia, devendo comunicar-lhe o nome do vapor. Por ela deverá mandar meias e roupa branca.

Mais diz que constando-lhe que iria uma tal Isabel de Freixinho a mandasse com ela. E que talvez regressasse o Sr. André que lhe dissera que voltaria por todo o mês de Janeiro.

Diz-lhe ainda que pelo S. João virá para a abraçar.

**66 - Carta de Manaus, 3 de Novembro de 1915**

A filha escreve à mãe pedindo-lhe para que ela e o seu irmão lhe mandem o filho, uma vez que ele quer ir. Quanto ao que a mãe lhe mandou dizer que andavam descalços pelo facto de o calçado estar caro, a filha refere as enormes dificuldades, dizendo que mal ganham para comer e referindo o trabalho que não lhe pagaram. Refere o cansaço de 2 mulheres (irmãs?) que ao fim do mês não têm para um bocado de pão.

Mandam à mãe 105.000 réis. Trinta e cinco para a mãe, enviados por elas, Maria da Luz, Adozinda e Teresa, que é para o Natal; 10.000 réis são para o Ernesto e dez tostões para a Filomena e 3.000 réis para vestir o João e vinte para a mãe para os porcos e 70.000 réis para a passagem de Mário.

Recomenda-lhe depois que compre diversas peças de roupa para o Mário e que tirem da sua mala [de enxoval] algumas peças. E que dê dinheiro ao filho para comprar uma mala e para o que ele precisar e uns sapatos finos para o desembarque. Pede-lhe para lhe tomarem bem conta da mala e não a deixarem roubar.

**67 - Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Janeiro de 1916**

O marido diz à mulher que recebeu a carta, os meiores levados pelo irmão dela e face ao que ela diz de ele não lhe escrever, refere que só demora a escrever porque não tem dinheiro para lhe enviar. Diz que as coisas estão ruins, que o pai está desempregado e que está morando com um tal Sobral também desempregado. Diz que ganha pouco e que está a ver se arranja dinheiro para se ir embora.

Sabendo da notícia que vem uma tal Rosa diz à mulher que venha dar um passeio se tiver vontade, meio para ele se ir embora mais depressa porque é mais fácil arranjar emprego para mulheres. Diz que o irmão já está empregado.

Estende depois o leque de despedidas referindo nomes de companheiros que deste modo enviam saudações.

**68 - Carta de S. Paulo, de 20 de Janeiro de 1916**

O marido, face ao desejo da mulher em ir, diz-lhe que vá quanto mais depressa melhor. Deverá falar com o Arnaldo ou outro agente devendo ir na Companhia Holandesa. Deverá falar com o fiador ou com o António do João Massa a quem deverão fazer letra por um ano. O irmão poderá ficar entregue de tudo não devendo arrendar a casa para arrumações. Deverá comunicarlhe, se puder, o nome do vapor para a ir esperar, devendo ela seguir com pessoa de confiança. Pede-lhe para levar um lenço de 1.000 [réis] cor de azeite, para satisfazer uma encomenda.

Diz que não lhe pode enviar dinheiro porque quase não trabalhou. Pede para dizer ao Amo que em podendo lhe envia os 20.000 réis. E que tire passaporte para ela e para a Ana, sua filha.

**69 - Carta do Rio de Janeiro, de 26 de Maio de 1916**

O marido, face ao pedido da mulher que lhe pede dinheiro para pagamento a um tal Sr. Frias, diz-lhe que venda determinadas propriedades para pagar “até onde chegar” e diz-lhe que quer que ela vá até fim de Setembro afirmando que não regressará nos próximos 6 anos. Ela e o compadre, este com procuração, poderão vender à vontade. Quanto a outros bens rústicos diz-lhe que os deixe a alguém que lhe abone a passagem dela e dos filhos, estando em primeiro lugar o compadre Novais. Indica-lhe o nome de dois agentes que poderão tratarlhe da passagem para a qual deverá tirar letra por um ano. Também lhe diz que se não quiser fazer isto pode governar a sua vida, que ele governa a dele.

**70 - Carta de Santos, de 22 de Agosto de 1916**

O marido que recebe notícias da doença da mulher deseja-lhe melhoras e face ao desejo de sua filha em embarcar, diz à mulher que a mande logo que esteja melhor. Que não lhe envia dinheiro por não saber quando fará isso mas que lho enviará logo que a filha chegue.

**71 - Carta do Rio de Janeiro, de 23 de Setembro de 1916**

O marido estranha que a esposa não lhe escreva há 6 meses, nem compadre, Céu ou Sr. António a quem tem escrito. Diz que não trabalha desde o S. João por falta de saúde, sem que a mulher se importe, importando-se apenas do dinheiro.

Dá depois a conhecer a ruim situação que se vive quanto a empregos que no entanto estão melhores para mulheres. E diz-lhe para ir, mas sem os filhos e que não pode enviar-lhe dinheiro para a passagem.

Confessa a intenção de regresso que faz depender da vontade da mulher em ir. Se ela não fôr diz-lhe para arranjar terras de cultivo e porco para matar. Manda 15.000 réis, 10.000 para ela, para o pão e o vestido dos filhos e 5.000 são do Alfredo para a mãe.

Pede notícias a respeito da guerra e diz esperar a passagem paga pelo Governo para ir defender a pátria.

Insiste em que lhe conte a vida, em afirmar que não recebe cartas e recomenda-lhe para não lhe “botar nódoas na roupa”. Pede-lhe ainda para falar com um tal Sr. António como desculpa de não ter pago.

**72 - Carta de S. Paulo, de 14 de Novembro de 1916**

O marido escreve à mulher dizendo necessária a sua vinda para que saia da vida amargurada dela e do desprezo que ele passa e também para ele educar os filhos. Dá conta do bom emprego, “de costas direitas”, que tem agora.

Desejaria passar o Natal já com ela. Soube que o pai dela não tem vontade de ir. Diz-lhe que pode ir, apesar da idade, e que ele não poderá ficar sozinho. Mas interroga-se quanto ao pensamento da mulher, se acaso o pai não quiser mesmo ir.

**73 - Carta do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1916**

O marido queixa-se dos adiamentos da viagem por parte da mulher que já tem na sua posse os papéis. Queixa-se de que não lhe escreve e apenas envia bilhetes em cartas de conhecidos. Diz-lhe que só os filhos o impedem de certa atitude, mas ainda assim lhe envia 15.000 réis para se acabar de preparar, com os filhos. Refere-lhe ainda o desprezo a que o vota, que não lhe dá conta das colheitas e diz-lhe que os 100.000 réis que colocou a juros deveriam ter sido aplicados no pagamento das dívidas. E que é a última vez que lhe escreve.

**74 - Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Novembro de 1916**

O marido, em carta dirigida à mulher revela alguma apreensão porque ela se mantém indecisa quanto à partida, desculpando-se com as terras. O marido desvaloriza a importância das terras. Manda-lhe 20.000 réis para que se prepare com a filha, que não precisa de nada, que a fica esperando todos os dias e lhe mande dizer o nome do vapor. Pede-lhe que não leve nada de ninguém, nem se despeça de ninguém para não “se incomodar”.

Faz recomendações quanto a coisas que lhe pertencem, madeiras e terras.

**75 - Carta de Manaus, de 1 de Dezembro de 1916**

Em carta escrita ao compadre dá nota da sua situação quanto a emprego e pede que lhe mande o filho Francisco por pessoa de confiança.

Lamenta já não poder ir bater-se com os alemães por ter 45 anos. Refere a leitura de um jornal da terra com referência a incêndio em Arquivo. Fala da política local quanto a nomeação de governadores.

**76 - Carta do Rio de Janeiro, de 27 de Janeiro de 1917**

O marido, feliz, diz ter chegado a ocasião de mandar vir a esposa e as duas filhas para quem envia dinheiro para se aprontarem devendo comunicar a chegada. Juntamente envia uma letra.

Diz que recebeu notícias deles através do Sr. Joaquim. Em post-scriptum diz à mulher para que diga ao irmão que lhes arranje os papéis.

**77 - Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Março de 1917**

O marido diz à mulher que não queria mandá-la ir mas face ao que ela lhe disse em carta, então que vá. Recomenda-lhe que não faça muitas despesas, que arrende o que é deles a pessoa de confiança. Manda-lhe 5.000 réis para ajuda afirmando estar com dificuldades. Pede para procurar o agente Arnaldo para tirar a passagem por um ano. Diz-lhe que procure ir com o tio João do Vilar que regressará em breve, dizendo-lhe o nome do vapor.

**78 - Carta de S. Paulo, de 26 de Março de 1917**

O marido referindo a posse de 2 cartas da mulher, dizendo que devido ao muito serviço e ao facto de não saber escrever e ter de pedir aos outros, demorou a resposta. Pede-lhe para ir, se possível em Junho.

Agradece as encomendas que enviou. Diz que as encomendas da Sr.<sup>a</sup> Henriqueta para o marido dela que enviou juntamente com as suas, ele não pôde identificá-lo através da morada enviada, devendo ser-lhe indicada de novo.

Em post-scriptum diz que lhe remete os retratos para colocar em medalha porque ele já fez o mesmo e a traz ao peito.

**79 - Carta do Rio de Janeiro, de 5 de Dezembro de 1917**

O irmão diz à irmã que mostrou desejo em ir que vá e que leve sua filha Luciana de quem sente saudades e que só a não mandou já ir porque os vapores são raros. Ao que ela diz que as coisas estão ruins responde ele que lá também. Pede à mãe para vender ou empenhar a casa até que ele envie dinheiro. Remete-lhe uma letra de 18.000 réis.

**80 - Carta de Santos, de 12 de Agosto de 1918**

António de Almeida Gaspar escreve a um tal Senhor David dizendo-se “zangado” porque ele lhe pede, adiantado, o dinheiro para a viagem da filha. Diz-lhe que já pagou 300.000 réis em que estava empenhado e que pode confiar nele, porque tem ainda bens que chegam para a passagem.

Pede que lhe envie a filha por pessoa de confiança.

**81 - Carta de S. Paulo, de 20 de Dezembro de 1919**

Uma filha escreve à mãe que lhe fala de estar tudo ruim, dizendo ela que lá também apesar de se ir ganhando alguma coisa. Diz que resolver mandar ir a filha para a ter em sua companhia e a ir habituando ao trabalho.

Envia-lhe 120.000 réis para tratar-lhe da passagem e de alguma roupa. E que possa ir em boa companhia. Caso fique a dever alguma coisa, quando ela chegar enviar-lho-á.

Diz-lhe que não fique desgostosa porque nunca se há-de esquecer dela e do que lhe tem feito. E pede-lhe a bênção.

**82 - Carta de S. Paulo, de 13 de Abril de 1920**

O marido em carta para a esposa acusa a recepção de certos objectos por ela enviados. Desculpa-se de não ter respondido a uma pergunta dela referente a uma certa pessoa não nomeada que se deslocava à aldeia e a quem ele pediu que lhe abonasse a passagem do filho Manuel e lho enviasse. Tal pessoa não fez isso e no regressar não lho levou.

Envia-lhe 900\$00 para pagar as passagens dos dois filhos de que deverá tratar com pessoa de confiança, porventura o padrinho do Manuel. Que eles não devem recear vir para a sombra do pai e irão ganhar um bocado de pão. Diz-lhe para pedir a um tal José Duarte que os acompanhe até onde puder.

**83 - Carta de S. Paulo, de 10 de Maio de 1920**

Em carta ao cunhado que trata também por amigo pede-lhe que lhe envie a filha em boa companhia, pedindo ele dinheiro emprestado ou arranjando-o de outro modo. Agradece o favor que só Deus lhe pagará porque ele não pode.

**84 - Carta de Santos, de 23 de Maio de 1920**

Em carta dirigida à esposa diz ter enviado 200.000 [réis] em nome de seu tio Joaquim que lhos entregará se for mais Helena (filha?), se não ele pô-los-á a juros. Envia-lhe mais 30.000 para despesas. Pede-lhe para arrendar as terras a quem for capaz de pagar, podendo o tio Joaquim tomar conta disso.



**85 - Carta de Santos, de 2 de Julho de 1920**

Em carta breve ao compadre e amigo pede-lhe para lhe enviar o filho Manuel para quem remeteu a importância da fiança. Pede para não lhe enviar nada porque ali há tudo o que se precisa.

**86 - Carta de S. Paulo, de 8 de Julho de 1920**

O marido confessa que não pode passar sem a esposa, que já tem casa alugada e por isso que parta no primeiro vapor. Pede-lhe que venda tudo o que puder e o resto que entregue a procurador. Pede-lhe que lhe indique o vapor em que irá e diz que lhe envia 6.500 réis para a passagem.

**87 - Carta de S. Paulo, (sem indicação de dia e mês), de 1920**

Em carta ao cunhado dá instruções quanto a dinheiro que lhe enviou. Pede para lhe enviar os três filhos o mais breve possível, por pessoa de confiança, referindo que as passagens custarão 560\$00, pagando dois meia passagem e a filha uma passagem. Pede que lhe diga o nome do vapor em que forem dizendo que basta levarem um saquinho com roupa para trocar no navio.

Pede-lhe depois indicações do preço de parte da casa à venda e pede que lhe envie documentos de várias propriedades os quais estarão em casa da sogra.

**88 - Carta do Rio de Janeiro, de 2 de Agosto de 1920**

O irmão manda um bilhete dentro da carta do compadre para que ele envie o seu Manuel, que ele só regressará quando o deixar empregado. Enviá-lo-á com pessoa de confiança, e diz não querer que gaste nada com ele.

**89 - Carta do Rio de Janeiro, de 20 de Agosto de 1920**

Nota: A carta é indexada à cunhada. Todavia o seu conteúdo parece referir-se inteiramente à esposa e o emissor assina como marido. Poderá compreender-se que a cunhada será a “escrivente” que lerá depois também as cartas enviadas à mulher.

Estranha que não tenham sido recebidas duas cartas suas quando as outras eram sempre recebidas. Diz-lhe que o filho que mostrou desejo de ir vá quando quiser e sabendo ele que nessa altura irá muita gente que vá acompanhado por ser criança. Quer notícias das terras e seus rendimentos. E diz que dentro de algum tempo a mandará ir.

**90 - Carta do Rio de Janeiro, de 21 de Setembro de 1920**

O marido mostra-se “zangado” porque a esposa não lhe diz quando vai. Pedee-lhe que vá quanto antes, que leve os filhos. Diz ter a vida desarranjada. E diz que ali melhor se podem governar.

## Anexo n.º 4

### ANTOLOGIA, ADV

Carta n.º 6, Caixa n.º 2062, n.º 81

Pedido/Passaporte: 14-10-1904

Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1904

Minha querida esposa, muito estimo que ao receberes estas duas mal notadas linhas estejas gozando de uma feliz saúde em companhia de toda a família, que eu felizmente fico bem, graças a Deus para sempre.

Maria, aí te remeto a quantia de 40.000 mil réis e diz ao pai que o dinheiro que eu mandei arranjar, assim que tu chegares que logo se lhe há-de arranjar para lho mandar.

Calcula a despesa, que tu hás-de chegar a Lisboa ao menos com 10.000 (mil) réis para comprares aquilo que precisares para a viagem. Compra comestios (sic) que se não estraguem, se não puderes comer comida do vapor, para te não ateres a ninguém. Tu não temas a viagem.

Deixa toda a minha ferramenta toda arrecadada. Traz toda a tua roupa, xai-les e toda a tua roupa e a roupa toda branca da cama. Traz também o meu casaco de montanhaque e compra uma caixa grande à tia Graça. Agora não me deixes ficar envergonhado. Não faças feio. Eu conto aqui contigo como Deus com os seus apóstolos.

Assim que recebas o dinheiro trata logo da tua viagem e manda-me dizer o nome do vapor para eu te ir esperar ao vapor na tua chegada. Eu alugo um barco para te ir buscar ao vapor. E o sinal que eu levo no barco é um chapéu-de-sol e um lenço no cimo do chapéu de sol. Quando chegares a bordo espreita dos lados do vapor, que eu lá hei-de estar à tua espera para vires na minha companhia.

Traz 2 pares de socas de verniz.

Maria, eu não espero resposta desta carta. A resposta que eu espero é a tua presença para vires para a minha companhia. Vem para viveres à tua vontade e não te fies em ditos de ninguém. Faz aquilo que eu te peço. Tu, se me tens amizade, faz o que acabo de pedir.

Olha se arranjas a vir na Mala Real Inglesa, e se aí não tiveres companhia para vires, vai ter com a minha prima Maria, filha da minha tia Rita, que ela te arranja companhia. Que ela mora em Lisboa, Rua do Sol de Santa Catarina, n.º 78, 3º andar.

Vem sem receio, que eu até ao fim de Setembro não estou descansado à tua espera.

**Sou teu marido do coração.**

Joaquim José Pereira. Adeus, até à vista.

Com isto não te enfado mais. Faz lembranças a toda a nossa família. Sou teu marido do coração, Joaquim José Pereira.

Maria, vai a Dalvaes, fala com o senhor Manuel Vendeiro e ao senhor António Pinto, que se eles quiserem mandar alguma coisa para o José Pinto da Silva tu traz o que eles te derem para ele, que nós estamos todos juntos. Não te esqueças de lá ires falar com eles.

Nota: No cimo da última página vem indicado o seguinte endereço: a direcção é Rua do Leopoldo, n.º 18, A. Andarahí Grande.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 8, Caixa n.º 2062, n.º 59

Pedido/Passaporte: 18-10-1904

S. Paulo, 2 de Setembro de 1904

Recebi uma carta tua datada de 24 de Agosto findo, na qual me falavas no dinheiro do Cabral; a esse respeito não te consumas, porque só se eu morrer ou de todo me faltarem os meus amigos. Eu hoje mesmo te podia mandar cem mil réis, mas está o câmbio a 385.000 réis – cada 100.000 réis fortes.

Manda-me dizer se estás entregue do Lameiro do Corgo; não mo arrendes para ninguém.

Diz ao Manuel da Viúva que peça a Deus que eu aí vá, que nem ele nem outro qualquer se vai gozar dos olhos da tua cara. Bem sabes que é uma prenda de teus pais, assim como deves gostar que fique para os nossos filhos.

Diz ao José da Formosa que eu não estou degredado, que eu sou bem competente de lhe ir ver os olhos; e as terras que esses marotos hão-de fabricar, deita-lhe giestas que me dá mais resultado, para quando eu aí for.

Manda-me dizer se recebeste as encomendas que levou o Abel da Sarzeda.

Nota bem: e quanto à escritura de minha irmã, não dês baixa na Conservatória; eu gosto de pagar, mas tu bem sabes que as nossas contas estão ainda por fazer.

Tu bem sabes que o dinheiro do Brasil a algumas pessoas lhe dura pouco tempo.

E quanto à Teresa, se pagar meia passagem, manda-ma e se for a pagar passagem inteira, não a mandes, porque é com o destino de estar aqui ano e meio, para depois eu e minha filha irmos fazer-te uma visita e aos nossos bons amigos.

Saberás que meu primo Aurélio recebeu uma carta, onde dizia que tu tinhas morrido, em oito dias, isto antes da tua carta chegar. Já podes ver como eu fiquei quando recebi tal notícia. Não pude conciliar o sono, nem tão pouco trabalhar durante estes oito dias. Só fiquei satisfeito e tranquilo depois que recebi carta tua. Desta notícia não dei a saber a nenhum dos nossos filhos, para os não alarmar.

Aceita de cada um dos nossos filhos um apertado abraço e deste teu nunca esquecido marido aceita também muitas saudades e um estremecido abraço do íntimo do coração.

P.S. Quando me escreveres remete a carta com a seguinte direcção:  
Rua Brigadeiro Tobias, n.º 14 – S. Paulo.  
Manuel Lopes Pedreiro

Continua

Saberás que me recordei da viagem de teu irmão, e visto termos-lhe passado a procuração, chegada a ocasião do embarque, podem-nos fazer qualquer traficância, visto terem a procuração em seu poder. Trata de ma retirar da mão deles o mais breve possível e nas costas da procuração que escrevam estarem pagos e satisfeitos e remete-ma para aqui na volta do correio.

Não quero mais fiança da parte de teus irmãos. Se a Teresa puder vir sem fiador manda-ma, se não puder não ma mandes.

Maria, nota bem: toma conta em tudo quanto eu digo e apresentar-me-ás esta carta quando eu te pedir.

Manuel Lopes Pedreiro.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 18, Caixa n.º 1978, n.º 166

Pedido/Passaporte: 06-02-191

Santos, 25 de Dezembro de 1910.

Querida Belmira:

Muito estimo do coração que esta carta te vá encontrar de saúde em companhia dos nossos queridos filhos e de toda a família. Eu de saúde fico bem, graças a Deus, mas passei um Natal muito triste em me lembrar de ti e dos nossos filhos, aonde no dia de hoje se reúnem todas as famílias e eu ver-me tão longe de minha esposa e dos meus queridos filhos, mas há-de ser o que Deus quiser; o que estimo que tu o passasses mais satisfeita em companhia da tua família. Muitas lembranças ao pai e à mãe e a toda a família; estimo que tivessem um Natal feliz e com mais satisfação do que eu.

(Belmira):

Dá muitos e muitos beijos e abraços aos nossos filhos e tu recebe um apertadíssimo abraço deste que é teu marido e que muito te quer e estima e desejava ver-te.

Manuel dos Santos Júnior.

(Belmira):

Fala com a tua boa e querida mãe, que se ela vier antes de eu te mandar o dinheiro para tu vires, que não venha sem ti, que eu aqui [ao] depois lhe satisfaço a conta, isto é, se tenciona vir muito depressa, pede-lhe que não venha sem tu vires. Eu aqui fiz estes 3 ou 4 meses, as coisas estão ruins, não há movimento nenhum, [ao] depois espera-se muito movimento.

Adeus, adeus, querida Belmira do coração, até brevemente que nos vejamos

Manuel dos Santos Júnior.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 26, Caixa n.º 1979, n.º 85

Pedido/Passaporte: 02-12-1911

Niterói, 10 de Outubro de 1911.

Minha querida e adorada esposa do meu coração, com muito gosto e prazer lanço mão à pena somente para saber da tua importante e feliz saúde, igualmente a de nossos queridos filhinhos, que a minha na hora presente é boa, graças a Deus.

Querida Céu, peço-te desculpa de te não ter escrito há mais tempo, porque tenho andado em demanda com o meu sócio, por isso é que eu te não tenho escrito, sem ter tudo decidido.

Pois agora dou-te parte que gastei muito dinheiro, mas fiquei bem e o meu sócio ficou mal visto e pu-lo fora da casa. É verdade que fiquei um pouco atrapalhado com dívidas mas há-de ser o que Deus quiser.

Como a minha vida tem sido, só ta poderei contar quanto tu chegares ao pé de mim. Agora dou-te parte que o meu sócio de hoje em diante é o nosso compadre António, porque há muito tempo que ele queria ser meu sócio, mas agora foi ocasião, por isso é que eu não te tenho escrito sem ter tudo decidido.

Agora com respeito à tua viagem, vou tratar disso. Aonde eu agora estou um pouco atrapalhado mas vou ver como hei-de fazer; vou ver se mandando daqui os bilhetes ficará mais barato, se não mandar-te-ei o dinheiro. E não fui falar com o tal tropa porque não tenho tido vagar, por isso agora é que vou falar com ele a ver o que ele resolve, porque eu quero ver se cá podes estar no Natal, porque antes não te posso mandar vir. Por isso vai estando pronta para o fim de Novembro, entrada de Dezembro e vê lá como deixas ficar a nossa vida.

Com respeito ao dinheiro que aí se fica a dever, que não seja na mão de algum ladrão que nos faça andar inquietados e a procuração que eu te mandei torna-a a trazer e não me passes procuração a ninguém. E com respeito ao teu irmão pede aos teus tios que lhe abonem a passagem, porque eu cá o ajudarei no que eu puder. Agora ele aqui podia ser muito feliz e a sorte dele deve chegar para o abonarem. Eu é porque nesta ocasião não posso. Mas fala com os teus tios que o abonem porque vêm para aqui filhos de gente pobre abonados por sorte de Deus, porque não tem nada, e agora um como ele não tem quem seja por ele! Com isto nada mais te estou [a] enfadar, faz muitas lembranças a todas as nos-



sas famílias e tu aceita as mesmas de todos a quem as tu mandaste e as mesmas do compadre e de mim. Dá um sem [palavra incompreensível] apertado abraço e um beijo aos nossos queridinhos filhinhos, que Deus os abençoe e tu, minha querida esposa, recebe um saudoso apertado abraço e um beijo deste teu querido esposo que a vida dá por ti, que brevemente te cairei nos braços.  
Américo Mendes de Carvalho.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 39, Caixa n.º 2384, n.º 125

Pedido/Passaporte: 22-1-1914

Rio, 9 de Dezembro de 1913

Minha querida mulher, muito estimo que ao receberes estas duas linhas te encontres de saúde, na companhia da nossa filha, enquanto nós vamos indo, com a graça de Deus, pesar de não estar muito satisfeito por não receber carta tua nas ocasiões que eu tenho precisado, porque tu estás em primeiro lugar escreveres às filhas e não a mim. Pois eu não consinto que tu escrevas às filhas sem me escreveres a mim, que quem dirige as filhas sou eu, assim como te tenho dirigido a ti. E é hoje isso que eu quero, que se me guarde respeito. Agora com isto não te enfado mais.

Eu digo para arrendares tudo quanto aí tens, menos as casas, ou entregares ao procurador que te mandei recomendar, caso ele queira aceitar e se ele não quiser, oferecerás a quem for competente, menos a teu irmão. E para vires, quanto mais depressa melhor.

Pois eu com esta já são 4 cartas [e] ainda não tive resposta delas; agora a esta me escreves só quando tiveres a tua vida arranjada. A procuração que eu vou mandar a quem ficar só mando quando tu vieres e ele que não tenha receio que é só para se entregar do que é meu e pagar algumas contribuições ao governo. Com isto não te enfado mais. Aceita muitas lembranças das nossas filhas, para ti e para a filha, as mesmas minhas, o mesmo me recomendo a quem por mim perguntar. Teu marido Manuel Gomes Pinheiro.

Cá recebemos a lembrança para as pequenas por a Claudina Maria.

Quando vieres hás-de trazer para a Ermelinda uns documentos que te dará a Senhora. Piedade tendeira.

Me entrega esta meia folha de papel ao Sr. Joaquim Barbeiro.

Tenho por notícia que vem o Sebastião Rodrigues de Adbarros passando o Natal e tu é para vires com ele.

Agora determino o que hás-de trazer daí. Não quero mais do que 3 ou 4 lençóis e 2 ou 3 mantas e alguma colcha, se tiveres para as filhas. Para mim não quero cá nada e para ti só blusas e tudo o que tu quiseres para ti.

Esta carta é para entregares ao procurador que ficar com a nossa procuração, para ele ficar por teu fiador em qualquer lugar que seja preciso. E do outro resto que te fica em casa de limpezas fala com a senhora Felizarda para te deixar

ficar uma caixa em casa dela com aquilo que tu lhe deixares para casa dela. Se ela deixar só vai coisa de roupa. O outro resto fica em nossa casa que não quero que arrendes a ninguém. A chave fica entregue a ela mesmo.

Esta carta é para entregares ao senhor Joaquim Barbeiro para ele ver e lhe peço como meu amigo que me cumpra os meus desejos.

Mulher, diz à senhora Felizarda que não precisa pedir a ninguém favores de tanta obrigação, que ela tem aqui 2 filhos que também têm um bocadinho de conhecimento e eles, que tratam bem as pessoas de fora, melhor tratam uma pessoa de família, que podem aceitar uma cunhada.

Agora com respeito à tua viagem não faças muitas despesas e paga o que lá estiveres a dever ou me traz uma carregação. A tua passagem e da filha fica a dever por meio ano. Diziais aí que o dinheiro da Duzinda(sic) que não chegou. Eu te mandei 55.000 que foi o que me tu mandaste pedir e não te podia mandar [mais] na ocasião, que se mais me dizes, mais te mandava que eu não sei se chegou que tu ainda me não mandaste dizer que o recebeste.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 44, Caixa n.º 2436, n.º 54

Pedido/Passaporte: 14-10-1904

Rio de Janeiro, 27 de 2 [de] 1914.

Saudosa mulher, saúde e paz é o que mais te desejo, que eu ao fazer esta fica bom graças a Deus.

Com respeito ao teu embarque, vem assim que esta recebas. [Quero] que venhas porque aqui é tudo cheio que eu que me não dava contigo. Pois eu nunca te tratei mal. Pois é bem que tu venhas e faças tudo quanto te eu dizi aí. Tu ainda bem estás lembrada como eu te dizia?

Os pequenos ficavam em casa do pai e a procuração, essa já ficou pronta, como o pai sabe e tu também. Pois traz as coisas que eu te disse. Se te lembrar, não te esqueças.

O menino fica a mais (sic) a avó, que ela o acaba de criar. Se for preciso uma cabra, eles que comprem e a Zulmira que vá com ela para o Cazascal, nem que coma as videiras não tem perigo.

Eu te remeto 10.000 [reis]. São para tu me trazeres 2 relógios iguais ao que eu tinha da outra vez. Tu bem sabes como são, são de prata, baixinhos. E a volta de ouro para a comadre igual à da Vitória. Compra na casa da penhora e se não, compra a teu gosto e uma cruz igual à da Vitória que tem a Luísa.

O pai que te tire o dinheiro no banco ou particular, que ele bem sabe como assim é preciso.

Com respeito aos prédios já te disse numa carta que cuja debes ter recebido, não te aflijas que o pai bem sabe o que há-de fazer melhor do que eu e do que tu.

Com isto nada mais. Cá te espero na volta da carta ou do vapor que tu vieres mo manda dizer para te ir esperar.

Meu pai, no vapor com quem tratar mande-me dizer para eu esperar a bordo. Veja se trata para ela vir na Companhia do Galo, nem que só demore dez dias, porque tem vapores [que] só demoram esse tempo. Veja se ela pode arranjar. Com isto nada mais.

Manuel da Costa Dias.

E minha firma supra não tem equivocação.

Maria, faz por ver se podes chegar com o leite. Puxa-o bem com a bomba. Faz por chegar com o leite, que se arranja com um bom emprego a ganhar 120 porque é ama.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 53, Caixa n.º 1964, n.º 21

Pedido/Passaporte: 23-03-1915

S. Paulo, 13 de Janeiro de 1915

Sobrinha e irmão, lanço a mão à pena para saber da vossa saúde e da dos meus meninos, do pai e da mãe e mais de toda a nossa família, que a minha e da tua tia estamos bons graças a Deus para sempre.

Sobrinha, cá recebi a tua carta e nela vi o que me dizias. Onde tu me dizes que aqui chegando que andarás de rastos com as tuas mãos para eu pôr os pés. Eu não preciso disso. Só quero que tenhas cá muito juízo, muito tino e mais nada. Agora o dinheiro que aí está é para me mandardes quanto antes os nossos filhos Eduardo e Azul, que o nosso desejo é tê-los em nossa companhia. E para tu vires e te encarregares deles, mando-te uma letra de cinquenta mil réis e se não chegar, arranjai aí o resto até que eu o possa mandar.

Maria, depois põe um sinal à arca para [a] conheceres em Lisboa, põe-lhe três cruces com tinta preta, bem grandes.

Maria, depois os meninos que vão dizer adeus ao avô e à avó e à nossa família toda e à Maria Mafalda velha e à Jesus e à tia Adelina e ao tio Inácio e ao sr. Professor e ao compadre Ilísio e à minha comadre Carlota que é quem vestia [os] meus meninos.

Maria traz as cartas que te tenho mandado agora contigo. A direcção é a mesma. Acautela os meninos dentro do vapor, não caiam de lá abaixo.

E tu, irmão, recebe um apertado abraço da Micas e outro meu e as [?] para as tuas filhas e tu, sobrinha, aceita um apertado abraço da tua tia e outro deste teu tio que estamos mortos para vos ver, a ti e aos nossos filhos a quem mandamos muitos beijos.

Teu tio

António Augusto Arolo.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 66, Caixa n.º 2491, n.º 88

Pedido/Passaporte: 31-12-1915

Manaus, 3 de Novembro de 1915

Minha querida mãe, é com o coração cheio de saudades que lhe respondo à sua cartinha de 23 de Outubro.

Com respeito ao Mário, em vista dele querer vir, peço por favor à minha mãe e ao meu irmão que veja se arranja uma pessoa de confiança por quem [o] mandar, porque ainda não sabe o que o dinheiro custa a ganhar, porque só Deus e nós é que sabemos com que dificuldades com que nós aqui vivemos.

Mandou-nos dizer que andavam descalços por o calçado estar muito caro. Nós erguíamos as mãos para Deus se ganhássemos para comer. A Maria da Luz e [a] Adozinda estão cansadas de trabalhar e chegam ao fim do mês e não têm para o cibo de pão. Os fregueses, depois do serviço feito, não querem pagar. Estive numa casa 6 meses e só me pagaram 2 e à Maria da Luz ficaram-lhe a dever quinhentos mil reis e foram-se embora e não quiseram saber de nós.

Aí lhe mandamos cento e cinco mil reis, trinta e cinco para a minha mãe que lhe mandam a Maria da Luz e [a] Adozinda e a Teresa e eu, desculpe em ser pouco, é para as festas do Natal. Dez mil reis é para [o] Ernesto e dez tostões para a Filomena e três mil reis para vestir o João e vinte para a mãe, para os porcos, e setenta mil reis para a passagem do Mário.

Mande fazer duas roupas bem feitas, finas, 1 azul marinho e outra clara e mais quatro pares de calças e meia dúzia de ceroulas, meia dúzia de camisas para desembarcar, lindas e uma gravata. Tirem da minha mala duas toalhas e meia dúzia de lenços.

Peço-lhe que lhe dê dinheiro para comprar uma mala e para o que ele precisar. Comprem uns sapatos finos para ele desembarcar.

Com isto adeus. Aceite muitas lembranças de toda a nossa família. Olhem, a roupa da minha mala não ma deixem roubar e a senhora aceite um apertado abraço desta que a bênção lhe pede. Estrela. Traga a roupa que tiver para [a] viagem.

Sua filha Estrela

Mais uma vez lhe recomendo para mandar fazer duas roupas finas e quatro pares de calças. Tome bem conta na mala.

Sou esta sua filha que deseja mil felicidades.

Maria Estrela.

**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 71, Caixa n.º 2441, n.º 51

Pedido/Passaporte: 28-11-1916

Rio de Janeiro 23-9-1916

Carolina, muito estimo que estas duas letras mal notadas te vão encontrar de perfeita saúde na companhia dos nossos queridos filhos, que a minha vai indo, felizmente. O Alfredo tem tido saúde, graças a Deus.

Carolina, não sei qual a razão que há em me não teres escrevido (sic), que já há 6 meses que não recebo carta tua. Eu escrevi duas cartas ao compadre Adriano, uma à Céu, uma ao Sr. António e outra a ti e não tive resposta de nenhuma. Não sei qual é a razão.

Eu já desde o S. João que não ganho nada, tenho estado doente e tu nunca tiveste a coragem de escrever ao teu marido. Por isso vejo que tu só tens amizade ao dinheiro, não é assim. E ainda tirares a filha de me escrever!

Tu assim tratas-me como um escravo. A tua família é a que está aí, mas eu não te merecia isso. Mas Deus é Pai.

Isto aqui está muito ruim. Não há trabalho. Quem ganhava 5 está a ganhar 2. Há muitos que até pela comida trabalhavam, mas não encontram. Os patrões até do pouco ordenado não pagam. Para o que está melhor é para as mulheres. Agora se tu quiseres vir manda-me dizer, mas com os filhos não podes vir. Se vieres, vê se podes deixar aí os filhos. É só para veres o que é o Brasil. Dinheiro para a tua passagem não to posso mandar. Agora tu resolve a tua vida. Aqui está ruim; só à vista. Olha eu e o Alfredo fazíamos tenção de irmos para a Páscoa. Agora tu vê lá, resolve a tua vida. Se não vieres vê lá se podes arranjar terra para as batatas e uma ou duas sortes de milho que eu vou-to ajudar a governar, que isto aqui não vale mais nada. Eu sei que aí está ruim, mas aqui ainda está pior.

Eu não me tenho esquecido de vós, mas não tenho podido mandar nada. Agora junto a esta carta te mando um vale no valor de 15.000 mil réis

[5 mil réis manda-os o Alfredo à minha mãe], que são para as tuas despesas. Desculpa em ser pouco, mas eu agora não te posso mandar mais, pois tenho gasto muito dinheiro e não sei se tenho já alguém nessa terra, visto tu já há tanto tempo sem escreveres.

Qual é a mulher que não gosta de saber notícias do seu marido? Só tu, que não tens conhecimento de mulher ou então não sei o que é isto.

Este dinheiro que eu te mando é para pão para os filhos e para vós vos vestirdes. Se tu resolveres aí alguma coisa, eu para Janeiro te mando dinheiro para comprares um porco, que eu to vou ajudar a comer. Manda-me dizer o que vai aí a respeito da guerra e quem é que já está intimado para ir.

Nós aqui estamos à espera que o governo pague a passagem que vamos todos defender a nossa pátria.

Manda-me dizer como vai a minha mãe.

Com isto nada mais. Dá muitos e muitos beijos e abraços aos nossos queridos filhinhos. Lembranças ao Sr. Joaquim e aos irmãos e a toda a família. Lembranças ao compadre Adriano e à comadre Silvina e ao pai e mãe e a todos os irmãos. Os mesmos ao Sr. José Cardoso, ao Sr. José Botelho e famílias. Muitas lembranças a minha mãe, minhas e do Alfredo e tu de mim aceita um apertado abraço deste teu marido. José Borges.

[P.S.] Peço-te que me contes a tua vida que eu não sei porque tu me não escreves. Não me queiras botar nódoas na roupa que eu ainda sou o mesmo.

Olha, deste dinheiro, 10.000 mil réis mando-tos eu e 5 manda-os o Alfredo a minha mãe. Olha, peço-te que fales com o Sr. António por causa do dinheiro que eu até ando envergonhado, que eu aqui só tenho andado a fazer esmolas. Lembranças [ao] Sr. Alfredo.



**ANTOLOGIA, ADV**

Carta n.º 88, Caixa n.º 1857, n.º 54

Pedido/Passaporte: 29-9-1920

Rio de Janeiro, 2 de Agosto de 1920.

**Meu bom irmão:**

Estimo que estejas de perfeita saúde em companhia de todos, é o que mais estimo, pois por aqui todos nós ficamos bons.

Mando-te este bilhete dentro da carta de meu compadre, só para te dizer que me mandes o meu Manuel, pois eu não vou enquanto o não deixar empregado, visto que você me mandou dizer que ele tinha empenho em vir.

Peço-te que mo mandes com pessoa de confiança e não quero que gastes com ele coisa nenhuma, pois em ele chegando nada lhe faltará.

Nada mais por hoje. Junto a esta uma letra com 300.000 [reis].

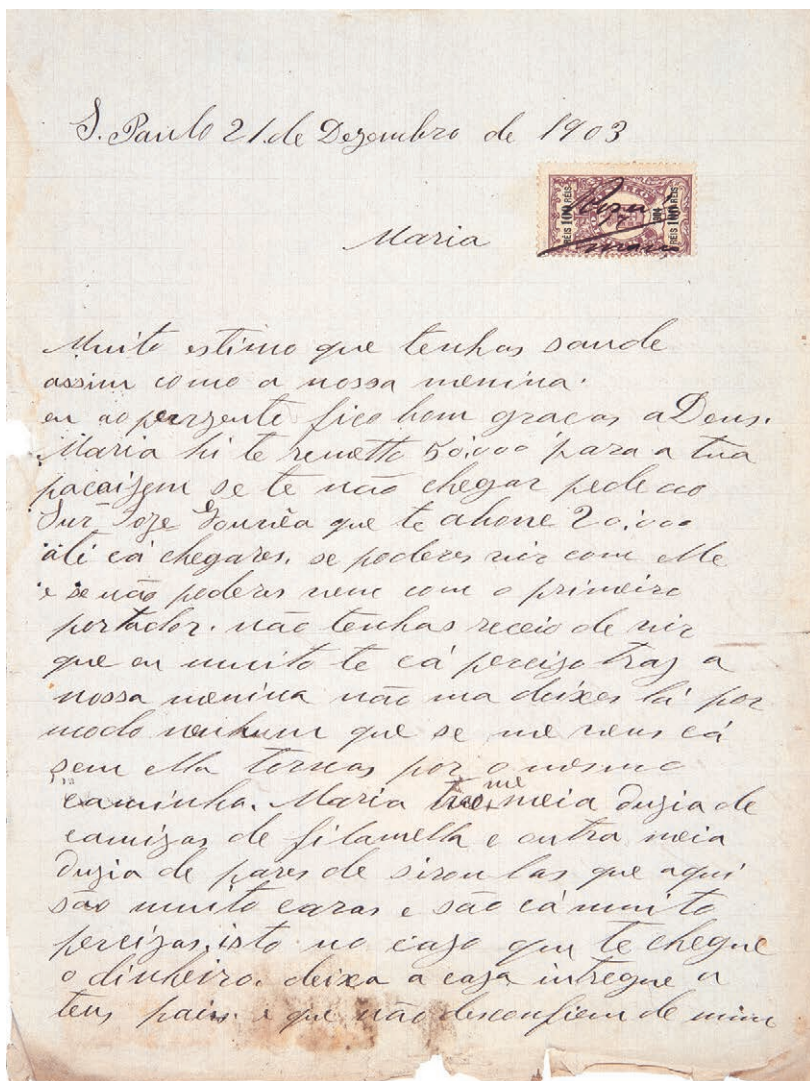
Lembranças à cunhada e sobrinhos.

Teu mano que te deseja ver e abraçar.

António Pereira.

## Anexo n.º 5

### Documentos



## ESTAMPA 1

Cartas de Chamada - 1.ª página

21 de Dezembro de 1903

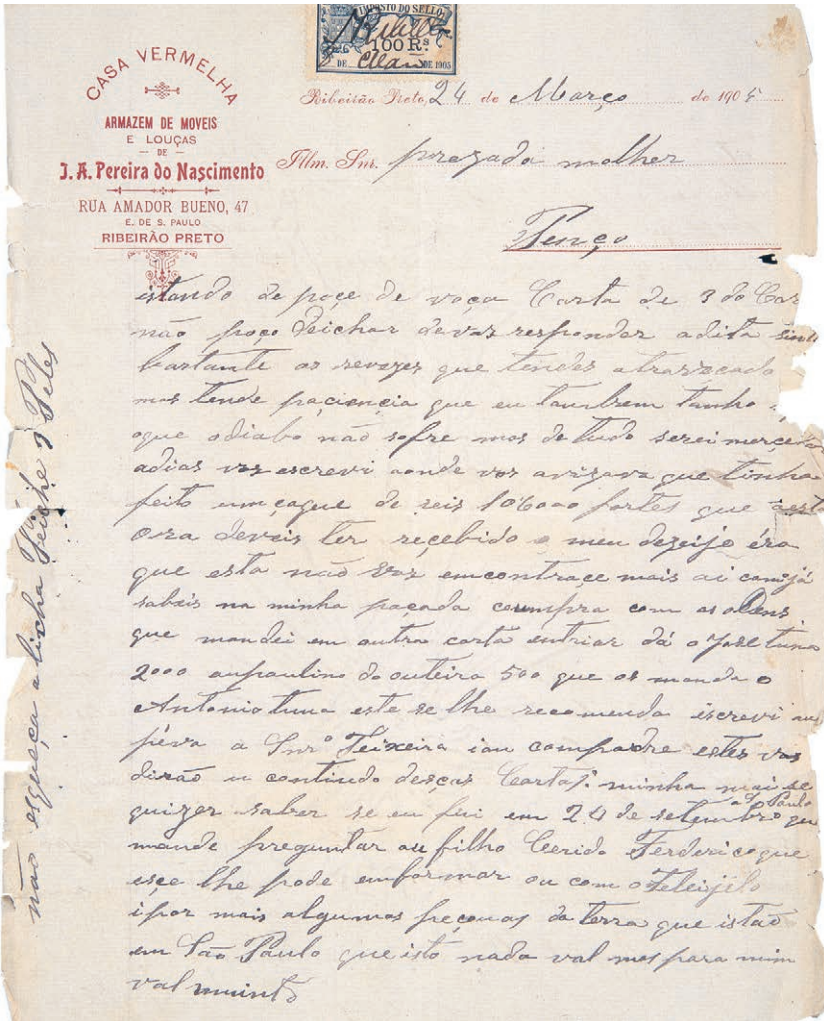
Papel 27 x 21 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 2069, n.º 7, de 24/03/1904

Foto José Alfredo



ESTAMPA 2  
 Cartas de Chamada – 1.ª página  
 24 de Março de 1905  
 Papel c/ carimbo de Casa Comercial, 27 x 21 cm  
 Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
 ADV/ Processos de pedido de passaportes  
 GC/P, Maço 1848, n.º 87, de 02/06/1905  
 Foto José Alfredo

Manoel Augusto Faiva  
 João de Souza Villas Boas  
 CARPINTEIROS

Rua ~~Carvalho~~ ~~de~~ ~~Paulo~~ S. PAULO 16 de Maio de 1911

Querida Mulher de Coração enprimizado  
 estimo que estas duas mánotas te vão encontrar  
 de prefeito de São Ora Compartilha de nos os  
 filhos e filhas que ao presente estão em casa  
 a quem para sempre te dar gosto  
 o Mario de desculpa entre não me dá  
 a dinheiro mais se o e temenar pouco pois  
 eu não se pode servir mais cedo que não se  
 regerhi mais cedo se eu recebego todo que  
 temos na Rua e já haue nos vinhos e não  
 de bagar Mario de beber que eu tira  
 a qui notação que tu vives muito pobre pois  
 em visto de se eu a banca milhar tu vendes  
 de que cara pro-ros ou vices para a minha  
 Companhia de eu vou para a tua não  
 gosto tanto como temenro e eu não comer  
 e viver tu vives como milhar a vida  
 a qui agora e milhar de que era outro  
 tempo Comenta dá um beijo a cada filho  
 e tu aceita mil danças de se tem homem  
 que muita dança te deixas lembranças a meu  
 pai e mai e tras e tras em meus e em nos e a todas  
 familia Manoel Augusto Faiva de  
 Rua de que de Caracas e 123

## ESTAMPA 3

Cartas de Chamada - 1.ª página

16 de Maio de 1911

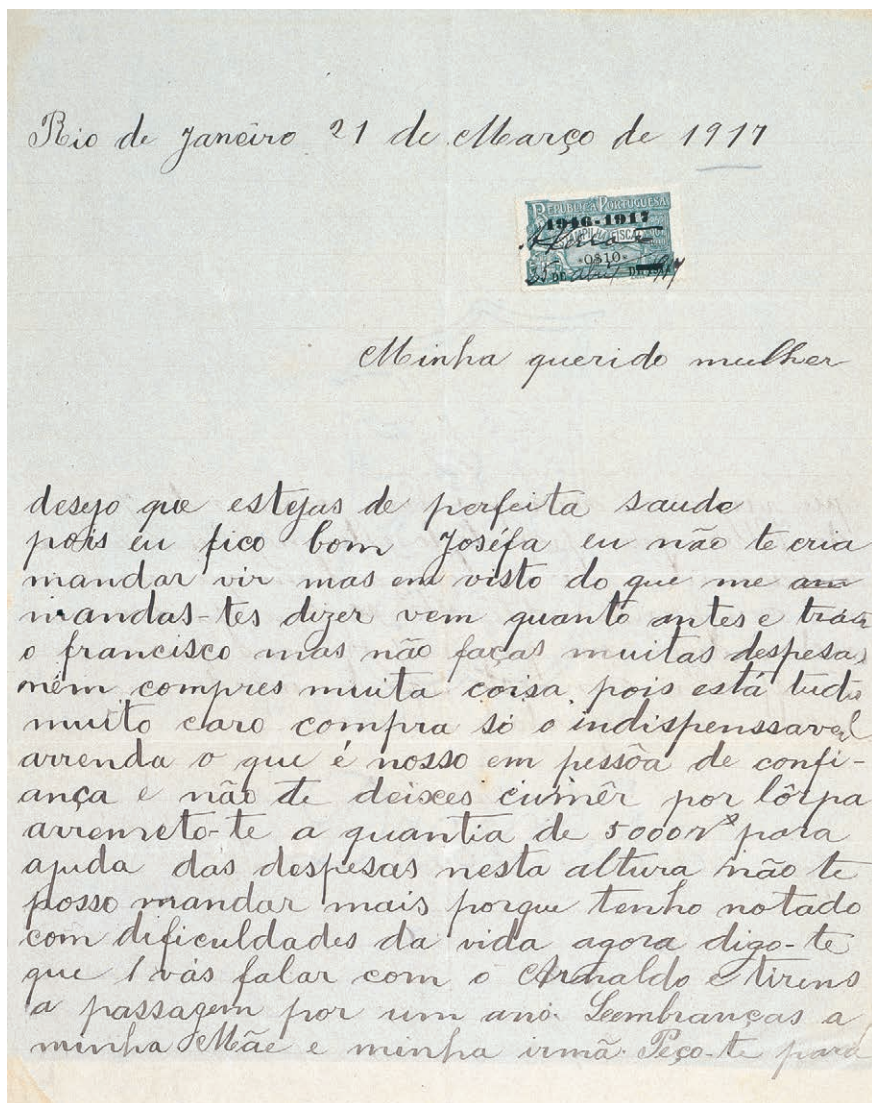
Papel c/ carimbo de Casa Comercial, 27 x 21 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1804, n.º 9, de 13/07/1911

Foto José Alfredo

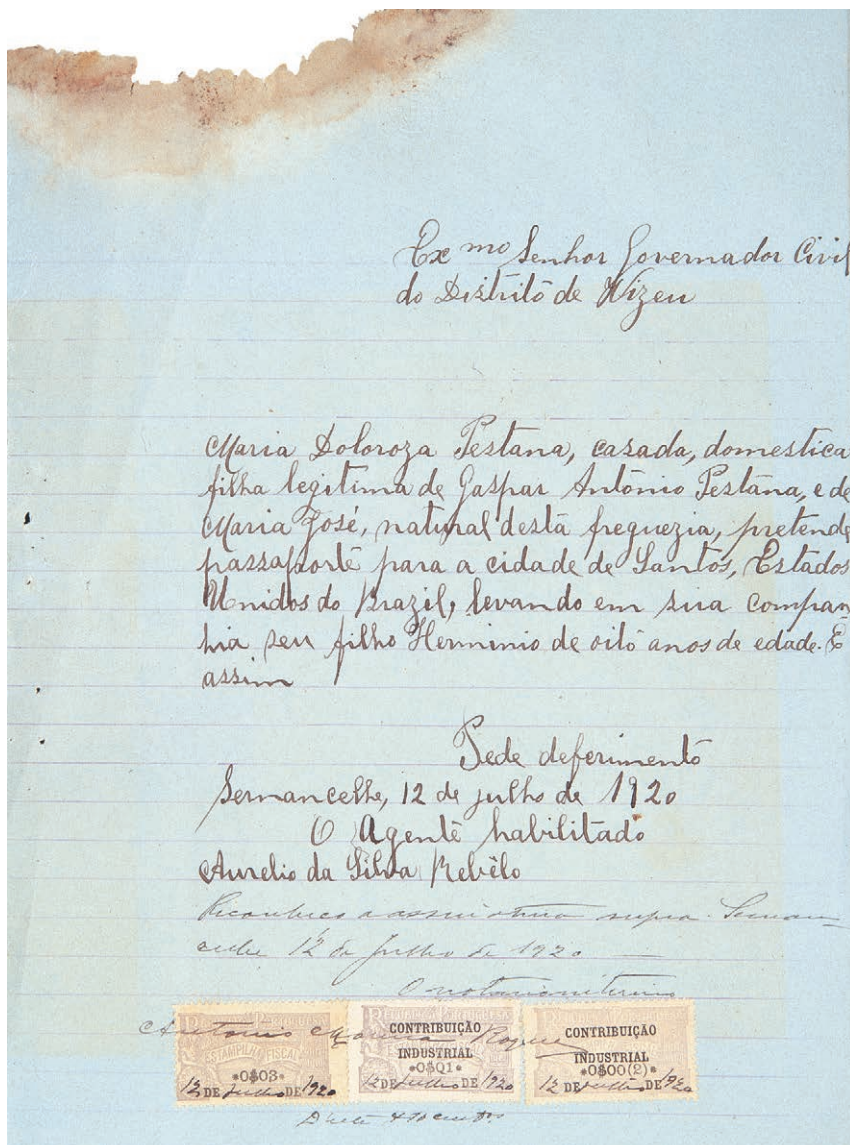


ESTAMPA 4

Cartas de Chamada – 1.ª página  
 21 de Março de 1917  
 Papel 35,5 x 21 cm  
 Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
 ADV/ Processos de pedido de passaportes  
 GC/P, Maço 2443, n.º 133, de 25/04/1917  
 Foto José Alfredo

\* Nota: A cada folha da carta foi colada uma tira  
 de papel para inscrição de reconhecimento.





ESTAMPA 5

Requerimento

12 de Julho de 1920

Papel azul de 25 linhas, 32 x 22 cm


Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1922, n.º 9, de 12/07/1920

Foto José Alfredo

5-21-  
N.º 5-22-523  
LIVRO n.º 227



**Termo de abonação de identidade**

Os sinais característicos

Idade 42 anos.

Altura 1<sup>m</sup> 64

Rosto Composto

Cabelo Castanho

Sobr'olhos Sobrios

Olhos Sobrios

Nariz Regulor

Boca Sã

Cor Natural

Sinaes particulares Não apresenta

Destino S. Paulo

Profissão Proprietário

Lê e escreve? Ude

Aos 5 dias do mez de Januário do ano de 1926, nesta Administração do Concelho de Alfama da Beira compareceu Luiz Baptista de Figueiredo Proprietario residente nesta vila e Concelho o qual na presença de testemunhas ao diante nomeadas e no fim assinadas, declarou reconhecer a identidade do emigrante que está presente João da Silva Machado filho de João da Silva Machado e de Marysa dos Prazeres natural de Brasília freguesia de Brasília concelho de Alfama da Beira residente

Do que se lavrou o presente termo, a que foram testemunhas Luiz Baptista de Figueiredo Proprietario residente nesta vila e Concelho João da Silva Machado Proprietario residente nesta vila e Concelho subscripto por mim: Julio Augusto Ferreira, secretario


O DELEGADO DO GOVERNO,  
Camilo Faria

O Abonador, Luiz Baptista de Figueiredo

1.ª testemunha: João da Silva Machado

2.ª testemunha: João da Silva Machado

O Abonado: João da Silva Machado



ESTAMPA 6

Termo de abonação de identidade – Frente  
5 de Janeiro de 1926  
Papel 30 x 20,5 cm  
Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
ADV/ Processos de pedido de passaportes  
GC/P, Maço 1590, n.º 80, de 05/01/1926  
Foto José Alfredo



Impr. do G. Civil—Viseu

	Nomes	Qualidade	Idade	Profissão	Naturalidade	Lê o escreve
1.ª	Rosalina Da Silva Coelho	filha	16	familia	Brasileira	Alma
2.ª	Alma Da Silva Coelho	filha	14	familia	Brasileira	Alma
3.ª						
4.ª						

**SINAES CARACTERISTICOS**

Altura 1,54 Rosto oval cabelo castanho olhos azuis nariz regular boca em cor natural	Da 1.ª C. B.	Altura 1,55 Rosto oval cabelo castanho olhos azuis nariz regular boca em cor natural	Da 2.ª C. B.	Da 3.ª C. B.	Da 4.ª C. B.
--	-----------------	--	-----------------	-----------------	-----------------

ESTAMPA 6 a)  
 Termo de abonação de identidade - Verso  
 5 de Janeiro de 1926  
 Papel 30 x 20,5 cm  
 Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
 ADV/ Processos de pedido de passaportes  
 GC/P, Maço 1590, n.º 80, de 05/01/1926  
 Foto José Alfredo



Pessoas de família

	Nomes	Qualidade	Idade	Profissão	Naturalidade	Lê e escreve
1.ª	Remerças de M. Remerças Mestre de Artesão n.º 9941 - Casado Nasceu a 14 de Dezembro de 1909	Filha	19	Costureira	Severavella	sim
2.ª	J. Soares Sousa Mestre de Pintor de Arte n.º 9940 - Casado Nasceu a 17 de Setembro de 1912	Filho	17	Perceira grida	"	"
3.ª	Paulina Sousa Mestre de Pintor de Arte n.º 9942 - Casado Nasceu a 10 de Novembro de 1914	Filha	15	Costureira de bicos	"	"
4.ª	Leonor Sousa Mestre de Pintor de Arte n.º 9941 - Casado Nasceu a 7 de Junho de 1914	Filha	12	familiar	"	"

Sinais característicos:

Da 1.ª	Da 2.ª	Da 3.ª	Da 4.ª
Altura - 1,54 Olhos - castanhos	Altura - 1,52 Olhos - castanhos	Altura - 1,35 Olhos - castanhos	Altura - 1,28 Olhos - castanhos

ESTAMPA 7 a)

Termo de abonação de identidade - Verso

29 de Novembro de 1929

Papel 30 x 20,5 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1675, n.º 26, de 29/11/1929

Foto José Alfredo



## CONSULADO DE PORTUGAL EM S. PAULO

### CARTA DE CHAMADA E AUTORIZAÇÃO

Certifico que, neste data, compareceu na Chancelaria deste Consulado de Portugal em  
 S. Paulo, Estados Unidos do Brasil, o cidadão português Manuel  
Lucena, estado casado,  
 profissão carroceiro, natural da Freguesia de Penso,  
 Concelho de Simancella, Distrito de Viseu,  
 na República Portuguesa, e residente em av. passa dos Taboas, n.º 239  
 deste Distrito Consular, o qual declarou que, por esta bastante Carta de Chamada, autoriza a  
 vir para a sua companhia as seguintes pessoas de sua família: seus mulher  
Isaura de José Lucena e seu filho  
José Lucena

todos residentes no lugar de Penso, freguesia de Penso,  
 Concelho de Simancella, Distrito de Viseu,  
 na República Portuguesa, e para as quais pagou as suas passagens ao preço correspondente  
 a dois por lugar, e que o mesmo "chamante" possui  
 bens de fortuna para os sustentar, que lhe permitem não só o pagamento das ditas passagens,  
 como também todos os encargos de vida que lhe vão acarretar as pessoas chamadas para junto  
 de si, estando nas condições do Decreto n.º 7.427, de 30 de Março de 1921, e tendo sido  
 assinado um termo de compromisso de sustento e repatriação das referidas pessoas, cujo termo se  
 acha registado no respectivo livro deste Consulado, sob n.º 1042 fol. 14 - l.º 7.º  
sendo as passagens pagas em Portugal  
 Consulado de Portugal em S. Paulo, aos 27 de Novem.  
bro de 1923.

Pagou ao cambio de 1.925 a quantia  
 de mil e setenta e cinco réis,  
 segundo o numero 75 da tabella,  
 ficando esta importancia lançada no livro  
 de receita sob o numero 2680.

  
 CONSUL



N. 9650

#### ESTAMPA 8

Carta de Chamada e Autorização

27 de Novembro de 1923

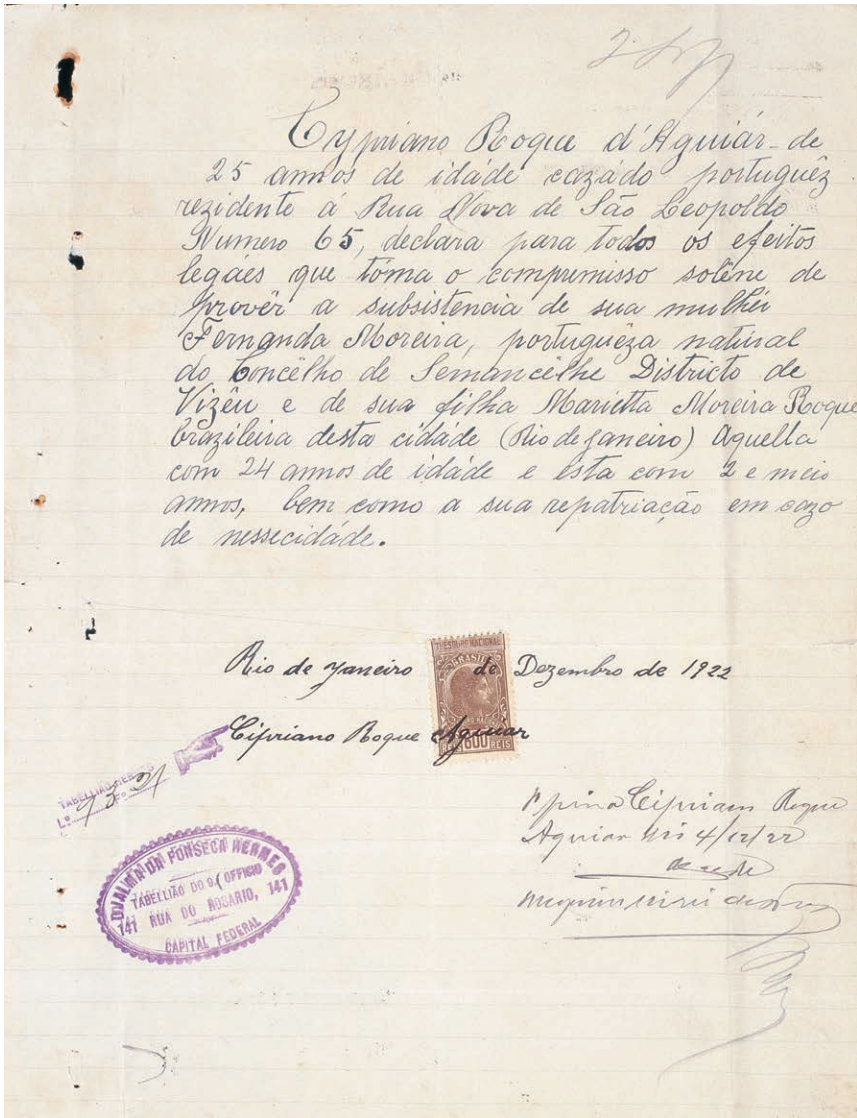
Papel 31 x 21,5 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1489, n.º 5

Foto José Alfredo



ESTAMPA 9  
 Declaração  
 4 de Dezembro de 1922  
 Papel 32 x 22 cm  
 Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
 ADV/ Processos de pedido de passaportes  
 GC/P, Maço 1646, n.º 39  
 Foto José Alfredo



ESTAMPA 10  
Passaporte de Joaquim Cardoso  
Papel 20 x 11 cm  
Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
ADV/ Processos de pedido de passaportes  
GC/P, Maço 2049, n.º 143  
Foto José Alfredo

7467  
**AGENCIA INTERNACIONAL DE VAPORES**

---

N.º ..... 1.ª Classe Rs. 38000

---

O Sr. *Juan Cuiado*

pagou a sua passagem de *3ª* classe  
 para *Marraus* no paquete *Laufron*  
 a sair de *Rubon*  
 em *17* de *Maio*

*Maria* *16* de *Maio*  
 de *1907*

ESTAMPA 11

Recibo de compra de passagem  
 16 de Maio de 1907  
 Papel cor de rosa, 13,5 x 12 cm  
 Viseu. Arquivo Distrital de Viseu  
 ADV/ Processos de pedido de passaportes  
 GC/P, Maço 1957, n.º 36, de 16/05/1907  
 Foto José Alfredo

Este passageiro entrará no Caminho de Ferro na Estação de  
Pelo paquete ..... a sair de Lisboa no dia ..... de ..... 19.....

R. M. S. P.

CLASSE ..... N.º 10547

The Royal Mail Steam Packet Company



**MALA REAL INGLEZA**

Terão a bondade de entregar ao portador *Manny Maria Pedro*

Um bilhete de *terceira* classe.  
para *Pis, no paquete Aragon, a sair de Lisboa em 3 de Junho*

Importancia da passagem paga aqui, Rs. \$

*Visen 1* de *Junho* de 19*07*

O CORRESPONDENTE  
*Manny Maria Pedro*

AOS SNRS. JAMES RAWES & C.º Rua de El-Rei, n.º 31, 1.º andar LISBOA
---

Prevenção-se os snrs. passageiros de que tem de apresentar este bilhete com o passaporte na Agencia em Lisboa até á manhã do dia anterior á saída do paquete, para lhes ser trocado por outro de embarque; e devem declarar ao mesmo tempo a qualidade e quantidade dos volumes da sua bagagem.

**LEIA-SE A PREVENÇÃO NAS COSTAS D'ESTE BILHETE**

ESTAMPA 12

Recibo de compra de passagem

1 de Junho de 1907

Papel 19 x 16 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1958, n.º 127, de 29/05/1907

Foto José Alfredo



JOSE ANTUNES DOS SANTOS & C.<sup>A</sup>

←→

N.º \_\_\_\_\_ Pos. \_\_\_\_\_ § \_\_\_\_\_

39 classe

Vapor *Aragua*

Nome *Teófilo Damiano*

Vestido *Santo*


Quantas passagens *uma*

Dia da sahida de *Beboá*

a 16 de Junho de 1908

O CORRESPONDENTE

*Ante de José Santos*



ESTAMPA 13

Recibo de compra de viagem

16 de Junho de 1908

Papel cor violeta, 15 x 12,5 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1819, n.º 105, de 15/06/1908

Foto José Alfredo

**Casa Matagatos**

VIZEU

AGENTE OU CORRESPONDENTE

**DE TODAS AS COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO**

O Sr. F. Timon de Jesus comprou 1  
passagem de 3ª classe para Alentejo vapor \_\_\_\_\_ da compa-  
hia \_\_\_\_\_ que sahe de Lisboa a 28 de Junho  
Vizeu 27 de Junho de 1907.

**O Correspondente**  
Marcos Maria Rodrigues

ESTAMPA 14

Recibo de compra de passagem

1 de Junho de 1907

Papel 20 x 11 cm

Viseu. Arquivo Distrital de Viseu

ADV/ Processos de pedido de passaportes

GC/P, Maço 1821, n.º 36, de 27/06/1908

Foto José Alfredo

, *Diario Il-*  
*Norte, etc.*  
**lea**  
 , gaiolas, pain-  
 cordas de gui-  
 de clarinete e  
 ras e flautas,  
 hotel, gra-  
 s, escovas para  
 abello, pentes,  
 ndeiras e lam-  
  
**fricana**  
 odernamente  
 a poder satis-  
 em magnifico  
 o feito, para  
 e creança e  
 todas as en-  
 forem confia-  
  
 do e retalho.  
 ecta com a  
  
**ricola**  
 ES=  
 qualidades dif-  
  
 .  
 .  
 qualidades es-  
  
 cenouras, raba-  
 etc., etc.  
 OS «*Tagus*»  
 is e acreditadas  
 ica regateou so-  
 uizos d'um in-  
  
 . A. SOLITARIO,  
 i effectuar segu-  
 anto em Vizeu  
 bo.

sado pelo Conselho  
 de Portugal e Inspectoria Geral de  
 Hygiene, da Côrte do Rio de Janeiro,  
 premiado e approved nos hospitaes.

**Premiado com a medalha d'ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.**

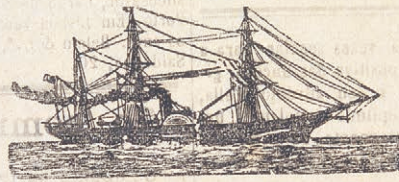
**Vinho nutritivo de Carne.**—E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob

da comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Esta dose com quaesquer bolachines e um excellente *lunch* para as dessoas fracas ou convalescentes, prepara o estomago para acceita a alimentação do jantar e, concludo ella toma-se egual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Estes medicamentos acham-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

**Companhia Real de Navegação a Vapor do Pacifico**



Carreira quinzenal para o Brazil, Rio da Prata e Portos de Pacifico.

**Sahidas de Lisboa ás 4.ª feiras de 15 em 15 dias.**

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-Ayres, Valparaiso e mais portos do Pacifico.

Sahira vaquete : Para m.º esclarecimentos dirigir aos unicos agentes

<b>LISBOA</b>	<b>PORTO</b>
E. Pinto Basto & C.ª—CAES DO SODRÉ 64	KENDALL, PINTO BASTO & C.ª—Rua do Infante D. Henrique, 73.

OS BILHETES DE PASSAGEM VENDEM SE NO CAMPO DE VIRIATO NA ANTIGA CASA—MATAGATOS.

**Próprieda de da familia do fallecido Joaquim Pereira da Silva**

**PREÇOS LIMITADÍSSIMOS**

# AGENCIA CENTRAL

Com caução de seis contos de reis no governo civil de Vizeu

**O AGENTE--Frederico Silva.**

VENDA DE PASSAGENS nos paquetes da Mala Real Portuguesa, Messageries Maritimes, Mala Real Inglesa, Pacifico e Hamburguesa, Andressen, Ligure, Root e outras.

## PASSAGENS PARA O BRAZIL E AFRICA

**Bahia, Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Pará e Manaus**

**Paquetes a sahir de Lisboa**

Para o Rio de Janeiro <b>ATLANTIQUE</b> —10 Julho <b>THAMES</b> —24 Julho <b>LA-PLATA</b> —30 Julho	Para Rio de Janeiro e Santos. <b>MALANGE</b> —24 Julho <b>PETROPOLIS</b> —18 Julho <b>AMAZONAS</b> —30 Julho
--	---

**Pará Manaus**

AMAZONENSE—18 de Julho.  
 FLUMINENSE—27 de Julho.  
 MADEIRENSE—em 3 de agosto.  
 AFRICA OCCIDENTAL—S. Thomé, Loanda e outros portos.  
 AFRICA ORIENTAL—Lourenço Marques, Beira e outros portos, em 2 de maio o paquete «CAMPANA» e outros paquetes de diferentes Companhias.

Faz-se abatimento *20 por cento* aos passageiros de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe, que tenham embarcado em paquetes de Mala Real Portuguesa á menos d'um anno e que queiram voltar na mesma classe em paquete da mesma companhia.

Esta agencia está situada muito proxima do governo civil, aonde os passageiros têm de ir para tirar os seus passaportes. A VENDA DAS PASSAGENS tanto de 1.<sup>a</sup> como de 2.<sup>a</sup> classe, nunca custa tam mais do que os preços da tabella nas agencias de LISBOA e PORTO, havendo a vantagem para o passageiro de já ter o logar reservado, podendo até só sahir na vespera da partida do paquete.

GRATIS—Nesta agencia dão-se aos interessados todos os esclarecimentos para obterm com a maior brevidade e simplicidade todos os documentos precisos para tirar passaportes—assim como aos reservistas e a outros individuos sujeitos á vida militar.

**Prevenção**—A todo o individuo que se apresentar n'esta agencia com papeis falsos, immediatamente será denunciado ás autoridades competentes.

Para tratar e informações, no escriptorio da agencia (loja de fazendas)

**LARGO DA SÉ N.º 20 E 22—VIZEU**

**O AGENTE--Frederico Silva**

dem obter por assignatura (10 REIS DIARIOS) ou em obras completas, brochadas ou encadernadas. E tambem obras classicas e instructivas de subido valor, salientando-se entre ellas a «Historia de Portugal», «O Guerreiro e Monge», «O Marquez de Pombal», «O Dicionario de Candido de Figueiredo». Obras completas de Kneipp, de Victor Hugo e de Almeida Garrett, etc., etc.

**Especificos**

O grande CALCICIDA FRANCO que tantos alivios tem prestado á humanidade.

Cada frasco, 240 REIS.

A bella TINTURA AMERICANA que faz dos velhos rapazes novos e frescos, restituindo aos cabelos a cor da juventude.

Cada caixa com 2 frascos, 600 rs.

**Jornaes diarios e semanarios**

*Seculo, Vanguarda, Patria, Diario de Notícias, Supplemento Illustrado do Seculo, Diario Illustrado, Parodia, Norte, etc.*

**Miscellanea**

Casarios de fina raça, gaitolas, painço e alpista, harmonicas, cordas de guitarra e violão, palhetas de clarinete e requinto, violões, guitarras e flautas, sabonetes de familia e hotel, graxa, palitos para dentes, escovas para fado, graxa, dentes e cabelo, pentes, carteiras, bengalas, bandeiras e lampões para festas.

**Sapataria Africana**

Esta sapataria modernamente montada de ferma a poder satisfazer bem a todos, tem magnifico sortimento de calçado feito, para cavalheiro, senhora e creança e executa por medida, todas as encomendas que lhe forem confiadas.

Vendas por atacado e retalho. Correspondencia directa com a AFRICA.

**Secção agricola**

—SEMENTES—

De couve, 10 ou 12 qualidades diferentes.

De melão, 12 ou 15.

De melancia, 6 ou 8.

De feijão, 12 ou 15.

De abobora, 2 ou 3 qualidades espedias.

De pepino, 2 ou 3.

Ervilhas, brocolos, cenouras, rabanetes, chicoria, favas, etc., etc.

**Companhia de seguros «Tagus»**

Uma das mais sérias e acreditada no seu genero, que nunca regateou sobre as afflicções e prejuizos d'um incendio.

E hoje seu agente A. A. SOLITARIO o qual está habilitado a effectuar seguros contra incendios, tanto em Vizeu como em todo o concelho.

ESTAMPA 16

O Comércio de Viseu

Ano XV, n.º 1508, de 03/01/1901

Biblioteca Municipal de Viseu

Foto José Alfredo

IO DE VIZEU

ENS

O — VIZEU

graphica  
pressos em luto  
la e cartão de

amentaria

TICOS—

s para barato.  
commodo trans-

dade  
rande duração.

tes, cordões, fi-  
a, de bellissima  
mesmos.

luxo.  
nanipulos pallas,  
veus, albas, sin-

odellos de Fran-

ystema do Porto.  
para as mesmas  
am todos os ge-

arla

o em papelaria e

eraria

E PUBLICAÇÕES

dos melhores ro-  
s, os quaes se pó-  
ura (10 REIS DIA-  
pletas, brocha-

E tambem obras  
e de subido valor,  
ellas a «Historia  
rreiro e Mongex»,  
, «O Dicionario  
do». Obras com-  
fictor Hugo e de  
et.

ficos

IDA FRANCO que

estado à humani-

240 REIS.

AMERICANA que

s novos e frescos

# MALA REAL INGLEZA



PAQUETES A SAHIR DE LISBOA

DE 5645 TONELADAS

THAMES—em 24 de JULHO—Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

DE 5946 TONELLADAS

DANUBE—em 6 de AGOSTO—Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, e Buenos-Ayres.

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista da planta dos paquetes, mas para isso recommendamos muita antecedencia. E' conveniente ser um mez ou mais, por causa da grande affluencia de passageiros.

## Prevenção aos passageiros

Tendo acontecido por varias vezes que alguns passageiros pagam as suas passagens como para embarcar nos paquetes d'esta Companhia, sendo depois enganados e levados para outras companhias, recommenda-se em especial que tenham o maior cuidado em tratar sempre só com pessoas de probidade e credito, exigindo sempre um bilhete onde se leia impresso o nosso nome W.<sup>m</sup> & GEO. TAIT & C.<sup>a</sup> e tambem o nome da Companhia MALA REAL INGLEZA.

*Estes paquetes levam as malas de correto para os portos acima mencionados*

A bordo de todos estes paquetes ha creados portuguezes.

Para mais esclarecimentos dirigir aos unicos agentes no Porto, W.<sup>m</sup> & GEO. TAIT, & C.<sup>a</sup> rua Infante 19 e 21, ou aos seus correspondentes em todas as villas e cidades do norte de Portugal

*Unicos agentes no norte de Portugal*

## W.<sup>m</sup> & GEO TAIT & C.<sup>a</sup>

Rua do Infante D. Henrique, 19 e 21—PORTO

OS BILHETES DE PASSAGEM VENDEM-SE NO CAMPO DE VIRIATO NA ANTIGA CASA—MATA GATOS.



sua influencia desenvolve-se rapidamen-  
te o appetite, enrique-se-se o sangue

ESTAMPA 17

O Comércio de Viseu

Ano XV, n.º 1508, de 03/01/1901

Biblioteca Municipal de Viseu

Foto José Alfredo



ESTAMPA 18

José dos Santos\* e Iracema

Fotografia (1936)

22 x 16 cm

Colecção: Rita do Céu Oliveira (Ferrerim)

\* José dos Santos emigrou para S. Paulo em 15/12/1926 (conf. Anexo 1, n.º 1835)



ESTAMPA 19

Mala de porão

Século XX

Madeira, pele e ferragens

90 x 60 x 40 cm

Colecção Manuel dos Santos (Sarzeda)

Foto José Alfredo

---

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes manuscritas

Arquivo Distrital de Viseu, Fundo do Governo Civil - *Folhas de Registo de Passaportes*.

Arquivo Distrital de Viseu, Fundo do Governo Civil - *Termos de Abonação e Identidade (1901-1930)*.

Arquivo Distrital de Viseu, Fundo do Governo Civil, 1903 - *Boletim Mensal Agrícola do Concelho de Sernancelhe*.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1758 - *Dicionário Geográfico*. Lisboa.

### Fontes impressas

*Análise Social*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1991-1994).

*Anuário Estatístico de Portugal, Ano de 1919*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1924.

*Anuário Estatístico do Reino de Portugal, 1º ano, 1875, Repartição de Estatística do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1877.

*Beira Alta*. Revista da Assembleia Distrital de Viseu (1942-2000).

*Boletim da Casa Regional da Beira Douro* (1968).

*Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1911*, parte I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1913.

*Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1920*, volume I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1923.

*Censo da População de Portugal. Dezembro de 1930*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1934.

*Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900*, Volume I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.

*Centenaire de la Republique du Brésil, Exposition de Rio de Janeiro, Un Siècle de progrès dans les Communications Maritimes*. London: Baynard Press, 1922.

*Colóquio - Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1985).

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Instituto António Houaiss de Lexicografia de Portugal, Círculo de Leitores, 2002.

*Arrolamento de Gados, Direcção Geral da Economia e Estatística Agrícola. Divisão da Estatística Pecuária, n.º 3*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1920.

*Emigração Portuguesa (1901-1912)*, Direcção Geral da Estatística e dos próprios Nacionais, Lisboa, Imprensa Nacional. 1904-1913.

*Estatística Agrícola de 1916, Ministério das Finanças, Direcção Geral da Estatística, Repartição da Estatística Agrícola*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1917.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lª., 1978.



LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, 1873[-1886] - *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário Geográfico, Estatístico, Heráldico, Arqueológico, Histórico, Biográfico e Etimológico de todas as cidades, vilas e freguesias de Portugal* (12 volumes). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia.

*O Comércio de Viseu (1901-1915)*.

*Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de, 1983 - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram* (edição crítica de Mário Fiúza, 2 volumes). Porto: Livraria Civilização Editora.

## **Bibliografia**

ALVES, Jorge Fernandes (coord.), 1999 - *Os “Brasileiros” da Emigração*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

ALVES, Jorge Fernandes, 1994 - *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Edição de autor.

AMARO, Rafael António M. Antunes, 2003 - *Economia e Desenvolvimento da Beira Alta dos finais da monarquia à II Guerra Mundial (1890-1939)*, Dissertação de Doutoramento em Letras (Texto policopiado). Coimbra: Universidade de Coimbra.

ARAÚJO, Agostinho, 2000 - “Os “milagres” dos santos de casa”, in *Os Brasileiros de torna-viagem*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

AZEVEDO, António Cândido, 1999 - *Sernancelhe. Casa da Comenda*. Sernancelhe: Câmara Municipal de Sernancelhe.

CARVALHO, Abílio Louro de, 2002 - *Da Varanda do Távora. Sernancelhe na Marcha da Torrente*. Sernancelhe: Edição da Câmara Municipal de Sernancelhe.

CASTRO, Ferreira de, 2001 - *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães Editores Lda.

COLAÇO, João Telo de Magalhães, 1931 - *Cadastro da População do Reino*. Lisboa.

COOPER, Michael, 2003 - *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do século XVI*. Lisboa: Quetzal Editores.

CORREIA, Alberto, 1976 - “Sepulturas cavadas em rocha no Concelho de Sernancelhe”, in *Beira Alta*, 35, 1. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.

CORREIA, Alberto, 1982 - “Carlos Massa, pintor de milagres” in *Beira Alta*, vol XXXV, 2.º trimestre. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.

CORREIA, Alberto, 1992 - “Ex-votos. Lapa. Sernancelhe”, in *Cadernos Aquilínianos*, n.º 1. Moimenta da Beira: Fundação Aquilino Ribeiro.

CORREIA, Alberto, 1998 - *Sernancelhe. Roteiro Turístico*. Sernancelhe: Câmara Municipal de Sernancelhe.

COSTA, M. Gonçalves da, 1982 - *História do Bispado e Cidade de Lamego, III Renascimento*. Lamego.

- CUTILEIRO, João, 1977 - Ricos e Pobres no Alentejo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- FAUSTO, Boris, 1994 - *História do Brasil*, 4ª edição. S. Paulo: Universidade de S. Paulo.
- FERNANDES, A. de Almeida, 1978 - “Sernancelhe”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXVIII. Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lª.
- FIGUEIREDO, Cristóvão Moreira de, 1953 - “Viação Romana das Beiras”, in *Beira Alta*, XII, I. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- FONSECA, João Rodrigues, 1999 - *Emigração para o Brasil e Retorno no Concelho de Vila Nova de Paiva – Vila Cova à Coelheira, 1956-1963*, Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais (Texto policopiado). Porto: Universidade Aberta.
- GAMA, Manuel Fonseca da, 2003 - Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova de Paiva (reedição da Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva). Vila Nova de Paiva: Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva.
- LEITE, Joaquim da Costa, 1991 - “O transporte de emigrantes: da vela ao vapor na rota do Brasil, 1851-1914”, in *Análise Social*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- LEITE, Joaquim da Costa, 1999 - “O Brasil e a Emigração portuguesa (1855-1914)”, in *Fazer a América: a Imigração em massa para a América Latina* (org. Boris Fausto). S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo.
- LEITE, Joaquim da Costa, 2000 - “A Viagem”, in *Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- LOPES, Joaquim Moreira, 1973 - *Do Peitoril da Minha Janela*. Porto.
- LOURENÇO, Eduardo, 1985 - “Aquilino ou as Duas Aldeias”, in *Colóquio/Letras*, n.º 85. Lisboa.
- MAIA, Fernanda Paula Sousa, 2000 - “Cruzar o Mar, Ganhar o Pão, Cumprir o Sonho”, in *Os Brasileiros de Torna Viagem*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- MENEZES, Lená Medeiros de, 1997 - “Bastidores. Um outro Olhar sobre a Imigração no Rio de Janeiro”, in *Acervo*, n.º 2. Rio de Janeiro.
- MONTEIRO, Miguel, 2000 - *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926)*. Fafe: edição de autor.
- MONTEIRO, Paulo, 1985 - *Terra que já foi terra*. Lisboa: Edições Salamandra.
- MOREIRA, Ab. Vasco, 1929 - *Terras da Beira. Sernancelhe e seu Alfoz*. Porto: Oficinas de O Comércio do Porto.
- O'NEIL, Brian Juan, 1984 - *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros*. Lisboa: Publicações D. Quixote, Col. Portugal de Perto.
- PINA-CABRAL, João de, 1989 - *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A Visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Publicações D. Quixote, Col. Portugal de Perto.
- RAMOS, Rui, 1994 - *História de Portugal, A Segunda Fundação (1890-1926)*, VI vol. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RIBEIRO, Aquilino, 1958 - *Quando os Lobos Uivam*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino, 1963 - *O Manto de Nossa Senhora*. Lisboa: Livraria Bertrand.

- RIBEIRO, Aquilino, 1963 - *Tombo no Inferno*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino, 1972 - *Um Escritor Confessa-se*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino, 1983??? - *Terras do Demo*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Aquilino, 1985 - *Uma Luz ao Longe*. Lisboa: Livraria Bertrand e Círculo de Leitores.
- RIBEIRO, Aquilino, s/d - *Geografia Sentimental*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, Orlando, LAUTENSACH, Hermann, 1987 - *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ROCHA, Maria Estela Tomé da, 1996 - *A Emigração Arouquense para o Brasil (1886-1911)*, Dissertação de Mestrado em História Ibero-Americana (Texto policopiado). Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- RODRIGUES, Henrique, 1995 - *Emigração e Alfabetização. O Alto-Minho e a miragem do Brasil*. Viana do Castelo: Governo Civil de Viana do Castelo.
- SALINAS MEZA, René, GOICOVIC DONOSO, Igor, 2000 - *A través del tiempo. Diccionario de fuentes para la historia de la familia*, Colección Mestizo, Múrcia: Universidade de Múrcia.
- SANTOS, Eugénio, 2000 - “Os Brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal”, in *Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVA, Brasilina de Assunção Oliveira Almeida P., 2002 - *A Lapa: A Terra, o Homem, a Cultura. Reflexão histórico-antropológica*. Santuário da Lapa.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, 1990 - *Filantropia e Imigração. A Caixa de Socorros D. Pedro V*. Rio de Janeiro: Caixa de Socorros D. Pedro V.
- VAZ, João L. Inês, 1988 - *Epigrafiã Romana da Assembleia Distrital de Viseu*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.

### **(Footnotes)**

<sup>1</sup> O documento militar pode ser Declaração de Isenção de Serviço militar, certidão de serviço militar cumprido ou de prestação de fiança.

<sup>2</sup> Por exemplo, declara-se que se vai para “o serviço doméstico”.

S. Paulo, Estados Unidos do Brasil, o cidadão português Manuel  
Lucena, estado casado  
profissão carroceiro, natural da Freguesia de Peneo  
Concelho de Sernancelhe, Distrito de Viseu  
na República Portuguesa, e residente em a rua dos Italianos,  
deste Distrito Consular, o qual declarou que, por esta bastante Carta de Chamada, au-  
vir para a sua companhia as seguintes pessoas de sua família: sua mulher  
Maura de Jesus Lucena e seu filho  
José Lucena

todos residentes no lugar de \_\_\_\_\_ freguesia de Peneo  
Concelho de Sernancelhe, Distrito de Viseu  
na República Portuguesa, e ~~para as quais pagou as suas passagens ao preço correspon-~~  
~~a~~ Escondos por lugar, e que o mesmo "chamante"  
bens de fortuna para os sustentar, que lhe permitem não só o pagamento das ditas pas-  
sagens como também todos os encargos de vida que lhe vão acarretar as pessoas chamadas para  
de si, estando nas condições do Decreto n.º 7.427, de 30 de Março de 1921, e tem  
assinado um termo de compromisso de sustento e repatriação das referidas pessoas, cujo t  
acha registado no respectivo livro deste Consulado, sob n.º 1042-M.24. Se  
sendo as passagens pagas em Portugal  
Consulado de Portugal em S. Paulo, aos 27 de Nov  
bro de 1923.